

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**ANTÔNIO CARLOS DE BARROS JÚNIOR**

**Quem vê perfil não vê coração:  
a ferida narcísica de desempregados e a construção de imagens de  
si no Facebook e no LinkedIn**

**São Paulo**

**2014**



**ANTÔNIO CARLOS DE BARROS JÚNIOR**

**Quem vê perfil não vê coração:  
a ferida narcísica de desempregados e a construção de imagens de  
si no Facebook e no LinkedIn**

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da  
Universidade de São Paulo para obtenção do  
título de Doutor em Psicologia Social

Área de Concentração: Psicologia Social  
Orientador: Prof. Dr. Marcelo Afonso Ribeiro

**São Paulo**

**2014**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação  
Biblioteca Dante Moreira Leite  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Barros Júnior, Antônio Carlos de.

Quem vê perfil não vê coração: a ferida narcísica de desempregados e a construção de imagens de si no Facebook e no LinkedIn / Antônio Carlos de Barros Júnior; orientador Marcelo Afonso Ribeiro. -- São Paulo, 2014.

309 f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Pós-Modernidade 2. Internet 3. Desemprego 4. Narcisismo 5. Psicanálise I. Título.

B59

# FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Antônio Carlos de Barros Júnior

Título: Quem vê perfil não vê coração: a ferida narcísica de desempregados e a construção de imagens de si no Facebook e no LinkedIn

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Psicologia

Aprovado em:

## Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos que estiveram ou estão em situação de desemprego, em particular aos que gentilmente aceitaram participar da pesquisa. Se as discussões aqui desenvolvidas não vão resolver o que o estar desempregado representa social e subjetivamente, que possam trazer um pouco de consciência sobre o que se passa nessas duas dimensões e que possam representar algum nível de reposicionamento subjetivo frente ao real de viver neste momento da História, nesta sociedade do espetáculo narcísico.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Prof. Dr. Marcelo Ribeiro, meu orientador, pela autonomia que me deu na condução do trabalho, pelo apoio e pelo direcionamento nos momentos de questionamento ou de dúvidas que tive.

Aos membros da banca de qualificação, Prof. Dr. Nelson da Silva Júnior e Prof. Dr. Odair Furtado, pelos comentários pertinentes que nortearam o término da pesquisa.

A Diego Katsurayama, por me desafiar sempre nos meus argumentos e por me despertar a vontade de querer ir além.

À minha mãe, pela revisão de boa parte do texto, do ponto de vista da Língua Portuguesa, e pelo estímulo que me deu, em diversos momentos, para seguir adiante.

À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Walkiria Helena Grant, pela revisão dos conceitos da Psicanálise.

À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Eda Terezinha de Oliveira Tassara, pelo que me ensinou sobre Método.

À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Leny Sato, pelo primeiro contato com a etnografia.



Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção anuncia-se como um imenso acúmulo de espetáculos. (...)

Considerado segundo seus próprios termos, o espetáculo é a *afirmação* da aparência e a afirmação de toda vida humana, quer dizer, social, como simples aparência.

**Guy Debord**

## RESUMO

Barros Júnior, A. C. (2014). *Quem vê perfil não vê coração: a ferida narcísica de desempregados e a construção de imagens de si no Facebook e no LinkedIn*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

A presente pesquisa visou a responder à questão de como se dá a articulação, nas redes sociais virtuais, em particular no Facebook e no LinkedIn, entre a dinâmica narcísica pós-moderna (em que os sujeitos são estimulados a gozar narcisicamente e impelidos a vender-se constantemente para conquistar seu lugar nesta sociedade do espetáculo) e a economia do desejo e do gozo de sujeitos em situação de desemprego. Dado que a condição de desemprego é socialmente desvalorizada (ou seja, representa uma ferida narcísica para muitos sujeitos), numa sociedade movida por uma dinâmica de estímulos narcísicos de seus membros, o objetivo foi apreender que discursos manifestos e inconscientes sujeitos que estão desempregados produzem nas redes sociais virtuais. A abordagem adotada foi qualitativa, com a base teórica sendo um recorte da psicanálise freudo-lacanianana, em particular no que se refere aos conceitos de inconsciente, desejo, gozo e narcisismo. O método utilizado foi a chamada netnografia – adaptação da etnografia para comunidades *online*. Os instrumentos de pesquisa foram: I) observação e coleta de dados de perfis (*posts*, descrição, etc.), durante períodos que variaram de 5 meses a 1 ano e 10 meses (entre janeiro de 2012 e outubro de 2013), de 10 usuários do Facebook e do LinkedIn, residentes no Estado de São Paulo, Brasil, que estavam em situação de desemprego; II) entrevistas abertas com esses usuários através de mensagens privadas trocadas com eles por meio das próprias redes sociais; III) anotações de campo. A principal conclusão é a de que sujeitos em situação de desemprego usam o Facebook e o LinkedIn de forma a tentar tamponar a ferida narcísica, na sua imagem para o outro, que o desemprego representa, nesta sociedade do espetáculo em que vivemos. Fazem isso construindo imagens de si, nessas redes sociais, selecionando o que publicam e elidindo seu sofrimento ligado à condição em que estão, tentando parecer que gozam imagetivamente como os outros usuários delas, mesmo que possam estar consideravelmente mais fragilizados que eles, desejando ser reconhecidos pelo outro, independentemente da condição em que estão.

Palavras-chave: Pós-Modernidade; Internet; Desemprego; Narcisismo; Psicanálise.

## ABSTRACT

Barros Júnior, A. C. (2014). *The profile is no index to the heart: the narcissistic wound of unemployed subjects and the construction of self images on Facebook and LinkedIn*. Doctoral Thesis, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

This research aimed to answer the question of how the postmodern narcissistic dynamic (in which subjects are encouraged to have narcissistic *jouissance* and are impelled to sell themselves constantly to conquer their place in this society of the spectacle) relates to the desire and *jouissance* economy of unemployed subjects on social network sites, specifically on Facebook and LinkedIn. Since the condition of being unemployed is socially devalued (that is, it represents a narcissistic wound for many subjects) in a society driven by a dynamic in which its members are narcissistically stimulated, the goal was to apprehend what manifest and unconscious discourses subjects who are unemployed produce on social network sites. A qualitative approach was adopted with the theoretical background based on the Freudian-Lacanian psychoanalysis, in particular with regard to the concepts of the unconscious, desire, *jouissance* and narcissism. The method used was netnography – an adaptation of ethnography to online communities. The research instruments were: I) observation and data collection of profiles (posts, description, etc.), for periods ranging from 5 months to 1 year and 10 months (between January 2012 and October 2013) of 10 Facebook and LinkedIn users, resident in the State of São Paulo, Brazil, who were unemployed; II) open interviews with these users held by means of private messages exchanged with them through the social network sites; III) field notes. The main conclusion is that unemployed individuals use Facebook and LinkedIn to try to buffer the narcissistic wound in his or her self image that being unemployed represents in this society of the spectacle in which we live. They do this by building images of themselves in these sites, selecting what they publish and eliding their suffering related to the condition in which they are, trying to look like as if they have had *jouissance* like other users, even though they may be considerably more fragile, desiring to be recognized by the other regardless of the condition in which they are.

Keywords: Post-modernity; Internet; Unemployment; Narcissism; Psychoanalysis.

## RÉSUMÉ

Barros Júnior, A. C. (2014). *Le profil n'est pas le miroir du coeur: la blessure narcissique de chômeurs et la construction d'images propres sur Facebook et LinkedIn*. Thèse de doctorat, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Cette recherche visait à répondre à la question de savoir comment est l'articulation, dans les réseaux sociaux virtuels, en particulier sur Facebook et LinkedIn, entre la dynamique narcissique postmoderne (dans laquelle les sujets sont stimulés à jouir narcissiquement et sont poussés à se vendre constamment pour gagner sa place dans la société du spectacle) et l'économie du désir et de la jouissance de chômeurs. Etant donné que le chômage est socialement dévalorisé (c'est à dire, représente une blessure narcissique pour de nombreux sujets), dans une société tirée par des stimulus narcissiques de ses membres, l'objectif était d'appréhender quels discours manifestes et inconscients des sujets qui sont en chômage produisent sur les réseaux sociaux virtuels. Une approche qualitative a été adoptée, avec l'arrière-plan théorique basé sur la psychanalyse freudo-lacanienne, en particulier en ce qui concerne les notions d' inconscient, de désir , de jouissance et de narcissisme. La méthode utilisée a été la netnographie – une adaptation de l'ethnographie à des communautés en ligne. Les instruments de recherche mis en place ont été les suivants: I) l'observation et la collecte de données de profils (des publications ("posts"), la description, etc.), pour des périodes allant de 5 mois à 1 an et 10 mois (entre Janvier 2012 et Octobre 2013), de 10 utilisateurs de Facebook et LinkedIn, tous résidents de l'État de São Paulo, au Brésil, qui étaient en chômage; II) des entretiens ouverts avec ces utilisateurs par messages privés échangés avec eux à travers les réseaux sociaux; III) les notes de terrain. La principale conclusion est que les chômeurs utilisent Facebook et LinkedIn comme une tentative de tamponner la blessure narcissique à leur image que le chômage représente dans cette société du spectacle dans laquelle nous vivons. Ils le font en construisant des images propres dans les réseaux sociaux par la sélection de ce qu'ils publient et par l'omission de leur souffrance associée à la condition dont ils vivent, en essayant de ressembler qu'ils jouissent à travers leurs images comme les autres utilisateurs, même s'ils peuvent être considérablement plus fragiles que eux, en désirant être reconnu par l'autre, quelle que soit la condition dans laquelle ils se trouvent.

Mots-clés: Postmodernité; Internet; Chômage; Narcissisme; Psychanalyse.

## RESUMEN

Barros Júnior, A. C. (2014). *Uno ve perfil, pero no corazón: la herida narcisista de desempleados y la construcción de imágenes propias en Facebook y LinkedIn*. Tesis Doctoral, Instituto de Psicología, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Esta investigación tuvo como objetivo responder a la pregunta de cómo es la articulación, en las redes sociales virtuales, particularmente en Facebook y LinkedIn, entre la dinámica narcisista posmoderna (en la que los sujetos son estimulados a gozar y impulsados a venderse constantemente para ganar su lugar en esta sociedad del espectáculo) y la economía de deseo y de goce de sujetos en situación de desempleo. Puesto que la condición de desempleo es devaluada socialmente (es decir, representa una herida narcisista para muchos sujetos), en una sociedad impulsada por una dinámica de estímulos narcisistas de sus miembros, el objetivo era aprehender los discursos manifiestos e inconscientes que sujetos desempleados producen en las redes sociales virtuales. Se adoptó un enfoque cualitativo, con la base teórica siendo un recorte del psicoanálisis freudo-lacaniano, en particular en lo que se refiere a los conceptos de inconsciente, deseo, goce y narcisismo. El método utilizado fue la netnografía - una adaptación de la etnografía para las comunidades en línea. Los instrumentos de investigación fueron: I) observación y recolección de datos de perfiles (mensajes, descripción, etc.), por períodos que fueron desde 5 meses hasta 1 año y 10 meses (entre enero de 2012 y octubre de 2013), de 10 usuarios de Facebook y LinkedIn, residentes del Estado de São Paulo, Brasil, que estaban desempleados; II) entrevistas abiertas con estos usuarios por mensajes privados intercambiados con ellos a través de las redes sociales; III) notas de campo. La principal conclusión es que los desempleados utilizan Facebook y LinkedIn a fin de tratar de tapar la herida narcisista en su imagen, que el desempleo representa en esta sociedad del espectáculo en la que vivimos. Lo hacen mediante la construcción de imágenes de sí mismos en estas redes sociales, seleccionando qué publicar y suprimiendo su sufrimiento asociado al estado en que están, tratando de parecer gozar como los otros usuarios, a pesar de que pueden estar considerablemente más débiles que ellos, con el deseo de ser reconocidos por el otro, independientemente de la condición en que se encuentran.

Palabras clave: Postmodernidad; Internet; Desempleo; Narcisismo; Psicoanálisis.

# SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	18
2	OBJETIVO DA PESQUISA .....	31
3	BREVE RETRATO DAS MUDANÇAS SOCIAIS E SUBJETIVAS QUE ACOMPANHARAM AS RELAÇÕES DE TRABALHO ASSALARIADO DESDE SUAS ORIGENS ATÉ O SÉCULO XXI.....	33
3.1	Da aurora das relações assalariadas até a Revolução Industrial – nasce o neurótico moderno.....	34
3.2	O Fordismo/Taylorismo e o surgimento da sociedade do consumo .....	40
3.3	O Toyotismo e o capitalismo da acumulação flexível .....	45
3.3.1	A flexibilização dos vínculos de trabalho.....	47
3.3.2	Novas formas de carreira .....	49
3.3.3	O imperativo da produtividade e da excelência.....	51
3.4	A sociedade do espetáculo narcísico .....	52
4	A QUESTÃO DO DESEMPREGO .....	56
5	REDES SOCIAIS VIRTUAIS: O LINKEDIN E O FACEBOOK.....	66
5.1	A revolução tecnológica e o surgimento das redes sociais virtuais .....	67
5.2	O LinkedIn .....	70
5.3	O Facebook.....	72
6	ALGUMAS DEFINIÇÕES CONCEITUAIS.....	79
6.1	Outro e outro .....	80

6.2	O inconsciente e o desejo .....	83
6.3	Prazer, sofrimento, gozo.....	88
6.4	Narcisismo.....	95
7	MÉTODO .....	102
7.1	Ontologia e a questão do sujeito.....	103
7.2	Tipo de pesquisa.....	105
7.3	Instrumentos .....	108
7.4	Procedimentos .....	108
7.5	Grupo de sujeitos participantes .....	113
7.6	Tratamento dos dados.....	119
7.7	Cuidados éticos na condução da pesquisa.....	122
8	RESULTADOS DA PESQUISA - DESEMPREGADOS NAS REDES SOCIAIS ....	125
8.1	Análise vertical dos resultados – descrição caso a caso.....	126
8.1.1	A entrada no campo e o primeiro caso – eu mesmo .....	126
8.1.1.1	O desconforto com o cargo a declarar no LinkedIn .....	127
8.1.1.2	Perfil no LinkedIn que não muda e a discrepância em relação ao do Facebook.....	131
8.1.2	As primeiras observações de outros sujeitos .....	132
8.1.3	Francisco.....	136
8.1.3.1	Imposições práticas da vida .....	136
8.1.3.2	Desempregado ou aposentado: ser ou não ser improdutivo .....	139

8.1.3.3	Atuação no LinkedIn: mostrando-se na rede .....	140
8.1.3.4	Relações virtuais no LinkedIn versus as presenciais enquanto desempregado .....	149
8.1.3.5	A diversidade de temas e a participação no Facebook .....	150
8.1.3.6	Ser ou não ser útil: preenchendo o vazio no Facebook .....	155
8.1.3.7	Os poucos posts falando da demissão ou do estar desempregado	158
8.1.3.8	A aposentadoria: um dilema ou um paradoxo? .....	160
8.1.3.9	O sucesso e o fracasso no Facebook: o gozo imagético .....	163
8.1.4	Leila .....	166
8.1.4.1	Mágoa no Facebook: a demissão e a sensação de descartabilidade	166
8.1.4.2	Desígnios divinos.....	169
8.1.4.3	A vergonha de estar desempregada: sem novidades e sujeita a dó no Facebook.....	170
8.1.4.4	Pedindo indicações de vaga aos amigos na rede: uma única vez	174
8.1.4.5	Piada de pobre na rede, sim, mas não de desempregado.....	175
8.1.4.6	A questão da imagem de si na rede e fora dela.....	179
8.1.4.7	Alegria na rede.....	185
8.1.5	Guilherme .....	188
8.1.5.1	Mentiras sinceras no LinkedIn: melhorando a autoestima .....	188
8.1.5.2	Aluno exemplar, engajado, sensível, engraçado e que ainda curte a vida.....	191
8.1.6	Bruno.....	200

8.1.6.1	A aparente indiferença pelo LinkedIn .....	200
8.1.6.2	Facebook: penso, faço, sinto, logo compartilho .....	204
8.1.6.3	De um extremo ao outro: "gritando na janela" do Facebook.....	207
8.1.6.4	Desemprego e questões financeiras .....	214
8.1.6.5	Espelho, espelho meu .....	220
8.1.6.6	Outros posts no Facebook: de música a citações bíblicas, de lugares a comentários políticos .....	224
8.1.7	Roberta.....	225
8.1.7.1	LinkedIn como ferramenta para busca explícita de um emprego	225
8.1.7.2	Festas, fotos e frases de efeito no Facebook – quem vê perfil não vê coração.....	229
8.1.8	Outros casos .....	237
8.2	Análise horizontal dos resultados.....	239
8.2.1	Construção de imagens de si nas redes sociais .....	239
8.2.2	Sentindo na rede social e fora dela .....	257
8.2.3	Aspectos ligados ao uso no geral das redes sociais .....	263
8.2.4	Aspectos sobre o conteúdo das publicações no Facebook.....	269
8.2.5	Saturação teórica e questões a serem respondidas futuramente.....	275
9	CONCLUSÕES .....	283
10	REFERÊNCIAS.....	294
	Apêndice I - Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	307



# 1 INTRODUÇÃO

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável.

**Zigmunt Bauman**

Não é novidade que vivemos na época das redes sociais virtuais na internet: Facebook, LinkedIn, Twitter, Instagram e outras atraem milhões de usuários. Entram como mais um elemento da sociedade de consumidores, na qual também os sujeitos passam a ser objetos de consumo, mercadorias, tal como postulou Bauman (2008).

São um dos palcos pós-modernos do ver e se fazer visto, do vender e se vender. Todos (ou quase) estão à procura de seu lugar ao sol do espetáculo. Na massa de iguais (sujeitos-mercadoria), cada um busca, às vezes desesperadamente, ser reconhecido como único, como aquele que deixa a sua marca no mundo, mesmo que, paradoxalmente, fazê-lo presente, no fundo, estar num discurso social contemporâneo massificante do "seja você mesmo, seja único!", do "você é 'livre' para escolher o que quer ter, o que quer ser!". Discurso esse do ciclo produção-consumo-descarte, que tenta criar e alimentar, o tempo todo, uma suposta necessidade de se ter, de ser ou ainda de parecer ser o novo, o único, para que o ciclo não se encerre jamais.

Se esse ciclo é fundamentalmente econômico – capitalista – representa, para os sujeitos de carne, osso e psique, as suas transações de gozo, as suas satisfações e insatisfações em ser ou não ser reconhecido pelo outro, em ser ou não ser seu suposto objeto de desejo.

O sujeito consome coisas menos pelo seu valor de uso que pelo seu valor de troca – troca na sua economia do desejo com o outro. As coisas consumidas, adquiridas, conquistadas (o novo celular, a nova tatuagem, a nova viagem, o nascimento do novo filho, o novo diploma, o novo cargo, o novo relacionamento, a nova cor de cabelo, etc.) passam a fazer parte da imagem do sujeito, imagem que ele espera, deseja que seja reconhecida pelo outro –

oferece-a a ele, oferece-se como seu objeto. Satisfaz-se com o reconhecimento que vem até o momento de perceber que já se saturou, transbordou (gozo momentâneo realizado) – a falta precisa ser restaurada. Ou satisfaz-se até o momento de notar que o outro já não o reconhece, não o deseja tanto assim (não o olha mais, não está tão "impressionado" com ele, não o inveja tanto) - algo continua lhe faltando. Assim, precisa de um novo "adereço" para exibir, para "colar" à sua imagem, seja ele concreto ou abstrato.

Ou seja, no fundo o sujeito precisa de um outro que o "compre", que o deseje, que o reconheça como desejável. Mas isso precisa ser renovado o tempo todo, seja porque o sujeito nunca é plenamente o objeto do desejo (da admiração, da inveja, do amor) do outro – e costuma notar os sinais dessa falta de plenitude na dinâmica – seja porque, mesmo que fosse possível capturar o desejo do outro de forma plena, ser o objeto de completude para ele, um gozo assim absoluto e constante representaria o fim do seu desejo. Posto de outra forma, se a tese lacaniana estiver certa, é a falta que causa o desejo, mas não falta de um objeto palpável, de um "adereço" qualquer, mas a falta primordial da relação do sujeito com o outro<sup>1</sup>, falta que o mantém indagando a este "O que quer de mim?" (Lacan, 1962-63/2004), ou, em outras palavras, "O que sou para você?".

Na sociedade de consumidores, é preciso ser atraente como mercadoria – ser objeto do desejo do outro - seja no mercado de trabalho, seja no de relacionamentos amorosos; seja no mundo acadêmico, no do entretenimento, ou em qualquer outro. Como disse Bauman (2008): “seja lá qual for o nicho em que possam ser encaixados pelos construtores de tabelas estatísticas, todos habitam o mesmo espaço social conhecido como *mercado*” (p. 13).

Mercado onde os indivíduos não nascem com seu lugar inteiramente definido, inclusive sua profissão: o filho do padeiro não necessariamente torna-se um fazedor de pães; a

---

<sup>1</sup> Vide discussão sobre essa falta primordial na seção "Algumas definições conceituais" adiante.

filha do executivo pode tornar-se *hippie* e a da empregada doméstica analfabeta pode até graduar-se em medicina, apesar de toda a dificuldade por que provavelmente passará.

Isso tem suas origens no humanismo renascentista e no pensamento iluminista, que fizeram nascer o “indivíduo soberano” da modernidade, indivíduo cujo *status* e posição social não mais passariam a ser dados pela ordem divina e secular, como nos tempos pré-modernos. O sujeito do Iluminismo (século XVIII) era baseado num indivíduo centrado, unificado, racional, capaz de consciência e ação, consistindo de um núcleo interior, que emergia no nascimento do indivíduo, e com ele desenvolvia-se ao longo de sua existência, ainda que permanecesse essencialmente o mesmo (Hall, 2006).

Tal noção de indivíduo evoluiu com as transformações por que o mundo ocidental passou no século XIX, com a ascensão do pensamento liberal e da burguesia como classe dominante [os donos do capital, tal como postulado por Marx (1867/1980)]. Era a modernidade chegando e o *tornar-se* sujeito de valor (de poder) passa a ser condição necessária para indivíduos que não nasceram nobres.

Paulatinamente, ainda que de forma não orquestrada por alguém ou mesmo por uma classe social como "entidade organizada", difundiu-se a ideia de que o nascimento e a tradição social não determinavam, de antemão, quem seriam os detentores do poder. Se assim continuasse, a burguesia, as pessoas que não nasceram como membros da nobreza e que começavam a delinear formas de fazer crescer o seu capital enormemente, e, portanto, cujo poder – econômico – crescia cada vez mais, não poderiam ascender ao poder legitimado – político - e seus representantes teriam que continuar sendo cidadãos de segunda classe.

Pouco a pouco, refutava-se aquela sociedade de estruturas estáticas, de pré-determinações, e exaltava-se a possibilidade de liberdade do indivíduo, de ele *tornar-se* um detentor de poder legítimo, sem que precisasse nascer com tal poder, como os nobres.

E assim se fez: o poder econômico firmou-se, ao longo das décadas, como um poder quase que totalizante; a classe detentora de tal poder – a burguesia<sup>2</sup> – ascendeu e tornou-se a classe dominante; o liberalismo e correntes de pensamento dele derivadas adquiriram uma influência enorme, pressionando para a diminuição da atuação do Estado e de outras instituições de mediação social (Antunes, 1999; Sennett, 2005); o indivíduo e sua subjetividade elevaram-se à categoria de suposto centro, fonte e fim da ação humana.

Tal processo agudizou-se, em particular a partir dos anos 1970 e neste início de século XXI. De fato, na década de 1970, o modelo keynesiano de crescimento capitalista (de intervenção e regulação da economia pelo Estado) atingiu suas próprias limitações e desencadeou uma crise, caracterizada pelo aumento do preço do petróleo e um aumento inflacionário que ameaçava sair do controle (Castells, 2011). Antunes (1999) acrescenta outros aspectos da crise: diminuição das taxas de lucro das empresas; incapacidade do padrão taylorista/fordista de responder à retração do consumo, bem como ao excesso de produção; necessidade de redução de gastos públicos, o que começava a colocar o modelo do Estado do bem-estar social numa posição difícil.

A reação à crise veio em forma de introdução de políticas organizacionais inspiradas no Toyotismo ou modelo japonês e, no que se refere às políticas econômicas, na implantação do neoliberalismo (Antunes, 1999).

Os países capitalistas centrais passaram a viver, a partir daquele momento (e, em outros países, como o Brasil, algum tempo depois), um processo de intensa reestruturação da produção e do trabalho, de desregulamentação dos direitos do trabalho e de privatização do

---

<sup>2</sup> Importante ressaltar que a modernidade traz consigo a possibilidade de uma maior mobilidade social. Nesse sentido, quando se fala de "burguesia", não se trata de um conjunto absolutamente fechado de pessoas: existe sempre, por menor que seja, a possibilidade de que alguém que antes não era "dono do capital", venha a se tornar um.

Estado<sup>3</sup>. Passou-se a estar sob a égide de uma imperiosa necessidade de produzir valores de troca para a reprodução e a expansão do capital, que se tornou uma dinâmica totalizante e dominante de mediação social, subordinando todas as outras, incluindo relações familiares, educação, produção material, criação de obras de arte, e assim por diante (Antunes, 1999).

Além disso, essa nova configuração capitalista também se caracteriza pelo que se convencionou chamar de globalização, por um vertiginoso avanço tecnológico e pelo fato de que o poder está cada vez mais difuso, tendo o mercado financeiro certo caráter de incontornabilidade (Touraine, 1998). De fato, surgiu uma nova economia globalizada, integrada por redes de fluxos de capital, de mercadorias, de mão de obra, de informação, amparada pelos incriveis avanços tecnológicos das últimas décadas, em particular da Tecnologia da Informação (TI). Ressaltam-se aí os avanços em microeletrônica, computadores (software e hardware) e telecomunicações, notadamente no que se refere à comunicação sem fio (Castells, 2011).

No tocante ao mundo do trabalho [ou aos *mundos* do trabalho, como postula Hobsbawm (1987)], ressalta-se a flexibilização dos vínculos, por meio de desregulamentações dos direitos do trabalho, favorecendo a expansão de formas de vínculo em tempo parcial, temporário, terceirizado, precarizado muitas vezes. A flexibilização engloba também a variabilidade do número de funcionários e do tempo de trabalho, segundo as demandas de produção. Preconiza-se a necessidade de polivalência, de múltiplas qualificações e de mobilidade nas atividades exercidas pelos trabalhadores (Blanch, 2003). Demanda que estes “sejam ágeis, estejam abertos a mudanças a curto prazo, assumam riscos continuamente, dependam cada vez menos de leis e procedimentos formais” (Sennett, 2005, p. 9).

---

<sup>3</sup> É importante frisar que a reestruturação produtiva e as políticas econômicas adotadas pelos países não são exatamente o mesmo fenômeno, embora estejam, de alguma forma, conectados. O avanço tecnológico, por exemplo, que permitiu tal reestruturação produtiva, não ocorreu meramente como reação à crise de um modelo de produção do capitalismo, mas veio (também) como um ciclo crescente de descobertas e desenvolvimentos científicos, iniciado há mais de um século.

As empresas passam por processos de reestruturação e reengenharia às vezes radicais, implicando um “enxugamento” dos meios produtivos e uma otimização dos recursos usados (inclusive humanos) (Antunes, 1999). A busca por produtividade e por excelência torna-se imperativa (Seligmann-Silva, 1999) e o risco de descartabilidade para os trabalhadores passa a ser uma constante (Malvezzi, 1999).

Tudo isso representou, ao que parece, a passagem para um novo período da nossa História – a pós-modernidade – ainda que haja alguma controvérsia sobre tal passagem e sobre se ela merece tal nome (Harvey, 2011). Aubert (2006), por exemplo, prefere a noção de “hipermodernidade”, já que não haveria uma ruptura com os fundamentos da modernidade, mas justamente sua exacerbação. Já Bauman (2001) cunhou o termo “modernidade líquida”, numa alusão à fluidez das relações intersubjetivas e organizacionais, ao “derretimento” das instituições sociais, de suas molduras circunscrevendo as escolhas possíveis; ao fato de que padrões, códigos e regras a que os sujeitos podiam conformar-se, que serviam de pontos estáveis de orientação, estejam cada vez mais em falta<sup>4</sup>.

O autor vê a passagem de uma sociedade de produtores para uma sociedade de consumidores (Bauman, 2008). Para ele, como compradores, fomos preparados a desempenhar o papel de sujeitos soberanos e desobrigados – um faz de conta adequadamente articulado pelas campanhas publicitárias, que se experimenta como verdade. Campanhas que fazem parte da estratégia imperiosa de produzir valores de troca para a reprodução e expansão do capital, evidentemente.

---

<sup>4</sup> Esse debate quanto a ter havido uma ruptura total ou parcial em relação à modernidade, quanto a ter havido apenas uma exacerbação do que já existia antes ou ainda quanto ao melhor nome a ser dado ao momento em que vivemos provavelmente só será encerrado *a posteriori*. Aqui adotarei o termo “pós-modernidade”, sem com isso querer dizer que assumo ter havido ou estar havendo uma ruptura completa com a “modernidade”, mas apenas para indicar algum nível de diferenciação, de mudança em relação ao que havia antes.

Assim, vivemos um "fetichismo" da subjetividade, esta sendo, no fundo, opções de compra – “o que se supõe ser a materialização da verdade interior do *self* é uma idealização dos traços materiais – ‘objetificados’ – das escolhas do consumidor” (Bauman, 2008, p. 24).

A sociedade transformou-se num grande mercado, isto é, de compra e venda de objetos de consumo – pessoas inclusive<sup>5</sup>. Ora, para um mercado continuar funcionando, é preciso que as mercadorias não parem de circular. É preciso que as pessoas continuem a comprar e a vender. Vão-se sentir mais compelidas a fazê-lo se ficarem insatisfeitas com o que já têm e se invejarem o que o outro tem. É exatamente nesse sentido que o mercado age: desperta a obsolescência das mercadorias tão logo elas tenham sido consumidas – aí incluindo as pessoas e seus relacionamentos. Os indivíduos são estimulados a se manterem eternamente insatisfeitos com o que têm – porque já existem outras mercadorias disponíveis que são mais novas, melhores, que lhe ofereceriam mais *status*, despertariam mais a inveja alheia. Assim, é preciso plantar a semente da vontade de descartar algo que se adquiriu, tão logo tenha sido adquirido (Bauman, 2008). Em termos psicanalíticos, é preciso realimentar o desejo constantemente, não pela aceitação resignada da condição de falta primordial no humano, mas pela saturação, pelo transbordamento de gozo, pela promessa de mais gozo com outros objetos, melhores, novos, "únicos". Goza-se com determinado objeto até que ele não mais seja capaz de produzir satisfação, e então é descartado.

Nesse processo, tão importante quanto o comprar é o vender e, mais precisamente, o vender-se. É preciso seduzir os consumidores a querer comprar o que se vende (de si mesmo,

---

<sup>5</sup> A alusão à “compra e venda” de pessoas, na maior parte das vezes, é apenas metafórica, na medida em que representam as "mercadorias" e as "moedas de troca" na economia do gozo dos sujeitos (ver, adiante, discussão sobre a dimensão de gozo). Mas algumas vezes trata-se realmente de uma dinâmica comercial envolvendo dinheiro – não é tão raro saber de casos de tráfico de pessoas ou de órgãos que a mídia traz à tona. Em outubro de 2013, por exemplo, foi noticiado que "uma pesquisa inédita produzida pela Secretaria Nacional de Justiça do Ministério da Justiça (SNJ/MJ), em parceria com o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC) e o Centro Internacional de Desenvolvimento de Políticas de Migração (ICMPD, em inglês), revelou que (...) pelo menos 475 pessoas, no período de 2005 a 2011, foram identificadas como vítimas do tráfico de pessoas", nos 11 estados de fronteira do Brasil (UNODC, 2013).

por exemplo), é preciso despertar neles a vontade (quase) irresistível de possuir o que se oferece, muito menos pelo prazer “isolado” do sujeito que consome, mas, sobretudo, pela fruição de causar inveja aos que o rodeiam (dimensão de gozo, no que se refere aos sujeitos).

Se tal dinâmica do vender e vender-se ocorre ao nível dos sujeitos, ocorre, de maneira especular<sup>6</sup>, diria, ao nível das empresas também. Em especial nas últimas décadas, há certa compulsão – tomo aqui emprestado o termo usado em psicopatologia – pela busca do aumento do valor de mercado das empresas. Como nos aponta Castells (2011), se o capitalismo sempre foi pautado na busca incessante por lucros, agora importa mais a expectativa de valor futuro da empresa (expectativa tipicamente medida no mercado de ações) do que os lucros auferidos no curto prazo. Evidentemente que os lucros continuam importantes e que contribuem para a valoração das empresas, mas ele é apenas um dos elementos que contam na avaliação um tanto quanto subjetiva do valor delas (Castells, 2011).

Nessa sociedade em que o lugar simbólico de cada um (sujeito, empresa) não está tão rigidamente fixado, como já o foi no passado<sup>7</sup>, vender-se passa a ser uma operação fundamental e constante. Na massa de sujeitos e empresas a conquistar seu lugar ao sol, é preciso manter-se “vendável” o tempo todo – o que os membros de determinado mercado (de ações, de trabalho, de relacionamentos, etc.) quiseram hoje, pode não interessar amanhã. Ou ainda, outro sujeito, outra empresa pode despertar mais desejo e tomar o seu lugar.

Nesse sentido, talvez seja mais correto chamá-la de "sociedade de vendedores" ou "sociedade do espetáculo narcísico", para complementar o termo usado por Debord (1967/1992). Vendedores cujo narcisismo é estimulado e, ao mesmo tempo, fragilizado o

---

<sup>6</sup> Não existe uma dicotomia absoluta entre sujeito (individual) e sociedade ou entre sujeito e instituições. A noção de sujeito implica a de social e vice-versa, ainda que um não se reduza ao outro. E tal implicação refere-se aos diversos elementos em jogo na constituição subjetiva, grupal, institucional, social. Tal implicação é possivelmente inextricável e realizada de forma complexa, o que torna qualquer tentativa minha ou de quem quer que seja de descrevê-la uma simplificação do que de fato ocorre.

<sup>7</sup> No caso dos sujeitos, pelo menos.

tempo todo – se (quase) todos querem vender(-se), ser narcisicamente desejados, reconhecidos, quem vai, de fato, "comprá-los", desejá-los, reconhecê-los, senão na condição de esperar ser reconhecido de volta?

Se por um lado a pós-modernidade faz com que as possibilidades de satisfação, de gozo aumentem<sup>8</sup>, por outro elas vêm com uma maior medida de angústia, de desamparo, no caso dos sujeitos (Birman, 2011). O mal-estar na vida em sociedade, na relação com o outro permanece, mas ele adquire outras nuances mais preponderantes que as rígidas proibições sexuais do século XIX ou do começo do século XX, tal como Freud (1929/1981a) nos apontou. Acirram-se as lutas por reconhecimento narcísico, a frustração pela falta desse reconhecimento torna-se frequente; os quadros depressivos ligados a esse contexto tendem a aparecer<sup>9</sup>, para além de questões individuais, eu diria.

A exacerbação das características do sujeito moderno, tal como articulada por Aubert (2006), parece notável: a noção de desejo inconsciente do sujeito como sendo o desejo do outro<sup>10</sup>, ou seja, o desejo sendo “provocado”, surgindo a partir do outro e configurando-se como o desejo de ser desejado ou reconhecido pelo outro, tal como postulado por Lacan (1966a, 1966b), torna-se mais presente e mais marcante do que nunca, na atualidade.

No que se refere às empresas, para falarmos do que não se reduz aos sujeitos nelas envolvidos, o quadro não é muito diferente: aumentam-se as possibilidades de acúmulo de valor com a globalização, com as redes integradas de fluxo de capitais, de informação, de

---

<sup>8</sup> Aumentam no sentido de haver mesmo certo imperativo ao gozo – "Goze! Aproveite a vida, desfrute-a!". Diferentemente dos primórdios da modernidade, em que o discurso social mais operante era o das proibições, das normas rígidas a serem seguidas. Se havia gozo naquela época, evidentemente, era muito mais da ordem do sintoma, do sofrimento neurótico. Contudo, como discutirei adiante, a noção de gozo não implica fruição plena, mas alguma medida de sofrimento também. Ou seja, a pós-modernidade não elimina o sofrimento, mas introduz (ou exacerba) outras modalidades dele.

<sup>9</sup> É verdade que paira certa dúvida sobre se os quadros depressivos aumentaram ou se a ênfase dada a eles tem a ver com o interesse da indústria farmacêutica em produzir medicamentos para o seu controle (Birman, 2011). Parece-me, contudo, que, para além de qualquer questão mercadológica ou ideológica em torno do tema, as circunstâncias dos laços sociais na pós-modernidade efetivamente estimulam tais quadros.

<sup>10</sup> Adiante apresento as razões do porquê, neste trabalho, não farei distinção entre "Outro" e "outro", tal como Lacan o fez.

mercadorias, de mão de obra e assim por diante, mas também é preciso conviver com uma instabilidade grande e perene, com uma competitividade globalizada e feroz crescente, com uma incontornabilidade da dinâmica como um todo.

É fato que a sociedade do espetáculo narcísico – e o mercado de trabalho nela está incluído - interpela os seus membros (e isso vale para as empresas também), recompensando-os ou punindo-os, a depender da prontidão e da adequação da resposta deles à interpelação. Se *parecem* manter-se como consumidores e vendedores ativos e constantes, se *parecem* conseguir manter-se aptos a comprar e a oferecer atributos, produtos ou serviços considerados atraentes pelo mercado, ou seja, se conseguem vender(-se), são aceitos, caso contrário, são relegados a uma marginalidade humilhante. Numa sociedade em que *parecer* ser ou *parecer* ter costumam contar mais do que realmente ser alguém ou ter, de fato, algo, a questão da imagem de si que o sujeito constrói para o outro e através dele torna-se central – é o espetáculo como afirmação da aparência, "afirmação de toda vida humana, quer dizer, social, como simples aparência", nas palavras de Debord (1967/1992, p. 19).

Em vez de emancipação do indivíduo, tem-se conquista e colonização da vida pelo mercado (Bauman, 2008). Ou, nas palavras de Adorno (1986), as massas “fugiram à plena consciência de que são objetos, e não sujeitos, do processo social, processo que, no entanto, elas mantêm em andamento como sujeitos” (p. 66).

É nesse contexto que as redes sociais da internet em geral inserem-se, o LinkedIn e o Facebook, em particular. Inserem-se como uma vitrine de compra e venda de “mercadorias”; inserem-se como um palco onde milhões de sujeitos tentam chamar a atenção para si, seja pela viagem que realizaram (vejam as fotos de felicidade!), seja pelo currículo invejável que têm (ou parecem ter), seja pelas recomendações que receberam de colegas de trabalho, de subordinados, de chefes; seja pelo número impressionante de contatos que têm, seja lá por que aspecto de imagem própria que querem construir para o outro e serem reconhecidos por ela.

Contudo, como essa dinâmica se daria no caso de pessoas em situação de desemprego? Se a pós-modernidade acentuou o desejo de reconhecimento do outro; se todos estão, mais do que nunca, nesse processo de vender-se para obter tal reconhecimento, como fica a situação de quem, por uma razão ou outra, está num momento em que não consegue vender-se, num momento de ferida narcísica, aos olhos da sociedade em que vivemos? Se parte do desemprego é estrutural no capitalismo, segundo Antunes (1999), pelo menos tal como vem sendo praticado, que tipos de laço social são constituídos num contexto em que os sujeitos são impelidos a uma exposição pública de aspectos da sua vida privada ou profissional, de uma forma provavelmente única na história da humanidade, justamente num momento em que esses sujeitos encontram-se um tanto quanto à margem dessa dinâmica, quando desempregados? Se são estimulados a gozar narcisicamente numa relação especular de reconhecimento pelo outro, como se sentem, como reagem, que discurso produzem, se não conseguem vender-se no mercado de trabalho, mesmo que temporariamente, ainda que, provavelmente, isso se dê devido a fatores múltiplos e, muitos deles, que fogem ao seu controle? Se a situação de desemprego pode gerar, nos sujeitos, uma ruptura biográfica comparada, em termos psicossociais, àquela de uma crise psicótica (Ribeiro, 2007, 2009), como esses sujeitos passam a atuar nas redes sociais virtuais? Ausentam-se, retraem-se completamente? Continuam como se nada de novo estivesse acontecendo? Têm um discurso dissociado? A internet, a virtualidade das redes sociais como o LinkedIn e o Facebook altera alguma coisa nessa dinâmica?

Essas questões nortearam a execução da pesquisa, cujo objetivo está mais precisamente detalhado no capítulo "Objetivo da pesquisa" abaixo.

A base teórica que utilizei foi um recorte da psicanálise freudo-lacaniana, em particular no que se refere aos conceitos de inconsciente, desejo, gozo e narcisismo. Embora tenha partido das teorias dos dois autores, não era minha intenção caracterizar a pesquisa

como uma aplicação *ipsis literis* delas. No capítulo "Algumas definições conceituais" descrevo, justamente, como apliquei esses conceitos e que releitura fiz deles, o que pode, inclusive, ter representado algum ponto de divergência ou de distanciamento em relação às teorias originais.

## **2 OBJETIVO DA PESQUISA**

Esse momento quando se dá o estágio do espelho inaugura, pela identificação à *imago* do semelhante e pelo drama do ciúme primordial (...), a dialética que, desde então, liga o *eu* [sujeito do inconsciente] a situações socialmente elaboradas.

**Jacques Lacan**

Diante do cenário acima descrito, a questão central desta pesquisa foi:

- Como se dá a articulação, nas redes sociais virtuais, entre a dinâmica narcísica pós-moderna (em que os sujeitos são estimulados a gozar narcisicamente e impelidos a vender-se constantemente para conquistar seu lugar nesta sociedade do espetáculo) e a economia do desejo e do gozo de sujeitos em situação de desemprego?

Em outras palavras, dado que a condição de desemprego é socialmente desvalorizada (ou seja, representa uma ferida narcísica para muitos sujeitos), numa sociedade movida por uma dinâmica de estímulos narcísicos de seus membros, que discursos sujeitos desempregados produzem e como estes posicionam-se nas redes sociais virtuais, levando-se em conta a sua economia do desejo e do gozo?

O objetivo da pesquisa, então, foi apreender os discursos manifestos e inconscientes de sujeitos desempregados nas redes sociais virtuais, analisando-os na sua articulação com o contexto de sociedade do espetáculo narcísico em que vivemos e no que se refere ao desejo e ao gozo deles nessas redes.

O objeto da pesquisa foi, portanto, o discurso dos sujeitos desempregados no Facebook e no LinkedIn, quer fossem mensagens, imagens ou vídeos que publicaram, quer fossem mensagens privadas que troquei com eles nessas redes.

**3 BREVE RETRATO DAS MUDANÇAS SOCIAIS E  
SUBJETIVAS QUE ACOMPANHARAM AS RELAÇÕES  
DE TRABALHO ASSALARIADO DESDE SUAS ORIGENS  
ATÉ O SÉCULO XXI**

A sociedade capitalista moderna não só eleva os narcisistas à proeminência, ela provoca e reforça traços narcisistas em todo mundo.

**Christopher Lasch**

Nas seções subsequentes farei um breve apanhado de algumas mudanças sociais e subjetivas que ocorreram desde os primórdios das relações de trabalho assalariado, sem a intenção de fazer uma análise profunda, minuciosa e absolutamente abrangente de todas as dimensões sociais e subjetivas impactadas nos séculos em questão, cujas mudanças culminaram no que estamos vivendo hoje, nesta segunda década do século XXI.

Muitas foram as mudanças e em diferentes dimensões – econômica, política, artística, científica, tecnológica, educacional, familiar, organizacional, urbanística, médica, psíquica e assim por diante. Andaram lado a lado, contribuíram, cada uma delas a seu turno e de forma possivelmente inextricável com as outras, para produzir as sociedades e os sujeitos de hoje<sup>11</sup>.

Apontarei algumas dessas mudanças, a seguir, sem querer determinar relações de causa e efeito definitivas, e sem querer descrever tudo o que esteve e está em jogo para o que temos hoje. Trata-se, pois, de um breve recorte de alguns aspectos que me pareceram relevantes para o escopo desta pesquisa.

### **3.1 Da aurora das relações assalariadas até a Revolução Industrial – nasce o neurótico moderno**

Como discuti em outra pesquisa (Barros Júnior, 2009), até meados do século XVIII, as famílias atuavam como o centro físico da economia. No campo, produziam a maior parte do que consumiam e, nas cidades, os ofícios eram também praticados na morada familiar. No

---

<sup>11</sup> Ver discussão que faço adiante sobre a relação sociedade e sujeito.

custo de fabricação do pão, por exemplo, eram considerados a moradia, a alimentação e o vestuário de todas as pessoas que trabalhavam para o amo, sendo que os salários em dinheiro representavam apenas uma pequena parcela desse custo. A relação existente entre os residentes da casa - amo e trabalhadores - era permeada por uma inseparável combinação de abrigo e subordinação à vontade do amo, e não por um regime de escravidão do salário (Sennett, 2005).

Além disso, Hall (2006) lembra-nos que o *status* e a posição das pessoas eram dados pela ordem divina e pela tradição secular, estas que preponderavam sobre qualquer sentimento de soberania individual. Riesman (1950/1995) chamou isso de caráter social traditivo-dirigido, ou seja, sujeitos criados naquele contexto eram fundamentalmente constituídos pela tradição e eram voltados para ela. Sobre aquele tipo de ordem social, escreveu o autor que:

...é relativamente imutável, a conformidade do indivíduo tende a refletir sua qualidade de membro de uma certa categoria de idade, clã ou casta; ele aprende a compreender e apreciar padrões que duraram séculos, e que são ligeiramente modificados à medida que as gerações sucedem (p. 75).

A respeito do relacionamento do indivíduo com os outros membros do grupo em sociedades traditivo-dirigidas Riesman (1950/1995) afirma que era um relacionamento funcional bem definido e que, "se [o indivíduo] não for eliminado [do grupo], ele 'faz parte' - não é 'excedente', como os desempregados modernos o são, nem é despendível [sic], como o são os não-qualificados na sociedade moderna" (p. 76) [grifo do autor].

Ainda segundo o autor, para sujeitos assim, as aspirações ou as metas de vida que eram "suas" (individuais), em termos de escolha consciente, moldavam seu destino de forma muito limitada, pois o seu lugar social já estava institucionalmente dado.

Tal relação começa a mudar muito lentamente ao longo dos séculos - a Renascença e a Reforma Protestante tendo sido marcos importantes dessa mudança, que não ocorreu de forma homogênea e simultânea mundo afora, nem mesmo no Ocidente.

O aparecimento de fábricas como L'Anglée, de Diderot, uma das primeiras na França (século XVIII), representa também um importante passo na transformação que estava em curso. Elas estabeleceram, por um lado, a separação da casa do amo, já que a fábrica não oferecia moradia aos trabalhadores, que então passaram a ser recrutados de longe, e, por outro lado, a divisão de tarefas, que passaram a ser executadas por rotinas precisas (Sennett, 2005).

Ao final do século XVIII, os trabalhadores assalariados constituíam a maior parte da população trabalhadora. Com a Revolução Industrial, a fábrica é coroada como fundamento da civilização industrial e como paradigma do espaço laboral e da vivência temporal da atividade produtiva (Blanch, 2003).

Do ponto de vista social mais amplo, emerge o que Riesman (1950/1995) chamou de indivíduo introdirigido, na sua tipologia ideal de sujeitos e sociedades. Para ele, a sociedade passa a se caracterizar por uma:

...crescente mobilidade pessoal, por rápido acúmulo de capital (conjugada com mudanças tecnológicas devastadoras) e por uma expansão quase constante: expansão intensiva na produção de bens e pessoas e extensiva na exploração, colonização e imperialismo (p. 79).

O autor postula que a direção a ser seguida pelos indivíduos passa a depender do que internalizaram dos pais velhos, em particular dos pais, sob a forma de "metas rígidas de vida" – dinheiro, posses, fama, poder, bondade. Como a tradição já não mais definia o lugar social dos sujeitos, a conformidade com a sociedade dependia das escolhas deles – daí a necessidade ideológica de controle social por meio da internalização de "metas" racionais (Riesman, 1950/1995).

Na verdade, a constituição dos sujeitos passa a ser realizada não só em função dessas metas, mas sobretudo em função de proibições e preceitos morais disciplinares rígidos, que culminaram nas neuroses descritas por Freud ao longo de sua obra. O pai da Psicanálise concebeu a noção de neurose como sendo fruto de um conflito interno do sujeito – as exigências pulsionais de satisfação versus aquelas da vida em sociedade, em particular as proibições e repressões<sup>12</sup> sexuais – e sendo vivenciada como um retorno das representações pulsionais recalçadas<sup>13</sup> na forma de sintomas (fobias, somatizações histéricas, obsessões e rituais, etc.) (Freud, 1929/1981a, 1925/ 1981b).

A questão do conflito estava presente também na fábrica, não só de natureza "interna" nos sujeitos, mas também "externa", na relação entre eles. De fato, na aurora da implantação social do trabalho assalariado como fenômeno de massa, surgiram conflitos de interesse em relação ao tempo laboral: o dono do capital querendo que o operário trabalhasse o mais possível, produzindo mais, e este querendo trabalhar o mínimo, apenas o suficiente para ganhar um salário que desse para a sua subsistência.

Segundo Marx (1867/1980), o valor de venda (valor de troca) das mercadorias produzidas incorpora o valor dos meios de produção (matéria-prima, equipamentos e máquinas) e os da força de trabalho (salário dos trabalhadores) - valor de uso<sup>14</sup>. Mas, além disso, incorpora um excedente (mais-valia), resultante do que os trabalhadores produzem a mais numa jornada de trabalho, recebendo o mesmo salário fixo, correspondente ao tempo necessário para produzir certa quantidade de mercadorias. Esse “a mais” produzido advém das

---

<sup>12</sup> O uso que faço do termo "repressão" não é o mesmo que o de "recalque" – aquele refere-se a uma ação externa e consciente de reprimir algo; já este refere-se a um mecanismo inconsciente de "empurrar para o lado", "desalojar" algo (por exemplo, um impulso sexual), em função do incômodo provocado por ele (Hanns, 1996).

<sup>13</sup> Hanns (1996) lembra-nos que a concepção freudiana do recalque (*Verdrängung*) não se refere propriamente a um "empurrar para o lado", "desalojar" da pulsão no seu estado bruto, mas das suas representações ou ideias (*Vorstellungen*).

<sup>14</sup> Valor determinado pela quantidade de trabalho socialmente necessário para a sua produção (Marx, 1867/1980).

horas “a mais” trabalhadas (mais-valia absoluta) ou da intensificação do trabalho numa mesma janela de tempo, com conseqüente aumento de produtividade (mais-valia relativa).

Nesse contexto, o lucro do dono do capital advém da diferença entre o valor do que é vendido (valor de troca) e o custo para produzi-lo, ou, em outras palavras, da apropriação de mais-valia gerada (Marx, 1867/1980).

A solução encontrada para os conflitos, na era vitoriana, entre o dono do capital e os operários, vem do lado do capital: pagam-se salários que chegam ao limite da falta de humanidade, a fim de forçar uma dedicação temporal completa na jornada, na semana, nos anos de trabalho (Blanch, 2003). A consequência é a diminuição dos custos de produção, com tal exploração da força de trabalho. O relógio na parede da fábrica passa a ser o símbolo do disciplinamento do tempo do trabalho<sup>15</sup>, o que antecipa os princípios do gerenciamento científico e os estudos de tempo-movimento de Frederick W. Taylor, que se transformariam, no início do século XX, no novo processo de trabalho adotado: o Taylorismo.

Se a industrialização introduziu o trabalho assalariado como fenômeno de massa, se institucionalizou a disciplina do tempo laboral, também criou um novo mercado, o mercado de trabalho. Como em outros, nele a dinâmica da oferta e da procura aplica-se da mesma forma: tanto o excedente como a escassez de mão de obra funcionam como reguladores do preço a ser pago pelo trabalho executado.

O trabalho torna-se, pois, uma espécie de mercadoria, um artigo de comércio. E, como tal, a possibilidade de se aumentar o seu preço, se também depende do vendedor, depende sobretudo do comprador (Castelhano, 2006).

Assim, no século XIX, os compradores do trabalho, os donos do capital, queriam pagar o mínimo possível: o salário dos operários era calculado em função do valor

---

<sup>15</sup> Disciplinamento que “casava” com a noção de sujeito introdirigido de Riesman (1950/1995) ou de neurótico obsessivo de Freud (1925/1981b).

estritamente necessário para a sua subsistência, que permitia a produção quotidiana de força de trabalho pelo maior tempo possível.

A Revolução Industrial transformou a vida dos homens a ponto de torná-los irreconhecíveis, dependentes que se tornaram do seu parco salário para sua sobrevivência, disciplinados que tiveram de se tornar face à regularidade, à rotina e à monotonia da fábrica, totalmente diferente dos ritmos pré-industriais. Passaram a vivenciar uma situação degradante de sua moral e de seu corpo, explorado à exaustão (Castelhana, 2006).

Com boa parte da população sendo explorada massivamente, sem dinheiro excedente para consumir senão para sua subsistência, o capitalismo dava sinais de crise, seja por revoltas operárias que surgiam (Addor, 2007), seja pelo delinear de um esgotamento da acumulação e reprodução do capital: epidemias de superprodução, falências, desemprego, pauperismo, subconsumo (Mello, 2004).

Esse caldeirão efervescente assim se mostrava também pelo que a modernidade e, em particular, o capitalismo e a industrialização do século XIX, ajudaram a produzir<sup>16</sup>: a noção de individualidade, o projeto de emancipação individual. Nesse sentido, a exploração não seria simplesmente encarada como desígnio divino; os sujeitos não se resignariam pela justificativa de uma tradição, de um discurso de que “as coisas são como são e sempre serão assim”. A modernidade traz consigo a possibilidade de fazer acontecer de outro modo; traz a possibilidade (hipotética, pelo menos) de que o projeto de emancipação iluminista seja concretizado, supostamente para todos os indivíduos, ainda que, para isso, seja preciso luta e que isso implique renovação perpétua (Harvey, 2011).

---

<sup>16</sup> Hall (2006) aponta um conjunto de fatores para a emergência do sujeito moderno, entre os quais o Iluminismo, a Reforma Protestante, o racionalismo científico (para o qual o cogito cartesiano é emblemático) e as revoluções científicas.

### **3.2 O Fordismo/Taylorismo e o surgimento da sociedade do consumo**

Henry Ford, com sua fábrica de automóveis *The Ford Motor Company*, em Highland Park, Estados Unidos, revitaliza o sistema e inaugura uma nova fase nos anos de 1910. Pagando bons salários aos seus operários, inclusive incluindo-os num plano de participação nos lucros (Sennett, 2005), introduz uma nova forma de consumo: o consumo operário. É o momento em que o operário tem acesso ao estatuto de consumidor dos produtos da sociedade industrial. De fato “Ford foi um dos primeiros a perceber a relação entre o aumento do salário, o aumento da produção e o aumento do consumo” (Castelhano, 2006, p. 33).

O início do consumo como fenômeno de massa, marcaria o início da passagem para uma sociedade de consumidores, e não mais de produtores (Bauman, 2008), passagem que contribuiria para a emergência, mais tarde, de uma sociedade e de sujeitos "alterdirigidos", para os quais a aprovação do outro torna-se primordial, segundo a concepção de Riesman (1950/1995), de uma sociedade do espetáculo, segundo Debord (1967/1992), de uma cultura do narcisismo, segundo Lasch (1979/1991).

O lento processo de valorização do indivíduo, com suas origens remontando a Renascença, ganhando força com a Reforma Protestante e o Iluminismo, começava a ser reificado nesses primórdios da sociedade de consumo de massa. Na verdade o indivíduo – consumidor – passava a ser reificado e elevado à categoria de sujeito soberano nas suas escolhas – de compra (Bauman, 2008). Escolhas já feitas na produção, como nos lembra Debord (1967/1992).

Ao longo do século XX, mais fortemente a partir de 1970, instaurou-se essa sociedade em que o consumo passa do estatuto de suprir necessidades de sobrevivência, visando à

segurança, à estabilidade, para o estatuto de satisfazer "desejos conscientes" por mercadorias, criados pelos meios de comunicação de massa, pela publicidade (Bauman, 2008). Antes, esta ressaltava as vantagens dos produtos em si, e, aos poucos, passou a focar em educar as pessoas a terem um apetite insaciável por novas experiências e autorrealização - institucionalizou a inveja, segundo Lasch (1979/1991). Escreveu o autor sobre o tema:

Ao rodear o consumidor com imagens da boa vida, e ao associá-las com o glamour da celebridade e do sucesso, a cultura de massa estimula o homem comum a cultivar gostos extraordinários, a identificar-se com a minoria privilegiada em relação ao resto, e a juntar-se a ela, nas fantasias dele, numa vida de conforto e refinamento sensual. Mesmo assim, a propaganda de mercadorias simultaneamente torna-o profundamente infeliz com o que tem. Ao promover aspirações grandiosas, também promove um denegrir-se e um autodesprezo (p. 181).

No fundo, cria-se um circuito infundável de produção-consumo-descarte em que as mercadorias já vêm com uma "obsolescência embutida" – alguma outra, mais nova, melhor, logo estará disponível, alimentando uma vontade insaciável de renovação. Cada comercial, cada vinheta publicitária passará, aos poucos, a prometer "uma nova e inexplorada oportunidade de felicidade" (Bauman, 2008, p. 51).

Se pensarmos como Lacan (1962-63/2004), na sua concepção de desejo, o mercado passou a explorar, cada vez mais, o fato de o desejo ser desejo do outro (vindo do outro e, ao mesmo tempo, remetendo ao ser desejado pelo outro, no sentido mais amplo do termo) e de que não existe objeto palpável capaz de satisfazê-lo, já que ele funda-se a partir de uma falta primordial na entrada do sujeito no campo do outro<sup>17</sup>.

Mas voltando aos primórdios dessa sociedade de consumo de massa, a fábrica de Ford, em Highland Park, introduziu um novo sistema produtivo, o Fordismo, associado com um

---

<sup>17</sup> Vide discussão sobre essa falta primordial na seção "Algumas definições conceituais" adiante.

novo processo de trabalho, o Taylorismo. Segundo Antunes (1999), o Fordismo/Taylorismo, que vigorou, na grande indústria, ao longo de praticamente todo o século XX<sup>18</sup>, era caracterizado, entre outros aspectos, por:

- Produção em série de mercadorias, diferente da produção artesanal em voga anteriormente. Produção homogeneizada e de hierarquia altamente verticalizada.
- Racionalização das operações realizadas pelos trabalhadores, evitando o desperdício, reduzindo o tempo de produção, por um controle rigoroso (cronômetro taylorista), e aumentando o ritmo e a jornada de trabalho.
- Operário convertido em apêndice da máquina-ferramenta.
- Separação nítida entre elaboração e execução do trabalho. Os operários realizavam atividades rotineiras, de ação mecânica e repetitiva (execução), ao passo que a dimensão intelectual (elaboração) do trabalho era reservada à gerência científica.
- Fragmentação do trabalho e de suas atividades, com a consequente especialização dos trabalhadores, que passaram a ser, em grande parte semiqualeificados. Tal característica difere consideravelmente do período anterior, quando trabalhadores altamente qualificados realizavam várias etapas do processo produtivo (Sennett, 2005).

Junto com o Taylorismo/Fordismo (mas não se resumindo a ele), particularmente após a 2ª Guerra Mundial, erigiu-se um regime a) de compromisso entre capital e trabalho; b) de regulação pelo Estado, embora limitado aos países capitalistas avançados. Era o Estado do bem-estar social (*welfare state*) e suas políticas keynesianas de intervenção e regulação da economia, surgidas, sobretudo, após a crise de 1929. No que se refere ao compromisso

---

<sup>18</sup> Isso em se tratando principalmente dos chamados países desenvolvidos do Ocidente. Ver adiante a discussão que faço a respeito do Brasil, especificamente.

capital-trabalhadores, buscava-se a delimitação das lutas de classe, com os sindicatos e partidos políticos como mediadores institucionais e o Estado como elemento de arbítrio. Era a chamada social-democracia (Antunes, 1999).

Nesse período do pós-guerra, que durou cerca de trinta anos, houve ganhos sociais e seguridade social para os trabalhadores, pelo menos nos países capitalistas centrais. Antunes (1999) afirma, por outro lado, que o compromisso fordista levou sindicatos e organismos políticos a se transformarem em cogestores do processo global de reprodução do capital.

No Brasil, o mesmo período foi marcado por um rápido crescimento econômico, com a entrada de capital estrangeiro, instalação de diversas indústrias, sobretudo automobilísticas, e crescimento das cidades, com a migração de parte da população rural para os centros urbanos. Como as condições nas cidades eram muito mais precárias do que no campo e os trabalhadores passaram a depender cada vez mais do seu salário, sua única fonte de renda, aumentou o subemprego, aumentou a pobreza. Antunes (1999) acrescenta que a expansão capitalista industrial no país entre as décadas de 1950 e 1970 sustentou-se mesmo na superexploração do trabalho, nas longas jornadas de trabalho e nos baixos salários.

Já no final dos anos 1960, o binômio Fordismo/Taylorismo dava seus sinais de esgotamento, até que eclodiu a crise da década de 1970. O que, no entanto, parecia ser uma crise de uma modalidade de produção e de seu processo de trabalho (Fordismo/Taylorismo), bem como de uma política econômica (Keynesianismo), expressava, de fato, uma crise estrutural do sistema de reprodução do capital, segundo Antunes (1999). Crise que dizia respeito:

- À incontrolabilidade do sistema de metabolismo social do capital, antes aparentemente controlado pelo compromisso fordista/taylorista e pelas regulações keynesianas;

- À intensificação da tendência decrescente do valor de uso das mercadorias, dada a imperiosa necessidade de reduzir seu tempo de vida útil e assim aumentar a velocidade do circuito produção-consumo;
- Ao caráter destrutivo da lógica do capital, com acumulação às custas da expropriação, precarização ou mesmo destruição de boa parte da força de trabalho e da concorrência, à medida que aumenta a competição.

A resposta dada ao que passou a ser diagnosticado como mero esgotamento do Fordismo/Taylorismo e das políticas keynesianas foi, no que se refere ao sistema de produção, a adoção do chamado modelo japonês ou Toyotismo no mundo ocidental e, no que se refere às políticas econômicas, a implantação do neoliberalismo.

Em relação a outras mudanças sociais ocorridas, falando especificamente da cultura americana, Lasch (1979/1991) aponta o crescimento de grandes organizações, das condições de perigo da vida em sociedade e do estado de alerta nesta. No que se refere às famílias, o autor aponta o declínio da autoridade parental, o aumento da permissividade em relação à criança e à sua educação; o aumento da influência da cultura de massa (passou-se, por exemplo, a ensinar aos pais como criar seus filhos).

No Brasil, houve um "processo acelerado de urbanização, mercantilização das relações sociais, mobilidade social e integração no mundo do consumo, com o conseqüente desaparecimento dos sistemas tradicionais de autoridade e poder" na década de 1950, segundo Sorj (2006, p. 28). O autor postula que tais mudanças consolidaram valores e aspirações individualistas, em princípio alinhadas com as descrições contemporâneas sobre a individualização mundo afora, mas tendo suas particularidades, como:

- A desigualdade social, com diferenças importantes de acesso ao consumo pelas diferentes parcelas da população;
- A valorização dos contatos pessoais;

- A religiosidade das pessoas, fonte de esperança, resignação e confiança no futuro.

### **3.3 O Toyotismo e o capitalismo da acumulação flexível**

O Ocidente estava mergulhado em crise econômica nos anos de 1970 e a indústria japonesa, em particular de automóveis e eletrônicos, crescia de maneira surpreendente. A atenção voltou-se então para a Terra do Sol Nascente e para o seu sistema de produção, o Toyotismo (Antunes, 1999). O que se passou a seguir foi a importação, por assim dizer, da maior parte das práticas daquele sistema e a sua adoção no mundo ocidental, o que causou, e continua causando, profundas transformações no mundo do trabalho e no modo de produção e operação das empresas.

Uma das características do Toyotismo ou sistema de acumulação flexível inclui o fato de que boa parte da produção é terceirizada e uma pequena parcela dos funcionários tem emprego vitalício, o que não foi adotado no Ocidente. Além disso, executa-se a chamada liofilização das empresas, deixando-as enxutas e diminuindo, tanto quanto possível, o trabalho improdutivo, ou seja, que não está diretamente ligado à valorização do capital. É o processo de reengenharia. Isso fatalmente implica reestruturações, demissões, subcontratações, fusões, fechamento de unidades menos produtivas, e assim por diante (Antunes, 1999).

Deve-se dizer, contudo, que embora os princípios do Toyotismo representem inegáveis transformações em relação ao Fordismo/Taylorismo, não houve uma ruptura completa com o modelo anterior. No sistema de acumulação flexível (ou informacional, como preferem alguns autores), a essência, os pilares da reprodução e acumulação de capital permanecem (Antunes, 1999). Nas palavras de Blanch (2003, p. 34):

Quando falamos de sociedade industrial, não nos referimos a um sistema homogêneo, simples e universal, mas ao modelo dominante dentro de um complexo em que coexistem e se entrecruzam este mesmo modelo com elementos mais ou menos residuais do hegemônico no regime anterior e com antecipações dos do seguinte. Também o sistema social informacional mantém determinados componentes do industrial, aos quais confere um significado e uma função novos.

No Brasil, por exemplo, embora as primeiras mudanças na direção do novo sistema tenham ocorrido na década de 1980, só mesmo a partir de 1990 que elas intensificaram-se (Alves, 2002). Mesmo assim, o Fordismo era ainda dominante ao final do milênio (Antunes, 1999) e talvez continue a ser neste início de século XXI, considerando as grandes diferenças entre as regiões do país, entre as metrópoles e as pequenas cidades do interior, entre as grandes organizações e as pequenas empresas, tão presentes mesmo nos grandes centros.

Seja como for, os anos 1990 foram marcados pelo que foi chamado de “choque de produtividade”,

...que se caracterizou, por um lado, pela introdução de novas tecnologias microeletrônicas na produção, e por outro lado, pelo desenvolvimento de novas formas de organização da produção capitalista que caracterizamos como sendo o toyotismo sistêmico com seus nexos contingentes, tais como just-in-time, kan-ban, kaizen, terceirização, trabalho em equipe, programas de qualidade total, sistemas de remuneração flexível etc. (Alves, 2002, p. 79).

Alves (2002) acrescenta que se tal choque representou a entrada do Brasil na globalização, o aumento da produtividade das empresas e dos investimentos, o avanço tecnológico, acabou também contribuindo para uma concentração de renda ainda maior no país, para a diminuição do número de postos de trabalho em alguns setores; para o aumento do desemprego e da informalização do mundo do trabalho; para a proliferação de trabalhos temporários e terceirizados em piores condições que antes; para a queda da renda média na década de 1990. O medo do desemprego passou a ser a principal preocupação para um amplo conjunto de trabalhadores.

Deve-se ressaltar, entretanto que, para uma parcela da população, tal contexto representou ganhos, notadamente no que se refere à possibilidade de oferta de trabalho a diferentes clientes/empresas, como é o caso de consultores autônomos altamente especializados ou com uma larga experiência profissional, ou de profissionais muito qualificados do setor de tecnologia, por exemplo.

Além desses princípios toyotistas, que passaram a ser adotados por muitas empresas no Ocidente, outros, direta ou indiretamente ligados a esse modelo produtivo, vieram para compor o quadro atual do capitalismo da acumulação flexível nessas mesmas empresas. A seguir tratarei brevemente de alguns deles.

### **3.3.1 A flexibilização dos vínculos de trabalho**

Passou-se a adotar, numa escala crescente, formas flexíveis de vínculo trabalhista - regimes de trabalho terceirizado, temporário, em tempo parcial, em casa, por projeto, autônomo e assim por diante.

Por um lado, representam a possibilidade de trajetórias profissionais muito singulares e de uma maior liberdade de escolha de vínculos a serem estabelecidos pelos indivíduos. Por outro lado, representam, muitas vezes, uma precarização em relação aos vínculos existentes anteriormente e a liberdade aludida é, não raras vezes, limitada e, de toda forma, submetida à ordem do mercado (Antunes, 1999; Sennett, 2005).

Diria que a flexibilização dos vínculos trabalhistas foi mais um elemento do processo que a modernidade introduziu de desconstrução da tradição secular ou divina como determinante do destino, no caso, profissional, dos indivíduos. Na verdade, a flexibilização toyotista constitui um agudizar da dinâmica modernista na pós-modernidade; constitui certo

aumento da condição de desamparo do sujeito (Birman, 2011), ainda que uma pequena parcela da população possa gozar justamente em função dessa “flexibilidade”; constitui a formação de laços fluidos, marcados pelo desengajamento (Bauman, 2001). Nas palavras do sociólogo polonês:

O emprego parece um acampamento que se visita por alguns dias e que se pode abandonar a qualquer momento se as vantagens oferecidas não se verificarem ou se forem consideradas insatisfatórias (Bauman, 2001, p. 171).

Deve-se dizer, contudo, que se em teoria tal possibilidade de desvincular-se facilmente de um emprego aplica-se a todos, na prática, e no Brasil em particular, não é bem assim. A grande maioria da população não pode dar-se ao luxo de simplesmente deixar um emprego se não estiver satisfeita. Até pode, desde que não se importe em levar uma vida de privações, quando não de miséria mesmo, até que consiga alguma outra fonte de renda (seja um novo emprego, seja uma ocupação qualquer).

Existe, por outro lado, uma parcela da população que encontra relativa facilidade para trocar de trabalho, caso deseje, parcela altamente qualificada em determinados setores da economia, em particular de tecnologia, ou que possui outras fontes de renda.

No que se refere às empresas e ao capital, houve diminuição da dependência de seu crescimento e de sua valorização em relação à duração de comprometimento com o trabalho (Bauman, 2001). Os valores surgem a partir das próprias relações entre as marcas que as empresas produzem ou representam; o valor e o significado de objetos de consumo que elas disponibilizam para o mercado são dados “na diferença com os demais produtos e segundo um código hierarquizado de significações” (Ramos, 2007, p. 105).

### 3.3.2 Novas formas de carreira

Baseadas na flexibilização dos vínculos trabalhistas, surgem novas formas de carreira. Carreira aqui entendida como “padrões e sequências de ocupações e posições ocupadas pelas pessoas ao longo de suas vidas de trabalho” (Collin & Young, 2000, p. 3).

A carreira tradicional era, sobretudo, marcada por uma longa trajetória de avanço ascendente na hierarquia, em geral numa mesma empresa, já que pautada sobre uma promessa de relacionamento e segurança de longo prazo (Hall, 2002). As promoções de uma posição para outra eram usadas para motivar e persuadir os empregados, e ocorriam num sistema de meritocracia, ainda que poucos conseguissem chegar às posições mais elevadas na hierarquia (Collin & Young, 2000).

Segundo Tolfo (2002), a carreira, de maneira geral, passa agora a ser “pautada na habilidade pessoal de colocar as capacidades para uso no trabalho e pela ampliação na participação em projetos que demandam profissionais inovadores e competentes do ponto de vista técnico” (p. 54). Ainda de acordo com a autora, em vez de carreiras de longo prazo numa mesma empresa, surgem trajetórias diversas ou paralelas, ao longo dos anos, e a estabilidade torna-se cada vez mais refratária.

Emerge certa ideologia da empregabilidade, que está intimamente ligada à da competência: o indivíduo conseguirá manter o seu emprego ou será capaz de oferecer suas habilidades para outras empresas se continuamente desenvolver-se em termos de competências (Tolfo, 2002). A carreira passa a ser fundamentalmente prerrogativa do indivíduo, segundo tal ideologia (Hall, 2002), mesmo que isso não seja inteiramente verdade, já que outros fatores estão em jogo na dinâmica (crises internas ou externas às empresas, processos de reengenharia e reestruturações, e assim por diante).

É preciso dizer, contudo, que a carreira tradicional por avanço não desapareceu, embora tenda a ser menos operante. Além disso, pensar numa carreira exclusiva e livremente escolhida pelo indivíduo, descolada das estruturas sociais, da ordem do mercado, é falácia. Nas palavras de Duberley, Mallon & Cohen (2006), um indivíduo não pode forjar um caminho de carreira isolado de caminhos sociais já reconhecidos, apartado de estruturas sociais já dadas.

Mas há uma forte pressão ideológica que prega o “sucesso” como necessidade imperiosa, entenda-se manter a empregabilidade, ganhar dinheiro, adaptar-se às novas condições e às mudanças constantes, e aponta as razões do “fracasso” na carreira como sendo de ordem exclusivamente individual: não se esforçou, não se adaptou, não se desenvolveu, não desenvolveu as competências necessárias, não formou uma rede adequada de contatos (Barros Júnior, 2009).

Ora, se o sujeito não pode ser eximido de suas escolhas, conscientes ou inconscientes, dos caminhos que toma em sua vida, em sua carreira em particular, tampouco pode ser considerado como o único responsável pelo seu “sucesso” ou “fracasso”. Quer dizer, que ele possa ter direcionado a sua carreira em função do seu fantasma (fantasia) fundamental ou do seu sintoma não elimina o fato de que o capitalismo da acumulação flexível imponha limites e exclusão não só aos mais pobres, tradicionalmente considerados como os “fracassados”, mas à classe média, incluindo executivos, antes “bem sucedidos” (Barros Júnior, 2009).

Instaurou-se uma dinâmica em que o vencedor leva tudo e os outros dividem as migalhas, portanto uma dinâmica que predispõe ao fracasso um grande número de pessoas (Sennett, 2005), para além de quaisquer fantasias ou sintomas psíquicos singulares.

### **3.3.3 O imperativo da produtividade e da excelência**

As empresas passaram a operar sob um imperativo de excelência e de produtividade (Seligmann-Silva, 1999), quer dizer, a necessidade supostamente vital de reestruturação e reengenharia produtiva e administrativa, visando a máxima produtividade possível (mínimo de perdas e máximo de aproveitamento dos recursos disponíveis), sob pena de serem “engolidas” pela concorrência, que agora não é mais local, mas global (Barros Júnior, 2009).

A empresa espera, então, que os seus funcionários produzam cada vez mais, dentro de um mesmo período de tempo, e que produzam continuamente, por períodos de tempo maiores, se possível (em hora-extra) - intensificação da apropriação de mais-valia relativa e absoluta. Mas, além disso, que contribuam, com a sua competência e experiência, para otimizar os processos produtivos, administrativos, e assim por diante. Quer dizer, que contribuam diretamente na busca por excelência e produtividade (Barros Júnior, 2009).

Mecanismos de avaliação periódica de performance e produtividade muitas vezes são implementados e, a depender dos resultados obtidos pelos indivíduos, estes podem ser demitidos. Novamente aqui se tem um exemplo da ideologia de imputar ao sujeito a responsabilidade exclusiva pelo que produz ou deixa de produzir.

Outro aspecto do imperativo da excelência e da produtividade é o fato de levar a reestruturações e reengenharias, que, não raras vezes, significam a eliminação de postos de trabalho. Com isso as pessoas enfrentam o risco de serem descartadas a qualquer momento (Malvezzi, 1999) e, como discutido acima, o contrato da carreira tradicional, de relacionamento e segurança de longo prazo, é paulatinamente substituído por um “entendimento transacional de curto prazo: o contrato é ‘renovável’ diariamente, baseado nas necessidades e performance atuais” (Hall, 2002, p. 4).

### 3.4 A sociedade do espetáculo narcísico

Na seção anterior, discuti brevemente a introdução das práticas toyotistas no Ocidente e algumas repercussões disso para o momento do capitalismo que estamos vivendo, sobretudo no que se refere às empresas e aos trabalhadores.

Mencionei que a publicidade passou a funcionar, não como um meio para divulgar os benefícios dos produtos, mas como produtora de uma vontade insaciável e incessante nos sujeitos de viver novas experiências, de experimentar novas possibilidades de encontrar finalmente a felicidade, tal como as celebridades e os privilegiados supostamente encontraram com as suas roupas, com os seus carros, com os seus objetos de valor, com os seus eletrônicos e, sobretudo, com a sua beleza, com o seu *glamour*, com o seu estilo de vida.

Como Lasch (1979/1991) bem colocou, o que passa a contar não é a verdade sobre o que aparece na propaganda, mas se ela é crível ou não, se *parece* ser a expressão da verdade ou não. Pode ser a veiculação de uma grande mentira, mas se passa credibilidade, é o que importa.

Esse foi um processo de mudança na publicidade que percorreu o século passado, acentuou-se nas suas últimas décadas e está em sua plena forma neste início de século XXI. Acompanhou as mudanças porque passaram as empresas e a sua imperiosa necessidade de lucrar cada vez mais, de ter seu valor de mercado cada vez maior. Acompanhou o avanço tecnológico impressionante das últimas décadas, que introduziu a televisão digital em alta definição, os aparelhos móveis de telecomunicação, os computadores pessoais, os *notebooks*, os *tablets*, as redes de computadores, a internet, as redes sociais virtuais<sup>19</sup>, só para citar alguns exemplos.

---

<sup>19</sup> Discutirei as redes adiante.

Contribuiu imensamente, assim como os meios de comunicação de massa, para o estabelecimento da sociedade do espetáculo narcísico em que vivemos hoje<sup>20</sup>.

Debord (1967/1992) cunhou o termo "sociedade do espetáculo" em 1967 e definiu espetáculo como sendo "a *afirmação* da aparência e a afirmação de toda vida humana, quer dizer social, como simples aparência" (p. 19), ou como sendo "nada mais que *o sentido* da prática total de uma formação econômico-social, seu *uso do tempo*" (p. 20) [grifos do próprio autor]. Para o autor, o capitalismo conduziu a vida social a um deslizamento do *ter* para o *parecer*.

Surgem uma sociedade e sujeitos "alterdirigidos", para usar o termo de Riesman (1950/1995) – voltados, dirigidos para a aprovação do outro. Já em 1950, o autor percebia o movimento, em algumas metrópoles americanas, de tornar tal aprovação a principal área de "sensibilidade" para os sujeitos, nas palavras dele.

Mas se Riesman apenas delineou esse voltar-se para o outro, para a sua aprovação, Lasch (1979/1991) escancara uma verdadeira cultura do narcisismo nos EUA do final da década de 1970. Cultura que, com os meios de comunicação de massa, com a globalização, espalhou-se para o restante do Ocidente, incluindo o Brasil, ainda que diferentes locais possam manter suas particularidades e diferenças em relação ao original americano<sup>21</sup>.

Cultura em que as aparências (imagens) contam mais do que os fatos; em que a aclamação, o reconhecimento dos outros é o que importa (e quanto mais "outros", melhor); cultura em que o sucesso virou uma finalidade em si; em que há um culto hedonista, não de

---

<sup>20</sup> Claro que falar "da sociedade" é uma simplificação do que ocorre nos diferentes recônditos do Brasil e do Ocidente. Trata-se, pois, até certo ponto, de uma abstração de uma parcela da sociedade ocidental, brasileira, cujas características tendem a se alastrar para outras. Ressalto, contudo, a pluralidade, a complexidade, a singularidade das malhas sociais que compõem o nosso país.

<sup>21</sup> Mesmo dentro dos EUA certamente existem diferenças regionais.

busca pelo prazer (ainda que aparentemente possa parecer ser isso), mas de luta pelo poder<sup>22</sup>, numa competição de todos contra todos, numa exploração mútua (Lasch, 1979/1991).

A cultura do consumismo, a sociedade organizada em torno dos "prazeres" do consumo e da reificação do indivíduo como autônomo para escolher o seu caminho e seus produtos; a invasão das famílias pelos meios de comunicação de massa, pela publicidade, vendendo imagens da boa vida e da felicidade; os conselhos, vindos de todos os lados (psicólogos, psiquiatras, médicos em geral, pedagogos, etc.), dados aos pais sobre como criar os filhos; o declínio da autoridade parental, tudo isso junto e de forma complementar tem produzido sujeitos eminentemente narcisistas, segundo o historiador americano.

Ele fala de um declínio da autoridade parental em geral, o que talvez seja verdade em função de certa crise em relação à autoridade paterna, ao lugar simbólico do pai, do homem como autoridade na família – crise amplamente discutida nos últimos tempos (a título de exemplo, ver Ceccarelli, 2002; Santos & Azeredo, 2005; Zanetti & Gomes, 2009).

Em particular, a partir da década de 1970, esse lugar simbólico vem sendo, muitas vezes, exercido pela mulher, ou ainda pelo homem e por ela também, mas de forma vacilante, hesitante, sem a certeza do lugar social da tradição patriarcal. A revolução sexual da época, o movimento feminista, o aparecimento da pílula anticoncepcional, o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho, enfim, tudo isso contribuiu para abalar o lugar de autoridade na família (Ceccarelli, 2002), aliado às outras mudanças sociais em andamento, as quais discuti acima (ou mesmo outras, que sequer discuti).

O fato é que, tirando particularidades regionais, temos hoje uma sociedade com modos de funcionar que fomentam o narcisismo dos sujeitos, que talvez até estimulem a constituição de sujeitos estruturalmente narcisistas, como já apontava Lasch, em 1979. Uma sociedade em

---

<sup>22</sup> Luta pelo gozo, como discutirei adiante.

que o espetáculo funciona como meio de acumulação de capital (Debord 1967/ 1992), espetáculo do vender e do vender-se, do ver e ser visto. Espetáculo que visa fazer o circuito produção-consumo-descarte girar infinitamente, usando imagens de grandeza, sucesso, *glamour*, inveja nas relações do sujeito com o outro. Imagens sempre evanescentes, sempre apagadas pelas novas que vão sendo geradas.

Esse movimento infundável instaura nos sujeitos nele constituídos e por ele capturados, não a segurança da imagem plena conquistada, mas, ao contrário, um desamparo angustiante, desamparo da sua posição subjetiva autocentrada, mas absolutamente dependente do olhar, da aprovação do outro (Birman, 2011). Sobre isso escreveu Lasch (1979/1991):

A fim de polir e aperfeiçoar a parte que ele inventou para si mesmo, o novo Narciso olha para o seu próprio reflexo, não tanto com admiração, mas com incansável busca por defeitos, sinais de fadiga, decadência (p. 91).

Sinais que ele tenta apagar a todo custo, com "malhação", dietas, botox, carro, roupas, celulares novos, fotos das festas a que foi no Facebook, currículo invejável no LinkedIn e assim por diante.

No fundo, como escreveu Mezan (2002), "o sujeito se vê às voltas com suas limitações e com a impossibilidade de corresponder aos modelos identificatórios com que lhe acena a mídia" (p. 525).

Num cenário assim, como estaria a questão do emprego e do desemprego, da sua relevância ou não em termos sociais e subjetivos? Esta será a discussão da próxima seção.

## **4 A QUESTÃO DO DESEMPREGO**

A ruptura biográfica gerada pela situação de desemprego é tão violenta que, em termos psicossociais, pode ser comparada à ruptura de uma crise psicótica, pois esse processo gera uma experiência psicossocial de ruptura biográfica semelhante em ambos os casos (guardadas as devidas especificidades) pela desfiliação, pela perda da referência no mundo das significações existentes, pela construção de trajetórias descontínuas de vida e pela necessidade de (re)estruturar laços sociais num mundo que dificulta essa ação.

**Marcelo Afonso Ribeiro**

Em termos numéricos, no que se refere à realidade brasileira, mais especificamente a algumas de suas regiões metropolitanas (São Paulo, Belo Horizonte, Fortaleza<sup>23</sup>, Porto Alegre, Salvador, Recife e Distrito Federal), o desemprego oscilou nos últimos anos - ora caindo, ora aumentando, segundo pesquisas do DIEESE (2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013).

O balanço geral é de que a situação do emprego nessas regiões melhorou, passando, em dezembro de 2006, de um contingente estimado em 2,93 milhões de pessoas que estavam desempregadas (DIEESE, 2006), nas regiões metropolitanas pesquisadas, para cerca de 2,31 milhões de pessoas (DIEESE, 2013), em setembro<sup>24</sup> de 2013.

Além disso, a renda média dos ocupados (assalariados e autônomos), via de regra, cresceu no mesmo período, segundo o DIEESE. Houve, de fato, segundo as estatísticas, maior distribuição de renda e redução da pobreza.

Percebe-se, contudo, que a situação é ainda complicada para uma boa parcela da população economicamente ativa, estimada em 22,35 milhões de pessoas nas regiões metropolitanas pesquisadas, já que ainda existem mais de dois milhões de pessoas sem

---

<sup>23</sup> Fortaleza passou a entrar na pesquisa em 2010.

<sup>24</sup> No começo de fevereiro de 2014, os dados de dezembro de 2013 ainda não haviam sido divulgados. Além disso, os dados de outubro e novembro divulgados pelo DIEESE desconsideraram o Distrito Federal. Por isso preferi incluir o de setembro de 2013, última coleta do ano a incluir todas as regiões metropolitanas presentes nos anos anteriores.

emprego nessas regiões (10,3% da população economicamente ativa - vide Tabela 4.1), segundo dados de setembro de 2013 (DIEESE, 2013).

**Tabela 4.1 - Taxas de Desemprego Total em relação à População Economicamente Ativa, Regiões Metropolitanas - Dezembro/2006-Setembro/2013**

%	Dez/06	Dez/07	Dez/08	Dez/09	Dez/10	Dez/11	Dez/12	Set/13
TOTAL	15,2	14,2	12,7	12,5	10,1	9,1	9,8	10,3
Distrito Federal	17,7	16,5	15,4	14,5	12,9	11,0	11,1	12,0
Belo Horizonte	11,6	11,0	8,4	9,8	7,1	5,2	5,3	7,2
Fortaleza	-	-	-	-	8,3	7,7	7,7	7,7
Porto Alegre	12,9	11,3	9,8	9,4	7,2	6,4	6,5	6,2
Recife	20,2	17,9	17,9	17,5	12,8	12,2	12,2	14,5
Salvador	22,3	20,3	19,8	17,0	13,8	14,1	16,6	17,8
São Paulo	14,2	13,5	11,8	11,9	10,1	9,0	10,0	10,0

Fonte: DIEESE, Sistema Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), Mercado de Trabalho Metropolitano - dezembro 2006 a setembro 2013.

Se em termos numéricos, esse é o quadro do desemprego que se apresenta hoje, nessas regiões metropolitanas brasileiras, como está em termos semânticos para a sociedade? E, pensando na dimensão mais ampla de *trabalho*, como está ela na pós-modernidade?

O emprego e o desemprego são fenômenos modernos (talvez devesse dizer categorias institucionalizadas modernas). Já o trabalho remonta de longa data, ainda que a sua relevância tenha tido diferentes momentos, em particular no tocante à construção da subjetividade, como nos aponta Bendassolli (2007).

Segundo o autor, podemos destacar três períodos da história nesse sentido. O primeiro deles, correspondendo à Antiguidade, à Idade Média e ao Renascimento, caracterizava-se pelo fato de o trabalho não possuir uma grande importância na construção da subjetividade. Aliás, até o início da era moderna, a *vita activa* (englobando tanto o labor – atividades ligadas à sobrevivência, ao processo mesmo da vida – quanto o trabalho, realizado por artesãos livres), tinha uma conotação negativa e uma posição subalterna e secundária frente à *vita*

*contemplativa*, esta voltada para a contemplação do belo, aos assuntos da *polis* ou aos prazeres da vida (Arendt, 1958/2005).

O segundo período corresponde à emergência da sociedade industrial, em que o sentido e o valor do trabalho foram redefinidos. O trabalho passa a ser considerado como “um dos principais valores políticos, culturais, sociais e psicológicos durante a vigência da sociedade industrial, nos séculos dezenove e metade do vinte” (Bendassolli, 2007, p. 23). A ele era atribuída a virtude de:

...dar forma ao informe e duração ao transitório (...); [possuía] um papel principal, mesmo decisivo, na moderna ambição de submeter, encilhar e colonizar o futuro, a fim de substituir o caos pela ordem e a contingência pela previsível (e portanto controlável) sequência dos eventos (Bauman, 2001, p. 157).

Finalmente, num terceiro momento, a partir das últimas décadas do século passado, o sentido do trabalho adquire aspectos paradoxais. Por um lado, é enfraquecido:

...como única fonte de valor econômico; como princípio moral-religioso e base do caráter, como ideologia, na medida em que os trabalhadores, eles próprios, são agora controlados de outras formas e em outros campos que não apenas pela empresa; como atividade privilegiada na oferta de significação ao ser (...); e, finalmente, a dimensão contratual do trabalho é questionada com base em novas formas de subjetivação que prescindem da referência central ao trabalho (Bendassolli, 2007, p. 23-24).

Por outro lado, ainda é uma das principais formas de organização social e individual, bem como via de acesso à renda.

Seja como for, o lugar de primazia e de centralidade que lhe fora dado nos primórdios da modernidade, e até bem pouco tempo, talvez tenha sido um pouco abalado, ainda que

continue mantendo um grau de importância, maior ou menor, a depender do contexto em questão<sup>25</sup>.

Mas o fato é que, se antes havia certa “esperança” quanto ao que o trabalho poderia nos dar, se antes ele estava bastante ancorado no seu modelo institucional mais tradicional – o emprego – hoje é preciso conviver com a insegurança dos vínculos trabalhistas, com a sua incapacidade de oferecer um porto completamente seguro aos seus praticantes, inclusive no que se refere à constituição da identidade dos sujeitos (Bauman, 2001; Bendassolli, 2007), que, em termos psicanalíticos, podemos definir como uma identificação ao outro (no seu sentido mais amplo), como o assumir de uma imagem própria, supostamente unificada (Lacan, 1966c).

Com a insegurança ampliada nas últimas décadas, ressurgiu o fantasma do desemprego. Se durante a modernidade o desemprego foi sempre um fenômeno transitório e complementar à organização do trabalho, fenômeno esse necessário, na medida em que os sujeitos nessa condição constituem um exército de reserva da força de trabalho, como nos apontava Marx (1867/1980), o final do século XX e início do XXI coloca o desemprego no centro das atenções da dinâmica sociolaboral<sup>26</sup>, tanto quanto o emprego, tornando-se, inclusive, objeto de reflexão e intervenção psicossocial (Ribeiro, 2009).

É preciso colocar, pois, que a noção de desemprego nasce a partir da introdução do trabalho assalariado e da passagem para um período em que a descontinuidade do trabalho não mais era vivida como temporária, já que antes (início do século XIX), os trabalhadores

---

<sup>25</sup> É sabido que há certa divergência de opiniões quanto à centralidade do trabalho na atualidade. Aqui não pretendo estender-me nessa discussão. Apenas aponto que houve alguma mudança quanto ao papel exercido por ele, sejam elas mais acentuadas ou não, quer tenham um caráter definitivo ou não. A questão é discutida por autores como Antunes, R. (1999). *Os sentidos do trabalho*. São Paulo, SP: Boitempo; Gorz, A. (1987). *Adeus ao proletariado: para além do socialismo*. Rio de Janeiro, RJ: Forense-Universitária; Lessa, S. (2002). *O mundo dos homens: trabalho e ser social*. São Paulo, SP: Boitempo; Offe, C. (1985). *Capitalismo desorganizado*. São Paulo, SP: Brasiliense.

<sup>26</sup> Tal dinâmica sociolaboral continua a existir, ainda que talvez com uma importância menor, como discutimos acima.

eram reintegrados na empresa, quando ocorriam oscilações na produção. Ou seja, o desemprego surge quando tal descontinuidade do trabalho passa a representar uma ruptura definitiva do vínculo com o empregador, vínculo baseado no contrato de trabalho. Isso se dá também em função das transformações por que passaram os modos de produção industrial – sua mecanização, sua maior racionalização, a regulação do tempo e do volume de trabalho ligados a ela (Demazière, 2006).

O que se deu a seguir foi a institucionalização de uma definição normativa – política, legal e administrativa – do desemprego, notadamente consolidada depois da Segunda Guerra Mundial, segundo Demazière (2006). O autor cita que, na França, na década de 1940, surgem leis que enquadram socialmente a pessoa em situação de desemprego e a reconhece como sujeito de direito, em particular a Constituição francesa de 1946. No Brasil, também a Constituição de 1946 passa a assegurar assistência aos desempregados (Brasil, 1946), tornando-os cidadãos de direito.

Como discuti antes, a partir de 1970 houve a implantação de práticas baseadas no Toyotismo<sup>27</sup>, que representaram formas “flexibilizadas” de reprodução do capital e geraram modalidades mais instáveis ou mesmo precarizadas de vínculos trabalhistas (trabalho temporário, em tempo parcial, terceirizado, etc.) e o desemprego aumentou (Antunes, 1999; Blanch, 2003; Ribeiro, 2009). Se tais práticas e políticas vieram para remediar o que parecia ser simplesmente o esgotamento do Fordismo/Taylorismo, Antunes (1999) vê como uma crise estrutural do capitalismo e sua dinâmica destrutiva. O autor reforça, além disso, que o desemprego que aí se vê também tem uma componente estrutural, o que significa que não poderá ser completa e permanentemente eliminado.

---

<sup>27</sup> No Brasil isso se deu mais fortemente a partir de 1990, como discuti anteriormente.

Tais conclusões baseiam-se, evidentemente, em determinada concepção do que seria desemprego e fazem sentido na medida em que tal concepção esteja institucionalizada, pensando, pois, na sociedade como um todo, na maneira como está organizada no que se refere ao trabalho, ao emprego, ao subemprego, ao desemprego. Isto se dá tanto no tocante às empresas, aos órgãos de controle, de pesquisa do emprego e do desemprego, de assistência ao trabalhador (o DIEESE, os Centros de Apoio ao Trabalho - CAT, por exemplo), quanto no que se refere aos sujeitos implicados (trabalhadores, pessoas em busca de trabalho, pesquisadores sobre o tema e assim por diante).

Ou seja, mesmo assumindo-se que o trabalho tenha perdido parte de sua centralidade na sociedade de hoje – o que não é um consenso - ela não desapareceu por completo, e ele continua funcionando como organizador social, tendo, no seu interior, um sistema constituído pelo emprego, pelo desemprego e pelo subemprego (formas instáveis, precarizadas de trabalho) (Blanch, 2003; Ribeiro, 2009). O DIEESE (2013), a título de exemplo, inclui o subemprego nas suas estatísticas de desemprego, apontando o número estimado de pessoas no que chama de “desemprego oculto pelo trabalho precário” e “desemprego oculto pelo desalento”. Isso quer dizer que a noção do que seriam pessoas em situação de desemprego passa não só pelas que estão explicitamente em busca de um emprego, mas também inclui as que estão em atividades laborais precarizadas ou que desistiram de buscar um emprego, seja pela dificuldade de encontrar um, seja pelos impactos psíquicos provocados pelo desemprego.

Assim, mesmo que possa ter havido uma mudança quanto à importância do trabalho, sobretudo da sua forma institucionalizada – o emprego – certamente os impactos psicossociais negativos da falta dele não são nada desprezíveis, pelo contrário, justamente pela forma como a sociedade está (ainda) organizada em torno dele.

No que se refere a esses impactos psicossociais, o desemprego pode provocar isolamento social, transtornos identitários, quadros psicossomáticos, alterações psíquicas,

ruptura de vínculos, desconstrução de projetos de vida (Barros & Oliveira, 2009; Castelhana, 2006; Ribeiro, 2009; Seligmann-Silva, 1999). Pode, inclusive, levar a situações realmente extremas, como é o caso do que se convencionou chamar de desemprego de longa duração (DLD): isolamento social, apatia, embotamento afetivo, psicose, depressão, insônia, empobrecimento (falta de roupas, de dinheiro para o transporte), fome, desejo de morte (Barros & Oliveira, 2009; Seligmann-Silva, 1999).

Paul (2005), em particular, conduziu uma extensa pesquisa e análise transversal e longitudinal de dados de 237 estudos de diferentes países ocidentais sobre os impactos na saúde mental das pessoas decorrentes do desemprego, contendo 323 amostras independentes, comparando a saúde mental de pessoas empregadas com outras desempregadas, com um total de quase quinhentas mil pessoas participantes ( $N = 458.820$ ). Os estudos analisados foram publicados entre 1963 e 2004 e a conclusão a que o autor chegou foi de que o impacto do desemprego na saúde mental das pessoas é médio ( $d = 0,38$  a  $d = 0,52$ ) para cinco das variáveis consideradas: sintomas mistos de sofrimento ou desconforto, depressão, angústia/ansiedade, bem-estar subjetivo e autoestima. No geral, conclui ainda o autor, o desemprego possui um efeito bastante global na saúde mental das pessoas, e o risco de ter problemas dessa natureza é mais que o dobro para aquelas em situação de desemprego, na comparação com as que estão empregadas. O efeito do tempo de desemprego também foi analisado por Paul (2005) – segundo ele, o desemprego de longa duração tem um efeito consideravelmente mais forte na saúde mental das pessoas do que o de curta duração.

Se para quem está em situação de desemprego os impactos podem ser bastante danosos, também existem para quem está empregado ou subempregado:

- Medo de ser demitido, que pode refletir nas relações interpessoais no ambiente de trabalho, podendo até gerar um contexto paranoide de vigilância mútua entre os funcionários (Seligmann-Silva, 1999);

- Competição, velada ou não, entre os indivíduos;
- Angústia de faltar razão para viver, de perderem a própria identidade, se perderem o emprego;
- Vontade de continuar gozando das benesses oferecidas pela empresa: benefícios, bônus, viagens, reconhecimento, poder que vem da sua identificação com a empresa (Pagès et al., 2008);
- Vontade de gozo na relação com o outro, de ser o escolhido para promoções de carreira, para aumentos de salário (Barros Júnior, 2009);
- Medo de se tornar pobre, “anormal” (no sentido de não poder consumir ou de consumir pouco), “não-consumidor” (Bauman, 2008).

Em função disso, mas também das práticas organizacionais e dos discursos ideológicos desta fase do capitalismo em que vivemos, notadamente a questão da empregabilidade, da carreira como prerrogativa do indivíduo, da necessidade de se manter e expandir uma rede de contatos (*networking*); da possibilidade de explorar algumas das características das pós-modernidade - o desejo exacerbado de reconhecimento dos sujeitos, de serem e de serem vistos, de venderem e de vender-se; em função da tecnologia da informação extremamente desenvolvida, da internet e da possibilidade de acessos móveis e constantes a ela; da globalização, enfim, em função de todo um conjunto de fatores, culminou-se na criação de redes sociais virtuais na internet voltadas especificamente para o contato profissional entre pessoas e empresas – como é o caso do LinkedIn – e também de redes sociais mais genéricas que desenvolveram aplicativos específicos para essa finalidade – como é o caso do Facebook e dos seus aplicativos Talent.me e BranchOut, por exemplo<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> Essas redes virtuais e as implicações delas para a questão do trabalho dizem respeito a uma parcela da população trabalhadora apenas. Aqueles que mal têm acesso à internet (ou sequer têm tal acesso), por exemplo, dificilmente poderiam tê-las como algo relevante na sua vida laboral.

Essas redes e seus aplicativos vêm crescendo enormemente e têm sido usadas como mecanismos para que os sujeitos mantenham contato entre si, sejam vistos, vendam-se, tentem afastar o fantasma do desemprego ou conseguir uma recolocação profissional, se precisarem. Se são, de fato, efetivas nesse sentido, é outra questão.

Já no que se refere às empresas, as redes sociais têm servido para o recrutamento de funcionários, para investigar a vida de possíveis candidatos ou mesmo de funcionários já contratados e para que elas se promovam ou promovam seus produtos e serviços oferecidos.

Discutirei com mais detalhes essas redes sociais e esses aplicativos, a seguir.

## **5 REDES SOCIAIS VIRTUAIS: O LINKEDIN E O FACEBOOK**

Um *site* de rede social permite a você estabelecer sua posição social. O desejo básico é simples e antigo: ser reconhecido como um membro de valor das várias comunidades das quais se faz parte.

**James Grimmelmann**

## **5.1 A revolução tecnológica e o surgimento das redes sociais virtuais**

Castells (2011) traça um panorama histórico bastante abrangente dos avanços tecnológicos das últimas décadas, notadamente aqueles ocorridos a partir de 1970, avanços que ele caracteriza como uma verdadeira revolução da tecnologia da informação. A minha intenção não é refazer esse percurso histórico, mas apenas citar alguns aspectos que culminaram na criação das redes sociais virtuais e apontar as suas principais características hoje.

Segundo o autor, alguns dos fatos que se destacam nessa breve e vertiginosa história de avanços da tecnologia da informação e de seus principais campos - a microeletrônica, os computadores e as telecomunicações - são:

- O advento dos microprocessadores;
- A maior especialização dos processadores eletrônicos e a enorme queda nos seus preços;
- O aumento vertiginoso da capacidade e da velocidade de processamento dos computadores;
- O desenvolvimento de uma enorme indústria de *software* para o mercado de microcomputadores;
- A redução drástica do custo médio de processamento da informação;

- A transmissão de dados (incluindo áudio e vídeo) via pacotes digitais através de fibra ótica e laser;
- O aumento surpreendente da capacidade das linhas de transmissão;
- A criação de arquiteturas e protocolos avançados de comutação e roteamento de dados;
- A transformação do processamento e do armazenamento centralizados de dados em um sistema compartilhado e interativo de computadores em rede;
- O surgimento da internet;
- A difusão da telefonia celular.

Isso tudo, aliado aos outros fatores anteriormente discutidos, que configuram a complexa conjuntura social em que vivemos, desembocou na criação das redes sociais virtuais.

Elas são, de fato, *sites* de redes sociais na internet, em inglês *Social Network Sites* (SNS). Boyd e Ellison (2007) assim os definem:

...serviços baseados na web que permitem aos indivíduos (1) construir um perfil público ou semipúblico dentro de um sistema limitado, (2) articular uma lista de outros usuários com quem eles compartilham uma conexão, e (3) ver e percorrer a sua lista de conexões e aquelas feitas por outros dentro do sistema. A natureza e a nomenclatura dessas conexões podem variar de site para site (p. 211).

Apontam que o termo às vezes aparece como *Social Networking Sites*. Contudo, para as autoras, *networking* enfatiza o início de relacionamentos, normalmente entre estranhos. Se o *networking* é possível nesses *sites*, não é sua principal prática e nem o que os diferencia de outras formas de comunicação mediada por computadores (CMC). Nas palavras delas: “O que faz os *sites* de redes sociais originais não é que eles permitam aos indivíduos conhecer

estranhos, mas sim que permitem que os usuários articulem e tornem visíveis as suas redes sociais” (Boyd & Ellison, 2007, p. 211).

A primeira rede social virtual que se encaixava nessa definição de SNS foi o SixDegrees.com, criado em 1997. Houve outros serviços anteriores que atendiam algum dos requisitos, tais como o ICQ e o AIM, que tinham listas de amigos, por exemplo. No entanto, suas listas não eram visíveis a outros usuários (Boyd & Ellison, 2007).

Depois do SixDegrees.com, muitos outros serviços do gênero surgiram, ao longo dos anos; uns mais conhecidos, outros menos, uns que permanecem até hoje, outros que foram encerrados, uns que tiveram um alcance global, outros que expandiram-se em alguns países ou regiões apenas – Ryze, Fotolog, Friendster, LinkedIn, MySpace, Tribe.net, Hi5, Orkut, Flickr, Facebook, Yahoo! 360, YouTube, CyWorld, Windows Live Spaces, Twitter – só para citar alguns (Boyd & Ellison, 2007).

Transformaram-se num fenômeno de massa, como nunca visto antes. Para se ter uma ideia, de acordo com o *site socialbakers.com*, que coleta estatísticas sobre algumas dessas redes, o Facebook tinha, em meados de maio de 2012, 842 milhões de usuários no mundo, e o LinkedIn 134 milhões deles. Em outubro de 2013, o LinkedIn já tinha mais de 259 milhões de usuários no mundo, sendo mais de 15 milhões só no Brasil, segundo a página oficial da rede social (LinkedIn, 2013) e segundo o *socialbakers.com* também. Já o Facebook atingiu a marca de 1,19 bilhões de usuários no mundo em setembro de 2013 (Facebook, 2013a). Em relação ao Brasil, foi noticiado que, em junho de 2013, havia 76 milhões de usuários na rede (Folha de São Paulo, 2013).

## 5.2 O LinkedIn

O LinkedIn surgiu em 2003 e, desde o início, foca nos relacionamentos profissionais, diferentemente de redes organizadas para uma audiência mais ampla (Boyd & Ellison, 2007). Talvez no caso deste, a denominação *Social Networking Site* seja aplicável também. Além de fazerem conexão com colegas e associados a quem já conheciam antes, no mundo “presencial” (*off-line*), a rede encoraja seus usuários a explorar o mercado “escondido” de vagas de emprego através de suas conexões e a fazer contato com especialistas para aprender sobre um tópico específico (Keenan & Shiri, 2009). Ademais, os usuários acabam fazendo *networking*, ampliando sua rede de contatos com pessoas não conhecidas presencialmente. Se antes o *site* exigia que o usuário indicasse de onde conhecia alguém, quando queria enviar um convite de conexão a ele, a fim de evitar uma avalanche de convites de pessoas desconhecidas, em 2013 tal exigência não existia mais<sup>29</sup>. O *site* até mantém a opção de “ser apresentado por meio de uma conexão”, antes uma das únicas possibilidades de fazer conexão com alguém estranho, mas tal opção já não é mais requerida. Com isso, não é nada raro receber convites de conexão de pessoas absolutamente desconhecidas ou de recrutadores de vagas, também desconhecidos para o usuário.

Segundo Keenan e Shiri (2009), o LinkedIn tenta recriar o ambiente de uma conferência ou de feira de negócios na *web*. Para os autores, o *site* é voltado para o mundo profissional do trabalho de classe média alta ou para aqueles tentando subir na carreira.

O usuário preenche um perfil com informações “reais” a seu respeito, similar a um currículo:

---

<sup>29</sup> Esta e outras características descritas abaixo refletem o *site* tal como se apresentava até novembro de 2013.

- a) Fornece o cargo atual e os anteriores, ao longo de sua carreira, bem como as empresas às quais está ou esteve ligado. O *site* está tão voltado para o mundo do emprego que, se a pessoa exerce uma atividade autônoma, ainda assim precisa informar o nome de uma empresa, caso contrário, a informação não pode ser inserida.
- b) Insere também a formação acadêmica, incluindo certificados, prêmios, idiomas que fala, cursos complementares que fez, projetos em que esteve envolvido, patentes que conseguiu, publicações, notas que obteve e até trabalhos voluntários a que se dedicou.
- c) Pode solicitar recomendações sobre si mesmo a contatos seus (conexões), sejam eles colegas, subordinados, chefes, amigos e assim por diante. As recomendações estão sujeitas à aprovação do usuário e podem ser visíveis ou não, a depender da escolha deste.
- d) Se quiser ainda pode inserir interesses, site pessoal, grupos de discussão *online* e associações das quais participa; telefone, endereço, e-mail, data de aniversário, estado civil, lista de competências que possui.
- e) Por último, pode adicionar uma série de aplicativos tais como *SlideShare* (de compartilhamento de apresentações de *slides*); *Polls* (para realização de pesquisas com os usuários do *site*); *MyTravel* (para compartilhamento de informações de viagem, saber se o usuário estará numa mesma cidade que outros, bem como obter estatísticas de viagem da sua rede); *Blog Link* (para conectar o blog do usuário ao seu perfil no LinkedIn); e assim por diante.

Assim como outras redes sociais virtuais, o LinkedIn muda suas características de tempos em tempos, alterando ou acrescentando funcionalidades, configurações e possibilidades de uso.

Um exemplo disso foi a introdução da “Atualização de perfil”, que é uma espécie de microblog do usuário – pequeno texto que este pode inserir no seu perfil e compartilhar com a sua rede ou com o público em geral, similar ao *post*<sup>30</sup> do Facebook e ao *tweet* do Twitter, microblog que também se propagou muito na internet nos últimos anos, com a sua famosa pergunta “O que você está fazendo?”<sup>31</sup>. As atualizações ficam armazenadas no perfil do usuário e outras pessoas podem consultá-las posteriormente. Além disso, o LinkedIn envia, automaticamente, um e-mail com as principais atualizações de pessoas da rede do usuário, incluindo atualizações de experiência profissional, troca de emprego, comentários em geral que fazem e assim por diante.

Outra característica do *site* é a possibilidade de se publicarem vagas de emprego e de buscá-las. Também existe uma função “Localizar talento”, usada por recrutadores de vagas para encontrar perfis que se encaixem no que buscam. Essa e outras funções, tais como a de ser um “Buscador de emprego *premium*”, ou de enviar mensagens para pessoas que não fazem parte da lista de contatos, contudo, só são disponibilizadas mediante *upgrade* pago da conta de usuário.

### 5.3 O Facebook

O Facebook foi lançado em fevereiro de 2004 por um aluno de Harvard, que teve a inspiração do *site* tirada de livros de fotos e dados biográficos de alunos da universidade, que eram distribuídos entre eles, para que soubessem quem era quem (Grimmelmann, 2009).

---

<sup>30</sup> Ver definição abaixo.

<sup>31</sup> Em 2009, a pergunta passou a ser “O que está acontecendo?” (<http://blog.twitter.com/2009/11/whats-happening.html>). Em 2013, a pergunta já era uma mera frase “Publique um novo tweet”.

Inicialmente a rede era restrita aos alunos de Harvard, mas como expandiu-se rapidamente em número de assinantes, logo (em 2005) passou a contemplar alunos de outras universidades americanas (Grimmelmann, 2009). Até que em 2006 foi aberta a quem quisesse juntar-se a ela (Boyd & Ellison, 2007).

Segundo Grimmelmann (2009), contudo, mantém suas raízes como um serviço baseado no meio universitário ao incluir os “amigos” (contatos do usuário) em algum tipo de lista, a ser escolhida pelo usuário: “amigos”, “melhores amigos”, “conhecidos”, “família”, “trabalho”, “restritos” e outras personalizadas por aquele. Uma “lista” é um conjunto de usuários com uma escola, um local de trabalho ou uma região em comum, por exemplo.

A interface do site, as possibilidades de configuração pelo usuário e as políticas de uso e de privacidade vêm mudando ao longo do tempo, nem sempre da forma mais explícita possível para os seus membros (Grimmelmann, 2009).

Uma característica importante do Facebook e também do LinkedIn é que exigem o fornecimento de informações verdadeiras dos usuários, não sendo permitida, nesse sentido, a criação de mais de uma conta de usuário por pessoa<sup>32</sup>.

O perfil do usuário do Facebook consiste numa longa lista de itens a serem preenchidos (embora não de maneira obrigatória), tais como cidade em que o usuário mora, sua cidade natal, gênero, data de nascimento, orientação sexual, idiomas, foto, estado civil (*status* de relacionamento, que inclui “em um relacionamento enrolado”, “em um relacionamento sério”, “em um relacionamento aberto”, além dos tradicionais “casado”, “solteiro”, “divorciado”, “viúvo”, “separado” e “noivo”); membros detalhados da família e seu grau de parentesco; educação e formação acadêmica, empresa onde trabalha, religião, preferência política, pessoas que inspiram, citações favoritas; músicas, livros, filmes,

---

<sup>32</sup> Facebook: <http://www.facebook.com/legal/terms>.

LinkedIn: [http://www.linkedin.com/static?key=user\\_agreement&trk=hb\\_ft\\_userag](http://www.linkedin.com/static?key=user_agreement&trk=hb_ft_userag). Acesso em 18/06/2012.

programas de TV, jogos preferidos; esportes, times, jogadores favoritos; atividades e interesses; e-mail, telefones, nome de usuário de serviços de *Instant Messaging* (IM) como Skype, Google Talk, Windows Live Messenger, etc.; endereço da residência e site pessoal<sup>33</sup>. Para todas essas informações, o usuário decide o nível de compartilhamento com os outros usuários, pelo menos tal como a política de privacidade estava configurada até 2013<sup>34</sup>: se serão compartilhadas com todos (de domínio público), só com amigos (contatos da rede do usuário), com amigos selecionados (personalização das configurações) ou se só o usuário terá acesso a elas.

Possui uma seção de compartilhamento de fotos em que também é possível determinar quem terá acesso a elas. Nesta seção há uma opção no mínimo curiosa: é possível marcar pessoas que aparecem nas fotos, ou seja, dizer o nome de quem é, e, com isso, ligá-las ao perfil da pessoa no Facebook, se ela tiver um. Também é possível marcar uma pessoa que não aparece na foto, simplesmente para que a foto e o *post* (a publicação) correspondente apareçam no perfil do usuário marcado. Ainda que o usuário possa configurar se quer autorizar esse tipo de marcação previamente ou só depois de verificar de que foto se trata, o mecanismo pode gerar situações de invasão de privacidade, desacordo entre usuários quanto ao que deve ser publicado ou não e até, em última instância, casos de pessoas serem denegridas nesse sentido, ao serem associadas com todo tipo de lixo da internet, pornografia e temas não desejáveis pelo usuário, segundo Grimmelmann (2009). O autor aponta que até mesmo não usuários do *site* podem ser vítimas disso, já que a marcação de fotos permite que pessoas de fora da rede sejam marcadas.

Outra característica importante do Facebook é o chamado “Mural” do usuário, com sua frase emblemática “No que você está pensando?”. Nele tanto o próprio usuário, quanto

---

<sup>33</sup> Estas e outras características descritas abaixo refletem o *site* tal como se apresentava até novembro de 2013.

<sup>34</sup> <http://www.facebook.com/settings/?tab=privacy>. Acesso em 20/11/2013.

outras pessoas (amigos ou não, a depender das configurações ajustadas) podem colocar *posts* quaisquer, isto é, publicar frases, textos, imagens, vídeos; republicar (compartilhar) *posts* de outros usuários. Nele também aparecem os comentários que o usuário fez de *posts* de outros, de maneira a constituir um longo histórico de atividade do sujeito na rede. Um tipo de *post* curioso é a função “Curtir” – uma opção de expressar o suposto apreço por qualquer coisa que outro usuário publicou. A cada usuário que “curtiu” determinado *post*, incrementa-se um contador, que é mostrado a todos, assim como os comentários explícitos que vão sendo adicionados. Quanto maior o número de pessoas que “curtiram” ou que comentaram um *post*, mais popular ele se mostra.

Mais recentemente, o *site* introduziu a chamada “Linha do Tempo”, que é justamente uma forma mais estruturada de mostrar tal fluxo de atividade do usuário ao longo dos anos, incluindo quando começou a “amizade” com cada um de seus “amigos”, quando mudou de *status* de relacionamento, quando arrumou um novo emprego, quando publicou as fotos daquela viagem, quando comentou a provocação política do colega e assim por diante.

Como o Facebook surgiu na década de 2000, é possível inserir, na Linha do Tempo, fatos e eventos anteriores a essa data, de maneira a preencher as lacunas do passado.

Os *posts* dos contatos do usuário são compilados (de uma forma não precisamente divulgada) e mostrados na página inicial do *site*, depois que o usuário conecta-se a ele (fazia o seu *login*). É o chamado “*Feed* de notícias”. Assim, qualquer atividade do sujeito na rede é publicada no *Feed* de notícias de seus contatos (vira “notícia”) e vice-versa. E se seus *posts* estiverem configurados para domínio público, qualquer pessoa, mesmo de fora do *site*, pode ver o que anda fazendo, por onde anda viajando, o que anda comentando, do que gosta (função “curtir” do *site*), do que não e assim por diante.

Papacharissi (2009) compara a arquitetura do Facebook a uma casa de vidro nesse sentido, que torna a fronteira entre o público e o privado assaz tênue. Mais do que isso, a

autora aponta que a atualização constante e incessante de conteúdo do *Feed* de notícias torna o Facebook muito popular e mesmo viciante para alguns (se não para muitos, eu diria).

Não se trata mais de ir até o perfil de determinado usuário para ver o que ele ou ela andam fazendo na rede, saber dos seus interesses, ver as últimas fotos que publicaram e assim por diante. Com o *Feed* de notícias, isso é oferecido incessantemente, em tempo real, a todos os contatos da lista do sujeito (exceto para os que explicitamente excluíram o recebimento de *posts* deste). Nas palavras de Grimmelmann (2009, p. 1168), com o lançamento dessa funcionalidade, “os usuários tornaram-se vividamente conscientes de que eles podiam agora monitorar-se uns aos outros, de maneira invisível e em tempo real”.

Assim, o Facebook transformou uma atividade considerada suspeita, malvista – bisbilhotar a vida alheia – em algo psicologicamente “distinto”, “notório” para os seus usuários (Grimmelmann, 2009), banal eu diria.

Outras características do *site* incluem bate-papo em tempo real (*chat*), troca de mensagens privadas (similar a um e-mail), jogos interativos e aplicativos diversos, incluindo os voltados para o mundo do trabalho, tais como o BranchOut e o Talent.me.

Com todas essas características acima apresentadas, bem como aquelas discutidas anteriormente, Keenan e Shiri (2009) apontam que o Facebook tenta criar uma experiência social mediada pela tecnologia que englobaria todas as atividades virtuais da *web*.

No que se refere ao mundo do trabalho, o Facebook tem sido usado tanto para vigilância de funcionários por seus empregadores, para saber o que andam fazendo ou dizendo por aí (Grimmelmann, 2009), quanto para recrutar pessoas com determinado perfil, para divulgar vagas e empresas, que agora criam suas próprias páginas na rede. Isso tem sido feito através de aplicativos como o BranchOut e o Talent.me, mas também diretamente pelas páginas de perfil dos usuários e das empresas.

O BranchOut é um aplicativo que muito se assemelha ao LinkedIn, apresentando o perfil do usuário em forma de currículo, com histórico profissional e acadêmico, bem como com as recomendações (“*endorsements*”) de outras pessoas, típicas do LinkedIn. Nele também é possível enviar mensagens privadas, publicar vagas e procurar por elas. Uma diferença em relação àquele é que uma das formas do aplicativo mostrar os contatos do usuário é agrupando-os pelas empresas onde trabalham. Além disso, não possui algo como “atualizações” (LinkedIn), “tweets” (Twitter) ou “notícias” (Facebook).

O Talent.me é similar ao LinkedIn e ao BranchOut em muitos aspectos: coleta as informações de um currículo tradicional, mas apresenta o perfil do usuário focando nos seus “talentos”. Há, inclusive, uma seção em que é possível selecionar pessoas com o mesmo talento (exemplos; “gestão”, “gestão de projetos”, “fotografia”, “vendas”, etc.). Assim como no LinkedIn e no BranchOut, é possível adicionar recomendações das pessoas, publicar vagas, procurar por elas. Possui uma seção de “atualizações” (*posts*) e um “*feed*” com um fluxo delas, diferentemente do BranchOut, mas similar ao LinkedIn. Uma característica que o diferencia dos demais é a apresentação de vídeos com temática específica, voltados para tópicos como empreendedorismo, liderança, sucesso e assim por diante.

Não me parece, contudo, que esses aplicativos tenham prosperado muito no Brasil. Quando consultei novamente a página deles no Facebook<sup>35</sup>, em novembro de 2013, o Talent.me não publicava atualizações desde setembro de 2012 – um claro sinal, no mundo das redes sociais, de que algo não vai bem. Já o BranchOut tinha publicações recentes, um número de 688 mil curtidas, mas fazia muito tempo que eu não via movimentação alguma, ligada ao aplicativo, dos meus contatos na rede. Pode ser algo localizado da minha rede, mas também pode ser um sinal, como disse acima, de que o aplicativo não vingou entre os

---

<sup>35</sup> A primeira vez foi em 2012.

brasileiros. Como não era o escopo da minha pesquisa, não investiguei esse ponto mais a fundo.

A seguir, serão apresentados os principais conceitos utilizados nesta pesquisa, configurando a base teórica da presente Tese, fundamentalmente oriundos da Psicanálise freudo-lacanianiana.

## **6 ALGUMAS DEFINIÇÕES CONCEITUAIS**

O desejo do homem encontra seu sentido no desejo do outro, não tanto porque o outro detém as chaves do objeto desejado, mas porque o seu primeiro objeto é ser reconhecido pelo outro.

**Jacques Lacan**

Os conceitos psicanalíticos que a seguir serão discutidos baseiam-se na teoria de Freud e na de Lacan. Entretanto, como coloquei antes, se parti desses dois autores, não foi minha intenção caracterizar a pesquisa como uma aplicação *ipsis literis* dessas teorias. Aqui descrevo, justamente, como apliquei os conceitos em questão na pesquisa e que releitura fiz deles, o que pode, inclusive, ter representado algum ponto de divergência ou de distanciamento em relação às teorias originais.

## **6.1 Outro e outro**

Lacan, ao longo de sua obra, faz distinção entre o Grande Outro e o pequeno outro, o nosso semelhante, imagem especular a partir da qual o sujeito constitui-se (por identificação de imagem - *imaginária*) (Julien, 1993). Já o Grande Outro, segundo Roudinesco & Plon (1998) é:

...o termo utilizado por Jacques Lacan para designar um lugar simbólico – o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou, ainda, Deus – que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intrassubjetiva em relação com o desejo. Pode ser simplesmente escrito com maiúscula, opondo-se então a um outro com letra minúscula, definido como outro imaginário ou lugar da alteridade especular (p. 558).

Em alguns pontos de sua trajetória, Lacan (1962-63/2004) também fala do Outro real. Nesta pesquisa, no entanto, não farei distinção entre Outro e outro. Inspirado na noção do nó borromeano R.S.I. de Lacan (1974-75/inédito), isto é, no enodamento dos registros Real,

Simbólico e Imaginário, o que me interessa é pensar na relação do sujeito com o outro – como passarei a denominá-lo<sup>36</sup> - e isso engloba uma dimensão que é, ao mesmo tempo, imaginária, simbólica e real. Nesta concepção, portanto, o outro não será estritamente apenas imagem especular do sujeito, na sua dimensão imaginária (Barros Júnior, 2009).

Quando quiser ressaltar o aspecto simbólico da relação, falarei da sua dimensão sócio-histórica ou mesmo institucional. A referência indireta ao Simbólico é, portanto, aqui feita de maneira a tomá-lo nem tanto como estrutura de linguagem apenas, mas, pensando mais amplamente, como aquilo que é da ordem do social, historicamente constituído.

Trata-se, pois, da Lei como interdito, as regras, os limites, os costumes, as construções sociais tecidas na linguagem e por ela, ao longo do tempo. Quer dizer, que a própria condição de sermos seres falantes de determinada língua estrutura, sim, de certo modo, a realidade tal como a vemos, não me parece que essa estruturação advenha apenas da *forma* da linguagem e dos atos de fala nela inseridos. Aqui parto da hipótese de que o *conteúdo* social também está em jogo, e mais do que isso, que está inextricavelmente ligado à *forma* e vice-versa. Ou seja, o outro simbólico<sup>37</sup> aqui não é entendido apenas como cadeia significante, completamente descolado de conteúdos, de sentidos prévios (Barros Júnior, 2009).

Além disso, o outro pode ser também entendido, em alguns momentos, como alteridade absoluta real, ou seja, como aleatoriedade, imprevisibilidade de tudo que é radicalmente *alter*. Com isso, tem-se a possibilidade para novos sentidos e o aspecto social estruturante torna-se dinâmico, mutável; algo de imprevisível, inclusive, pode emergir, se consideramos que o real ex-siste<sup>38</sup> (Lacan, 1974-75/inédito). Assim, em cada enunciação, o

---

<sup>36</sup> Só usarei a notação Outro quando fizer alguma citação literal de algum autor que ao termo faça alusão.

<sup>37</sup> Via de regra não usarei a notação Simbólico na análise a ser feita neste trabalho, mas sim a noção de instituição ou de relações sócio-históricas.

<sup>38</sup> Escapa à simbolização.

sentido que surge traz algo do que já estava dado, mas também abre a possibilidade para algo novo, tanto na forma e no conteúdo, como no efeito produzido.

No que se refere ao outro na pós-modernidade, a sua dimensão de funcionar como fator estruturante do sujeito não muda. É a um outro que o sujeito dirigia-se no passado, continua dirigindo-se e vai continuar dirigindo-se no futuro. É um outro, na sua condição de alteridade, apresentando (ou representando) seja lá que conteúdo social for, que funda o sujeito, antes, agora e no futuro.

O que muda, evidentemente, é esse conteúdo social, historicamente construído, que foi (e vai continuar) modificando-se. Nesse sentido, a condição pós-moderna exacerba a dependência do reconhecimento constante do outro, já que a dinâmica social não mais determina, baseada em desígnios divinos ou em tradições seculares, o lugar simbólico permanente que o sujeito ocupará por toda a sua vida,

Se o indivíduo e a sua individualidade são enaltecidos, se as suas possibilidades de fazer escolhas racionais e de agir livremente são repetidas nas mais diversas esferas da vida social, o efeito produzido é exatamente o oposto ao de uma autonomia. Provavelmente nunca antes na história o reconhecimento constante e repetido do outro foi tão desejado, justamente porque nunca fora tão fugidio e fugaz.

Nesta pesquisa, o outro será a denominação tanto de um outro sujeito, representado por seu perfil na rede social, quanto, em outros momentos, a noção de outro simbólico, de abstração de outro, social e historicamente constituído. No caso específico aqui analisado, trata-se de um outro que, por uma conjuntura histórico-social, está representado pela rede virtual (mas não se reduz a ela) e configura esse tipo de laço.

## 6.2 O inconsciente e o desejo

Freud (por exemplo, em 1915/1981c e em 1923/1981d) postula que o inconsciente humano é constituído por formações pulsionais herdadas [algo análogo ao instinto animal, que o autor chamou de *Es* (Isso ou Id)], pelo que é apenas temporariamente inconsciente, portanto passível de consciência por si só (pré-consciente), e pelas representações pulsionais que foram recalcadas, rechaçadas, quando o sujeito, no seu desenvolvimento, confronta-se com a Lei, com o interdito social.

Para Lacan (1954-55/1985, 1957-58/1999), o inconsciente é o discurso do Outro e é estruturado como uma linguagem, com seus efeitos metafóricos (de condensação) e metonímicos (de deslocamento). A entrada no campo do Outro, da linguagem<sup>39</sup>, constitui o sujeito (do inconsciente) na medida em que o divide, marcado que passa a ser pelo limite do Outro. Nessa divisão fundam-se o desejo inconsciente (desejo do desejo do Outro), o fantasma fundamental e o gozo<sup>40</sup> (Lacan, 1962-63/2004).

Além disso, o autor distingue o (sujeito do) inconsciente do *Es* freudiano. No esquema L, por exemplo, Lacan (1966d) indica o sujeito do inconsciente – S – como sendo: (*Es*) S.

Com isso marca que um não se reduz ao outro, já que o inconsciente está no campo do Outro (Simbólico), mas ao mesmo tempo ressalta a ligação íntima entre este com o que teria sido primordialmente instintivo (*Es*), ligação realizada pelas pulsões. Estas representariam a sexualidade no inconsciente (Lacan, 1966e).

---

<sup>39</sup> Tal entrada não se dá apenas quando a criança começa a falar, mas desde o momento em que chega a este mundo. Na verdade, podemos pensar que se dá antes mesmo disso, já que o futuro (possível) bebê já tinha um lugar simbólico e imaginário na família que o gerará, na sociedade em que crescerá, antes mesmo de ser concebido. Nesse sentido, simbolicamente o limite do Outro opera desde sempre, com suas interdições, com a impossibilidade que impõe, com o que representa de alteridade, de diferença, ainda que isso produza um efeito de sentido (retroativo) na criança apenas anos mais tarde.

<sup>40</sup> Ver discussão sobre desejo e gozo adiante.

É verdade que, em outro momento de sua trajetória, Lacan afirma que o inconsciente é o Real (Dor, 1996). Nisso aproxima-se do *Es* freudiano, na medida em que escapa à simbolização. Ou seja, o que dele aparece (aquilo a que temos acesso ou definimos) são apenas representações do que seria (ou teria sido) a “Coisa”, mas não ela mesma.

Sendo assim, o inconsciente de que tratarei nesta pesquisa são os traços, as marcas representáveis, no discurso dos sujeitos, do enodamento do Real, do Simbólico e do Imaginário. Inconsciente, portanto, fundado a partir da entrada do sujeito no campo do Outro (simbólico, social, mas também real), e necessariamente articulada por meio de certa imagem em relação ao outro (imaginária, singular, embora *realizada* socialmente).

Em Freud, o desejo inconsciente dizia respeito à realização alucinatória posterior a uma primeira experiência de satisfação pulsional. Falar de desejo e falar de pulsão para o autor são duas formas de abordar o mesmo fenômeno (David-Ménard, 1996).

Já em Lacan (1962-63/2004), o desejo está ligado a uma falta primordial, à perda de uma suposta vivência de completude (gozo, que, imaginariamente, teria sido absoluto), a partir da entrada do sujeito no campo do Outro<sup>41</sup>. Contudo, Safatle (2002) argumenta que Lacan, a partir de determinado momento de sua trajetória, passa a conceber o desejo como falta pura, como um *a priori*, não falta disso ou daquilo outro, mas *falta-a-ser*, dissociada de uma vivência empírica.

Aqui me distancio dessa definição e retomo a noção lacaniana de desejo e de sujeito do inconsciente tendo suas origens no estágio do espelho, tal como discutirei a seguir, quando tratar do narcisismo. Ou seja, parto de uma suposta vivência imaginária de completude do sujeito na entrada deste no campo do Outro, cujas origens remontam ao estágio do espelho, e que dá os fundamentos para a constituição do sujeito (do inconsciente) e para suas escolhas

---

<sup>41</sup> É importante ressaltar que a vivência é apenas suposta para o sujeito

objetais posteriores. Vivência em que o sujeito imaginou ter ele próprio (ou outro sujeito) representado aquele que completaria a falta do Outro, ou seja, ter gozado por ter sido supostamente tudo para o Outro, num determinado momento. Como logo aparecem os sinais de que algo continua faltando para o Outro, de que o sujeito não representou tudo para ele, de que na verdade é impossível que represente isso (castração simbólica), a sensação que daí advém é a de perda, de falta. Instaura-se o desejo. Desejo de (re)viver aquilo que imaginariamente teria sido.

Desejo, pois, que não é apenas a representação sexual e imaginária da perda (“isso que me falta, um outro o possui”), mas também uma forma de o sujeito identificar-se com a perda: “isso que me falta, que jamais terei, dependo disso porque aí fundo meu desejo” (David-Ménard, 1996, p. 119).

Posto de outra forma, dizer que o desejo surge na entrada do sujeito no campo do Outro é, em termos lacanianos<sup>42</sup>, afirmar que se trata do desejo do Outro, ou seja, o desejo é “provocado” pelo Outro, surge a partir dele e configura-se como o desejo de ser desejado ou reconhecido pelo Outro (Lacan, 1966a, 1966b). Mas desejado (ou reconhecido) a ponto de ser capaz de completar a falta do Outro, de satisfazê-lo de forma absoluta e assim satisfazer-se também de forma plena (vide discussão sobre o gozo adiante). Se isso acontecesse, no entanto, seria a aniquilação, a morte do sujeito.

Nesse sentido, o desejo nunca será satisfeito com nenhum objeto e permanecerá como falta eterna, como um movimento na direção do que completaria a falta do Outro (e, portanto, a falta do sujeito). Tendo esse estatuto de busca infundável, o desejo configura-se como aquilo que define o próprio sujeito. Aparece, segundo Lacan (1957-58/1999), na forma de demanda de amor dirigida ao outro, tentativa de objetivar o desejo.

---

<sup>42</sup> Pelo menos até determinado momento de sua trajetória como pensador.

O inconsciente também se presentifica nas marcas de gozo. Ainda que o impulso pela sua repetição possa ser consciente – vontade de gozo – a real natureza do que faz o sujeito gozar escapa-lhe; a articulação da sua fantasia primordial com o outro (do seu fantasma fundamental) marca sua forma particular de gozar, mas é, para o sujeito, quando muito, representação parcial. Aliás, é justamente pelas suas representações, pelas suas formações que conhecemos o inconsciente:

*O não dito* significativo do branco do esquecimento, um *dizer* surgido dos sonhos, chistes, atos falhos, uma *escrita*: tudo aquilo que constitui sintoma no modo do compromisso surpreendente e que constitui “alíngua” (Lacan), e em que, sob forma metáforo-metonímica, a verdade do desejo insiste e se repete em múltiplas demandas (Dor, 1996, p. 266).

O sujeito do inconsciente, o “verdadeiro” sujeito para Lacan, é o sujeito do desejo. Que o autor tenha feito a distinção entre o eu imaginário, imagem especular do outro, seu semelhante, e o sujeito do inconsciente, relacionado à estrutura sócio-linguística (Grande Outro), nesta pesquisa *sujeito* terá uma conotação ambígua e, diria, dialética, de ser o eu imaginário, o indivíduo consciente, aquele que cria um ou mais perfis nas redes sociais, mas também o sujeito do desejo, do inconsciente, sujeito ao Outro, às determinações sócio-históricas e também pulsionais, em alguma medida. Uma dimensão não se reduz à outra, claro, mas na medida em que não é possível determinar uma fronteira muito precisa entre uma e outra, parece-me mais adequado considerá-las nessa ambiguidade, que separa e une ao mesmo tempo.

O que é propriamente do sujeito consciente singular e o que é estruturado sócio-historicamente em determinada fala de alguém? Em que medida o pulsional do indivíduo atua num determinado comportamento que realiza num contexto cultural (ao publicar um *post* numa rede social, por exemplo)? O quanto o outro e o Grande Outro social influenciam no

pulsional do indivíduo? O quanto o pulsional-biológico dos sujeitos direciona o curso da história humana?

Não acredito ser possível determinar claramente tais fronteiras. Por isso prefiro adotar a ambiguidade dos termos *sujeito* e *outro*; por isso assumo que as relações sociais trazem, em si, uma dimensão consciente dos sujeitos envolvidos, mas também uma dimensão inconsciente deles. Além disso, se não se pode pensar nessas relações sem os sujeitos envolvidos, tampouco se pode pensá-las reduzindo-se ao conjunto deles – elas os transcendem, em certa medida. Ou seja, acionar os termos *sujeito* e *outro* é fazer alusão a seres bio-psico-sócio-históricos e à sociedade, às relações sociais em si. Uns não se reduzem às outras (e vice-versa), e tampouco deveriam ser pensados separadamente, ainda que não seja possível fazer uma análise totalizante; ainda que o olhar seja dirigido prioritariamente a uma faceta ou a outra.

Pensar o sujeito na pós-modernidade é constatar, a meu ver, uma exacerbação das características do sujeito moderno, tal como articulada por Aubert (2006). Ou seja, a noção de desejo inconsciente do sujeito como sendo o desejo do outro (surgindo a partir do outro, mas também desejo de ser desejado ou reconhecido pelo outro) torna-se mais presente e marcante do que nunca. A necessidade de conquistar um lugar ao sol, que, nos dias de hoje, jamais está garantido de forma permanente, coloca o reconhecimento do outro no centro da ação do sujeito. Como ser reconhecido nunca é de forma plena e o reconhecimento está sempre em vias de escapar ao sujeito; como ser desejado (em todas as suas formas aparentes – ser amado, invejado, admirado...) é sempre de maneira incompleta ou fugaz, a busca permanece eterna e, provavelmente, mais voraz nos dias de hoje. Dias de um capitalismo que fomenta o consumismo ao extremo pela propaganda, que acelera o circuito produção-consumo-descarte o mais possível, que programa a obsolescência dos objetos tão logo sejam consumidos (aliás, antes mesmo de o serem, pois é sabido que em breve virão outros muito “melhores”)

(Bauman, 2008; Ramos, 2007). Dias de um capitalismo que promete uma satisfação plena (Ramos, 2007), “felicidade na *vida terrena, aqui e agora* e a cada ‘agora’ sucessivo” (Bauman, 2008, p. 60).

Assim, o desejo do sujeito não é tomado como algo a ser mantido insatisfeito, como algo que define o sujeito, não passível de satisfação plena. Vende-se a ideia de que é possível tal satisfação absoluta. Se não foi obtida ainda, é preciso continuar consumindo objetos (coisas, serviços, pessoas) que ela virá, inclusive na forma do reconhecimento do outro. Entra-se, pois, num ciclo vicioso, veloz e infundável de busca, às vezes, desesperada pela satisfação do desejo, pelo reconhecimento do outro.

A insatisfação que advém dessa dinâmica talvez seja o que resta de resistência do sujeito, no seu aspecto singular, colocando novamente em movimento a contradição existente entre o seu desejo e as necessidades do capital, como bem articulou Ramos (2007).

Posto isso, na pesquisa aqui em questão, o discurso do sujeito (por exemplo, a publicação de determinado *post* – texto, imagem ou vídeo - no seu perfil na rede social) será tratado na sua relação com o outro, no contexto social em que vivemos hoje. Que desejo dele pode ser deduzido, que demanda direcionada ao outro pode ser lida? O que foi dito explicitamente e o que não?

### **6.3 Prazer, sofrimento, gozo**

Em Freud, o prazer remete, em grande medida, ao próprio sujeito, e incide sobre dois aspectos: tanto sobre a vontade que surge, quanto sobre sensações corpóreas: olhar, mamar, comer, etc. Se o objeto do desejo (outro) não está excluído, ele entra em jogo mais como estímulo. Refere-se, então, “às agradáveis e difusas percepções sensoriais quando estas

brotam e circulam ainda no nascedouro do corpo” (Hanns, 1996, p. 156). O prazer, pois, não é fruição, satisfação plena, mas permanece nesse brotar, nessas sensações iniciais.

Desde o seu “Projeto para uma psicologia científica”, Freud (1895/1981e) postula que o prazer (*Lust*) é, em geral, descarga de tensão, de energia acumulada por excesso de estimulação em alguma parte do corpo, e que desprazer é o oposto, isto é, justamente o acúmulo de tensão. Mas em *O problema econômico do masoquismo* (Freud, 1924/1981f) admite que “sem dúvida que existem tensões prazerosas e relaxamentos desprazerosos” (p. 2752). O que está em causa é a energética freudiana, sua concepção quantitativa do prazer, que é relativizada no texto de 1924, quando o autor introduz aspectos qualitativos também (Hanns, 1996).

De todo modo, o prazer em Freud liga-se, direta ou indiretamente, à noção de pulsão (*Trieb*) e suas variantes - pulsões parciais, sexuais e do eu, de vida e de morte. Nas palavras de Hanns (1996):

A pulsão (*Trieb*), entendida como um estímulo que reivindica à psique ser descarregado e sendo “emanada” de fontes orgânicas, está ligada ao prazer-desejo do órgão (*Organlust*), e pode-se dizer que ela é a própria condição de um querer que só mais tarde será sintetizado (p. 159).

A pulsão está na fronteira entre o somático e o psíquico: emerge como fenômeno físico e orgânico (acúmulo de energia, descarga, neurônios, fontes pulsionais em glândulas, etc.) e é percebido como fenômeno psíquico (sensações, dor, medo, vontade, etc.) (Hanns, 1996). Em termos lacanianos, está entre o que teria sido puramente instintivo (necessidade) e o que é instituído na linguagem e através dela, no campo do Outro e através dele.

Não entrarei nas minúcias e nas inconsistências da energética freudiana: se há ou não energias conflitantes; se a satisfação pulsional é ou não no sentido de diminuir a energia

concentrada numa região erógena do corpo; se existe de fato uma pulsão de morte com sua tendência à tensão nula, ao retorno ao inorgânico (Freud, 1924/1981f), etc.

O que aqui interessa é pensar que o prazer remete a sensações corpóreas agradáveis, em estado nascente, ligadas a algum *impulso* do corpo, muitas vezes estimuladas por objetos externos (o outro), mas que dizem respeito, sobretudo, ao próprio sujeito, ao seu próprio corpo (Barros Júnior, 2009).

Já o conceito de gozo diz respeito a uma satisfação que está além (ou aquém) do prazer,

...implica a ideia de uma transgressão da lei: desafio, submissão ou escárnio. O gozo, portanto, participa da perversão, teorizada por Lacan como um dos componentes estruturais do funcionamento psíquico, distinto das perversões sexuais (...) Lacan estabelece então uma distinção essencial entre o prazer e o gozo, residindo este na tentativa permanente de ultrapassar os limites do princípio do prazer. Esse movimento, ligado à busca da coisa perdida que falta no lugar do Outro, é causa de sofrimento; mas tal sofrimento nunca erradica por completo a busca do gozo (Roudinesco & Plon, 1998, p. 299-300).

Instituído pelo outro, na linguagem e por ela, o gozo, nesta pesquisa, é tomado como a satisfação do sujeito de ultrapassar o limite, a lei, na busca de um para-além do prazer, na relação com o outro, o que também gera sofrimento (Barros Júnior, 2009). Está, pois, ligado à perversão ou à fantasia perversa na neurose. Perversão que é, segundo Roudinesco & Plon (1998, p. 586), “um grande componente do funcionamento psíquico do homem em geral, uma espécie de provocação ou desafio permanente à lei.” Ainda segundo os autores, a “perversão aparece como uma renegação ou um desmentido da castração” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 585) – castração aqui entendida no seu sentido do limite do outro – real, simbólico e imaginário. Portanto não estou me referindo às chamadas perversões sexuais ou às parafilias

descritas na psiquiatria, mas a uma noção mais ampla e geral do funcionamento psíquico humano, ainda que em forma de fantasia (como no caso dos neuróticos)<sup>43</sup>.

Se um gozo absoluto é impossível, por definição, já que o outro e o limite imposto por ele sempre existirão e porque é tal limite que estrutura, que funda o gozo, há, por outro lado, outras modalidades de gozo possíveis, estando associadas, de um jeito ou de outro, à interdição ou à impossibilidade (Barros Júnior, 2009).

O gozo, então, passa a ser a vivência em que o outro, embora imprescindível para a sua efetivação, é colocado no lugar de resto, de puro objeto, ou de inexistente (na sua condição de alteridade); ou a lei é ignorada ou burlada, de alguma forma, ainda que imaginariamente pelo sujeito. Ou ainda o próprio sujeito coloca-se no lugar de puro objeto para o outro real (Lacan, 1962-63/2004).

Pensando em sujeitos pós-modernos, um gozo seria tomar o outro como mero objeto para seu usufruto, nas palavras de Birman (2011), como "instrumento para o incremento da autoimagem, podendo ser eliminado como um dejetivo quando não mais servir para essa função abjeta", pois o que interessa ao sujeito "é o engrandecimento grotesco da própria imagem" (p. 26).

Um tipo particular de gozo que interessa a esta pesquisa é o ligado ao ver e ser visto, ao que Lacan (1964/1973) associou a uma pulsão escópica. Não quero entrar no mérito se haveria, de fato, uma *pulsão* como tal, mas o fato é que existe uma satisfação em ser olhado. Em ser olhado como quem? Como aquele que completaria a falta do outro, como sendo a imagem da suposta completude para o outro. Expressão própria da imagem narcísica que é oferecida ao outro; expressão do desejo de ser o desejo do outro.

---

<sup>43</sup> Aqui não abordarei o caso das psicoses.

Amplio a noção de gozo ligado ao escópico em Lacan (1964/1973) (associado ao olho e ao olhar, este levando em conta o desejo inconsciente envolvido) para a de um gozo ligado à imagem no seu sentido mais amplo, não só visual<sup>44</sup>. Gozo que chamo de imagético, satisfação com a própria imagem (nas redes sociais, por exemplo), sempre tão fugaz e impermanente, porque elide o desejo impossível envolvido na relação com outro, porque o outro (sujeito) está na mesma dinâmica, também deseja ser o desejo do outro.

As redes sociais virtuais explicitam essa dinâmica – uma multidão de sujeitos que se oferecem ao olhar, ao julgamento do outro, que desejam ser reconhecidos como aqueles cuja imagem seria o que completaria a falta do outro, a imagem da suposta completude para ele. Mas para alguém completar alguém, se fosse possível, seria preciso que fosse apenas um objeto, não um sujeito desejoso. Objeto que seria literalmente descartado depois. Na impossibilidade de que tal completude se realize, os sujeitos vão buscar as migalhas que oferecem uns aos outros - as "curtidas" nos *posts* dos amigos, os comentários elogiosos sobre eles no Facebook, as recomendações, os elogios aos feitos e às competências dos contatos no LinkedIn. Migalhas que oferecem esperando receber de volta ou que representam uma tomada de posição (ao curtir um comentário qualquer de outrem, por exemplo) que contribui para a construção de uma imagem de si para o outro. Alguns pontos colocam-se:

- Se o gozo remete ao outro e a certa possibilidade de transpor o limite e a interdição por ele instituído, se se trata de uma satisfação para além do prazer, o sintoma também é um tipo de gozo, embora enganoso (Lacan, 1962-63/2004). Gera sofrimento, desprazer, mas representa uma recusa à interdição (Viltard, 1996), ao limite do outro, o que configura um exemplo típico de satisfação aquém do prazer.

---

<sup>44</sup> Na verdade, o próprio Lacan concebeu a questão da imagem não apenas em termos visuais.

- O gozo possível representa, do ponto de vista fenomênico, não raramente, uma satisfação demasiado fugaz, ou limitada, ou mais sofrida do que propriamente prazerosa, como é o caso de muitos sintomas. Mas o sujeito relança-se repetidamente na busca do que se perdeu ou do que supostamente não foi obtido novamente a cada gozo (Barros Junior, 2009). Repete a busca por um suposto gozo absoluto, por um *mais-de-gozar*, suplemento do seu gozo possível, e que imaginariamente lhe restituiria o gozo total. Lacan (1969-70/1992) aproxima a noção de mais-de-gozar à de mais-valia de Marx, embora uma não se reduza à outra. Não há mais-de-gozar ou mais-valia que restitua o que é imaginado como falta, pois há uma impossibilidade de um gozo absoluto. Nele o outro real teria que ser destruído e, nesse mesmo ato, o gozo se desfaria, portanto perdendo seu caráter ilimitado. Por isso, a repetição de busca por um mais-de-gozar ou de acúmulo de mais-valia torna-se às vezes infundável, sobretudo quando se goza ou se acumula cada vez mais, dando a impressão de que é possível chegar ao absoluto (Barros Júnior, 2009).

No que diz respeito ao sofrimento, Freud (1929/1981a), em *O Mal-estar na civilização*, aponta três principais fontes: a deterioração do próprio corpo, as forças da Natureza e a relação com os outros seres humanos.

O sofrimento aqui em questão é, sobretudo, o suscitado nas relações humanas, sócio-históricas, e por elas, o que engloba sintomas, inibições, angústia. Sofrimento que, na pós-modernidade, apresenta-se muito na forma de angústia e de outras formas difusas, por exemplo, de sintomas depressivos, ligados, portanto, a alguma dimensão de perda, mas sem que tenha havido, necessariamente, uma perda "concreta" (Mezan, 2002). Angústia pelas incertezas da vida em sociedade que levamos hoje em dia, pela falta de um lugar social simbólico definitivo, pela impossibilidade de se atingir um gozo narcísico pleno, tão

estimulado e vendido pela mídia, pela publicidade. Depressão, por exemplo, pela perda da imagem narcísica de completude, nunca de fato e plenamente vivida, mas sempre vislumbrada e invejada no outro - nas celebridades, nos amigos de Facebook que aparecem nas fotos que publicam sempre tão felizes e fazendo coisas extraordinárias.

Dizia Lasch (1979/1991) que o homem contemporâneo se volta para terapias não para se livrar de obsessões, mas para encontrar significado e propósito na vida. Claro, aqueles que sofrem de obsessões ou de sintomas histéricos continuam existindo, mas o que Lasch ressaltava eram os tipos mais contemporâneos de sintoma, ligados a uma dimensão mais narcísica, como discutirei a seguir.

Que o sintoma seja um tipo de gozo, não invalida o seu caráter de sofrimento, até porque é um gozo “manco”, “desajeitado”, bastante ineficaz no seu objetivo de produzir satisfação. Diferente, neste sentido, de um gozo perverso, por exemplo (Barros Júnior, 2009).

Assim, se explícito gozo e sofrimento separadamente neste trabalho, é para ressaltar outros tipos de sofrimento que não necessariamente se reduzem ao gozo, ainda que possam estar indiretamente ligados a ele, tais como a angústia ou a dor da perda. Mas também o faço para ressaltar a dimensão de sofrimento do gozo neurótico sintomático (ainda que nele haja também satisfação), na comparação com um gozo de natureza mais perversa. Neste, a satisfação para-além do prazer, na relação com o outro, parece-me mais predominante – se assim podemos dizer – do que o sofrimento nele engendrado (Barros Júnior, 2009).

Posto isso, a pesquisa também visa apreender, na medida dos limites do método nela adotado, traços, manifestações de prazer, gozo e sofrimento nas relações de sujeitos em situação de desemprego nas redes sociais virtuais.

## 6.4 Narcisismo

O narcisismo em Freud (1914/1981g) é fundamentalmente investimento libidinal em si mesmo (no eu), ou ainda "complemento libidinal do egoísmo do instinto de conservação" (p. 2017).

O autor descreveu certa megalomania das crianças, "superestimação do poder de suas vontades e de seus atos mentais, a 'onipotência das ideias', uma fé na força mágica das palavras e uma técnica contra o mundo exterior, a 'magia'" (p. 2018). Para Freud, o atrativo dos pequenos reside em boa parte nesses traços narcísicos, "na sua atitude de satisfazer-se a si mesmos e na sua inacessibilidade" (p. 2026).

Mais do que isso, supôs ele a existência, na infância do ser humano, de um narcisismo a que chamou de primário, posterior a uma etapa de autoerotismo (erogenidade dos órgãos, vivenciada na relação com funções vitais destinadas à autoconservação, antes que um eu como instância psíquica unificada tenha-se formado), e anterior a qualquer escolha objetal "exterior".

Partindo da tese de que todos os humanos tiveram uma etapa de narcisismo primário, Freud (1914/1981g) postula que o sujeito humano tem dois objetos sexuais primitivos – ele próprio (o eu) e a mãe (ou seus substitutos). À medida que a criança desenvolve-se, suas escolhas objetais subsequentes serão baseadas num desses objetos primitivos, ao que ele chamou de escolhas objetais narcísica e anaclítica, respectivamente.

Para o pai da Psicanálise, contudo, os impulsos narcísicos não se transformam inteiramente em impulsos objetais. Entrando em contato com as restrições éticas e culturais do meio em que vive, o sujeito recalca tais impulsos narcísicos, uma vez que se chocam com as restrições sociais. Ao mesmo tempo, cria para si um eu ideal, com a "perfeição" do eu infantil. Seu narcisismo – agora chamado de secundário - é deslocado para esse ideal.

Escreve Freud (1914/1981g) a respeito:

A esse *eu* ideal se consagra o amor ególatra de que, na infância, o *eu* verdadeiro era objeto. (...)

Como sempre no terreno da libido, o homem se mostra aqui, mais uma vez, incapaz de renunciar a uma satisfação já gozada alguma vez. (...)

Aquilo que projeta diante de si como seu ideal é a substituição do narcisismo perdido de sua infância, no qual era ele mesmo seu próprio ideal (p. 2028).

A busca do sujeito passa a ser a de reviver a satisfação do narcisismo primário infantil, agora recalçado.

Nesse processo todo, então, estão envolvidas questões narcísicas e objetais que se inter-relacionam na formação do eu, de um eu ideal e de um ideal de eu<sup>45</sup>, na identificação subjetiva com os pais ou substitutos, com o próprio eu ideal infantil perdido, com figuras outras que vão aparecendo ao longo da vida do sujeito (identificações secundárias, que formam sucessivas camadas identificatórias) e nas escolhas de objetos amorosos (Freud, 1923/1981d, 1914/1981g, 1921/1981h).

Para Lacan a questão narcísica também envolve a constituição do eu e a escolha objetual, e passa por identificações e por relações de agressividade erótica do sujeito com o outro – o esquema que ele chamou de R é emblemático nesse sentido (Lacan, 1966f). Se a questão da libido e do real nela envolvida não está excluída, para o autor, contudo, a ênfase é dada também ao aspecto *imaginário* em causa, ao jogo de imagens especulares na entrada do sujeito no campo do outro, da linguagem (simbólico)<sup>46</sup>.

---

<sup>45</sup> O eu ideal sendo uma representação infantil idealizada de si mesmo (Freud 1914/1981g) e o ideal de eu sendo fundamentalmente uma identificação com o pai, um ideal a ser alcançado (Freud 1923/1981d). Em "O 'eu' e o 'isso'", Freud (1923/1981d) usa os termos *ideal de eu* e *supereu* quase que indistintamente. O supereu seria da ordem da consciência moral, instância psíquica herdeira dos Complexos de Édipo e de Castração. Como não vou valer-me desses constructos na discussão dos resultados desta pesquisa, não me estenderei nessa discussão.

<sup>46</sup> Deve-se dizer que o autor, em diferentes momentos de sua trajetória, deu mais ênfase a algum desses três registros, e, no final das contas, ao enodamento deles – Real, Simbólico e Imaginário (Julien, 1993).

Seja como for, o narcisismo em Lacan (1966c) tem suas origens no que ele chamou de *estádio do espelho* – momento da evolução da criança em que ela reconhece-se na imagem do espelho (outro) e regozija-se disso. Podendo ocorrer já a partir dos seis meses de idade, o estágio do espelho configura-se como uma identificação do sujeito, um assumir de uma imagem própria unificada, mesmo tendo ainda uma impotência motora e estando ainda dependente dos pais (ou substitutos) para sobreviver.

Para o autor, esse momento de júbilo pela imagem própria, dependente do outro, representa certa antecipação da matriz simbólica onde o sujeito do inconsciente ("*Je*" ["Eu"]) "precipita-se em uma forma primordial, antes que ele se objetive na dialética da identificação ao outro e que a linguagem lhe restitua no universal sua função de sujeito" (Lacan, 1966c, p. 94).

Esse momento, cujo investimento libidinal Freud chamou de narcisismo primário, para Lacan será a base para as identificações secundárias posteriores, para o destino alienante do sujeito no outro, para suas projeções objetais, e para sua agressividade em toda relação a ser estabelecida com o outro. Outro que, sendo um duplo na imagem especular com o eu, vai se tornar objeto de amor e rival, amor que remontará ao júbilo do reconhecimento da própria imagem, rivalidade que remontará ao ciúme primordial, ambos inaugurados no estágio do espelho.

Se o eu em Freud funciona como instância que gerencia as pulsões frente as restrições da vida em sociedade, ou seja, se funciona como mediador baseado no princípio da *realidade*, em Lacan ele funciona como *desconhecimento* do sujeito, do seu desejo inconsciente, tem uma função fundamentalmente *imaginária* – na relação com o outro, o eu imagina ver-se lá onde não está, onde não é [sujeito].

---

Ao assumir o eu como espelhamento de um eu-ideal [outro], o sujeito é iludido e fica cego para tudo o que não se encaixa na imagem, segundo Vanheule & Verhaeghe (2009). Mas esse espelhamento na relação com o outro aprofunda-se, na medida em que se insere na economia do desejo do sujeito – a questão "O que ele [o outro] quer de mim?" torna-se central nesse sentido (Lacan, 1962-63/2004). Questão que o sujeito fará durante toda a sua existência, mesmo que não se dê conta disso, e que ele tenta responder com imagens assumidas para a pergunta "Quem sou eu?". Imagens, no entanto, que precisam ser reconhecidas pelo outro incessantemente.

O sujeito tenta ser idêntico, tanto quanto possível, ao que imagina ser o que o outro deseja dele – coloca-se como objeto para o outro. O outro é tomado como sendo aquele que desejaria o sujeito e este completaria a sua falta<sup>47</sup>. Ao mesmo tempo, nessa operação, o outro é tomado como objeto do desejo do sujeito, já que o sujeito deseja ser desejado por ele. É tomado como o objeto que completaria a imagem narcísica plena idealizada (imaginada) pelo sujeito dele mesmo, cuja origem reside, como discuti acima, no estágio do espelho, nesse momento narcísico primordial.

Que não haja um outro capaz de propiciar essa plenitude ao sujeito, já que a falta em questão não é de nada ou de ninguém tangível, isso não impede que o sujeito pós-moderno deseje retornar ao estado narcísico mítico imaginário de gozo de sua infância, da sua entrada no campo do outro. Não impede que ele se lance na tentativa constante e incessante de responder às questões "O que quer de mim?" e "Quem sou eu?". Não impede que ele tente, a todo custo, cultivar os pequenos e fugazes júbilos narcísicos na relação com seus semelhantes, sejam elas presenciais ou virtuais, nas redes sociais ou fora delas. Não impede que queira que o outro "curta", sem cessar, as suas inúmeras publicações no Facebook de fotos de si, das

---

<sup>47</sup> A ambiguidade de "sua falta" na frase em questão é proposital – na operação em jogo, o sujeito seria aquele que completaria a falta do outro e este, por sua vez, ao desejar o sujeito como tal, supostamente completaria a falta do sujeito.

festas a que foi, dos posicionamentos políticos que tem, da suposta vida feliz que leva. Não impede querer que o outro aprecie, admire, inveje o currículo que descreveu no LinkedIn. Enfim, não impede de desejar que o outro o deseje, ou deseje a imagem que ele, com tanto esmero, constrói e mostra.

No entanto, a frustração do sujeito nesse processo será tanto maior quanto for a sua alienação em relação ao seu próprio desejo, ao seu próprio narcisismo em jogo e à impossibilidade de sua satisfação plena.

Ou seja, existe fundamentalmente uma fragilidade narcísica no sujeito humano, e discuto, nesta pesquisa, o quanto a pós-modernidade no geral, as redes sociais em particular, a impactam, especialmente numa condição em geral socialmente atribuída como a de um lugar simbólico indesejável, de uma "ferida narcísica" para muitos sujeitos<sup>48</sup>, diria – o estar desempregado. Em muitos casos, a ferida ligada ao desemprego começa na demissão, no ter sido descartado pela empresa, mas remete possivelmente a uma castração simbólica anterior, da infância do sujeito, a uma impossibilidade primordial de gozo pleno. Mas mesmo que o sujeito não tenha sido demitido, estar desempregado (e, pressupõe-se nessa condição que esteja em busca de um emprego ou de outra fonte de renda) tende a provocar, aos poucos, à medida que o tempo passa, uma ferida narcísica. É ocupar, cada vez mais e por mais tempo, o lugar do indesejável, socialmente falando.

Fechando, então, a discussão entre os posicionamentos freudiano e lacaniano sobre o narcisismo, neste trabalho ele foi tomado como a dinâmica do sujeito de "investir" em si mesmo, numa imagem de si (no sentido mais amplo do termo), desejando ser desejado pelo

---

<sup>48</sup> Se a ferida narcísica remete a uma fragilidade da imagem que o sujeito tem de si, constituída na sua relação com o outro, mesmo que socialmente certo lugar simbólico seja desvalorizado, pode ser que alguns sujeitos singularmente "interpretem" tal lugar de outra forma, nem tanto como "ferida". A tendência, contudo, é que, quanto mais socialmente desvalorizado tal lugar for, mais facilmente os sujeitos o tomarão como mácula na sua imagem, se for ocupado por eles. E creio que o desemprego entra nessa categoria, por tudo o que vem sendo estudado dele e dos seus impactos psicossociais. Quanto mais longo for, mais verdadeiro isso se torna.

outro, desejando ser aquele que completaria a falta do outro, possivelmente visando a restabelecer um estado mítico de satisfação (gozo) primordial na infância, supostamente pleno, no tocante ao que imagina ter representado para o outro, a partir daquele momento<sup>49</sup>. Tal investimento, contudo, é sempre dependente do reconhecimento do outro, de forma que precisa ser repetido e referendado incessantemente, porque a satisfação daí advinda nunca é plena.

Essa dinâmica é imaginária pelos jogos de espelhamento com o outro, pela "cegueira" no tocante ao que está fora da imagem idealizada de si mesmo, pela alienação do sujeito no desejo de reconhecimento pelo outro. Ela é simbólica porque se dá na linguagem e através dela; porque insígnias parentais e sociais, que foram valorizadas ou fixadas subjetivamente, marcaram o sujeito, passaram a se constituir como traços de um ideal de eu a ser conquistado – na esperança de, finalmente, ser o objeto do desejo do outro, ser aquele que completaria a falta dele. É real porque está ligada a um gozo real, a um júbilo "corporal", em geral difuso<sup>50</sup>, que, em parte, escapa a quaisquer representações e signos da língua.

A figura de Narciso diante da própria imagem na poça d'água (na rede social, no caso desta pesquisa) é a própria representação da dependência, para sempre, do outro (espelho) para a configuração de uma imagem própria; da incapacidade do sujeito de afastar-se completamente dessa imagem de suposta completude possível que vislumbra na relação com o outro – seja na relação que o próprio sujeito estabelece com ele, seja na relação que um "rival" (outro usuário da rede social) estabelece. Mas, no fundo, o que Narciso de fato mais vê são os traços da sua "imperfeição", imperfeição que é só a representação aparente da impossibilidade de um gozo pleno. Imperfeição que o sujeito, sintomaticamente, tenta, a todo

---

<sup>49</sup> Ou que gostaria de ter representado para o outro, caso não tenha vivido ele mesmo isso.

<sup>50</sup> Isto é, não necessariamente estando localizado em alguma parte específica do corpo – genitais, boca, etc.- ainda que possa estar também.

custo, apagar, e repete, incessantemente, a pergunta "O que quer de mim?". Tenta agarrar-se aos pequenos júbilos que obtém – "curtidas" no Facebook, comentários elogiosos que recebe sobre o seu currículo no LinkedIn, e assim por diante. Mas no instante seguinte é esquecido novamente.

Assim, se tem de se haver com a própria frustração de não realização plena de seu idílio imagético, também é constantemente assombrado pela imagem de suposta completude dos outros (usuários) – seus rivais. E a inveja é o afeto que recobre essa rivalidade, esse "se é ele, não sou eu...".

Tendo, pois, discutido alguns conceitos teóricos que fundamentaram este trabalho, na seção seguinte serão apresentados aspectos ligados ao Método da pesquisa.

## 7 MÉTODO

Etnografias de comunidades e culturas *online* estão nos informando sobre como essas formações *online* afetam as noções do eu (*self*), como elas expressam a condição pós-moderna, e como simultaneamente libertam e restringem.

**Robert V. Kozinets**

## 7.1 Ontologia e a questão do sujeito

A questão da ontologia de uma pesquisa passa por assumir um dos seguintes pressupostos:

- O do realismo crítico: um mundo real existe, “a realidade existe mas não pode nunca ser inteiramente apreendida. É regida por leis naturais que podem ser apenas entendidas de maneira incompleta” (Guba, 1990, p. 23).
- O do relativismo: “realidades existem na forma de construções mentais múltiplas, locais e específicas, tecidas social e experiencialmente, dependentes, na sua forma e conteúdo, das pessoas que as detêm” (Guba, 1990, p. 27) [grifo do próprio autor].

Nesta pesquisa assumo o seguinte: a noção de construção social do real é um fato. Mais do que isso: podem existir inúmeras construções nesse sentido. Tal fato não implica que todas essas construções (inclusive aquelas contraditórias entre si) tenham o mesmo valor quanto a dizer o que é real, quanto a estarem corretas (ou quanto a poderem estar corretas ao mesmo tempo). Em outras palavras, o que defendo é que, em caso de visões contraditórias sobre o que é real, “na melhor das hipóteses, somente uma visão pode estar certa (claro, todas as visões podem ter aspectos que sejam confiáveis, seguros, ou todas podem estar erradas)” (Phillips, 1990, p. 41).

Portanto, o realismo crítico que assumo não descarta que diferentes visões possam ter contribuições que se complementem (acertos quanto ao que seja real), mas rejeita que visões

contraditórias tenham o mesmo valor nesse sentido. Fundamentalmente diferencia-se o que é crença, ou seja, o que se acredita ser real, do que é propriamente dito real (Phillips, 1990). Mas, uma vez que nunca seremos capazes de apreender totalmente o real, as construções sociais que faremos a respeito dele devem ser confrontadas, no sentido de rejeitar os seus aspectos que não se mostrem corretos nessa “aproximação” com ele, e devem ser complementadas, na medida em que suas contribuições parciais fazem avançar na direção dele.

Especificamente falando da pesquisa aqui em questão, isso significa que parto do pressuposto de que existem relações inconscientes estabelecidas entre o sujeito e o outro, tais como apresentadas anteriormente no que se referiu ao desejo, ao gozo, ao narcisismo. O outro entendido tanto na sua dimensão de semelhante (um contato no LinkedIn, por exemplo), quanto na sua dimensão simbólica, social mais ampla, estrutural, portanto que transcende as relações dos sujeitos individualmente falando, como discutido anteriormente. Além disso, assumo que tais relações são algo a ser apreendido, ainda que tal apreensão nunca seja total e que ela se situe no campo discursivo, não deixando de ser certa construção sobre o real. Ou seja, a realidade a que se tem acesso é construída fantasmaticamente pelos sujeitos, inclusive no que se refere a mim mesmo, como pesquisador; realidade que, portanto, é habitada pela subjetividade (Pommier, 2004) e por um contexto sócio-histórico, que inclui uma tradição de conhecimentos acumulados ao longo dos anos, pelas correntes de pensamento que atravessaram séculos e hoje se superpõem e se entrecruzam (Koyré, 1982). Portanto, não uma subjetividade singular absoluta, mas constituída e constituinte de uma ordem social do discurso, fruto de um momento sócio-histórico que vivemos.

O sujeito a ser considerado - tanto eu, como pesquisador, quanto aquele a ser pesquisado - será o que comporta uma dimensão inconsciente.

Se o sujeito é, em grande medida, efeito do outro (social) - *sujeito a* - também foi considerada a singularidade única da *sua* fantasia (fantasma) fundamental (Baudry, 1996), do *seu* conjunto de vivências sociais e do real de *seu* corpo, do *isso* freudiano, do que justamente escapa à ordem do discurso, em alguma medida.

Isso quer dizer que o sujeito aqui considerado não é mero efeito significante da estrutura, mas não deixa de ser estruturado, de certo modo, na forma e no conteúdo, no campo do outro e por ele. Assim, se esse sujeito permite delinear o que é social, traz em si algo que lhe é próprio também.

Se parto dessa visão de sujeito, é importante ressaltar que o tipo de pesquisa em questão e os instrumentos que foram utilizados não permitiram uma apreensão do incognoscível do real do corpo dos sujeitos e nem tampouco um aprofundamento em relação às questões mais singulares deles, no que se refere ao seu fantasma fundamental. Pude fazer algumas considerações e levantar algumas hipóteses nesse sentido, mas o foco foi a análise da forma e do conteúdo do discurso deles nas redes sociais, de maneira a pensar o que lhes escapa e que ligação têm com o momento social que vivemos, com esse jeito de funcionar em redes virtuais, próprio do nosso tempo.

## **7.2 Tipo de pesquisa**

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, mais especificamente pela utilização de um recorte da Psicanálise na concepção de sujeito aqui considerado e na análise dos dados que foram coletados.

A escolha da Psicanálise aplicada no âmbito da Psicologia Social como base teórica justifica-se porque o sujeito do inconsciente já traz em si a dimensão de articulação do social,

do outro e do indivíduo singular, a ponto de não se saber nunca a exata fronteira entre um e outro, embora, por outro lado, um não se reduza ao outro.

Se a relação indivíduo singular - outro está presente na concepção do sujeito do inconsciente, do sujeito dividido, a questão aqui é saber de que outro se trata, de que malhas sociais estamos falando e de que sujeitos estão sendo nelas constituídos e estão constituindo-as.

Além disso, nesta pesquisa foram utilizados instrumentos inspirados no que vem sendo chamado de netnografia – “prática *online* da etnografia” (Kozinets, 2006, p. 279). Tal prática foi desenvolvida na área de pesquisa de marketing e de consumidores, a partir de campos como a antropologia e a sociologia, para levar em conta as atividades e os encontros sociais das pessoas na internet ou realizados através de outras formas de comunicação mediadas pela tecnologia, segundo Kozinets (2010).

O autor afirma que tal abordagem de pesquisa é adaptada para estudar fóruns, *chats*, blogs, entre outros, incluindo redes sociais virtuais (os chamados *sites* de rede social ou SNS – *Social Networking Sites*). Se tem alguma relação com a etnografia tradicional, a experiência de estudar fenômenos *online* é diferente daquela, a começar pelo fato de que as experiências sociais face a face são diferentes daquelas realizadas *online* (Kozinets, 2010).

De acordo com o autor, haveria três diferenças importantes entre a etnografia tradicional e a netnografia.

A primeira delas diz respeito à entrada (*entrée*) no campo a ser estudado. Além disso, as noções de *participação* e *observação* não são as mesmas na realidade virtual. Entre outros aspectos, enquanto na etnografia tradicional o pesquisador interage presencialmente com os membros da comunidade que quer estudar, na netnografia ele o faz de forma virtual. Isso certamente provoca alguma diferença na relação estabelecida com as pessoas, difícil de ser mensurada e prevista, eu diria – algumas tenderão a abrir-se mais no contato pessoal, por

exemplo, outras o farão mais no contato virtual, outras ainda poderiam ser indiferentes ao tipo de contato realizado.

A segunda diferença é no que se refere à coleta de dados e às anotações de campo: a quantidade de dados pode ser bem variada e tem-se a possibilidade de uso de técnicas e ferramentas de análise de dados que já estão digitalizados. Por último, os aspectos éticos também mudam, já que as orientações de consentimento livre e informado passam a ter um leque razoável de interpretações possíveis (Kozinets, 2010).

Ressalta-se, contudo, que Kozinets (2010) atribui à etnografia tradicional a característica de ser flexível e adaptável a diferentes contextos e que, portanto, não necessariamente haveria a necessidade de se cunhar um novo termo para a modalidade de pesquisa *online*. Cita, inclusive, que outros autores utilizam denominações como etnografia virtual, webnografia, etnografia digital e ciberantropologia.

Se digo que alguns dos instrumentos que utilizei foram *inspirados* na netnografia é porque não realizei a pesquisa em nenhuma comunidade ou fórum específico da internet, mas acompanhei alguns usuários do Facebook e do LinkedIn que estavam em situação de desemprego. Dessa forma, não se pode dizer que constituíam uma comunidade no seu senso estrito e por isso não se tratou de uma netnografia estrita, ainda que Kozinets (2010) inclua a possibilidade de aplicar a abordagem a pesquisas em *sites* de redes sociais. Nesse sentido não esperava que houvesse, necessariamente, alguma convergência de resultados que seria encontrada numa comunidade.

Seja como for, a essência da netnografia para Kozinets (2010) é ser uma abordagem participativa para o estudo da cultura e de comunidades *online*, diferenciando-a da mera coleta e codificação de dados *online*. E, como apresentarei a seguir, a minha pesquisa teve um cunho de interação com os sujeitos, e não só de observação silenciosa e de coleta de dados relativos ao discurso deles nas redes sociais.

### 7.3 Instrumentos

Os instrumentos que utilizei na pesquisa foram:

- Observação e coleta de dados de perfis (*posts*, descrição, fotos de apresentação, etc.) de usuários do Facebook e do LinkedIn que estiveram em situação de desemprego;
- Entrevistas abertas com esses usuários através de mensagens privadas trocadas com eles por meio das próprias redes sociais;
- Anotações de campo.

Descrevo, a seguir, como foi o procedimento de uso deles.

### 7.4 Procedimentos

O acompanhamento dos usuários em situação de desemprego foi feito por uma observação sistemática e pelo registro do seu discurso nas redes virtuais em questão, sobretudo no que se referia a:

- Dados que publicavam a seu respeito e se eles eram mudados ao longo do tempo;
- *Posts* que publicavam ou comentários que faziam sobre *posts* de outros, tanto no que se referia à frequência com que o faziam, mas sobretudo em relação ao seu conteúdo.

O primeiro acompanhamento iniciou-se em janeiro de 2012 e terminou em outubro de 2013, junto com os demais, que foram entrando na pesquisa durante esse período. Mesmo quando os sujeitos conseguiam um novo emprego, eu continuava a acompanhá-los, a fim de

verificar possíveis alterações nas suas publicações, no seu perfil, no seu discurso de maneira geral.

Eu já era usuário tanto do Facebook, quanto do LinkedIn, e a coleta de dados foi feita pela cópia direta de conteúdos da página pessoal dos sujeitos envolvidos nas duas redes sociais, utilizando-se o recurso de *printscreen* (cópia em forma de imagem de tudo o que aparece na tela do computador) e posterior colagem num editor de texto (Microsoft Word). Também foi feita por registro do que foi sendo observado (anotações de campo).

O Facebook mantém um registro de toda a atividade de seus usuários – a Linha do Tempo – como já descrevi anteriormente. Isso foi muito útil no sentido de resgatar publicações anteriores à data de quando comecei a acompanhar cada um dos sujeitos na rede social, principalmente porque eles foram demitidos antes de eu começar tal acompanhamento. Como eu queria verificar mudanças nas publicações deles, se comentaram algo sobre a demissão e assim por diante, era necessário verificar os *posts* do passado.

No LinkedIn essa funcionalidade da Linha do Tempo não existe, embora as atualizações dos usuários fiquem visíveis para os seus contatos durante 15 dias. Isso significa que, nessa rede social, não pude ver como era, por exemplo, o título do perfil antes da demissão do sujeito e tampouco se ele publicou algo na rede naquela ocasião. Apesar disso, imagino que a perda de informação não tenha sido grande, até porque poucas pessoas publicam coisas no LinkedIn (no caso da pesquisa, apenas um dos sujeitos o fez), sendo a rede usada muito mais para uma exibição de currículo *online*.

No que se refere ao acompanhamento, os sujeitos não foram avisados previamente que suas ações na rede e seus conteúdos estavam sendo pesquisados, a fim de que o conhecimento do fato não interferisse diretamente na maneira como se comportavam, no que enunciavam e na forma como o faziam. Tratou-se, pois, de um procedimento de *covert research*, similar ao

utilizado por Schaap (2002), que sondou uma comunidade virtual antes de efetivamente dela participar.

Posteriormente, depois de vários meses de coleta "silenciosa" de dados, entrei em contato com quase todos os sujeitos (oito deles)<sup>51</sup>, informando-os sobre a pesquisa. Com aqueles que concordavam em participar dela (no fim das contas, cinco deles), ainda inspirado na netnografia e na etnografia tradicional como sua base, conduzi diálogos informais (que poderíamos chamar de “entrevistas netnográficas”), usando a própria rede para tal (mensagens no Facebook e no LinkedIn). O objetivo era complementar a observação do discurso dos sujeitos, tentando captar como viviam a condição de usuários da rede social, em particular estando em situação de desemprego. Descobrir no que acreditavam, o que faziam com o tempo que tinham e, sobretudo, como se sentiam – se estavam bem ou não, se choravam, se riam, como era a relação com os amigos e assim por diante, de maneira similar à como Delamont (2004) descreveu o trabalho de campo e a observação participativa da etnografia, que envolve uma mistura de observação e entrevista.

É importante frisar que parti do pressuposto de que os mundos virtual e presencial (*online* e *off-line*) não são necessariamente realidades separadas, podendo ser considerados um *continuum* da mesma realidade (Noveli, 2010) ou uma mescla de duas realidades que se fundiram (Kozinets, 2010).

Nesse sentido, mesmo que os *posts* de determinado usuário não tivessem manifestamente nenhuma relação com o que ele estava sentindo de fato, como me relatou de maneira privada, ou mesmo que houvesse mentiras no seu perfil, por exemplo, ainda assim aquele discurso no Facebook e no LinkedIn diziam respeito ao sujeito de carne, osso e psique em questão e também ao contexto social em que está inserido.

---

<sup>51</sup> Ver discussão a esse respeito adiante.

Os diálogos com os sujeitos (mensagens trocadas com eles) foram realizados começando-se por avisá-los de que eu estava conduzindo uma pesquisa de pós-graduação sobre o tema de pessoas que estão ou estiveram em situação de desemprego, em particular no que se referia à sua atividade nas redes sociais, e que gostaria de convidá-los a participar anonimamente dela.

Depois disso, eu começava com uma pergunta mais aberta: “*Como tem sido para você o contato com as pessoas pelo Facebook e pelo LinkedIn?*”. A partir do que respondiam, fazia questões mais específicas, visando a explorar a relação deles com a própria rede e com os seus contatos nela, em particular no período em que estiveram desempregados.

A ideia dos diálogos era também comparar o que iam dizer manifestamente sobre a rede e sua relação com os contatos, e seu discurso como usuários dela, o tipo de conteúdo que veiculavam, se veiculavam e assim por diante. Permitir aos sujeitos não só se expressar e revelar indícios de aspectos singulares deles, mas também das relações inconscientes estabelecidas na sociedade em que vivemos e, em particular, no laço social da rede virtual.

Os diálogos foram conduzidos ao longo do período em que fiz o trabalho de campo (isto é, o acompanhamento dos sujeitos). Sempre que me surgiam novas questões ou dúvidas, eu entrava em contato novamente, assim como para saber se continuavam em situação de desemprego, como estavam se sentindo e assim por diante.

Ao final do processo, solicitei, formal e explicitamente, a todos os sujeitos que entrevistei na pesquisa (cinco pessoas, de um total de dez) autorização para usar, na Tese, as mensagens que trocamos de forma privada e todo o conteúdo das páginas deles no Facebook e no LinkedIn (*posts*, etc.) (ver Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Apêndice I).

Dos cinco outros casos que acompanhei – os quais incluí num capítulo "Outros casos"<sup>52</sup> – usei na pesquisa apenas o material que publicaram nos seus perfis como sendo "público", ou seja, o que qualquer pessoa com acesso à internet consegue ver, se entrar nos perfis deles. O que aconteceu com esses casos foi o seguinte:

- Três não responderam às minhas mensagens perguntando se gostariam de participar da pesquisa. Destes, apenas um aceitou entrar como meu "contato"/"amigo" no LinkedIn e no Facebook. Mesmo assim não respondeu às minhas mensagens, o que me levou a incluí-lo no capítulo "Outros casos", em que discuto apenas bem genericamente alguns aspectos que observei, descrevendo-o juntamente com os outros quatro sujeitos, sem entrar em qualquer detalhe que fosse.
- Os dois sujeitos restantes entraram na pesquisa apenas com os dados que publicaram nas redes sociais<sup>53</sup>. Com eles não tentei fazer contato para entrevista. A razão disso foi o fato de eu ter uma relação pessoal ou profissional um pouco mais próxima com eles, o que fez com que não me sentisse à vontade para entrevistá-los.

A ideia, com o uso desses instrumentos acima descritos, era valer-me de certa “bricolagem”, produzir um “conjunto de representações que reúne peças montadas que se encaixam nas especificidades de uma solução complexa”, sendo o resultado uma construção do real que “sofre mudanças e assume novas formas à medida que se acrescentam diferentes instrumentos, métodos e técnicas de representação e de interpretação a esse quebra-cabeça” (Denzin & Lincoln, 2006, p. 18).

---

<sup>52</sup> Ver análise de todos eles nos capítulos seguintes, tanto os casos que são discutidos um a um, quanto esses que foram agrupados em "Outros casos".

<sup>53</sup> Também com eles não entrei em nenhum tipo de detalhe na descrição feita no capítulo em que aparecem – "Outros casos".

Uma vez que nunca teremos uma apreensão total do real, conforme discutido anteriormente, podemos conhecer algo somente por suas representações. Assim, o “uso de múltiplos métodos, ou da triangulação<sup>54</sup>, reflete uma tentativa de assegurar uma compreensão em profundidade do fenômeno em questão” (Denzin & Lincoln, 2006, p. 19).

## **7.5 Grupo de sujeitos participantes**

A escolha de sujeitos para o projeto foi intencional, oposta à amostragem estatística, preocupada com a representatividade de uma amostra em relação à população total (Turato, 2003). Foram escolhidas pessoas que estavam desempregadas e tinham um perfil de usuário ou no Facebook ou no LinkedIn ou em ambos.

A intenção não era generalizar nenhum resultado da pesquisa, o que seria válido se fosse cobrir uma amostra estatística significativa de pessoas em situação de desemprego nas redes sociais. Pretendia, simplesmente, analisar alguns casos de sujeitos nessa condição e ver do que deles se podia concluir, no laço social virtual em questão, dando-se uma indicação de possível ocorrência em outros casos e em outros contextos. Sendo assim, os sujeitos selecionados não tiveram ligação entre si, a rigor, exceto pelo fato de estarem desempregados e de terem perfil nas redes sociais. Para iniciar o processo de seleção deles, falei com alguns contatos meus, por e-mail ou pessoalmente, pedindo indicação de conhecidos que estivessem desempregados. Ao longo da pesquisa, repeti esse processo algumas vezes.

---

<sup>54</sup> Visão a partir de diferentes perspectivas. Alguns autores preferem a analogia com o cristal, por ser multifacetado, por refletir o mundo externo, por refratar-se dentro de si mesmo (Denzin & Lincoln, 2006). Independentemente da analogia usada, a ideia era justamente ter diferentes e múltiplas perspectivas na análise em questão, pelo uso de diferentes instrumentos.

Algumas indicações eu já tinha como membros da minha lista de "amigos" do Facebook ou "conexões" do LinkedIn, outras tive de fazer o convite para que se tornassem meus contatos nessas redes sociais. Além disso, as indicações de pessoas nem sempre deram certo – algumas ignoraram minhas tentativas de contato, como já mencionei antes.

É importante ressaltar que, considerando as relações inconscientes entre sujeitos como sendo inextricavelmente sociais e singulares, isso implica que o resultado da pesquisa dependeu daqueles que foram selecionados para ela e do tipo de relação que estabeleceram comigo (no contato privado por mensagens, por exemplo). Ou seja, se fossem outros sujeitos selecionados, provavelmente haveria alguma variação no resultado.

Seja como for, parto do pressuposto de que havia algo de *essencial* a ser captado, ainda que de forma aproximada apenas, ainda que não possamos definir a fronteira, de forma absoluta e definitiva, entre o que é singular, o que é social e o que foi produzido na ocorrência concreta do contato entre mim e os pesquisados.

Pensando na variação a que me refiro acima, tanto quanto possível, procurei selecionar sujeitos que representassem diferenças de posição hierárquica anteriormente ocupada, de faixa etária, de gênero e de cor ou raça (segundo o conceito social do termo). Tais variáveis justificavam-se por estudos que as apontam como significativas no contexto do mercado de trabalho (por exemplo, Abramo, 2004; Santos, 2005). Contudo, a diversidade a que eu pretendia chegar visava, tão somente, a oferecer algum contraste na análise.

O número de sujeitos não foi definido *a priori*, mas durante o processo de realização da pesquisa de campo, levando-se em conta as regras de:

- Representatividade - diferentemente da amostragem estatística, busca-se destacar informantes significativos sobre o assunto pesquisado. A seleção dos participantes decorre, sobretudo, da preocupação de que o grupo de sujeitos contenha e espelhe certas dimensões do contexto (Fontanella et al., 2008). No caso desta pesquisa, a

escolha dos participantes levou em conta alguns aspectos que estão em jogo no mercado de trabalho, tal como descrevi acima;

- Homogeneidade - presença de atributos definidos como essenciais em todos os sujeitos participantes (Turato, 2003). No caso específico, de estarem desempregados e de possuírem perfis no Facebook ou no LinkedIn, e;
- Saturação teórica - a coleta de dados seria interrompida quando se constatasse “que elementos novos para subsidiar a teorização almejada (ou possível naquelas circunstâncias) não são mais apreendidos a partir do campo de observação” (Fontanella et al., 2011).

No final das contas, foram selecionados dez sujeitos – onze, se considerarmos o meu próprio caso, já que analisei alguns aspectos meus também, como discutirei adiante. Todos eles eram residentes no Estado de São Paulo, na capital ou no interior.

A Tabela 7.1 mostra os sujeitos selecionados em função das variáveis de representatividade escolhidas e a Tabela 7.2 mostra o período em que eles foram acompanhados.

**Tabela 7.1 – Perfil dos sujeitos selecionados de acordo com as variáveis de representatividade escolhidas**

Sujeitos na sequência em que foram entrando na pesquisa <sup>i</sup>	Posição hierárquica no emprego antes da demissão	Faixa etária quando demitido	Gênero	Cor ou raça <sup>ii</sup>	Desemprego	
					Início	Final <sup>iii</sup>
Antônio	Gerente	30 – 39 anos	masculino	branca	mai/2006 dez/ 2010	abr/2007 abr/2011
Francisco	Gerente	50 – 59 anos	masculino	branca	ago/2011	out/2013 <sup>iv</sup>
Fabio	Coordenador	? <sup>v</sup>	masculino	branca	set/2011	?
Teo	Alto executivo	? <sup>vi</sup>	masculino	branca	out/2010	-
Leila	Atendente	30 – 39 anos	feminino	negra	jan /2012	fev/2013
Edmilson	Analista	? <sup>vii</sup>	masculino	branca	mai/2011	?
Guilherme	Estagiário	20 – 29 anos	masculino	branca	abr/2012	ago/2013
Beatriz	Consultora	? <sup>viii</sup>	feminino	branca	ago/2012	começo 2013
Bruno	Gerente	40 – 49 anos	masculino	branca	jul/2012	mai/2013
Roberta	Analista	30 – 39 anos	feminino	branca	jan/2013	-
Lúcio	Gerente	40 – 49 anos	masculino	branca	mar/2013	-

---

<sup>i</sup> Nomes fictícios, exceto o meu mesmo.

<sup>ii</sup> O IBGE (2008) adota a resposta do pesquisado sobre sua cor ou raça para contabilização de suas estatísticas. Não fiz essa pergunta aos sujeitos participantes desta pesquisa. A indicação da cor ou da raça deles aqui foi baseada em como *imagino* que responderiam e como a sociedade possivelmente os vê. Se quis incluir essa variável na pesquisa foi justamente para verificar se haveria alguma diferença no caso de negros (pretos e pardos), tal como a literatura nos aponta (Abramo, 2004; Santos, 2005). Também não fiz distinção entre brancos e amarelos (orientais). Não houve casos de indígenas na pesquisa.

<sup>iii</sup> Um ponto de interrogação indica que não tenho a informação sobre se o sujeito conseguiu um novo emprego ou não. Um traço ("-") indica que continua desempregado.

<sup>iv</sup> Segundo o que me relatou, depois de algum tempo estando em situação de desemprego, Francisco desistiu de buscar um emprego formal. Como vou descrever nos capítulos sobre os resultados da pesquisa, ele havia conseguido aposentar-se e arrumou, ao longo do tempo que o acompanhei, alguns trabalhos pontuais e esporádicos (algumas aulas e palestras). Mas só em outubro de 2013 conseguiu algo mais estável – um trabalho numa consultoria. Por isso foi a data que considerei.

<sup>v</sup> Possivelmente entre 40 – 49 anos, pelo histórico no LinkedIn.

<sup>vi</sup> Possivelmente entre 40 – 49 anos, pelo histórico no LinkedIn.

<sup>vii</sup> Possivelmente entre 30 – 39 anos, pelo histórico no LinkedIn.

<sup>viii</sup> Possivelmente entre 20 – 29 anos, pelo histórico no LinkedIn.

**Tabela 7.2 – Período de acompanhamento dos sujeitos da pesquisa**

		Francisco	Fabio	Teo	Leila	Edmilson	Guilherme	Beatriz	Bruno	Roberta	Lúcio
<b>2012</b>	jan	X	X								
	fev	X	X	X							
	mar	X	X	X							
	abr	X	X	X	X						
	mai	X	X	X	X						
	jun	X	X	X	X						
	jul	X	X	X	X						
	ago	X	X	X	X						
	set	X	X	X	X						
	out	X	X	X	X						
	nov	X	X	X	X	X	X				
	dez	X	X	X	X	X	X				
<b>2013</b>	jan	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
	fev	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
	mar	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
	abr	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
	mai	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
	jun	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	jul	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	ago	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	set	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	out	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	nov										
	dez										

X = acompanhamento realizado

## 7.6 Tratamento dos dados

Em relação ao tratamento dos dados, a partir do material coletado com os primeiros sujeitos selecionados, fui chegando a algumas constatações e uma teoria "frouxa" foi desenvolvida (Turato, 2003), amparada na definição de sujeito discutida acima (isto é, um primeiro esboço de teoria foi desenhado).

À medida que mais sujeitos foram selecionados e mais material foi coletado, o esboço de teoria desenvolvido anteriormente foi sendo revisado. O processo repetiu-se algumas vezes, sempre com o intuito de verificar se o que constatei com um dos sujeitos era verificado em outros ou não, e se constatava novos aspectos para os sujeitos que iam entrando na pesquisa.

Fontanella et al. (2011) propuseram um passo a passo para a verificação de saturação teórica do grupo de participantes de determinada pesquisa e para o tratamento de dados coletados. Ainda que tenham pensado a sistemática para a aplicação em pesquisas com mais de um pesquisador e usando entrevistas, sendo que cada entrevista representa um novo sujeito no grupo de participantes, ela pôde ser adaptada, sem grandes modificações, às condições em que esta pesquisa ocorreu. O passo a passo ficou tal como mostrado na Tabela 7.3.

**Tabela 7.3 – Passo a passo para a constatação da saturação teórica de grupo de participantes da pesquisa e para o tratamento dos dados coletados.**

<b>Passos</b>	<b>Descrição</b>
Passo 1: Coletar os dados “brutos”	O pesquisador coleta e registra os dados "brutos".
Passo 2: “Imergir” em cada registro	São feitas leituras visando identificar núcleos de sentido nas manifestações dos sujeitos participantes.
Passo 3: Compilar as análises individuais	Compilam-se os temas e tipos de enunciados identificados no material coletado com cada participante, separando-os em categorias (novas ou anteriormente definidas).
Passo 4: Reunir os temas ou tipos de enunciados para cada pré-categoria ou nova categoria	Aqui os temas ou tipos de enunciados são o foco: depois de analisar o material de cada participante, agregam-se os trechos de discurso considerados exemplares dos núcleos de sentido identificados.
Passo 5: Codificar ou nominar os dados	Nominação dos temas e dos tipos de enunciados contidos em cada pré-categoria ou nova categoria.
Passo 6: Alocar (numa tabela) os temas e tipos de enunciados	Agregando-os para cada (pré-) categoria e destacando quando se deu a primeira ocorrência.
Passo 7: Constatar a saturação teórica para cada pré-categoria ou nova categoria	Isso ocorre quando novos temas ou tipos de enunciados não são, de maneira consistente, acrescentados com novos participantes.
Passo 8: “Visualizar” a saturação	Transformação da tabela em um gráfico, possibilitando, para cada categoria analisada, uma constatação visual da “saturação”.

A seleção de novos sujeitos foi interrompida quando se chegou a algum nível de saturação teórica (vide capítulo "Análise Horizontal dos resultados"). Isso não implica que o assunto tenha se esgotado. Aliás, um dos pontos a que cheguei é que os modos de posicionar-se dos sujeitos e o seu discurso nas redes sociais variam consideravelmente, que pouca coisa

pode ser considerada como "padrão"<sup>55</sup>. Com isso, se incluísse mais sujeitos, provavelmente haveria algum aspecto ou outro novos, mas não me parece que seriam tão relevantes em relação à tese central a que cheguei a partir dos casos que analisei – de certa ferida narcísica pela condição de os sujeitos estarem desempregados e da construção de imagens de si nas redes sociais que não expressam manifestamente essa ferida, mas que, pelo contrário, tentam tamponá-la.

Novos sujeitos seriam relevantes se quisesse uma generalização estatística dessa tese. Nesse caso, um número consideravelmente maior deles seria necessário, o que talvez permitisse também detectar padrões mesmo dentro da diversidade de modos de posicionar-se e de conteúdo dos discursos dos sujeitos. Mas esse não era o escopo desta pesquisa.

Isso posto, é evidente que os resultados aqui encontrados não podem ser generalizados de maneira absoluta. Tampouco posso afirmar que não existem contraprovas das conclusões em outros contextos. Os resultados representam, ainda assim, uma contribuição para a compreensão do que foi estudado, no contexto e nas condições em que a pesquisa ocorreu.

A análise e a interpretação dos dados coletados nas entrevistas levaram em conta a forma *como* o discurso foi enunciado, o que mostra no dizer além do que foi dito em si; a busca por legitimação, por reconhecimento no que se diz, no como se diz; os lugares a partir dos quais os enunciados são proferidos (Maingueneau, 2000); os lapsos, as hesitações, as contradições, as repetições, as denegações (Freud, 1901/1981i, 1925/1981j). Mas levou em conta também o conteúdo do discurso, *o que* foi dito, o sentido manifesto veiculado, e

---

<sup>55</sup> A diversidade que busquei na seleção dos sujeitos tinha um pouco o objetivo de verificar a existência de padrões ou de ressaltar as diferenças.

também a possibilidade de outros sentidos, dada a dimensão inconsciente anteriormente discutida.

## **7.7 Cuidados éticos na condução da pesquisa**

Por se tratar de uma pesquisa que envolvia humanos, alguns cuidados éticos deviam ser tomados. Segundo a Resolução 196/96 (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CONEP, 1996), os sujeitos participantes de uma pesquisa devem dar seu consentimento de participação de forma livre e esclarecida. O esclarecimento aos sujeitos deve apontar a justificativa, os objetivos da pesquisa, os procedimentos que nela serão utilizados, assim como os desconfortos, os riscos possíveis e os benefícios esperados. Também deve garantir a liberdade dos participantes de se recusarem a participar da pesquisa, ou de retirar seu consentimento, em qualquer fase dela, bem como deve garantir o sigilo das informações prestadas, de modo a assegurar a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes.

Outro cuidado que a Resolução 196/96 prevê é garantir o retorno dos benefícios, obtidos através da pesquisa, às pessoas e às comunidades com as quais foi realizada, seja em termos de retorno social, seja em termos de acesso aos procedimentos, produtos e agentes da pesquisa.

Neste trabalho, o esclarecimento aos participantes e o pedido a eles de consentimento explícito em relação à sua participação (Apêndice I) foram feitos apenas no caso em que

realizei diálogos informais ("entrevistas netnográficas") com os participantes, através de mensagens privadas escritas trocadas com eles.

O pedido explícito de consentimento foi feito apenas após a realização da maior parte dos diálogos com os sujeitos e da coleta de dados restritos deles nas redes, de maneira a minimizar a influência que o saber da natureza da pesquisa pudesse gerar no que fariam ou diriam a partir daquele momento no Facebook e no LinkedIn. Evidentemente que existia o risco de que alguns sujeitos desistissem de participar da pesquisa, depois que soubessem de sua natureza. Contudo, valia a pena correr esse risco pelo bem do resultado em termos metodológicos, ainda que pudesse haver a necessidade de retrabalho e de busca por outros sujeitos, caso houvesse desistência posterior de alguns deles<sup>56</sup>.

Com relação aos sujeitos a quem não foi pedido termo de consentimento livre e esclarecido, apenas o que era de domínio público nas redes sociais foi usado como material de pesquisa. Ainda assim, suas identidades não foram e não serão reveladas, e os cuidados em relação a assegurar a sua privacidade, a proteção da imagem deles e a sua não estigmatização foram devidamente tomados.

Outra questão que se colocava frente aos cuidados éticos era justamente o retorno, aos participantes, das conclusões da pesquisa ou da análise do discurso deles, individualmente ou no conjunto deles. Ora, sendo uma pesquisa pautada na Psicanálise e buscando aspectos inconscientes envolvidos no laço social em questão, na articulação entre a dimensão subjetiva singular e a social, alguns pontos indesejáveis, incômodos, rejeitados ou não simbolizados

---

<sup>56</sup> Como apresentei anteriormente, não houve propriamente desistência de sujeitos, mas alguns deles ignoraram minhas mensagens, o que inviabilizou o uso de conteúdo privado deles nas redes sociais e de saber como, de fato, estavam se sentindo na condição de estarem desempregados.

pelos sujeitos poderiam aparecer. Se a emergência de outra possibilidade de sentido e de verdade tende, via de regra, a beneficiar o sujeito, senão imediatamente, em algum momento posterior, isso não é garantido. Pode haver, não só um rechaço total do sujeito em relação ao que foi posto, quanto o surgimento de efeitos sintomáticos prejudiciais a ele e até de processos psicopatológicos latentes.

Assim, é evidente que estava em causa não só o cuidado na elaboração das conclusões da pesquisa, de forma a preservar a saúde psíquica dos sujeitos envolvidos, mas também o cuidado na maneira de transmitir a eles os resultados obtidos, caso o quisessem.

## **8 RESULTADOS DA PESQUISA - DESEMPREGADOS NAS REDES SOCIAIS**

*Tem gente que olha para mim e me pergunta: "Como você consegue ficar desempregada sendo da área de tecnologia (tem um monte de empregos)?"*

*Meu Deus! Esta pergunta me ofende, me humilha, me faz me sentir a pior das piores. É óbvio que não estou desempregada (do mundo corporativo) porque quero... (...)*

*É complicado falar sobre sentimentos... Estou escrevendo e chorando ao mesmo tempo. Alivia, mas faz com que eu toque em feridas que às vezes eu gostaria que não estivessem incomodando...*

*Não sei mais o que fazer! Eu olho para meus e-mails e nada... Isto me consome aos poucos...*

**Roberta (nome fictício, sujeito participante da pesquisa)**

(mensagem privada)

*O vazio, a saudades, a descoberta, a redescoberta, o começo, o recomeço, o novo começo, o fim, o novo fim, será que tem fim, que fim, é nascimento, é renascimento, conquistas, reconquista, "auto-conquista" algumas perdas, muitos ganhos, é a espera, é a descoberta, é uma certeza, sou eu, sou 13, sou o dragão, sou, serei, espero, esperarei, tudo vem, tudo bem.*

**Bruno (nome fictício, sujeito participante da pesquisa)**

(post no Facebook)

## **8.1 Análise vertical dos resultados – descrição caso a caso**

### **8.1.1 A entrada no campo e o primeiro caso – eu mesmo**

Entrei para o LinkedIn em fevereiro de 2004. A rede começava a se popularizar no meio organizacional. Ainda era toda em inglês, e funcionava como um currículo *online*, sem contar que representava uma lista de contatos profissionais, a serem acionados se necessário fosse (entenda-se, para conseguir outro emprego, ser recomendado para alguma vaga, exibir recomendações feitas por colegas, pedir indicações, etc.). Num tempo em que a instabilidade no emprego em grandes organizações privadas no Brasil possivelmente já era a regra, ter uma

rede assim tornava-se um discurso frequente dos gurus e conselheiros de plantão nas áreas de gestão e de recursos humanos<sup>57</sup>.

Eu era gerente numa multinacional de telecomunicações nessa época, e a empresa passava por momentos um pouco difíceis. Desde 2001 já haviam ocorrido muitas demissões e elas continuariam pelos anos seguintes. Não me sentia exatamente seguro no meu emprego, por isso não queria deixar de me precaver e construir a minha rede virtual, baseada nos contatos presenciais que tinha.

Em paralelo a isso, vinha fazendo minha formação em Psicanálise, havia alguns anos, junto com a minha análise pessoal. Preparava-me para clinicar em breve e sonhava em viver financeiramente só da clínica, dali a alguns anos, deixando para trás a vida em empresas, vida que, já havia algum tempo, não me atraía muito.

O fato é que, em 2004 mesmo, comecei a clinicar e, dois anos mais tarde, fui demitido da empresa. Não consegui escapar daquela nova onda de demissões e de enxugamento das áreas da empresa. Bateu-me um grande medo em relação ao futuro, a como poderia me sustentar financeiramente, se conseguiria um novo emprego. A clínica ia bem, mas estava muito longe de me dar os recursos financeiros a que estava acostumado.

#### ***8.1.1.1 O desconforto com o cargo a declarar no LinkedIn***

A demissão trouxe-me uma inquietação no que se referia ao LinkedIn: já explicitaria que tinha saído da empresa? Que cargo colocaria no meu perfil? Afinal, as pessoas veriam

---

<sup>57</sup> Regra que era reforçada por tal discurso, evidentemente.

que eu estava desempregado – como ficaria a minha imagem para elas diante daquela ferida narcísica?

Foi então que me veio a ideia de colocar o meu trabalho com clínica, afinal eu era um psicanalista. Não estou certo se atualizei meu perfil imediatamente depois, mas em algum momento mencionei que tinha saído da multinacional em que trabalhava e que agora trabalhava no “Consultório Particular”, cargo “psicanalista”.

Pouco tempo depois iniciei meu mestrado em Psicologia Social. O sonho de fazer Psicologia na graduação seria agora realizado na forma de pós-graduação.

Nessa época não estava procurando emprego, não mandava currículos para vagas ou empresas. Vivía da clínica e das minhas reservas financeiras. Mas estava muito angustiado, pois a situação não se sustentaria por muito tempo – precisava aumentar minha renda, pois gastava mais do que recebia.

Surgiu, então, a ideia de abrir uma consultoria em gestão de pessoas com uma amiga, depois que uma empresa de recolocação profissional ofereceu-nos a possibilidade de fazermos atendimento a pessoas que estavam em situação de desemprego. Não eram atendimentos propriamente clínicos, mas levávamos um olhar psicanalítico e um acolhimento clínico a eles. Em paralelo a isso, desenvolvemos alguns "treinamentos" de liderança com enfoque psicanalítico.

Cerca de um ano depois, resolvi desfazer a sociedade e voltar a procurar um emprego – não suportava mais aquela angústia de ter receitas menores que despesas, de ver minhas reservas financeiras diminuírem todo mês, mesmo com todos os cortes de gastos que eu havia me imposto.

Foi então que, em agosto de 2008, fui convidado por um ex-colega de trabalho a assumir uma gerência num instituto de pesquisa e desenvolvimento. Por ser uma empresa sem fins lucrativos, por se preocupar com o bem-estar de seus funcionários, com as relações humanas entre eles, gostei dela, apreciava realmente trabalhar lá. Tinha bastante autonomia, pude implementar uma série de projetos que tinha em mente, pude falar bastante sobre psicanálise aplicada às organizações. De fato, foi um período profissional bastante bom.

Contudo, a empresa tinha seus problemas também. Mergulhou numa grave crise financeira, fruto, sobretudo, da crise por que o mundo passava em 2008, 2009. Ondas de demissões começaram e eu revivia o que vivera na multinacional em que trabalhei, anos antes. Ao final de 2010, a empresa tinha apenas cerca de  $\frac{1}{4}$  do número de funcionários que chegou a ter em 2008 – de mais de 400 deles, restavam agora um pouco mais de 100.

Fui demitido em dezembro de 2010, quando já tinha decidido parar com a clínica<sup>58</sup> e estando no primeiro ano do doutorado. Veio novamente a dúvida sobre o que colocar no meu perfil do LinkedIn. Não o atualizei imediatamente, mas após alguns meses, inseri a minha saída do instituto de pesquisa e desenvolvimento e atualizei o título do meu perfil para “Doutorando e mestre em Psicologia Social”.

Nessa época o meu projeto de pesquisa dizia respeito às relações inconscientes entre sujeitos e melhores empresas para trabalhar no Brasil, tema que dava continuidade ao meu mestrado. Não estava exatamente contente com ele, já que imaginava que chegaria a conclusões muito semelhantes às que tinha chegado anteriormente. Aliado a isso, houve também um episódio de uma tentativa frustrada de doutorado-sanduíche na França e um

---

<sup>58</sup> As razões que me levaram a deixar de clinicar foram muito pessoais e não tinham relação direta com a própria clínica, ainda que não fossem completamente dissociadas desta.

questionamento meu sobre a utilidade da minha pesquisa. Com isso tudo, quis pensar num outro tema de pesquisa – foi daí que surgiu a coisa das redes sociais e, em particular, da questão das pessoas em situação de desemprego nelas.

Comecei a observar perfis, no LinkedIn, de algumas pessoas conhecidas minhas que estavam desempregadas. Notei que algumas mantinham o cargo nas empresas em que estavam, mesmo tendo sido desligadas meses ou até anos antes; que outra pessoa tinha colocado reticências no título do perfil, que outra ainda havia explicitado que estava em busca de uma “oportunidade”, enfim. Fiquei pensando que, como eu mesmo havia experimentado certo desconforto no que se referia à minha imagem na relação com o outro na rede social, à ferida narcísica que o estar desempregado representava, parecia-me que algum desconforto semelhante também ocorria em outras pessoas.

Foi então que resolvi estudar e investigar as relações inconscientes dos sujeitos em situação de desemprego com o outro nas redes sociais.

O segundo caso que comecei a observar no LinkedIn, se considero o meu próprio como sendo o primeiro, foi o de Francisco, que descreverei no capítulo a seguir. Este era bastante ativo na rede, como apresentarei, ainda que de um modo peculiar. Mas depois de alguns meses silenciou-se e a sua atividade *online* passou a ser muito esporádica, às vezes fazendo uma conexão nova com outro usuário (convidando-o ou aceitando o convite dele, não dá para saber), às vezes inscrevendo-se numa nova comunidade, em geral ligada à busca de emprego, a *headhunters* ou a consultorias de recrutamento e seleção.

### ***8.1.1.2 Perfil no LinkedIn que não muda e a discrepância em relação ao do Facebook***

Comecei a observar informalmente alguns perfis no LinkedIn de outros usuários que estavam em situação de desemprego, além de Francisco, e o perfil deles permanecia quase sempre o mesmo, sem grandes atualizações. Semana após semana era muito do mesmo, do mesmo silêncio, ou de modificações mínimas. Foi então que surgiu a ideia de observar o perfil desses sujeitos no Facebook também, ver no que era diferente, fazer um contraste, ainda mais que começavam a surgir aplicativos nessa rede social voltados para o mercado de trabalho.

Novamente tomando o meu próprio caso como primeira referência, eu usava o Facebook – do qual era membro desde 2009 - muito mais do que o LinkedIn, e praticamente só publicava coisas naquele, que iam desde o compartilhamento de artigos que achava interessante à publicação de fotos, incluindo também comentários sobre *posts* de outros usuários, isso tudo cobrindo os mais diversos assuntos: política, artes, sexualidade, frivolidades e assim por diante.

Numa primeira passada de olhos pelos perfis das mesmas pessoas no LinkedIn e no Facebook era gritante a diferença. Assim como eu, também elas eram muito mais ativas neste último e falavam de temas os mais diversos possíveis – futebol, política, eventos de que participavam, viagens que tinham feito ou estavam fazendo, comidas que tinham comido, desabafos ou emoções pessoais, etc.

Mas um primeiro olhar pode enganar, distorcer, simplificar o cerne da questão. Era preciso uma análise mais cuidadosa, um acompanhar, por alguns meses, do que os sujeitos

apresentavam nas redes; era preciso uma reflexão da relação disso com o momento em que vivemos no mundo, com o *Zeitgeist* atual, com a sociedade do espetáculo (Debord, 1967/1992), com a cultura americana do narcisismo descrita por Lasch (1979/1991), provavelmente tão presente no Brasil quanto nos EUA<sup>59</sup>, com as diferentes formas de mal-estar que produz (Birman, 2011); era preciso uma reflexão da relação dos sujeitos com o outro, dadas as circunstâncias peculiares que estavam vivendo – estando desempregadas.

### 8.1.2 As primeiras observações de outros sujeitos

Entre janeiro e abril de 2012, consegui, através de amigos e conhecidos, a indicação de quatro pessoas em situação de desemprego, e comecei a acompanhá-las, seja no Facebook, seja no LinkedIn, seja em ambos, quando possuíam perfis nas duas redes sociais, o que nem sempre acontecia.

De tempos em tempos<sup>60</sup>, tipicamente uma vez por semana ou a cada 15 dias, fazia o registro das publicações desses indivíduos nas redes sociais, copiando uma fotografia da tela do navegador de internet que mostrava as páginas deles no Facebook ou no LinkedIn e armazenando-a num arquivo de formato Microsoft Word. A informática permite que isso seja feito de forma muito simples, usando um recurso chamado “*printscreen*”, que, nos PCs, é uma mera tecla do teclado. Ela “fotografa” tudo o que estiver aparecendo na tela do computador, no momento em que é pressionada, e copia, em forma de imagem, esse conteúdo para a área

---

<sup>59</sup> Pelo menos nas suas regiões metropolitanas.

<sup>60</sup> O histórico da atividade dos usuários nas redes sociais fica armazenado (por 15 dias no LinkedIn, indefinidamente no Facebook), o que facilita muito o seu resgate e registro posterior.

de transferência do PC. Abrindo, então, o editor Word, basta “colar” o conteúdo no arquivo que estiver aberto, seja pelo botão “Colar”, seja pelo atalho de teclas “Ctrl + V”.

Para facilitar a análise dos dados coletados, criei dois arquivos Word para cada pessoa acompanhada – um com a cópia das suas páginas no Facebook, outro com a cópia das suas páginas no LinkedIn. Neles, colocava a data da coleta no início da primeira página do arquivo e colava, logo abaixo, o registro das publicações deles nas redes sociais, capturadas por meio de “*printscreen*”. Tal processo era repetido sempre que um novo registro era feito, de maneira que os arquivos passaram a configurar um longo histórico datado de atividades dos usuários nas duas redes sociais.

Na primeira coleta que fazia de cada pessoa, pesquisava publicações (“*posts*”) delas até quando era possível. No caso do Facebook, como possuo o recurso de “Linha do Tempo”, é possível visualizar publicações desde quando a pessoa entrou na rede social ou mesmo antes, caso tenha inserido algo manualmente num ano anterior. No LinkedIn, o resgate do histórico de atividades do sujeito na rede também é possível, mas apenas das mais recentes (dos últimos 15 dias). As publicações muito antigas não são visíveis (“atualizações”, como na rede são chamadas).

Na primeira vez em que registrava a atividade da pessoa também coletava informações gerais que tivesse disponibilizado, notadamente comunidades a que estava vinculada, interesses declarados, páginas que tivesse “curtido” (Facebook).

O que constatei, logo nos dois primeiros meses de acompanhamento, foi que, no LinkedIn, as pessoas não publicam praticamente nada. O que se tem é um perfil em formato de currículo, que permanece do mesmo jeito por semanas a fio. Não usam a rede para publicar opiniões ou comentários diversos. Isso até ocorre para outros usuários – empregados - ainda

que, mesmo no caso destes, de maneira bem insípida. Mas não no caso daqueles em situação de desemprego: para eles o discurso que mais prevalece é o silêncio.

Silêncio que não deixa de ser significativo, obviamente. E que sentidos teria? O silêncio é esse vazio que serve, por exemplo, para representar uma recusa ou uma suspensão, ou ainda um adiamento de resposta à demanda do outro - “Você serve para ser meu objeto? Objeto de amor, de gozo, de seja lá o que for?” Ou, em termos mais ligados ao contexto desta pesquisa: “Você é desejável como profissional? Presta-se para ser lucrativo, oferecer seu corpo, suas ideias, suas vontades, seu desejo de reconhecimento para que a empresa lucre mais, para que o valor de mercado dela aumente? Presta-se para que eu, que lá trabalho, seja reconhecido pelo que obtenho de você? Presta-se para que eu, que dessa empresa sou dono ou acionista, goze pelo aumento do meu poder financeiro, político, poder, simplesmente? Presta-se para que eu me compare a você e me sinta inferior, ou até no mesmo patamar que você? Presta-se para que eu o inveje pelo seu currículo, pela sua trajetória de vida, pela empresa a que está ligado, pelo cargo que ocupa, pelo que você faz? Presta-se a ocupar esse papel social do que trabalha, produz, é ‘útil’, tem ‘sucesso’?”

Mas paradoxalmente, o silêncio é também uma resposta, socialmente dada e aprendida. É um “deixar no ar”, uma ausência de resposta explícita, que dá margem para que se permaneça na dúvida sobre o real estado dos fatos e para que se interprete a situação da pessoa de diferentes maneiras, por exemplo: “ela não liga para redes sociais”, “o que será que ela está fazendo?”, mas também “deve estar desempregada ainda...” e assim por diante. Ou seja, o silêncio fica nesse limbo entre a “soberba” aparente de certo desinteresse pelas redes sociais, pelo que seja popular, ou até pela opinião alheia, e o desconforto, quiçá a angústia do lugar socialmente atribuído ao que não tem emprego, ao que não é considerado útil, ao

fracassado<sup>61</sup>, ou, melhor dizendo, ao que está excluído da sociedade de consumidores em que vivemos, para citar Bauman (2008). Portanto, o silêncio também é uma resposta. Até porque não há como não responder à demanda do outro. Não existe uma “não resposta” absoluta, nem tampouco uma resposta que não seja, de alguma forma, em alguma medida, socialmente dada.

Quanto ao Facebook, percebi, também logo nos primeiros meses de observação, que funciona como um grande palco. Ao contrário do LinkedIn, o espetáculo aqui encenado é bem mais eloquente, para citar a análise feita por Debord (1967/1992) da nossa sociedade, e muito mais narcisista, para citar Lasch (1979/1991). Não que a atuação no LinkedIn não seja espetacular também, mas ela se mostra mais discreta, mais contida no seu véu corporativo. No Facebook, não, o espetáculo é mais escancarado. Aqui se publicam fotos pessoais, pensamentos ilustrados, paráfrases de autores conhecidos ou desconhecidos; jogam-se jogos *online*, comenta-se sobre política, futebol, viagens, nascimentos; cumprimenta-se pelo aniversário, “curtem-se” *posts* dos outros e o número de “curtidas” é contabilizado. Às vezes fazem-se desabaços, fala-se de tristezas também, mas o tom mais geral é de alegria visível, a ser compartilhada com todo o mundo (*posts* públicos), com os "amigos dos amigos" ou ainda só com os "amigos" – as conexões do usuário na rede. E, numa primeira observação, isso vale tanto para pessoas com emprego ou com alguma atividade que produza renda garantida, quanto para aquelas em situação de desemprego.

Mas analisemos os casos mais detida e cuidadosamente.

---

<sup>61</sup> O fracasso é um dos grandes tabus na sociedade ocidental atual, segundo Sennett (2005).

### 8.1.3 Francisco

#### 8.1.3.1 *Imposições práticas da vida*

O primeiro caso a que tive acesso foi o de Francisco (nome fictício), um homem de meia idade, pai de dois filhos adolescentes, casado, branco.

Francisco terminou o ensino médio na década de 1970 e graduou-se em engenharia no começo dos anos 1980, tendo feito pós-graduação na mesma área, alguns anos depois.

Trabalhou por 15 anos numa empresa como engenheiro e depois como gerente de projetos. Após esse período, foi para outra empresa, onde ficou por um pouco mais de uma década, tendo atuado como gerente de projetos e como gestor de área. Demitido em meados de 2011, não conseguiu outro emprego formal (CLT) desde então, embora tenha conseguido aposentar-se por um plano de previdência privada. Ao longo do tempo em que o acompanhei, conseguiu também alguns trabalhos esporádicos – algumas aulas, palestras, trabalhos de consultoria. Só em outubro de 2013 conseguiu um trabalho mais regular e em tempo integral numa consultoria (ainda que o vínculo trabalhista não fosse de carteira assinada).

Em relação à aposentadoria disse-me, num e-mail<sup>62</sup>:

---

<sup>62</sup> As transcrições que aqui faço das mensagens de Francisco e de todos os outros casos analisados na pesquisa são literais, incluindo os eventuais erros de ortografia, concordância, pontuação, acentuação; as pausas, as reticências, as exclamações, as abreviações típicas do "internetês" (por exemplo: "vc" – você; "d+" – demais; "c/" – com), e assim por diante. Não indiquei cada caso de erro em relação à norma culta da língua com a expressão "sic", a fim de evitar uma repetição enfadonha dela, sobretudo em algumas mensagens com muitos erros. As minhas intervenções nas mensagens literais dos sujeitos são indicadas por colchetes (quando esclareço algo da mensagem ou acrescento algo a ela, para que seja compreendida) e por "...", para indicar que houve partes da mensagem que omiti na transcrição. Quando reticências ocorrerem sem parênteses, isso significa que o próprio sujeito as colocou.

*(...) não é isso que quero para minha vida. Estou ainda muito produtivo e tenho muito a trabalhar. Infelizmente, pessoas na minha idade são descartadas pelo mercado. Parece que idade e experiência são prejudiciais para as Empresas.*

A esposa não trabalha há muitos anos – decidiu, segundo ele, dedicar-se mais aos filhos, o que, na visão dele, foi uma decisão acertada. O casal tem reservas financeiras que lhe permite viver sem trabalhar, “*mas, as coisas são mais contadas. Tem que controlar os gastos supérfluos. Mas, vamos vivendo, graças a Deus*”, diz Francisco. “*O problema é que temos imposições práticas na vida, como comer, vestir, etc, etc. No meu caso, ainda tenho 2 filhos. Portanto, a coisa é prática, preciso de dinheiro para viver, não posso só fazer o que gosto*”, arremata ele.

Percebe-se que houve redução de renda para o casal, mesmo com as reservas que tem e com a aposentadoria privada de Francisco – agora os gastos e os supérfluos são mais controlados (“*coisas mais contadas*”)<sup>63</sup>. Há, de fato, certa preocupação dele em relação às “*imposições práticas na vida*” - gastos cotidianos e “*ainda*” dois filhos. Ele tem de se haver com algo que é imposto socialmente – a necessidade de dinheiro para comer, vestir - e os dois filhos. O *ainda* é bastante polissêmico no contexto e talvez expresse bem o estado das coisas. Só para citar algumas possibilidades de sentido: *ainda* os filhos dependem dele

---

<sup>63</sup> Segundo a renda que tinha antes de ser demitido, pelo que me relatou, Francisco poderia ser enquadrado no que se costuma chamar de "classe alta". Ainda que a intenção da pesquisa não fosse um aprofundamento na questão de classe social dos sujeitos selecionados, a indicação de enquadramento em uma ou outra classe, segundo determinado critério que adotei, serviu para alguma comparação entre os sujeitos. Tal critério foi baseado nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD 2011) do IBGE (recuperados de <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000010135709212012572220530659.pdf>, Acesso em 20/02/2014). Assumi o seguinte: classe alta – pessoa com rendimentos acima de 20 salários mínimos; classe média alta – com rendimentos entre 10 e 20 salários mínimos; classe média média - com rendimentos entre 3 e 10 salários mínimos; classe média baixa – com rendimentos entre 1 e 3 salários mínimos e classe baixa – com rendimentos abaixo de 1 salário mínimo. Esse critério não visava a ser uma classificação definitiva e precisa das classes sociais envolvidas pelos sujeitos da pesquisa, mas apenas um parâmetro que permitisse alguma comparação.

financeiramente para viver (no futuro não dependerão); além da necessidade de dinheiro para comer e para vestir-se, *ainda* tem de gastar com os filhos (gastos a mais, num momento de renda reduzida); *ainda* tem dois filhos, já que não morreram.

Com o perdão do trocadilho, *ainda* que fale com certo orgulho dos filhos (“*temos os nossos filhos bem formados e bem educados*”, “*ele [um dos filhos] quer jogar futebol na Europa*”, “*o objetivo maior foi alcançado, pois ele está longe do mundo dos adolescentes sem perspectivas, tem um objetivo na vida e mantém uma vida ultra saudável, praticando esporte*”, [o outro filho] “*tem o objetivo de estudar e jogar futebol nos USA. Espero que siga o mesmo caminho*”), não deixa de ser significativo tê-los citado junto com as “imposições práticas na vida” e de ter usado o ainda ambíguo para introduzi-los. O discurso parece expressar a ambivalência afetiva que deve estar em jogo – os filhos são possivelmente queridos, amados, mas também representam certo fardo, certa imposição prática, especialmente num momento em que Francisco não possui mais um emprego fixo, uma boa renda garantida. Soma-se a isso o dizer que o “objetivo maior foi alcançado”, no que se refere à criação do filho mais velho – é como se houvesse mesmo uma meta de criar o filho afastando-o do “mundo dos adolescentes sem perspectivas”, sem objetivo de vida ou com uma vida não muito “saudável”. Como se houvesse um jeito adequado de criar os filhos de modo a favorecer que escolhessem o “bom” caminho, o caminho “saudável”. Meta essa como mais uma “imposição prática”, social, familiar, fantasmática para Francisco? Possivelmente.

### 8.1.3.2 *Desempregado ou aposentado: ser ou não ser improdutivo*

Como disse antes, Francisco conseguiu aposentar-se por um plano de previdência privada, depois que foi demitido. Em relação à condição de aposentado, ele deixa claro que está “*ainda muito produtivo*” e que tem muito “*a trabalhar*”. Isso me remete à sociedade capitalista em que vivemos, à imperiosa necessidade (ideológica) de se produzir sempre, à *vita activa* de que fala Arendt (1958/2005), em oposição à *vita contemplativa* de outrora. Pagès et al. (2008) apontam que a angústia existente em torno da perda do emprego não diz respeito tanto a essa perda em si, mas ao faltar razão para viver, à perda da identidade do sujeito. Arrematam o argumento citando certa interiorização da ideologia capitalista de tratar os indivíduos como objetos úteis ou inúteis, conforme as circunstâncias.

Para Francisco, estar em situação de desemprego ou de aposentadoria, tendo ainda possivelmente tantos anos pela frente, considerando a atual expectativa média de vida, parece representar, em certa medida, ocupar o lugar social de “inútil” na ideologia capitalista. Ou seja, embora Bauman (2008) argumente que a questão da marginalidade hoje seja não poder consumir na medida em que a sociedade preconiza (vejam-se os pobres comprando o último modelo de aparelho celular, por exemplo, para não se sentirem tão excluídos), ainda resta algo mais, que diz respeito ao papel do trabalho na constituição subjetiva e, como denunciaram Pagès et al. (2008), à interiorização da ideologia capitalista do “ser produtivo”, que, portanto, também entra em jogo na formação do sujeito. Ou seja, Francisco pode consumir, ainda que precise controlar um pouco os gastos e os supérfluos, mas o seu desconforto não parece

residir apenas nessa restrição consumista, mas também numa dimensão mais subjetiva, de imagem que tem de si e que o outro tem dele – do sentir-se capaz de produzir muito ainda, de ser reconhecido como membro “útil” desta sociedade.

### ***8.1.3.3 Atuação no LinkedIn: mostrando-se na rede***

No que tange às redes sociais, Francisco entrou para algumas dezenas de comunidades do LinkedIn, a grande maioria (mais de 80%) ligadas a vagas de emprego e a *headhunters*, mas também algumas poucas relacionadas à faculdade que cursou, às empresas nas quais trabalhou, ao time pelo qual torce no futebol e a discussões técnicas na área em que atuou.

Logo que foi demitido, em 2011, atualizou sua ocupação no site para “Consultor e Trabalhos Técnicos”. Em janeiro de 2012, sua ocupação no site aparecia como “Consultor independente e Trabalhos regulares em (...) [áreas em que ele atua]”.

Nessa época ele publicava, diariamente, um pequeno anúncio nas suas atualizações do LinkedIn, em que se oferecia para “PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DE CONSULTORIA E TRABALHOS REGULARES”. Nesse anúncio, descrevia rapidamente sua experiência, as áreas em que atuava e, ao final, mencionava o seu número de telefone. Postou tal anúncio por semanas a fio, dia após dia, e depois parou.

Em fevereiro de 2012 mudou o título do seu perfil para “BUSCANDO UMA POSIÇÃO NO MERCADO: Trabalhos Regulares e Consultoria em (...) [áreas em que ele atua]”, título que manteve até o final de outubro daquele ano.

Embora o uso de letras maiúsculas possa ter sido motivado meramente para dar ênfase e destaque à mensagem que queria passar, sobretudo aos trechos que queria ressaltar, não deixa de chamar a atenção, seja pelo sentido social que é atribuído ao uso de maiúsculas na internet – o de que a pessoa está gritando<sup>64</sup> – seja pelo fato de que veio acompanhado da publicação diária de um anúncio oferecendo-se para prestação de consultoria e serviços regulares, o que não é uma prática comum dos usuários da rede. Estando ele ou não desesperado, o seu discurso parece revelar algo de um anseio em ser ouvido e atendido, seja pela sua ênfase, seja pela sua repetição. Comentando sobre a demissão e sobre o período posterior, escreveu-me tempos depois:

*(...) a minha questão não era necessariamente um salário ou dinheiro, eu já havia me planejado para viver o resto da minha vida com as minhas reservas (coisas de engenheiro, planejando tudo) ... não teria o mesmo nível de vida, mas daria para viver tranquilamente ... fiz um super hiper mega planejamento em planilhas de tal forma que as minhas reservas acabariam quando a minha vida estivesse para acabar ... estabeleci 100 anos como meta e fiz todo o meu planejamento (...) no começo, depois que saí da [nome da empresa], eu tinha um sentimento meio de revolta pelo que aconteceu, achava que tinha que provar para mim mesmo que eu ainda tinha capacidade, etc, etc ... aquelas coisas de desempregado e de uma pessoa que se acha capaz de ainda fazer muito em termos de trabalho...*

Os anúncios repetidos e em caixa alta no LinkedIn parecem adquirir realmente o sentido de alguém que precisava de um emprego quase que desesperadamente – não pelo dinheiro como principal razão, ainda que ele tivesse alguma importância também, mas muito mais por uma questão de imagem própria, de ferida narcísica que precisava ser tamponada o quanto antes.

---

<sup>64</sup> Deve-se considerar, contudo, que tal sentido não está tão amplamente consolidado. Isto é, nem todo mundo sabe que usar caixa alta na internet foi convencionado como sendo o de a pessoa estar gritando.

Voltando à questão do perfil de Francisco no LinkedIn, em outubro de 2012 altera novamente o título dele, agora indicando a menção a “Trabalhos Regulares”, a atividades de ensino (“Cursos” e afins) e a “Consultoria em (...) [áreas em que atua]”. Não mais se vê o texto em caixa alta, exceto pela primeira letra de cada palavra, como muitos dos outros usuários da rede fazem. Curioso notar esse alinhamento com os outros usuários, com muitos deles, pelo menos. Quer dizer, não mais estar num lugar de grande ênfase na busca por uma posição no mercado de trabalho ou do que mais o uso de caixa alta assinalava, e passar a indicar algo mais sutil. É como se, da imagem do desespero (ainda que pudesse não estar, de fato, desesperado) passasse para uma imagem mais “*blasé*”; como se quisesse dizer “sou um profissional como os outros desta rede e a minha experiência e as minhas competências estão abaixo listadas”.

Parece-me, pois, existir uma identificação especular entre Francisco e muitos usuários da rede, que, por mero automatismo de repetição ou por um sutil ato de ressaltar, engrandecer algo de si, colocam a primeira letra de seus títulos de perfil como maiúscula. Em outras palavras, obviamente que não se trata de algo exclusivo de Francisco, mas diz respeito a um modo socialmente dado e repetido pelos sujeitos<sup>65</sup> de apresentar-se como “Gerente de Projetos”, “Diretor de Processos e Ferramentas”, “Analista de Marketing”, “Redatora Sênior” em vez de “gerente de projetos”, “diretor de processos e ferramentas” e assim por diante. Da mesma forma, “trabalhos regulares”, “cursos” e “consultoria” de alguém que está em situação

---

<sup>65</sup> Quando digo “socialmente dado” e “repetido pelos sujeitos” quero dizer que não são movimentos separados, mas inextricavelmente interdependentes. O sujeito só existe a partir do social e o social não prescinde daquele, ainda que um não se resuma ao outro.

de desemprego, passam a ser apresentadas como “Trabalhos Regulares”, “Cursos” e “Consultoria”.

Se para alguém que esteja trabalhando numa determinada empresa, ou seja, estando numa posição socialmente valorizada, “útil”, ideologicamente falando, apresentar-se em “minúsculas” parece um não se colocar à altura de um profissional que merece ser reconhecido como tal: para alguém que está desempregado isso seria diminuir-se ainda mais.

Existe um desconforto social grande em estar desempregado e isso pode agravar-se com o passar do tempo, até o ponto de aparecerem problemas de saúde mental (quadros psicossomáticos, alterações psíquicas, depressão, embotamento afetivo) e/ou físicas (a título de exemplo, ver em Barros & Oliveira, 2009; Castelhana, 2006; Giatti et al, 2008; Paul, 2005; Ribeiro, 2009; Seligmann-Silva, 1999).

Diante disso, como apresentar-se numa rede social como o LinkedIn, essa vitrine corporativa para ver e ser visto? As mudanças de título no perfil de Francisco, ao longo dos primeiros meses, desde que saiu da última empresa em que trabalhou, essa oscilação entre “Consultor e Trabalhos Técnicos”, “PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DE CONSULTORIA”, “BUSCANDO POSIÇÃO NO MERCADO”, “Trabalhos Regulares”, etc. é muito sintomática nesse sentido. E isso é ainda mais patente pelo uso do termo “Trabalhos Regulares”, quando o que mais devia ser regular era justamente a falta de trabalhos. Claro, aparecia um trabalho ou outro esporadicamente, como foi o caso de algumas aulas e palestras que deu, e também de uma estruturação de um curso de pós-graduação, segundo o que me relatou, mas não foi regular ou frequente, no período em que o acompanhei. Em outras palavras, o que estava em jogo é como apresentar-se numa rede social dita corporativa, que imagem passar para ser

valorizado, estando em busca de um emprego ou de algum tipo de trabalho bem reconhecido socialmente através dessa rede, estando num lugar de desconforto.

Numa das trocas de mensagem (e-mail) que tive com ele, escreveu o seguinte:

*Tenho utilizado o LinkedIn, assim como outras redes sociais, para conhecer novas pessoas e também para conhecer melhor as pessoas, para ver o que pensam, opiniões sobre assuntos diversos. Quando uma pessoa escreve algo, ali está muito da sua forma de agir e pensar (...) Ultimamente, e em função da minha saída da [empresa em que trabalhava], tenho utilizado o LinkedIn para manter contatos no sentido de me mostrar profissionalmente, que é uma coisa que não fazemos enquanto empregados regulares.*

*Na realidade eu só senti necessidade de me mostrar pela minha condição de desempregado. E "me mostrar" nesse caso cabe apenas pelo aspecto profissional. Quando escrevemos nosso CV no LinkedIn, não deixa de ser uma exposição, mas procurei incrementar minhas informações mais pela necessidade do que pela vaidade. No geral, tenho utilizado o LinkedIn para contatos e, como eu disse rever e reatar relações.*

*É difícil falar "em como me sinto fazendo isso". Diria que é pura necessidade. Não estaria me expondo se não houvesse necessidade.*

Aqui Francisco fala explicitamente do “mostrar-se” na rede, estando na “condição de desempregado”, como ele coloca. Antes, quando estava empregado não o fazia. Se aponta como razões para estar no LinkedIn o “rever e reatar relações”, além de “conhecer novas pessoas”, “conhecer melhor as pessoas, ver o que pensam, [que] opiniões sobre assuntos diversos [têm]”, fica no ar também a questão do que fazer com a condição de desemprego, que possibilidades a rede pode trazer de forma a mudá-la. A frase “só senti necessidade de me mostrar pela minha condição de desempregado” é taxativa nesse sentido e aquela em que afirma ter incrementado as informações dele na rede corrobora isso. Ou seja, para mudar a condição de desempregado, é preciso mostrar-se, mostrar-se desejável pelo mercado, mostrar-se numa rede corporativa em que as pessoas estão mesmo para ver e serem vistas, como já discuti antes.

E esse mostrar-se vem com algum “incremento de informações”, com um algo a mais, que talvez não aparecesse, ou com informações que não seriam descritas em outras circunstâncias. Comentando sobre o assunto, Francisco diz que:

*Quando falei "incrementar" é porque coloquei algumas informações adicionais (mas verdadeiras). Cada vez que leio aquilo eu me lembro de algumas passagens profissionais, aí vou "melhorando", vou incrementando.*

Contudo, ele deixa claro que o faz “mais pela necessidade do que pela vaidade”. Necessidade de quê? Uma leitura apressada podia levar a crer que é de um emprego. Mas não era o emprego pelo emprego que estava em jogo – ainda que aumentar a renda, voltar ao patamar financeiro em que estivera antes não seria ruim, pelo contrário. Mas o que estava em jogo era o mostrar-se, mostrar-se capaz, útil, não um aposentado que vai envelhecendo encostado, que não produz (imagem do aposentado que está presente no imaginário social). O que estava em jogo era o restauro de uma imagem narcísica que foi trincada, ferida com a demissão, e a aposentadoria provavelmente acabou contribuindo para isso<sup>66</sup>. Restauro que não se mostrou um processo simples ou fácil – foi chamado para poucos processos seletivos e as propostas que vieram eram, segundo Francisco, *"algo ridículo ... tanto o salário quanto as condições (tempo, experiência, línguas a falar, etc, etc)"*.

Seja como for, ele percebeu que, neste mundo do trabalho de hoje, é preciso mesmo mostrar-se, quiçá aparentar ser mais, brilhar mais do que a realidade, para conseguir um lugar ao sol, segundo o que é reconhecido socialmente.

---

<sup>66</sup> Ainda que, por outro lado, ela tenha representado certa tranquilidade financeira para ele também.

Contudo, se o faz, não o faz de forma confortável. Parece quase pedir desculpas, justificando-se por incrementar suas informações na rede, ainda que esteja só jogando o jogo que está na mesa. Ato de justificar-se que não é nada demais: apenas o desejo de ser reconhecido como um bom sujeito pelo outro, de ser apreciado, amado pelo outro.

De qualquer forma, alguma vaidade existe, alguma vontade de um mais-de-gozar também está presente, isso Francisco deixou claro: “*mais pela necessidade do que pela vaidade...*”. Quer dizer, na balança entre a necessidade e a vaidade, aquela pesa mais, mas esta está presente também.

O que talvez estivesse dizendo é que espreita certa angústia em torno de necessidades muito básicas da vida como comer, vestir-se, “*as imposições práticas*”, como ele as denominou. Angústia em não ser capaz de, neste mundo de hoje, conseguir satisfazer a essas necessidades, ou seja, no limite, passar fome, não ter roupa para vestir, estar numa marginalidade acachapante. Por isso a preocupação em fazer “*...um super hiper mega planejamento em planilhas de tal forma que as minhas reservas acabariam quando a minha vida estivesse para acabar*”.

Mas talvez houvesse também alguma angústia em relação à impossibilidade de restaurar integralmente a imagem narcísica ferida com a demissão, com a aposentadoria, com a dificuldade de conseguir um emprego regular na idade em que estava. Durante todas as nossas conversas, Francisco sempre procurava mencionar algum trabalho ou projeto em que estava envolvido, mesmo que eventualmente fossem esporádicos ou incertos (como o projeto da estruturação do curso de pós-graduação, que acabou não vingando). Era como se tentasse me convencer e a ele mesmo de que não era um incapaz, de que não estava “encostado”. Certamente não era mesmo, mas a sombra da imagem narcísica maculada, trincada, ferida

parecia acompanhá-lo. A frase que me disse em novembro de 2013 era emblemática nesse sentido: "*achava que tinha que provar para mim mesmo que eu ainda tinha capacidade (...) aquelas coisas de desempregado (...)*".

E ele tem razão – estar desempregado não representa uma ferida narcísica só para ele. É uma condição que socialmente favorece muito essa sensação de ferida, especialmente em tempos de sociedade do espetáculo narcísico.

Questionado sobre as razões de certo desconforto que mencionou sentir em se mostrar na rede, em particular no LinkedIn, comentou que "*é difícil falar 'em como me sinto fazendo isso'*", e argumentou:

*No meu caso em particular, não gosto muito de holofotes, palco. Prefiro ficar na retaguarda. E nós temos uma certa tendência de falar e enfatizar o que convém, aquilo que mostra o nosso lado bom, e esconder aquilo que não queremos mostrar, aquilo que mostra nossas deficiências.*

Aqui, não só falando um pouco dele próprio, mas das pessoas em geral também (pelo uso de expressões na primeira pessoa do singular e do plural), traz à baila o que está em jogo nos holofotes, como ele diz: o desejo de reconhecimento do sujeito, isto é, de ser reconhecido pelo seu "lado bom", pelo que "convém", escondendo as deficiências que não quer mostrar, temendo que isso minaria a possibilidade de obter tal reconhecimento.

Traz ainda o desconforto que vivencia em estar sob "holofotes", mesmo que tenha alguma vaidade, como citou antes. Holofotes que representam bem o estar numa rede social, o viver numa sociedade do espetáculo. A estreita relação entre angústia e gozo que Lacan (1962-63/2004) nos apresentou parece-me muito adequada para pensar a rede social e este momento da história humana.

Os “holofotes”, na relação com o outro, são, possivelmente, parte da constituição subjetiva de todos<sup>67</sup>, seja na forma de desejo inconsciente recalcado (sendo a inibição, por exemplo, sua faceta aparente), seja na forma de vontade explícita de gozo através deles. Mas esse gozo ou a fantasia dele não vem sem consequência – traz angústia a tiracolo.

Na rede social, os sujeitos são estimulados a buscar esses “holofotes”, a subir ao palco, a mostrar-se e a aproveitar o bônus que isso traz, velando ou tentando velar o ônus que o acompanha. Cada um vai vivenciar tal experiência com mais ou menos desconforto, com mais ou menos prazer, com mais ou menos gozo e angústia.

Francisco diz que o desconforto é maior para ele, mas lidou com isso e anunciou sua peça enfaticamente por um bom tempo, como discutimos acima. Depois saiu da cena principal e passou a atuar de forma bem mais discreta – aliás como muitos (a maioria?) dos usuários da rede.

De fato, depois de intensa atuação no começo de 2012, volta-se para o silêncio (ou quase). Tal atuação incluía, como já discutido antes, o anúncio diário que publicava oferecendo seus serviços, e os contatos principalmente com empregadores, *headhunters*, consultorias de recrutamento e seleção, RH, e comunidades na rede ligadas a *sites* de emprego. O fato é que não mais publicou o anúncio ou seja lá o que fosse na rede e diminuiu bastante sua atuação nela. De vez em quando, estabelecia uma nova conexão, provavelmente mais aceitando convites de outras pessoas do que tomando a iniciativa para fazê-lo.

---

<sup>67</sup> Nos psicóticos eles provavelmente entram de uma forma peculiar, o que não cabe aqui discutir.

#### **8.1.3.4 Relações virtuais no LinkedIn versus as presenciais enquanto desempregado**

Sobre a diminuição de sua atuação no LinkedIn, escreveu-me Francisco, ao ser perguntado sobre o assunto:

*Na realidade, cansei de procurar uma posição no mercado ... Nem Face[book], tampouco LinkedIn ajudaram muito ... muitos contatos, muita conversa, muitas promessas, algumas indecorosas, entrevistas, etc, mas nada de concreto ... o que resolve de fato é o famoso QI (quem indica), sua rede de contatos, de pessoas que te conhecem, e isso depende dos amigos de fato ... como diz o ditado, você conhece os amigos em 2 oportunidades: na alegria e nos momentos difíceis. Na alegria pela quantidade, e nos momentos difíceis pela qualidade!!!!*

O cansaço de procurar uma posição no mercado parece ser da ordem da frustração, e talvez também da resignação. Os muitos contatos, as entrevistas, as promessas não trouxeram nada de concreto – entenda-se, uma posição no mercado, um emprego. Havia uma expectativa de que todo o investimento na rede social, o lidar com o desconforto dos holofotes, o incrementar das informações pessoais pudesse produzir algum resultado prático, que não veio para Francisco<sup>68</sup>.

E, nessa mesma passagem, ele faz menção à amizade, às relações afetivas no mundo presencial, à qualidade de algumas delas, daquelas associadas aos amigos “de fato”, com os quais se pode contar, mesmo nos momentos difíceis. Deduz-se que tais amigos seriam em menor quantidade do que os amigos que se apresentam como tais nos momentos de “alegria” e que são os amigos que o conhecem presencialmente, não só nas redes sociais.

---

<sup>68</sup> Os projetos que conseguiu, inclusive o trabalho na consultoria, a partir de outubro de 2013, vieram através de conhecidos e amigos na vida presencial, segundo o que me relatou.

O que Francisco traz à baila é que, no mercado de trabalho, algo que conta muito, talvez mais do que outros aspectos, são as relações *off-line*, com as quais já se teve contato presencial alguma vez, que indicariam a pessoa para vagas de emprego – o popularmente conhecido como “QI – quem indica”. A expressão é irônica, obviamente, e vale-se de um trocadilho, ao desdenhar da suposta não necessidade de inteligência – medida tradicionalmente pelo QI, quociente de inteligência – para se obter uma vaga, mas apenas da indicação de alguém capaz de influenciar quem decide aquele que a ocupará. O desdém, nos casos em que a expressão é usada socialmente, pode representar tanto certo ressentimento velado em relação a quem conseguiu uma vaga por indicação, quanto certa culpa ou desconforto por não se sentir merecedor da vaga obtida por essa via, quando é o próprio “felizardo” quem a enuncia.

No que se refere à questão dos contatos virtuais *versus* presenciais, o que Francisco ressalta é o fato de que as relações que realmente estão em jogo são as presenciais. A virtualidade não elimina o contato presencial, ainda que possa gerar uma possibilidade ou outra a mais, o que, no caso de Francisco, não produziu o efeito esperado – um novo emprego. Como Boyd e Ellison (2007) apontaram, a originalidade das redes sociais virtuais não é que permitam aos “indivíduos conhecer estranhos, mas sim que permitem que os usuários articulem e tornem visíveis as suas redes sociais” [presenciais] (p. 211).

#### ***8.1.3.5 A diversidade de temas e a participação no Facebook***

No Facebook Francisco manteve-se bem mais ativo o tempo todo, basicamente. Os seus *posts* mais numerosos e frequentes giravam em torno de temas como futebol e política.

No tocante aos de futebol, muitos eram relacionados aos filhos, eles próprios jogadores. Os ligados a política quase sempre representavam posicionamento político sobre diversas questões (exemplos: proibição do uso de sacolas plásticas no supermercado, gastos na construção de estádios de futebol para a Copa do Mundo, falta de investimentos em saúde, políticas voltadas para a educação, cotas raciais nas universidades, etc.). Sempre teve um posicionamento forte contra a corrupção dos políticos, posicionamento que tinha um caráter, não raras vezes, de denúncia sobre irregularidades cometidas por aqueles e coisas afins. Apesar de repassar imagens ou montagem delas criadas por outros usuários do Facebook, sempre acrescentava algum comentário seu.

Às vezes Francisco publicava mensagens de cunho mais emocional, como a foto de uma criança que compartilhou, tendo ao lado os dizeres "Saudade é um sentimento que quando não cabe no coração, escorre pelos olhos", ao que ele complementou: "*Pura verdade!!!! Principalmente daqueles que já se foram*". Numa outra citou uma frase atribuída a Confúcio, segundo a imagem compartilhada: "Para conhecermos os amigos é necessário passar pelo sucesso e pela desgraça. No sucesso, verificamos a quantidade e, na desgraça, a qualidade". Essa frustração manifesta quanto aos amigos e falsos amigos é algo que parecia pesar bastante para ele – não só publicou essa frase, como me escreveu falando disso duas vezes, em diferentes ocasiões. Em comentários adicionais que fez à mensagem que publicou afirmou que:

*Quando falo de amizades, não que não sejam relacionamento próximos, mas falo das relações de conveniências, infelizmente. Nos dias de hoje, está cada vez mais difícil de se ter uma relação de amizade pura, sem interesses, em que as pessoas se aproximam e se relacionam numa troca sem interesses, sem conveniências. Acho que as relações de amizade, de coração estão se acabando. Talvez as outras*

*também, não sei !!!! o mundo atual se enche de relações fúteis, vazias, sem o menor apego !!! Infelizmente.*

Em seguida a comentários de amigos dele, acrescenta: “*Além de outros fatores atuais, isso faz com que as pessoas acabem se isolando e se tornando mais duras a medida que o tempo (e a experiência de vida) passe*”.

Se na fala há o relato da própria experiência de se sentir meio usado pelos outros, meio relegado ao isolamento quando a convivência consigo não interessava a eles, em alguma medida, acredito que traz também certo aspecto socialmente dado, ligado ao desemprego – o de colocar o desempregado à margem. Há certa angústia "compartilhada" socialmente no que tange aos que estão em situação de desemprego, um não saber o que dizer, o que fazer em relação a eles. Penso ser algo da ordem da repulsa de uma identificação com a condição que o desempregado vive, com o lugar social que lhe é dado.

Em alguns outros *posts*, Francisco falava de Deus, como o desenho tirado de uma animação, que virou filme no cinema, de uma velhinha beijando um velhinho no rosto e os dizeres "Acredite: Deus coloca as pessoas certas, nos momentos certos da nossa vida", ao que Francisco comentou "*Tudo tem o seu tempo certo !!!!! e tudo aquilo que está reservado para você, lhe pertence !!!!!*". Foram várias publicações compartilhadas em que ele reafirmava sua crença em um ser superior, mas refutava a ideia de que a pertença a alguma religião é o que importava. Numa delas dizia que as religiões são criações humanas, e Deus é um só, podendo ou não estar nos nossos corações. Nessa mesma publicação havia fotos de símbolos e profetas de diversas religiões, com os dizeres "Não importa a sua religião. O que importa é se ela transforma você em um ser humano melhor".

Outro tipo de *post* que ele compartilhava com alguma frequência eram os que faziam alusão ao gasto excessivo das mulheres, na comparação com os homens. Num deles havia dois desenhos, um abaixo do outro, com os dizeres, "Antes" e "Depois". No quadrinho "Antes", aparecia uma mulher com o cabelo todo arrumadinho e, ao lado dela, um homem com a cabeleira grande e desgrenhada. No quadrinho "Depois", aparecia o mesmo desenho de mulher, com o valor R\$ 50,00 ao lado e o desenho do homem com o cabelo agora curto e penteado, com o valor R\$ 5,00 estampado ao seu lado. Francisco comentou: "*mulheres, vamos parar de gastar dinheiro a toa !!!!*" Não sabemos nada quanto aos gastos da esposa dele e não vem muito ao caso, mas a piadinha não deixa de ser significativa no contexto financeiro em que ele se encontrava e que havia descrito a mim – de contenção de gastos em relação a supérfluos e afins. Claro, poderia ser apenas um chiste um pouco sexista, como outros que publicou. Aliás, chistes sexistas não revelam apenas um traço singular de Francisco, mas um histórico social que não é desprezível no Brasil. Mas o fato é que ele publicou alguns deles, o que nos faz deduzir que dizem algo a respeito dele próprio também.

Outros *posts* sexistas tratavam da suposta falta de conhecimento de futebol das mulheres. "*É impressionante como as mulheres entendem de futebol !!!!*", diz ele, seguido de fotos e pequenas frases ridicularizando uma suposta ignorância das mulheres no assunto, inclusive no que se referia aos nomes dos times (Palmeiras, Cruzeiro, etc.). Numa delas aparece o jogador Ronaldinho Gaúcho com palmeiras (árvores) atrás de si com os dizeres "Palmeiras atrás de Ronaldinho Gaúcho"; em outra aparece uma foto do jogador Riquelme num navio em alto mar com os dizeres "Riquelme já está no Cruzeiro", e assim por diante.

Publicou um também em que aparecem duas fotos: na primeira está um homem ao lado de uma pilha de quatro pneus de carro e, na segunda, o mesmo homem ao lado de uma

mulher acima do peso com um vestido bem apertado, fazendo com que aparecessem "dobras" ao longo do seu corpo. No alto do *post* os dizeres "Jogo dos 7 erros" e o comentário de Francisco: "*Essa é ótima !!!*".

Num outro *post* comentou o seguinte: "*Para quem tem uma 'patroa' que fica buzinando na sua orelha enquanto você dirige !!!!*", seguido de um desenho da frente de um carro em que aparece o motorista, um homem, com um sorriso meio cínico no rosto, e o passageiro, uma mulher, com o cinto de segurança cobrindo-lhe a boca. Acima do desenho havia os dizeres "Novo *design* de cinto de segurança: 45% menos acidentes de carro". Ainda sobre o tema, numa outra publicação Francisco compartilhou um painel de carro tal como supostamente visto por uma mulher, segundo a charge. Nele o indicador de temperatura do motor vinha com os dizeres "não sei se é o termômetro ou o volume do rádio". As luzes indicativas de problemas com bateria ou com motor apareciam ao lado da frase "chamar o namorado" e o indicador de rotação do motor ao lado de "???????". Por último, o indicador de quantidade de combustível aparecia com os dizeres: "F [tanque cheio] – posso ir a qualquer lado; E [tanque vazio] – parar para meter gasolina, fazer xixi, comprar chocolates, retocar a maquiagem".

Num outro comentário a uma amiga sua disse:

*[nome da amiga] vocês têm 2 filhos maravilhosos: [nomes dos filhos, que eram nomes bíblicos]. Até os nomes. Conhecia o [nome de um deles] e tive a oportunidade de conhecer o [nome do outro] nesse final de ano na casa da [nome de mulher] e do [nome de homem]. Parabéns pela educação que vocês tem dado a eles. Segundo o [nome de um dos rapazes], seu único defeito é ser corinthiana. Eu falei para ele que os homens da casa deveriam impor mais respeito e acabar com esse negócio por lá!!!*

O tom de brincadeira do comentário traz consigo a marca social da herança do modelo de família patriarcal no Brasil, das prescrições do papel do homem (de sustento econômico) e da mulher (de serem cuidadoras do marido, dos filhos, do lar) nesse modelo (Narvaz & Koller, 2006). Modelo a que Francisco já havia feito alusão quando fala da decisão acertada da esposa em não mais trabalhar e dedicar-se aos filhos, quando cita a inquietação das imposições práticas da vida, como sustentar dois filhos, por exemplo.

Mas o tom jocoso do comentário que ele fez em relação à amiga torcer por um time de futebol (Corinthians) que não é do agrado dele ou do filho dela, e de que "*os homens da casa deveriam impor mais respeito e acabar com esse negócio*", isto é, de uma mulher ter seu próprio posicionamento, inclusive em relação a times de futebol, aliado às inquietações que ele enumerou quanto a estar desempregado, revelam o desconforto que vivencia em não conseguir ocupar, de forma "tranquila", o lugar do pai e esposo provedor. Trazem à baila um homem, um pai de família que, no fundo, incomoda-se, quiçá sofre, por não atender a esse legado cultural brasileiro, legado que vem sendo abalado, posto à prova, mas que persiste na sociedade atual (Narvaz & Koller, 2006) e, provavelmente, que aumenta certo sofrimento neurótico de sujeitos que não podem mais ser reconhecidos como esses homens, como esses pais representantes simbólicos da Lei, de outrora.

#### ***8.1.3.6 Ser ou não ser útil: preenchendo o vazio no Facebook***

Sobre o comportamento dos usuários do Facebook mais de uma vez Francisco escreveu criticando aqueles que relatam mínimos detalhes de sua vida privada na rede social,

inclusive menções ao fato de, por exemplo, terem ido ao banheiro ou ido jantar. Escreve Francisco: "*deveria ter uma opção 'NÃO CURTIR' ou 'DESPREZAR TOTALMENTE', além do Curtir, Comentar e Compartilhar*". Testemunha ele sobre uma mudança que vem ocorrendo, e já discutida por outros autores, a respeito do enfraquecimento da fronteira entre o público e o privado e da espetacularização da vida privada (Bauman, 2001; Birman, 2011; Thebaldi, 2012).

Apesar de criticar os usuários que publicam detalhes de sua vida privada, Francisco admite que as redes sociais sejam algo que "*preenche o nosso tempo e não nos deixa entediados*". Elogia o fato de aumentarem a integração social e diz que elas (o Facebook em particular) servem "*para você perceber que ainda tem amigos, que te elogiam, que gostam das suas fotos, dos seus posts, das suas mensagens*". Nesse momento da vida em que estava desempregado, em que acabou se sentindo meio sem utilidade, como me escreveu, a rede social parece preencher certo vazio. Curioso que tenha dito que ela o fez perceber que "*ainda tem amigos*", os quais gostam de suas fotos e de suas mensagens. O *ainda*, com toda a sua ambiguidade e possibilidade de sentidos, parece remeter a sentidos ligados tanto a um passado possivelmente não tão distante – ter pensado que não tinha mais amigos, depois que foi demitido, mas descobrir que "*ainda tem*" – quanto a um futuro – de não ter mais amigos em determinado momento da vida futura, mas *ainda* os ter hoje.

O passar do tempo, a idade que vem chegando, os filhos que vão se tornando independentes, tudo isso aliado ao fato de estar sem emprego e às restrições que o mercado de trabalho impõe em relação a profissionais mais velhos aumentam a sensação de falta, quiçá de vazio mesmo. Escreveu-me Francisco sobre isso:

*(...) uma coisa importante é que apesar dessa melhor qualidade de vida [depois da demissão, segundo o que relatou], eu acabei me sentindo meio sem utilidade. Experiência de vida, profissional, mas sem alguém que quisesse aproveitar isso tudo. As Empresas são extremamente frias em relação a idade e experiência profissional, e quando valorizam sua experiência profissional pagam muito pouco por isso, muitas só querem explorar a sua experiência e tirar proveito do seu conhecimento. Enfim, acabei ficando um pouco decepcionado com o mercado de trabalho e com a pessoas. Os profissionais de RH parecem mais interessados em preencher fichas, em ter uma carteira de profissionais cadastrados, do que efetivamente prestarem uma assessoria profissional e te colocar numa vaga no mercado. Parece que as vagas (as boas) já estão marcadas para pessoas definidas. Enfim, um motivo a mais para ficar no meu canto, e um motivo a mais para se sentir de certa forma sem utilidade. Acho que deve ser por isso que as pessoas vão ficando "velhas", porque elas vão se sentindo dispensáveis, sem ser útil para um trabalho. O mercado já não lhes dá mais importância, os amigos, bem quem você poderia definir como amigo nessa horas, já não parecem se interessar pela sua situação, afinal cada um tem a sua vida e os seus problemas. Os filhos já estão crescidos, já voam com as próprias asas, afinal foi assim que nós os educamos, e a vida vai se tornando um tanto monótona. Bem, mas eu espero estar longe disso tudo, tenho trabalhado minha cabeça para não passar por todos esses sentimentos, que acabam sendo naturais quando não se tem o que pensar.*

E a rede social vem justamente para preencher essa suposta falta do que pensar. Na verdade, o próprio Francisco enumerou uma lista de coisas sobre as quais pensar – coisas que o remetem à castração simbólica lacaniana, à não realização do fantasma (fantasia) fundamental, à falta primordial, ao desamparo da condição humana, no final das contas e à sua impossibilidade de gozo pleno. O Facebook e, talvez, o LinkedIn também, em menor escala, vêm para dar algum alento à fantasia, vem recobrir a dureza e a crueza da vida. No final das contas, não é isso o que fazemos muitas vezes: buscar alentos imaginários?

Nesse sentido também, Francisco mostrava-se entusiasmado, um ano e oito meses após ter sido demitido, com a possibilidade de ministrar duas disciplinas para a pós-graduação de uma faculdade particular, no semestre seguinte àquele em que me contou o fato, e entusiasmado com a estruturação de um programa novo de pós, nessa mesma faculdade. Junto com as redes sociais, era o que preenchia o seu tempo e o motivava, fazendo-o se sentir menos "inútil", "dispensável", para usar os termos dele.



como o mineiro debochado do *post*, ser esperto e driblar a necessidade de trabalhar, quando seria esperado que trabalhasse.

Socialmente falando, tem havido discussões no meio corporativo quanto ao uso de redes sociais no trabalho, já que, quando liberado o acesso a elas no horário do expediente, muitos funcionários passam muito tempo nelas, em vez de trabalhar.

Assim, o mineiro do *post*, mesmo caipira, de fala sem rigor formal algum ("nóis come", "nóis drome"), mostra-se audaz às exigências de produtividade, pelo menos aparentemente. Claro que podemos entender a charge como certa crítica social também, ou como sarcasmo em relação ao português sofrível e "inferior" do personagem, mesmo julgando-se esperto.

Mas no caso em questão, o que chama a atenção é a piadinha, sutil, em relação à condição de estar desempregado, feita por Francisco "...*que nós segue!!!!*". O fato de ele não estar trabalhando, mas ficar no Facebook, não é meramente uma questão de querer fazê-lo, de esperteza ou de audácia – e essa é a ironia em jogo. Ele pode escolher não ficar na rede social, claro, mas o estar desempregado não é uma simples questão de escolha subjetiva. Se considerarmos ainda a inquietação de que fala ele, em mensagens trocadas entre nós, sobre não querer estar nessa situação, sobre a necessidade de sustentar os dois filhos adolescentes e assim por diante, fica latente o desconforto que o *post* traz consigo e o prazer chistoso que libera.

Numa outra publicação, agradece a uma amiga pelos votos de "feliz aniversário" e por ela ter sido "*o anjo que apareceu*" na vida dele e que propiciou a experiência profissional que teve na empresa (ambos trabalharam lá). Aponta que os tempos mudaram na companhia, o que é uma pena, segundo ele, mas que foi ótimo ter estado lá.

Numa outra ainda, mais ou menos na mesma época, ele conversou com um amigo (publicou no Mural dele), mencionando que estava enviando currículos e, caso o amigo soubesse de "*alguma coisa*" (vaga de emprego), pedia que o avisasse. Nesse mesmo diálogo público com o amigo fez um desabafo em relação ao antigo chefe:

*Infelizmente na [nome da empresa] entrou um cara chamado [nome e sobrenome do ex-chefe]. Acho que você o conhece. Está acabando com o pouco que ficou do [departamento em que trabalhava]. Sujeito sem o mínimo de escrúpulos, prepotente, autoritário.*

Isso ocorreu em janeiro de 2012, uns cinco meses depois da demissão dele.

As palavras duras em relação ao ex-chefe refletem bem a mágoa que tinha em relação a ele, ao fato de ter sido demitido. Buscou, além disso, certo reconhecimento público por tê-las proferido abertamente ao seu amigo, podendo outras pessoas (seus contatos na rede social) lê-las, se quisessem.

Um ano e oito meses depois da demissão, escreveu-me que achava que *quase* já tinha superado a sua demissão e as circunstâncias em que ocorreu. Mas o fato é que a considerava injusta e que definia o ex-chefe como alguém "*sem escrúpulos, prepotente, autoritário*". Seja como for, parecia que a questão tinha menos importância para ele naquele momento e que já se via envolvido em outros projetos, como brevemente citei.

#### **8.1.3.8 A aposentadoria: um dilema ou um paradoxo?**

Em mensagens trocadas entre nós, como já discuti antes, Francisco mencionava que a questão da necessidade de se sentir útil, de querer continuar produzindo era um ponto que o

incomodava, estando desempregado ou mesmo aposentado. Mas também em nossas mensagens ele enaltecia o ganho de qualidade de vida, a diminuição do estresse, não estando mais vinculado a uma empresa. Quando estava empregado, ficava quase 24 horas por dia conectado, incluindo os finais de semana, além das inúmeras viagens até a sede da empresa (distante cerca de 100 km de sua residência).

Nesse sentido também, certa vez publicou, no Facebook, um gráfico comparativo entre a idade de aposentadoria e a expectativa média de vida, segundo uma pesquisa americana, como me contou posteriormente. Segundo esse gráfico, quanto mais tarde a pessoa se aposentava, menos vivia. Francisco comentou: "*Você que quer trabalhar até morrer .... Dê uma olhada nessa Tabela .... e boa aposentadoria !!!!*". Um de seus amigos questionou se aposentadoria faz bem à saúde, ao que ele respondeu "*[nome do amigo], pelo menos não temos o stress dos nossos atuais 'diretores' (e 'interventores') e a pressão por resultados das nossas atuais 'Empresas' .... tudo pelo bem da nossa saúde !!!!*". Para outro amigo, que comentou estar "ferrado", se levar em conta a pesquisa, Francisco argumenta: "*[nome do amigo], já está na hora de passear com a esposa .... deixa o trabalho para os nossos filhos !!!!*".

Aqui cabem algumas considerações. A primeira delas é a de que Francisco dá-se conta do desgaste físico e mental que a pressão e a cobrança por resultados financeiros e de produtividade provocam ou, pelo menos, favorecem enormemente, como inúmeros autores vêm discutindo [para citar alguns, a título de exemplo: Brant & Minayo-Gomez (2004), Dejours (2006), Franco et al. (2010)]. Tal pressão tem aumentado nos últimos tempos, como discuti em outro trabalho (Barros Júnior, 2009) e, no que se refere a Francisco, chegou a ter problemas cardíacos, conforme me contou.

Com isso, é certo que ele ganhou, por esse aspecto, em qualidade de vida e que, tal como me relatou, supostamente não abriria mais mão dela<sup>69</sup>. E essa certa repulsa pelo estresse gerado nas empresas, a vontade de conquistar certa independência delas, de ter seu próprio negócio ou de ser autônomo, parece-me um fenômeno que vem, se não aumentando, pelo menos aparecendo mais. Por outro lado, enquanto os sujeitos estão inseridos no contexto das organizações, não deixa de chamar a atenção certa satisfação, certo gozo que vivenciam por estarem realizando o que supostamente se espera deles, por se sentirem resilientes, por serem capazes de alcançar os resultados esperados, ainda que a duras penas, por serem promovidos (e não os outros), e assim por diante (Barros Júnior, 2009).

Considerando, além disso, que o próprio Francisco sentia-se um pouco inútil e que queria continuar produzindo, que tentou, por muitos meses, conseguir outro emprego, inclusive se valendo das redes sociais, em particular do LinkedIn, mas que acabou desistindo por não conseguir nada estável até outubro de 2013, exceto um trabalho esporádico, uma palestra aqui e acolá, segundo o que me relatou, fazia-me pensar que havia certo dilema ou certo paradoxo, aparente pelo menos, envolvido na questão.

Talvez a vontade fosse de voltar a trabalhar regularmente sem que houvesse a pressão tão intensa quanto a que parece ter sofrido nos últimos tempos em que esteve empregado. Talvez a vontade fosse de obter satisfação sem o sofrimento que aquele gozo impunha. Talvez, mas que havia (e há) certo gozo no estresse do trabalho, disso não tenho dúvida.

---

<sup>69</sup> Meses depois tal declaração mostrou-se ser mais retórica do que fato, quando relata estar trabalhando "*~50 horas por semana*" com certo entusiasmo. Ainda que diga que deverá rever isso no futuro para viver mais com os filhos, ainda que, de fato, valorize a qualidade de vida, o discurso anterior enaltecendo esta parece representar mais o desejo de ser reconhecido como alguém que a valoriza (tão enaltecida por certos discursos hoje em dia), do que de fato um regozijo por estar supostamente vivendo-a. Parece mais uma tentativa de convencer a si mesmo sobre algum lado bom de não estar trabalhando do que de fato muita fruição com isso.

### 8.1.3.9 *O sucesso e o fracasso no Facebook: o gozo imagético*

O discurso contemporâneo, principalmente o discurso corporativo, de que o sucesso pessoal depende só do indivíduo, aparece num comentário que Francisco faz de uma frase compartilhada pelo filho sobre a necessidade de dedicação total, de dar o melhor de si para conseguir isso. "*E só depende de você !!!!*" escreveu ele ao filho. Afirmção paradoxal em relação à constatação de que permanecer no emprego não dependeu só dele – bastou o ex-chefe querer demiti-lo que ele o foi, houvesse boas razões para isso ou não.

Repetir o mantra ideológico do "depende só de você" soa como desejo de ser reconhecido como fazendo parte desse discurso do sucesso, do *self-made man*, mesmo que não se sentisse tão bem sucedido naquele momento, mesmo tendo ainda muito o que produzir, como me disse numa de nossas mensagens trocadas, não podendo fazê-lo, não no âmbito de um emprego, pelo menos. Que tipo de afeto devia estar presente nesse "só depende de mim", nessa necessidade de produzir, de trabalhar, de sustentar os filhos e na constatação de que não conseguia um novo emprego? Dava-se conta ele de que não dependia só dele?

Francisco também publicou no Facebook, certa vez, que "*NUNCA podemos desistir dos nossos sonhos ..... Mas é preciso trabalhar muito .... e sempre .... e seriamente !!!!!*". Esses dizeres vieram para comentar um pequeno quadro com nomes de pessoas bem sucedidas. No alto do quadro havia a pergunta "Você conhece os fracassados?", seguida do texto:

*Walt Disney – Despedido de um jornal por "falta de imaginação" e por "não possuir ideias originais".*

*Albert Einstein – Começou a falar com quase 4 anos de idade e sua professora disse à família que "ele não seria muita coisa".*

*Oprah Winfrey – Perdeu o cargo no jornal para uma nova âncora pois "ela não se encaixava na televisão".*

*Michael Jordan – Após ser cortado do time de basquete colegial, se trancou no quarto e chorou por horas.*

*Os Beatles – Rejeitados pela Decca Recording Studios, pois não gostaram do som da banda, onde afirmaram que "não teriam futuro no show business".*

*Tentar → Falhar → Aprender com o erro → Tentar de novo.*

O discurso de Francisco quanto a "*tudo pelo bem da nossa saúde*" ou quanto a "*deixa o trabalho para os nossos filhos*", que aparece no *post* dele que discuti antes, coloca-se, pelo menos de maneira manifesta, em oposição a esse do "*NUNCA podemos desistir dos nossos sonhos*" ("nunca" com toda a ênfase de ter todas as letras maiúsculas) ou do "*é preciso trabalhar muito*", "*e sempre*", "*e seriamente*". A justaposição desses discursos parece revelar um sujeito querendo ser reconhecido como o que está aproveitando sua aposentadoria e que convida os outros a gozarem dela como ele, por um lado e, por outro, querendo ser reconhecido como o sujeito que não desiste nunca dos seus sonhos, que aprende com os erros, com as quedas e vence, tem sucesso – o *self-made man*. Temos dois discursos socialmente construídos, de certa forma ideológicos, que Francisco reverbera e reconstrói. A ênfase no "*NUNCA podemos desistir*", as quebras e as pausas no discurso, pelo uso das reticências (com mais de três pontos) e da aliteração do "e" ("*.... e sempre .... e seriamente !!!!!*") parecem desvelar algo que não se encaixa perfeitamente naqueles discursos sociais. É como se fosse preciso gritar "*NUNCA*" para se convencer a não desistir. Aliás, Francisco afirmara, numa das mensagens privadas que trocamos, que havia desistido de procurar emprego pelas redes sociais. Que continuasse a procurar por outras vias, a desistência estava lá, presente de alguma forma, em algum momento.

Já as quebras e as pausas no seu próprio discurso me remetem a certa hesitação quanto a afirmação que quer veicular. Poderia ser apenas um estilo de escrita, diriam alguns, um modo de dar ênfase a uma ideia (ele, de fato, usa muito o recurso das reticências na sua escrita, nos seus *posts*). Poderia ser, mas um sentido surge a partir de um contexto, do todo de um contexto. E não me parece, de fato, mero acaso ou estilo a forma como o discurso foi proferido, justamente dado o contexto em que Francisco se encontrava, dadas as mensagens que havíamos trocado.

É como se ele quisesse poder acreditar nos sonhos, na possibilidade do sucesso a partir da queda, como no caso aparente das figuras notáveis que foram citadas no quadro que ele publicou, como se quisesse se agarrar à possibilidade de realização fantasmática, tal como Pommier (1996) discorreu em uma de suas obras. Contudo, percebe as fraturas dessa possibilidade, hesita diante da crença de sua realização plena, tendo os elementos da sua realidade atual diante de si, e por isso dá tanta ênfase a ela. Talvez, no fundo, aquela fala revela que já se deu conta de certa impossibilidade de realização plena e que, se alguma realização parcial é possível, não virá sem cobrar o seu valor.

De qualquer forma, publicar frases na rede social, seja elogiando o desfrute da aposentadoria, do tempo sem pressão, seja encorajando a possibilidade do sucesso como dependendo apenas de cada um, seja ainda ponderando a necessidade de se trabalhar muito sempre, com todos os elementos de ênfase, de hesitação ou de contradição que discuti acima, tudo isso me parece representar o desejo de construção de determinada imagem na relação com o outro, se tomarmos o que a psicanálise lacaniana nos ensina.

Francisco, ao usar a rede social nesse sentido, quer fazer parecer que goza realmente, mas é apenas a imagem de um gozo. É gozo ainda assim, mas um gozo "virtual", imagético

apenas, produzindo uma satisfação que se esvai no segundo seguinte ao se lembrar do real estado das coisas.

#### **8.1.4 Leila**

##### ***8.1.4.1 Mágoa no Facebook: a demissão e a sensação de descartabilidade***

Negra, com mais de 30 anos, casada, um filho, o último emprego de Leila (nome fictício) foi como atendente de uma empresa. Esteve, durante pouco mais de um ano sem trabalhar, até que conseguiu uma recolocação.

Não tinha perfil no LinkedIn, mas no Facebook mostrava-se ativa e bem humorada, nada que lembrasse, explicitamente, pelo menos, o fato de estar sem um emprego. A exceção foi um *post* ou outro que publicou nos primeiros meses após ter sido demitida. Um deles veio logo depois da demissão:

*É mais uma vez foi provado que o ser humano é descartável! Depois de trabalhar três anos em uma empresa com total dedicação, chega o dia em que uma pessoa fala para você: Leila pegue suas coisas porque não te querem mais aqui, e seja breve porque não queremos que as pessoas cheguem e veja essa situação! Nem se quer tive oportunidade de me despedir dos meus amigos, mas a vida continua, vou seguir meu caminho com um sorriso no rosto e com o pensamento positivo, pois tenho certeza que quando DEUS fecha uma porta ele abre duas Janelas!*

O *post*, em forma de desabafo, foi a tradução de Leila do que estava sentindo naquele momento, provavelmente um misto de afetos do calor do momento. Era um brado para os

amigos dela de rede social, para os agora ex-colegas de trabalho e talvez também indiretamente para os ex-empregadores.

Interessante que ela o inicia apontando que já estava provado, nas suas palavras, que o ser humano é descartável e que, no caso dela, isso se verificou mais uma vez. A descartabilidade que ela enuncia é genérica: “*o ser humano é descartável!*”; não disse que o é numa situação X, Y ou Z, disse que é descartável, ponto de exclamação. Em seguida particulariza o seu enunciado, delimitando o contexto de onde tirava, “*mais uma vez*”, a prova disso – as empresas, no caso dela, a empresa em que havia trabalhado durante três anos e da qual foi demitida de forma sumária, pelo que descreve, tendo sido quase enxotada do lugar, sem sequer poder se despedir dos seus amigos e colegas de trabalho.

Essa sensação de descartabilidade no mundo do trabalho, que aumentou nas últimas décadas, não é novidade – inúmeros autores vêm falando sobre o assunto há algum tempo [ver, a título de exemplo: Antunes (1999), Barros Júnior (2009), Bendassolli (2007), Blanch (2003), Malvezzi (1999), Seligmann-Silva (1999), Sennett (2005)]. Mas se isso é verdade, também me parece ser o fato de que as pessoas, cada vez mais, enunciam essa descartabilidade como algo (quase) natural: “*o ser humano é descartável*” [grifo meu]. Leila não disse: “*ele está descartável*”; as pessoas em geral tampouco o dizem. Se o discurso em questão traz algo do que está acontecendo, ele próprio, de certa forma, recria isso mesmo que enuncia, reverbera-o, faz com que se expanda. Evidentemente que não é possível isolar completamente um discurso da realidade que ele tenta descrever ou que ele (re)cria, ele próprio sendo uma realidade (Foucault, 2007). Não é possível isolar discurso e realidade da complexidade que os compõe, das inúmeras malhas discursivas que se entrecruzam, do acúmulo de acontecimentos e discursos ao longo da história, de suas ressignificações e

retornos em diferentes momentos do tempo; não é possível isolar, exceto para fins “didáticos”, a nossa sociedade em rede, em redes sociais, as comunidades, os diversos núcleos familiares, os sujeitos de carne, osso e psique e os discursos que falam disso tudo e que põem e são postos em movimento com sua existência.

Leila buscava algo com o seu *post*. Podia ser, por exemplo, obter a identificação dos amigos com a sua situação, o apreço, o apoio, a revolta, deles; revelar a atitude injusta, aos olhos dela, de quem a demitiu (“*depois de trabalhar três anos em uma empresa com total dedicação...*”); escancarar a tentativa dos ex-empregadores de não deixar que a cena da demissão fosse vista por mais gente, puni-los ao mostrar uma imagem de empresa não muito apreciável aos olhos de muitos; enfim, tentar dar voz (texto) ao que ela estava sentindo e vivenciando, consciente e inconscientemente. Leila chamou isso de um descarte, um descarte humano. A conjunção do momento e das condições sociais em que vivemos, dos discursos a respeito delas, da própria estrutura da língua portuguesa e do particular do ser de Leila, de seu psiquismo, da sua história, fez com que ela produzisse essa fala e essa fala fosse, em alguma medida, produzida – porque ela não “surge” apenas a partir do que é particular do sujeito. E, por mais inflamado que o *post* tenha sido, com ele Leila recria esse descarte e a descartabilidade dos seres humanos nas empresas. O discurso dela e de tantos outros sujeitos – sejam empregados, empregadores, pesquisadores, jornalistas, usuários de redes sociais, etc. - vai reverberando e reforçando uma realidade que se torna, cada vez mais, realidade natural. E na sociedade em redes, em redes sociais virtuais globalizadas, isso adquire uma dimensão ainda mais viral.

#### 8.1.4.2 *Desígnios divinos*

O final do *post* em que desabafou sobre ter sido demitida também traz algo que é bastante enunciado: o fato de que a vida deve continuar mesmo com a perda, com o descarte e que isso deve ser feito com certa altivez, com “*um sorriso no rosto*”, com esperança de que as coisas vão melhorar (“*pensamento positivo*”, “*quando DEUS fecha uma porta ele abre duas Janelas*”). Ao falar de Deus, Leila afirma sua religiosidade e o faz de forma a ressaltar que foi Ele, com letras maiúsculas, quem fechou a porta dela, mas irá abrir duas janelas. Tal enunciado traz algo do que se ouve popularmente, desloca para a figura divina o sujeito da ação de descartá-la, de não permitir que se despedisse dos seus colegas e amigos de trabalho, mesmo após os anos de dedicação. Parece a expressão de tudo o que estava sentindo, quer fosse raiva, tristeza, vontade de agredir, senso de injustiça ou seja lá o que fosse, seguido de certa (tentativa de) resignação – DEUS é que fechou a porta. DEUS é que quis assim. Não “deus”, não “Deus”, “DEUS”! Se ela estava, de fato, resignada, não sabemos – pelo que disse antes, não estava. Mas, de qualquer forma, enunciar a coisa dessa forma revela algo do desejo de ser reconhecida como seguidora dos desígnios divinos, como alguém que os aceita. A ela cabe aceitar o fato e acreditar que Ele abrirá, não uma, mas duas “*Janelas*”. Curioso pensar que não vai abrir duas portas, mas duas Janelas, com “J” maiúsculo, grande. Não é qualquer janelinha. Por que seriam janelas e não portas? Não sei, mas por uma porta se passa facilmente, por uma janela, só se a pessoa pular através dela. Há uma dificuldade a mais, ainda que sejam duas. Uma janela também remete ao fato de ser feita para a contemplação do mundo lá fora, pelo seu acesso apenas com os olhos.

Seja como for, depois de falar da sensação ruim que foi ter sido descartada daquela forma, a ênfase sobre esse otimismo em relação a Deus, à vontade dele, ruim num primeiro momento (de fechar uma porta), aparentemente melhor num segundo momento (de abrir duas janelas), revela que, se existe uma esperança em relação ao futuro (ao que Deus dará), ele pode não ser tão bom assim.

Numa mensagem em que trocamos no Facebook, em outubro de 2012, cerca de dez meses depois de ter sido demitida, disse que infelizmente ainda estava desempregada, mas que estava aproveitando para curtir o filho e que estava otimista de que em 2013 conseguiria “*uma coisa boa*”, como ela descreveu. O otimismo era quase um mantra para ela mesma continuar, continuar acreditando que algo bom ainda estava por vir. Mas já jogava essa coisa boa para o ano seguinte, mesmo que ainda faltassem dois meses para 2012 acabar.

#### ***8.1.4.3 A vergonha de estar desempregada: sem novidades e sujeita a dó no Facebook***

De fato as coisas não estavam tão bem. Sim, ela podia curtir o filho, mas sentia-se envergonhada por não ter arrumado um emprego ainda. Escreveu-me, quando lhe perguntei como era o contato dela com as pessoas na rede social durante o período em que esteve desempregada:

*Trabalhei em uma empresa de médio porte por três anos e meio, lá me considerava amiga de todos e todos demonstravam o mesmo.*

*Sempre tivemos um ótimo relacionamento inclusive por meio das redes sociais, eram varias curtidas cutucada<sup>70</sup> e até mesmo alguns desabafos de dias conturbados por acumulo de trabalho, mas apartir do momento que me desliguei da empresa de imediato já senti uma grande diferença, foram poucas as pessoas que me passaram mensagens de solidariedade ou até de apoio.*

*Com o tempo eu até me sentia inconveniente de comentar certos posts que os ex-colegas de trabalho compartilham em suas paginas.*

*Uma pessoa ou outra se mostrava preocupada com a minha situação na época (desempregada). Foi então que eu mesma comecei a me distanciar, ficava com vergonha de falar que com o passar de algum meses continuava desempregada, as perguntas eram sempre as mesmas " Eai como você esta oque esta fazendo da vida agora " confesso que até deixei de falar com algumas pessoas e cheguei até exclui las do meu perfil.*

O passar do tempo estando desempregada começa a deixá-la envergonhada frente ao outro; as perguntas de “como você está?”, “o que está fazendo da vida agora” só aumentavam a sensação. A questão do ser “útil”, do fazer algo nesta sociedade é muito forte e o peso de não se encaixar nessa imagem torna-se um fardo bastante incômodo, a ponto de o sujeito afastar-se, distanciar-se das outras pessoas.

A vergonha é um afeto intimamente ligado à imagem do sujeito na sua relação com o outro, em particular associado a algum tipo de mácula nessa imagem, mácula construída a partir de algum elemento socialmente dado, mesmo que haja também questões singulares envolvidas.

Questionada sobre a natureza da vergonha que sentia, escreveu-me:

*sentia vergonha de que com o passar dos meses eu continuava na mesma situação (desempregada) acho que pelas pessoas sempre estarem postando novidades coisas novas, e eu não, fiquei um ano na mesma sem poder falar alguma coisa diferente sei*

---

<sup>70</sup> "Cutucar" é uma funcionalidade do Facebook. Entra-se no perfil de alguém e há uma opção "Cutucar" no botão "Mensagens". A pessoa recebe, então, uma notificação de que foi "cutucada" por fulano de tal. Representa uma ação bem ambígua – tanto pode ser um apreço pela pessoa, quanto uma provocação; tanto um dizer que se lembrou dela (e não tinha o que dizer, pois caso contrário enviaria uma mensagem textual), quanto uma retribuição por uma cutucada anterior. Agora já nem tanto, mas quando foram introduzidas, as cutucadas tornaram-se até um símbolo de certo *status* na rede – quanto mais a pessoa as tivesse, mais popular ela supostamente seria.

*lá, pensei também que talvez as pessoas ficassem com dó de mim, por esses motivos preferi me isolar um pouco. Também mudei a minha postura em relação aos meus posts, pensando no novo empregador.*

Aqui aparecem elementos um pouco diferentes. A imagem de estar na mesma situação, havia meses, incomodava não porque não estava sendo “útil”, mas porque não estava postando novidades, porque não mostrava ao mundo, aos seus contatos, coisas novas, uma situação nova para ela. Era a mesmice do desemprego, em vez do espetáculo da novidade, dos prazeres, da suposta felicidade postada por (quase) todos no Facebook.

Além disso, não havia só a mesmice de sua condição, a impossibilidade de certo gozo na rede social, havia também a questão dos outros sentirem dó dela. Não gozar é uma coisa, mas parecer que sofria era pior ainda. Ser motivo de dó, de pena aumentava ainda mais a sensação de vergonha.

Mas como será que Leila realmente se sentia, para além do Facebook, para além dessa questão da vergonha, da sua imagem na rede social? É uma questão que eu me fazia, já que os *posts* dela ao longo do ano eram de uma pessoa que parecia estar bem, numa primeira mirada, e para quem a situação de desemprego não parecia ser um incômodo, muito menos razão para vergonha. Coloquei essa questão explicitamente a ela. A resposta? Durante cerca de duas semanas, o silêncio. Como não vinha resposta nenhuma, comentei com ela que a pergunta devia ser chata e agradei a ela de qualquer forma. Ela então respondeu que não tinha visto a mensagem - o que não era inteiramente verdade, pois o Facebook indica quando a pessoa visualizou uma mensagem recebida<sup>71</sup> - e que assim que chegasse a sua casa responderia. Não

---

<sup>71</sup> Evidentemente que até podem ocorrer situações em que a pessoa, de fato, não viu determinada mensagem. Por exemplo, se alguém mais tiver a senha de acesso à conta dela no Facebook, se o computador dela travar bem

respondeu imediatamente. Passadas mais duas semanas, enviei outra mensagem, desta vez para perguntar a ela a sua idade e a data exata de quando havia conseguido o emprego em que estava agora. Dessa vez ela respondeu, não só falando da idade e de quando havia conseguido o novo emprego, mas também de como se sentia estando desempregada. Justificou a demora com a correria por que estava passando naqueles dias. Pode ser.

Mas também podemos pensar que a pergunta que fiz incomodou um pouco e ela não estava tão disposta a falar sobre o assunto, a rememorar o que sentiu estando desempregada, a confrontar isso com os seus *posts* no Facebook. Outra possibilidade é que simplesmente deu importância menor à pergunta porque tinha outras coisas a fazer, para ela mais importantes. Podemos pensar que se esqueceu de responder. Enfim, mas como a questão não é exatamente prazerosa para ela (falou de desconforto, de vergonha), o esquecimento ou o relegar a segundo plano ou o adiar ou simplesmente o deixar o silêncio no ar, consciente ou inconsciente, não me parece ser apenas por acaso.

---

no momento em que a mensagem se abria e assim por diante. Mas essas são situações de exceção. Normalmente, quando o Facebook envia ao emissor de determinada mensagem a indicação "Visualizada às HH:MM do dia DD de MM", é porque o destinatário da mensagem de fato já a visualizou.

#### **8.1.4.4 Pedindo indicações de vaga aos amigos na rede: uma única vez**

Em abril de 2012, cerca de quatro meses depois de ter sido demitida, ela publicou outro *post* pedindo indicações de vagas aos seus amigos na rede: “*Pessoal, estou despregada caso souberem de alguma coisa me avisem ta! Beijos*”.

Muitos amigos dela na rede social comentaram o *post*, um inclusive brincando com o erro de digitação que ela cometeu: “*vc está despregada, ou desempregada??? nao entendi??? rrsrsrs*”, ao que ela respondeu “*Ow jesuissssssssss, acho que fiquei abalada com a noticia e to trocando as bolas :-)*”. E em seguida: “*Meus visinhos [citou o nome dos dois amigos] perdem o amigo mas não perdem a piada né heheheh.*”

Claro, pode ter sido apenas um erro de digitação. Mas esse ato falho não deixa de ser significativo no contexto em que Leila estava e pensando no *post* dela de quando foi demitida, descartada, como ela chamou. Estava firme (“pregada”?) havia três anos na empresa e foi sumariamente excluída (“despregada”, “arrancada”). A interpretação pode ser um pouco forçada, mas a troca das palavras não deixou de me remeter a ela, no contexto em que ocorreu.

Seja como for, esse *post* e aquele de quando ela foi demitida foram os únicos em que ela explicitou algo do estar desempregada no Facebook. O que ela publicou fora isso, durante todos os meses em que esteve procurando emprego, não tinha, aparentemente, nenhuma relação com a situação empregatícia dela.

#### 8.1.4.5 *Piada de pobre na rede, sim, mas não de desempregado*

Muitos *posts* de Leila no Facebook eram bem-humorados e vários deles realmente chistosos. Alguns exemplos: “kkkkk eu!”, seguido de uma foto do desenho animado dos Simpsons dizendo “*Finjo concordar com pessoas chatas só para elas calarem a boca*”; “*Ha lek lek lek lek lek lek pqp não consigo parar de cantar isso*” (“*lek lek lek...*” é a onomatopeia de um funk lançado em 2012 e que fez muito sucesso no começo de 2013).

Num outro compartilhou a foto de um bebê com cara de espantado e um pouco confuso em que dizia: “*Bebendo Álcool eu viro um alcoólico. Então quando eu bebo Fanta eu fico Fantástico?*”. Em outro ainda publicou algumas fotos deitada ao lado do marido na cama, os dois olhando para a câmera, fazendo gracejos, rindo ou colocando a língua para fora, com os dizeres “*noites do terro kkkk kkkk*” [terror].

Em outra publicação escreveu:

*SMS DE FICANTES: "Você é linda, quando vamos ficar de novo?"*  
*SMS DE NAMORADOS: "Amor, eu te amo, to com saudades."*  
*SMS DE CASADOS: "Amor, onde vc tah, descongela o frango."*  
*SMS QUE EU RECEBO: "Recarregue seu celular e ganhe bônus ilimitado, você também pode concorrer a um lindo tablet."*

Numa outra colocou um texto sério:

*Há uns dias li um livro sobre culturas orientais que dizia:*  
*'O caminho para conseguir a paz interior reside em acabar as coisas que começamos.'*  
*Depois de um longo período de reflexão pensei:*  
*'Pode ser que seja verdade...'*  
*Olhei em meu redor vi todas as coisas que tinha iniciado e continuavam inacabadas...*



engraçada justamente por contornar o seu desconforto, seja pelo inesperado da construção linguística, seja por certo deboche aparente – quando se esperaria que o sujeito se escondesse na sua condição de pobreza<sup>73</sup>, ele a escancara. Jogo de imagem que tenta subverter, pelo humor, uma situação que seria de “vergonha” aos olhos desta sociedade. Jeito que Leila e tantos outros encontram de lidar com esse incômodo, em particular nas redes sociais.

Mas não deixa de chamar a atenção que piadinhas sobre ser pobre aparecem, mas não sobre estar desempregado, ou, se aparecem, são raras. Leila não publicou nenhuma e tampouco o fizeram os outros desempregados a quem acompanhei nas redes sociais, exceto Francisco, que publicou uma única, muito sutil. Para eles a piada não teria graça, ainda mais depois de meses ou anos sem conseguir um emprego.

Ocorre-me a ideia de que o pobre ou o sujeito do que se chama "classe média baixa", mal e parcamente, ainda consegue inserir-se nesta sociedade do consumo como consumidores, consegue exibir, nesta sociedade do espetáculo narcísico, algum adereço que comprou. Já a pessoa em situação de desemprego vê sua possibilidade de atuar nessa peça escoar pelo ralo, a cada dia, semana, mês, ano em que sua situação se perpetua. O pobre, por mais humilhante que às vezes sua condição possa ser, ainda tem algum recurso que às vezes lhe permite consumir (e exibir) o modelo de celular mais recente, a TV mais moderna, adquirindo-os em múltiplas parcelas, endividando-se para além do que seria razoável. O desempregado vê essa possibilidade diminuir progressivamente, vai ficando, cada vez mais, à margem mesmo do núcleo consumista e espetacular de nossa sociedade.

---

<sup>73</sup> Deve-se dizer que Leila não parece ser pobre, mas pertencente ao que, grosso modo, se chama de "classe média baixa". De fato, o rendimento que ela tinha quando foi demitida a enquadra nessa classe, segundo o que me relatou, e segundo o que adotei como critério de inclusão numa classe ou em outra nesta pesquisa, conforme apresentei anteriormente.

Em relação a outros tipos de *post*, Leila comentava sobre acontecimentos na novela, futebol, alfinetava times rivais ao seu; colocava um ou outro com algum posicionamento político ou de crítica social; mostrava foto do sapato que queria ter, fazia piada com bebidas alcoólicas, com pessoas acima do peso, segundo os padrões em voga, e assim por diante. Muitas vezes debochava de situações e terminava os *posts* com o bordão "kkkkkkkk" – risadas em "internetês". De fato, a imagem que passava era a de alguém que estava bem e divertia-se, nada que lembrasse explicitamente a vergonha a que fez alusão quando conversamos de forma privada. Num *post* ela chegou a dizer: "*Melhor horário para entra no face[book] é depois das 22:00, me racho de rir com as coleguinhas que estão on line!*"

Publicou algumas vezes mensagens falando de Deus e às vezes também comentava seriamente sobre determinados assuntos, como o *post* em que escreveu:

*O Pedro Bial chama os participantes do BBB de "heróis" porque talvez ele não saiba que existem pessoas nesse país que acordam de madrugada, pegam três ou quatro ônibus para poder trabalhar, ganham um mísero salário mínimo, não possuem plano de saúde e muito menos condições para colocar os filhos em boas escolas, mas mesmo assim conseguem levar uma família inteira nas costas com um sorriso no rosto e com dignidade no coração. #Desculpas Bial, mas isso sim é ser herói!!!*

Não sei se o texto é de autoria dela, mas mesmo que não seja, ela o publicou como se fosse (não incluiu aspas de uma paráfrase, por exemplo). Nele coloca, não de maneira jocosa, mas séria, a realidade de muitos trabalhadores brasileiros. O centro das atenções é novamente o pobre, assim como o foi em alguns chistes publicados por ela, embora a ênfase desta vez recaia sobre o trabalhador pobre, elevado à categoria de herói, pela dureza que vive, pelo sacrifício que passa cotidianamente. Não há alusão, mais uma vez, aos que estão em situação

de desemprego, inclusive a própria Leila. O estar desempregado não é motivo de orgulho, mesmo que tenha uma boa dose de sacrifício, de luta envolvida.

#### 8.1.4.6 *A questão da imagem de si na rede e fora dela*

Numa das mensagens que trocamos, na que ela finalmente fala de como se sentia enquanto esteve desempregada, escreveu o seguinte:

*Muitas vezes me senti em vergonhada até revoltada com a postura de algumas empresas, passei por muitos preconceitos, tipo chegar em alguns locais de entrevista e as pessoas não me entrevistarem direito só olhar para mim de baixo acima e com um papinho bem fuleiro dizer que era só eu aguardar em casa que eles voltavam a me liga, sentia que eles não estavam interessados em minhas qualidades profissionais e sim na minha aparência física. Teve dias que até chorei de tristeza por não conseguir um emprego, mas nunca deixei isso tomar conta de mim, não quis expor isso para as pessoas não ficarem com dó de mim, mas não deixei essa sensação ruim tomar conta de mim preferi confiar em Deus e manter o meu bom humor.*

Ela que é negra, que está um pouco acima do peso para os padrões sociais atuais<sup>74</sup>, que se sentiu revoltada, humilhada em algumas entrevistas de emprego, que chorou de tristeza por não conseguir uma recolocação profissional, não era uma heroína aos olhos dela própria e quiçá da sociedade em geral; pelo contrário, precisava esconder-se, não podia expor sua situação. Esta era motivo de vergonha e, quando muito, despertaria o dó das outras pessoas.

Se não falou de nada disso explicitamente no Facebook, publicou a seguinte frase, no começo de janeiro de 2013: "*Os humilhados serão exaltados!*". Nessa alusão bíblica, há a

---

<sup>74</sup> Os padrões de peso corporal, para além de quaisquer recomendações médicas ligadas à saúde, também entram como parte da cultura do narcisismo em que vivemos.

suposta crença de que haverá uma redenção no final. Mas mais do que uma simples redenção, haverá uma exaltação dos que foram humilhados – dos que nessa posição inferior foram colocados e com ela se identificaram.

A tristeza a que Leila faz alusão, o sofrimento dela parece passar muito mais por um aspecto de imagem de si na relação com o outro, de ferida narcísica, do que por alguma privação mais "física", ligada a alguma necessidade mais básica de sobrevivência. É importante que eu ressalte, contudo, que isso não diminui tal sofrimento ou o coloca num patamar secundário ou menos importante. E tampouco que não esteja ligado ao corpo, ao "físico", estando ligado apenas ao "psíquico". Para começar é preciso dizer que o psíquico é indissociável do corpo, do corpo fantasiado, mas também do organismo fisiológico.

Mas voltando ao caso de Leila, a imagem dela está no cerne do seu sofrimento e do seu gozo (ou da busca por ele)<sup>75</sup>. Ela cita ter sido humilhada, desconsiderada para vagas de emprego pela aparência física; fala da preocupação de que os outros não tenham pena dela, de estar com "um sorriso no rosto", mesmo num momento em que se sentiu descartada (na demissão dela), de não deixar que a sensação ruim tomasse conta dela (a tristeza, quando ainda estava desempregada, a revolta por ter sido desconsiderada pela aparência física nas entrevistas). Confessa ter sentido vergonha por ter estado desempregada há tanto tempo e não poder publicar novidades na rede social, mas publica, ao longo de mais de um ano, quase que apenas *posts* bem humorados ou pequenos chistes, repletos de risadas ("kkkkkkk").

---

<sup>75</sup> Como discuti antes, prefiro distinguir o sofrimento sintomático neurótico do gozo de natureza perversa, mesmo que este seja o pano de fundo das fantasias neuróticas, mesmo que ele represente um para-além do prazer que é sofrido também, em alguma medida, fatalmente acompanhado de angústia.

A importância dada à questão da imagem dela surge, no Facebook, também nos *posts* em que publicava, vez ou outra, fotos suas de rosto. Nelas sempre aparecia bem arrumada, maquiada, com o cabelo escovado. Ou ainda quando, explicitamente, definia-se: "*Ciumenta, dramática, chata, engraçada prazer eu!*". Numa primeira mirada se pode pensar que, exceto pelo "engraçada", ela estava se desqualificando nessa autodefinição. Contudo, socialmente falando, admitir que se tenham defeitos, enumerando-os, e arrematando com um "(mas sou) *engraçada*" tem uma conotação positiva. Ter a consciência da própria imperfeição e explicitá-la não só ameniza as características "ruins" que ela vê em si mesma, como passa certa imagem de maturidade ou, pelo menos, de alguém que está bem consigo mesma, apesar de tudo. Seja como for, é com o desejo de obter algum reconhecimento do outro nesse sentido que ela publica uma mensagem assim no Facebook. Na frase "*Bom dia meus queridos, lembrem se que o ideal é ser feliz e não perfeito ☺*", que publicou em 2012, também remete a essa questão da imagem imperfeita, mas ainda assim, supostamente consciente, feliz.

Publicou também algumas mensagens fazendo a defesa de pessoas acima do peso, inclusive compartilhando algumas mensagens de uma usuária da rede social que se denomina "SOU Gordinha SIM". Numa delas havia uma foto de uma tesoura cortando a língua de alguém com os dizeres: "Quando te perguntarem assim: você tem um rosto tão bonito, por que não emagrece? Responda assim: você tem a língua tão grande, por que não corta?". Ao que Leila comentou "*Adorei kkkk*". Numa outra compartilhou uma foto da família do desenho Shrek – cujos personagens são fisicamente feios, incluindo a esposa, que é gordinha – em que aparecia a frase: "Quando se tem caráter, a aparência é só um pequeno DETALHE".

Por outro lado, numa de suas publicações havia um desenho de meninas gordinhas entrando numa máquina e saindo magras do outro lado, ao que Leila comentou: "*Quem sabe*

*um dia acho uma dessas!*". Quer dizer, para ela, o fato de ser gordinha não era um pequeno detalhe, como supostamente queria fazer parecer com as várias publicações relacionadas ao estar acima do peso para os padrões vigentes, parecendo estar bem com isso: "*o caráter é que importa*", "*sou gordinha, mas você não paga minhas contas*", etc. Se ela estivesse realmente bem com isso, não precisaria, reiteradamente, falar disso na rede social, e tampouco dizer que esperaria encontrar uma máquina que, magicamente, fizesse dela uma mulher magra.

Ainda ligado ao tema de como se vê e como é vista pelo outro, Leila compartilhou uma imagem do personagem Bob Esponja com a frase "Vc é magro, te criticam, vc é gordo te criticam, vc é tímido te criticam, vc é extrovertido te criticam, vc morre: 'ah era uma boa pessoa'".

Escreveu, em janeiro de 2013, o seguinte texto, parafraseando alguém (usou aspas para indicar a paráfrase):

*Se engordo, tô grávida. Se emagreço, tô doente. Se me visto bem, sou metida. Se me visto mal, sou desleixada. Se digo o que penso, sou arrogante. Se choro, quero dar pena. Se tenho muitos amigos, sou falsa. Se tenho poucos, sou antissocial. Se me defendo, sou malcriada. Se não, sou fraca. ENFIM... Não se pode fazer nada sem ser criticada.*

É nítido o desconforto do sujeito em relação ao lugar que ocupa para o outro, à imagem que o outro tem de si. É desejar ser apreciado, desejado pelo outro, mas, sobretudo, perceber a impossibilidade que isso se dê de forma plena. Numa outra publicação, também no começo de 2013, compartilhou outro texto que dizia:

*Facebook é assim, você só pode postar o que as pessoas querem. Porque se escreve sobre saudade acham que você sente falta de alguém. Se fala de tristeza, acham que você está na pior ou é depressiva. Se fala mal de homem, acham que teu*

*relacionamento está ruim. Podem me deixar postar o que eu acho bacana, sem achar que eu estou narrando a minha vida pessoal? Combinado? Fica a dica.*

Aqui a preocupação com a imagem fica mais escancarada, justamente por vir num enunciado que manifesta certa indiferença a ela. Se o que os outros estão pensando a respeito dos *posts* do sujeito e dele próprio não fosse importante, esse *post* não teria razão de ser. O ar *blasé* que a autora do texto quis passar, e que Leila replicou, tenta dissociar qualquer conteúdo publicado pelo sujeito de si mesmo, do que esteja sentindo ou do que seja como sujeito mesmo. Evidentemente que ela se contradiz ao afirmar "o que eu acho bacana". Quer dizer, o que ela acha "bacana" está ligado a algo dela, existe uma identificação em algum nível. Que ela não esteja propriamente deprimida, no momento em que publica algo ligado à tristeza, certamente enxerga em si ou na sua história algo de triste, até porque não há vida que seja só alegria. Que não esteja tendo um relacionamento ruim, no momento em que publica algo falando mal de homem, certamente a autora do texto tem alguma razão para criticar os homens, eventualmente tentar diminuí-los, seja porque já se decepcionou ou sofreu com algum no passado, seja para fazer frente a um discurso de dominação masculina, tão presente na cultura brasileira, ou ainda para fazer eco a um discurso de poder feminino, que tem aparecido mais recentemente, seja por que razão for com a qual ela se identifica.

Certamente essa relação com a imagem, esse traço narcísico está ligado a questões singulares de Leila e das autoras dos textos que acabamos de discutir, ou seja, outros sujeitos poderiam não ser assim, poderiam manifestar essa relação de outra forma ou com intensidade menor, por exemplo. Mas não creio que seja apenas algo delas. O que me parece é que a sociedade em que vivemos e as redes sociais virtuais em particular, que são constituídas a

partir dela e ajudam a constituí-la, potencializam essa dinâmica narcísica e aumentam o gozo imagético, mas também o sofrimento daí advindo.

O fato é que os sujeitos, talvez mais do que nunca, desejam ser vistos, notados, apreciados, invejados, desejados nas redes sociais e fora delas. Mas isso não vem sem um preço a ser pago: seja a suposta crítica ou espreita excessiva e onipresente do outro, a que os *posts* de Leila fazem alusão, seja a banalização de quase tudo (é tanta gente e tanta coisa para ser "apreciada" e "curtida" – para usar o termo do Facebook – que quase tudo parece banal ou não tão bom assim - por isso a crítica); seja ainda que, nesse excesso de exposição, corre-se o risco de que o outro veja algo meu que não gostaria que visse ou que a imagem que faça de mim não seja a de alguém simplesmente "bacana", mas de alguém por vezes triste, com problemas de relacionamento, gordo, desempregado e assim por diante. Além disso, nesse jogo, encontrar "defeitos" na imagem alheia (criticá-lo) é também uma forma de gozar - engrandecer a si próprio, já que o outro é posto num patamar abaixo.

Ou seja, que Leila se ressinta dessa dinâmica narcísica – que esteja mergulhada nessa busca pelo gozo correspondente, mas sofra com isso - a verdade é que provavelmente ninguém está completamente livre dela hoje em dia, nem os que têm uma imagem muito bem apreciada (por isso mesmo talvez paguem ou pagarão no futuro um preço ainda mais elevado que os outros), nem os que se dizem "indiferentes" a ela, ainda que, claro, cada sujeito seja afetado pela questão de forma diferente e numa escala maior ou menor.

### 8.1.4.7 *Alegria na rede*

No começo de 2013, um pouco antes de conseguir um novo emprego e talvez como um "prenúncio" dele, Leila publicou uma série de pequenos textos e frases em que expressava alegria e certa sensação de estar de bem com a vida. Alguns exemplos:

*Quando a alma está feliz, a prosperidade cresce a saúde melhora, as amizades aumentam em fim, o mundo fica de bem com vc!.*

*Amor não é só beijo e amasso. Amor é cuidado, amor é carinho, amor também é amizade.*

*Ame seus pais, a vida e os amigos... Aos seus pais porque são únicos. A vida porque é curta E aos amigos porque são raros.*

*Nada como passar em frente a um canteiro de obras[:] é tanto elogio que sua alto estima fica La em cima!*

*A vida é curta, aproveite-a. O amor é raro, agarre-o. A raiva é ruim, jogue-a fora. O medo é ridículo, enfrente-o. Memórias são doces, saboreie-as.*

Pouco tempo depois de conseguir o emprego, publicou novas fotos dela mesma e de seu filho. Na verdade já em dezembro de 2012 havia publicado uma espécie de retrospectiva do ano, com algumas fotos dela e os dizeres: "*foi muito bom, e em 2013 será melhor!*". Também naquele mês havia escrito:

*OBAAAAA DEZEMBRO CHEGOU, ADORO É O MÊS DO MEU NIVER COMPRAS, MUITOS PRESENTES, FESTAS TODO MUNDO FELIZ. TEM COISA MELHOR QUE COMEÇAR O MÊS FELIZ DA VIDA E COMEMORANDO COM QUEM VC GOSTA!*

Evidentemente que Leila poderia estar realmente se sentindo alegre, de bem com a vida, quando publicou tudo isso, seja no final de 2012, seja no começo de 2013, antes de conseguir um emprego, e depois que o conseguiu. Evidentemente que 2012 pode ter sido um ano "muito bom" para ela, sob diversos aspectos que desconhecemos. Parecia, por exemplo, estar feliz no casamento. Publicou em julho daquele ano:

*Nossa como o tempo passa, hoje eu e meu maridinho completamos dez anos de relacionamento!  
Só tenho a agradecer pelo bom namorado, ótimo marido e excelente pai que ele tem sido todos esses anos.  
[abreviação do nome do marido] te amo!*

Veza ou outra publicava fotos com o companheiro e com o filho, de quem parecia gostar muito – escreveu-me que estava "*aproveitando para curtir meu filhote...*" numa de nossas primeiras trocas de mensagem.

Mas o que chama a atenção é justamente o fato de ela ter-me contado que não estava tão bem assim e que, na verdade, 2012 foi um ano relativamente difícil para ela – ficou o ano todo sem emprego, foi humilhada em entrevistas por que passou e assim por diante, como já discuti antes.

Assim, esse bem-estar parece ser ou coisa de momentos pontuais de alguma euforia (no dia em que escreveu o texto acima em caixa alta talvez fosse um deles). Ou pode ser ela tentando convencer a si mesma ou reforçar a crença que talvez já tenha de que a vida é bela, apesar das dificuldades e graças ao que ela parece ter de bom – o relacionamento com o marido e com o filho, por exemplo. Um *post* que talvez remeta a algo nessa linha foi um de outubro de 2012 em que ela reproduziu uma foto com uma vela acesa e os dizeres: "Senhor, eu creio, mas aumentai a minha fé!". Claramente fala de uma fé em seja lá o que for – no

próprio Deus, na vida, na felicidade, enfim – que estava abalada. Outro *post* que remetia à fé ou à esperança foi um de outubro de 2012: "*Que venha Outubro e seja um mês de boas notícias muitas surpresas e ótimas vibrações!*".

Ou ainda pode ser que o clima de bem-estar no Facebook seja o de que estivesse apenas construindo ou mantendo certa imagem positiva de si na rede social para o outro, publicando uma "novidade" no Facebook – o ano ter sido ótimo, a sua nova aparência (numa das fotos dela de dezembro de 2012 disse "*cansei de ser morena, agora estou loira kkkkk kkkk*"), o ótimo casamento que tem, o filho querido, as frases de motivação e autoajuda, as fotos dos ingressos de show a que foi com o marido e assim por diante.

É certo que, ao longo do tempo em que a acompanhei no Facebook, ela não publicou só coisas boas ou só "sentimentos positivos"<sup>76</sup>. Fora o desabafo que escreveu logo depois da demissão – já discutido antes – vez ou outra publicava alguma frase que remetia a que nem tudo eram flores. Numa delas dizia, por exemplo: "*somos feitos de carne e osso, mas as vezes acho deveríamos ser feitos de ferro!*". Mas certamente esse tipo de publicação era muito menos frequente do que os outros.

Além disso, a partir de dezembro de 2012, houve uma intensificação das mensagens de conotação "positiva" e, depois de fevereiro de 2013, quando arrumou um novo emprego, até certo aumento no número de *posts* chistosos.

Coincidência ou não com a época festiva de final de ano, inclusive sendo o aniversário dela no mesmo período, o fato é que, na aparência, as coisas pareciam melhores. E, na

---

<sup>76</sup> Ao falar de "sentimentos", refiro-me ao que o sujeito sente em termos conscientes e, manifestamente, publica na rede social.

verdade, depois de fevereiro de 2013, a situação de trabalho dela melhorou mesmo, e ela parecia estar feliz de ter-se recolocado profissionalmente, como me contou.

A mudança no perfil e nas publicações dela, provavelmente não foram notadas pelas pessoas em geral, seus amigos na rede social, até porque foi uma mudança sutil, apenas uma intensificação do que já existia antes – a maior parte sendo de mensagens "positivas", ou chistosas, ou simplesmente de muito bom humor, tendo uma pitada ou outra de *posts* de posicionamento político, de crítica social ou algo do gênero.

### **8.1.5 Guilherme**

#### ***8.1.5.1 Mentiras sinceras no LinkedIn: melhorando a autoestima***

O sentir-se desempregado não é exclusividade apenas de quem já se formou, inclui também eventualmente aqueles que estão procurando um estágio. Guilherme (nome fictício), aluno de um curso de exatas numa faculdade particular, na faixa etária entre 20 e 29 anos, quando foi dispensado do estágio que conseguira havia dois meses, no começo de 2012, encaixa-se nessa categoria. Ficou, durante quase um ano e meio, procurando um novo estágio ou um novo emprego – o que aparecesse primeiro. Vindo de uma família que poderíamos dizer, grosso modo, de "classe média baixa"<sup>77</sup>, tinha que se sustentar - dependia da renda vinda de um estágio ou de um emprego para sobreviver e pagar sua faculdade.

---

<sup>77</sup> Pela renda que possuía, antes de ser demitido, pelo que me relatou.

Os meses iam passando e ele não conseguia nada. Entrevista após entrevista, o máximo que conseguia era um "o seu currículo vai ficar armazenado no nosso banco de dados para oportunidades futuras". O que sobrou da indenização pela demissão de seu último emprego, onde ficara por quase seis anos, estava acabando. Pensando até em largar a faculdade por não conseguir pagá-la, entrou com pedido para conseguir empréstimo do governo para custeio dos estudos (o chamado programa FIES – Fundo de Financiamento Estudantil). Depois de alguns meses de idas e vindas burocráticas, conseguiu o financiamento, o que foi um alívio para ele.

Para se sustentar, fazia bicos, mas a renda obtida com eles variava bastante, o que não aliviava muito a angústia que sentia.

Mas não era só a questão do dinheiro que pesava – sentia, cada vez mais, uma sensação de fracasso, de dúvida quanto à sua capacidade profissional, de desilusão pela vida. Disse-me, mais de uma vez: "*dá vontade de dormir e não acordar mais*".

Comentava que sua autoestima estava muito baixa. Depois de vários meses de tentativas frustradas um dia me relatou que "*amanhã vou ao CAT [Centro de Apoio ao Trabalhador]. Estou aceitando qualquer coisa, até emprego de faxineiro*".

Quando comecei a acompanhá-lo, em novembro de 2012, ele tinha um perfil quase sem informação alguma no LinkedIn. Lá dizia que ainda estava na empresa onde trabalhara anteriormente, mesmo que a tivesse deixado havia mais de um ano, em 2011. Também não citava os dois estágios que tinha feito - o último tendo sido interrompido em fevereiro de 2012. Na verdade não usava a rede social virtual, contou-me depois, tendo menos de cinco contatos nela – era apenas um perfil que criara, havia algum tempo, por convite de alguém, e lá ficara parado.

Em fevereiro de 2013, um ano depois da demissão do estágio, atualizou o seu perfil por recomendação de alguém, incluindo a menção aos estágios que fez, aumentando sua rede de contatos, passando a seguir algumas empresas da área em que fazia o curso superior.

Mas um fato curioso foi que mentiu sobre a duração dos dois estágios – nos dois casos colocou como se tivessem durado um ano cada, ao passo que duraram dois ou três meses. Além disso, os bicos que fazia foram mencionados como sendo na área de atuação dele, o que não era verdade.

Distorcia algumas informações do perfil como forma de tentar promover-se e, assim, conseguir um estágio ou um emprego. Se o jogo social em questão era o de ser atraente para o mercado, ele o estava jogando, nem que, para isso, tivesse de contar algumas mentiras. Tinham a finalidade de construir a imagem de um estudante com experiência profissional, alguém, portanto, desejável pelo mercado.

Na verdade, no caso dele, o atualizar o perfil no LinkedIn foi mais uma tentativa de conseguir um trabalho, mas ele mesmo admitiu que não via muita esperança na rede social nesse sentido. Não via, mas mesmo assim atualizou o perfil, incrementou-o, quis verificar o que poderia conseguir.

No final de agosto de 2013 conseguiu, finalmente, um estágio, por meio da indicação de um ex-colega. Como ele previu, o LinkedIn, de fato, não lhe trouxe nada de concreto em termos de trabalho e ele continuava como usuário passivo da rede, ao que parece. Isto é, aceitava convites de contato que lhe chegavam de conhecidos, mas só. Até outubro de 2013, sequer havia mudado o cargo no título do perfil, ou havia incluído a empresa onde agora estava estagiando.

É provável que atualize essas informações no futuro, e que até retire as "mentiras sinceras", principalmente quando estiver em busca de um novo estágio ou de um novo emprego. Naquele momento ficava assim.

Se a rede social virtual não mudou a sua sensação de baixa autoestima, como ele definiu, e se também não lhe trouxe nada de concreto em termos de emprego ou estágio, teve e continuava tendo um papel na construção de uma imagem que em nada lembrava o sofrimento, a desilusão que ele vivera.

#### ***8.1.5.2 Aluno exemplar, engajado, sensível, engraçado e que ainda curte a vida***

O perfil de Guilherme no Facebook, como dos outros sujeitos desta pesquisa – e, provavelmente, da maioria das pessoas – não tinha muita relação com o do LinkedIn. Alguém pode argumentar que isso seria esperado, pois o LinkedIn propõe-se a ser uma rede social profissional, voltada para o mercado de trabalho, ao passo que o Facebook propõe-se a ser uma rede cuja missão manifesta é de "dar às pessoas poder de compartilhar e fazer o mundo mais aberto e conectado" (Facebook, 2013b). Ou seja, O Facebook estimula as pessoas a compartilharem seja lá o que quiserem, que acharem interessante, desde que não violem as leis e determinados princípios (por exemplo, o de não publicar material pornográfico ou nudez; o de não publicar material que incite a violência, etc.) (Facebook, 2013c). Ou seja, ainda que o LinkedIn tenha aproximado-se do Facebook no modo de funcionar e na sua aparência, em particular levando-se em conta as modificações que introduziu em 2013 (o *feed* de atualizações dos usuários é um exemplo, muito parecido com o *feed* de notícias do

Facebook), ainda assim explicitamente funcionam com propósitos de uso diferentes, com nichos diferentes de rede social.

Portanto, essas redes sociais, com as suas funcionalidades, permissões e restrições, aparência e modos de funcionar determinam, em grande medida, o modo como os sujeitos nelas interagem entre si (Keenan & Shiri, 2009).

Se já era sabido que o meio social molda, numa entensão considerável, o comportamento dos sujeitos, ou, para falar em termos mais psicanalíticos, que os sujeitos constituem-se a partir do outro, no seu sentido mais amplo (social, inclusive), e, inversamente, que os sujeitos passam a fazer parte desse meio (outro), ajudando a constituí-lo também, as redes sociais virtuais tornam essa dinâmica mais visível e talvez a exacerbam.

Mas voltando ao caso de Guilherme, as suas publicações no Facebook referiam-se principalmente às seguintes categorias:

1. Comentários ou fotos relacionadas a trabalhos de faculdade.
2. Publicações de caráter político
3. Vídeos ou montagens com fotos engraçadas
4. Fotos com amigos ou colegas de faculdade em festas, determinados eventos ou locais, incluindo viagens.
5. Publicações que visavam emocionar ou tocar de alguma forma, quer fossem vídeos, quer fossem frases de efeito.

Inúmeros foram os *posts* de Guilherme falando do seu curso universitário, em particular sobre os trabalhos que estava fazendo para este, incluindo imagens desses trabalhos, finalizados ou em andamento. Em alguns acrescentava alguma frase de orgulho em relação ao que conseguira produzir: "*Orgulhosinho da minha* [parte do trabalho de faculdade que ele

tinha terminado]" (publicada ao lado da foto do trabalho). Fiquei curioso em saber a razão do uso do diminutivo, que pode ter o sentido de carinho, mas também o de algo não tão grande assim – ele estava orgulhoso do trabalho, mas nem tanto, ou, ele estava orgulhoso, mas não se sentia digno o suficiente para senti-lo, ou ainda não era bom para a imagem dele mostrar-se tão narcisista.

Em maio de 2013, Guilherme publicou a foto de um trabalho seu de faculdade com o comentário: "[parte do trabalho] *maldito, mas ficou beeeem legal*". Aqui o narcisismo não foi tão discreto, pelo contrário – o alongamento do "*beeeem legal*" traz a medida do quanto o que ele havia feito era bom. É como se dissesse "não deixem de ver e admirar o que eeeeu fiz!".

Também publicava frases sobre o cansaço em passar noites em claro fazendo as atividades universitárias, sobre a expectativa da chegada do final de semestre e do curso. Alguns exemplos: "*Bora passar o domingo fazendo projeto de [nome do curso dele]? #pqavidaedurapraquememole*"; "*Aquele momento na madrugada que vc esta terminando de fazer [seu trabalho de faculdade] para ser entregue daqui a algumas horas e... Acaba o papel!!! Quero papelaria 24hrs*"; "*E vamos que vamos, virar mais uma noite para fazer o projeto de [nome do curso dele]!!!*"; "*Tem coisa mais gostosa do que passar um sábado a noite fazendo trabalho da facul???*".

Essas publicações, essas frases irônicas ou não sobre as noites em claro ou os finais de semana fazendo trabalhos de faculdade não eram apenas um falar de algo banal, simplesmente por falar. Que possam transmitir algo como um quê de descontentamento em ter de se sacrificar daquela forma, ou certo desabafo em relação a algum cansaço que poderia estar sentindo, transmitem, sobretudo, o desejo de ser reconhecido com uma determinada imagem – do rapaz engajado no seu curso universitário, do que não tem medido esforços para fazê-lo e

concluir as atividades nele propostas, do que, apesar de estar desempregado, continua lutando na vida, ou algo do gênero, que não dá para saber bem ao certo. Mas o fato de publicar aquelas frases inúmeras vezes não deixa dúvidas de que Guilherme não falava só do curso ou dos trabalhos de faculdade dele, falava dele próprio, da sua imagem, da que ele desejava construir. Numa frase, publicada em abril de 2013, escreveu: "*E o reconhecimento do seu esforço vem da onde você menos espera!!!*". Numa outra, poucos dias depois, desabafou: "*Depois de noites em claro, dores pelo corpo, muita dor de cabeça e algumas lagrimas... Receber um baita elogio da professora de projeto faz tudo isso valer a pena! Feliz!*" \_ era o júbilo da satisfação obtida que ele quis compartilhar, mostrar ao mundo (dos seus amigos de Facebook pelo menos) para ser visto e reconhecido.

As publicações de caráter político incluíam o apoio às manifestações populares ocorridas em 2013 – ele mesmo esteve nelas; o repúdio a declarações homofóbicas de celebridades e a parlamentares que votaram a favor do tratamento da homossexualidade (o chamado projeto da "cura gay"); o pedido de *impeachment* de determinados parlamentares por corrupção. Escreveu ele, em junho de 2013:

*Cheguei agora da manifestacao e o que eu vi? Centenas de pessoas com a bandeira do Brasil enrolada ao corpo, ninguem comemorava um gol do Brasil, todos protestavam contra a corrupcao. Todos desfilavam na [avenida] Paulista, mas não era um desfile de carnaval, era o povo reivindicando o carnaval que virou nossa politica. Foi uma manifestacao pacifica, e quando alguem começava agitar uma baderna, varias pessoas gritavam: VANDALISMO NÃO!!! E quando a policia jogava bomba, ninguem revidava, somente gritavamos: SEM VIOLENCIA!!! Era lindo ver familias inteiras nas janelas de seus apartamentos balancando toalhas brancas e pedindo paz e justica! Parabens Brasil! Parabens São Paulo! Mostramos ao mundo que não queremos gol, queremos escolas, hospitais, seguranca e emprego!!!*

Na época das manifestações que ocorreram em meados de 2013, Brasil afora, pedindo justiça, eliminação da corrupção, menos gastos com a Copa do Mundo de 2014 (a ser realizada no país), mais investimentos em transporte, saúde e educação, esse tipo de texto descrevendo as experiências dos próprios sujeitos nesse movimento popular passou a ser uma constante no Facebook, normalmente acompanhado de fotos. Mas o que traziam, tanto quanto a vontade de criar barulho na rede social, de aumentar a repercussão do movimento, num anseio possivelmente legítimo de melhorias e de mudanças para o país, era justamente o desejo de ser reconhecido como fazendo parte desse movimento, desse engajamento político. Os verbos em primeira pessoa do plural não deixam dúvidas quanto ao querer colocar-se como fazendo parte disso – "*Mostramos ao mundo...*", "*queremos escolas...*". Faltou só a frase que ficou nas entrelinhas "*Nós – eu e os tantos outros que publicamos essas fotos da nossa participação nas ruas, que escrevemos esses textos inflamados ou emocionados, queremos ser reconhecidos por isso*".

Outro tipo de *post* bastante presente no seu perfil eram os vídeos ou as montagens de fotos que pretendiam ser engraçadas. Digo "pretendiam", pois em geral se tratava de um humor um tanto quanto popularesco e até apelativo, em alguns casos. Alguns exemplos incluíam:

- Uma publicação em que comentava uma foto do filho do ator norte-americano Nicolas Cage – "*o filho do Nicolas Cage parece a menina do chamado kkkkk*" ("O Chamado" é um filme de terror lançado nos Estados Unidos em 2002).

- A foto do deputado federal Marcos Feliciano<sup>78</sup> ao lado do travesti "Vanessão", que ficou popularmente famoso num vídeo em que brigou com um suposto cliente por este não haver pago os vinte reais combinados pelo programa que, segundo ele, fizeram. A foto vinha com os dizeres "Separados por 20 reais".
- Uma montagem da presidente Dilma Roussef deitada na cama abraçada ao ministro da Fazenda Guido Mantega. Nela a presidente diz "*Seu PIB tá tão pequeno*", ao que o ministro responde "*É que seu rombo tá tão grande...*".

Veza outra, Guilherme também publicava um humor um pouco mais "ameno", digamos, como é o caso da foto de um idoso com o rosto todo pintado de tintas coloridas com os dizeres "Art Nuvô", que ele publicou em março de 2013, comentando: "*eu prefiro estudar Art Nuvô do que art nouveau kkkkkk*".

Penso não ser necessário fazer uma análise do cômico e do chiste, seja ele mais sutil ou "inocente", seja ele mais escrachado ou agressivo, dado o que já discuti anteriormente sobre o tema.

Ainda que não fossem tão numerosos assim, veza outra Guilherme publicava fotos dele com colegas ou amigos em festas, eventos e locais diversos (por exemplo, no caso de viagens). Nelas aparecia sorrindo, abraçado a eles, às vezes com um *drink* na mão. Acontecia também de ele ser marcado em fotos de colegas – o que fazia com que elas aparecessem no seu perfil, já que ele não removia tais marcações, como poderia fazê-lo, caso quisesse.

---

<sup>78</sup> O deputado federal Marcos Feliciano assumiu a presidência da Comissão de Direitos Humanos na Câmara dos Deputados, em março de 2013, e causou muita polêmica ao pôr em pauta na Comissão um projeto de lei que permitia o tratamento da homossexualidade (o chamado projeto da "cura gay").

Algumas vezes Guilherme fazia "*check-in*"<sup>79</sup> no Facebook para indicar o local onde estava – num shopping center, numa empresa fazendo um bico e assim por diante.

Por último, uma categoria de *posts* de Guilherme que apareciam com alguma frequência eram vídeos ou frases que emocionavam, tocavam de alguma forma aqueles que os viam, ou pelo menos tinham certa conotação emocional. Num deles Guilherme publicou um pequeno quadrinho com os dizeres "*Ainda bem que eu segui as batidas do meu coração*", comentando-o com a frase "*Espero que um dia essa frase faça sentido na minha vida*". Naquele momento não fazia sentido para ele o fato de, ao que parece, estar seguindo o seu coração. Expressão de certa frustração nesse sentido, ou mero desejo de reconhecimento de que segue a sua emoção, o que o "coração" lhe diz, ainda que não colha os frutos que supostamente gostaria.

Em abril de 2013 publicou um vídeo da marca Dove, falando de uma experiência que fizeram com a imagem de mulheres, na qual as envolvidas viam-se como mais feias, mais velhas, com uma imagem de si supostamente pior do que aquela que outros tinham delas. Guilherme comentou: "*Fantastico esse video, vale a pena ver!*". Num outro compartilhou o *link* de um vídeo em que apareciam crianças em tratamento contra o câncer num hospital cantando a música "Stronger", com médicos e enfermeiras do hospital. O refrão da música era "*what doesn't kill you makes you stronger*" ["o que não mata você, torna-o mais forte"] e a publicação vinha com os dizeres: "*Pare de reclamar da sua vida, há pessoas com problemas maiores*".

---

<sup>79</sup> Literalmente, quando o indivíduo chega a determinado local, registra-se na rede social, selecionando o estabelecimento em questão, e compartilha com os amigos. Em seguida, na sua linha do tempo, aparece um pequeno mapa com as ruas das redondezas e uma flecha indicando o local onde a pessoa está ou esteve.

Publicava também, de vez em quando, fotografias bonitas ou até tocantes, como o ensaio que um pai fez do filho autista ou da atriz Angelina Jolie, falando da sua retirada dos próprios seios, para prevenir câncer de mama.

Num outro *post*, publicado no começo de março de 2013, havia um desenho do personagem Chico Bento, de Maurício de Souza, sentado numa cadeira, com uma das mãos na cabeça, a outra segurando um lápis e olhando para um caderno sobre a mesa à sua frente, como se tentasse fazer alguma lição da escola, com os dizeres "*As vezes me da uma vontade de desistir, ai eu me lembro que sou pobre*". Guilherme comentou: "*Bem por aí*". Um de seus amigos de Facebook acrescentou o comentário: "*kkkkk boa boa!*". Para mim o desenho não era engraçado, era triste, era a expressão de certo desabafo quanto a algum tipo de dificuldade enfrentada; no caso de Guilherme, dificuldades em relação à faculdade, que o fazia querer desistir, mas que, por ser mais pobre, pelo fato de precisar se sustentar financeiramente, precisava continuar a estudar, a tentar terminá-la. O riso que o amigo dele demonstrou na rede social ("*kkkkk*"), sendo ele rico ou pobre, parece esconder algo não tão engraçado em relação a ser pobre (ou à possibilidade de o ser), a não poder desistir.

Quanto a Guilherme, o desenho me fez lembrar da fala dele quanto a sentir vontade de dormir e não acordar mais, ou seja, quanto à vontade de desistir. Foi, possivelmente<sup>80</sup>, a única vez em que ele citou, no Facebook, algo ligado à pobreza ou a essa vontade de desistir, durante o tempo em que o acompanhei. Alguns dias depois ele escrevia "*Welcome to my silly life...*" ["Bem-vindo à minha vida boba..."]. A vida estava "boba", dava vontade de desistir. O que essas reticências tentavam deixar no ar? Era quase um dizer, para lembrar Leila, que "*não*

---

<sup>80</sup> Digo possivelmente porque sempre existe a possibilidade de que ele tivesse publicado mais alguma coisa nesse sentido e depois tivesse se arrependido, tendo apagado a publicação antes que eu a tivesse registrado.

*tenho muita novidade para publicar no Facebook, a minha vida está 'boba', difícil, mas se é isso que tenho, que seja publicado, que eu seja reconhecido por isso, pelo menos"*<sup>81</sup>.

Diante dessas categorias de publicações, a imagem que Guilherme parecia querer construir no Facebook era a de um rapaz esforçado na faculdade, que produzia belos trabalhos, que era engajado, politicamente falando, sensível, mas que não deixava de aproveitar a vida com os amigos e até de rir do que havia de mais bobo. Nada que lembrasse o mal-estar, as dúvidas, os medos em relação ao futuro que vivenciou durante os meses em que esteve desempregado, a sensação de baixa autoestima, a vontade de "*dormir e não acordar mais*" que me relatou.

O perfil dele no Facebook era a imagem de um garoto como tantos outros da idade dele, vivendo a época de faculdade que ele vivia.

Quando o questionei sobre a razão de não haver nada no perfil dele que lembrasse todos aqueles sentimentos ruins que ele teve na época antes do estágio que conseguiu, respondeu-me que não queria que as pessoas sentissem pena dele. Tal aspecto apareceu no caso de Leila também, como discuti antes.

Se a rede social explicita um desejo do sujeito de ser reconhecido, revela também que tal reconhecimento não é para ser de qualquer forma, com qualquer imagem. No fundo é o desejo de reconhecimento de uma imagem cujos elementos são selecionados pelo sujeito; uma imagem polida e aparada, seguindo certas convenções explícitas ou tácitas da rede social. "*Ninguém publica que está com baixa autoestima, que sente vontade de morrer às vezes*", disse-me ele, "*e, se faz isso, vai receber aqueles comentários de pena*".

---

<sup>81</sup> Nem Leila, nem Guilherme disseram essa frase manifestamente, mas de forma latente, é como se a tivessem dito.

Se a seleção que o sujeito faz do que publicar ou não é consciente, não acho que as razões que a determinam o sejam necessariamente. Em outras palavras, não penso que Guilherme, por exemplo, reflita racionalmente que *"quero ser reconhecido como um estudante exemplar, engajado politicamente, sensível, que se diverte e tem bom humor"* ou que *"essa imagem que construo de mim mesmo faz de mim alguém desejado, amado ou até invejado"* ou ainda que *"tal imagem, no fundo, constitui um 'pedaço' ou um traço do meu fantasma fundamental na relação com o outro, do que seria a perfeição ou o ideal de uma satisfação plena nessa relação, se ela fosse possível"*.

O sujeito coloca-se como objeto do desejo do outro com uma determinada imagem, na esperança de que será apreciada, desejada, invejada, amada, enfim, por ele, mas provavelmente não tem ciência disso.

## **8.1.6 Bruno**

### ***8.1.6.1 A aparente indiferença pelo LinkedIn***

Separado, pai de uma filha, Bruno (nome fictício), faixa etária entre 40 e 49 anos, foi demitido de uma empresa em julho de 2012, onde era gerente na área de publicidade.

Depois da saída da empresa, intensificou o contato com pessoas pelo LinkedIn, tentando conseguir trabalho. Também passou a seguir empresas ligadas ao mercado publicitário, isto é, associou-se às páginas oficiais delas na rede. Mas o curioso é que não se ligou a comunidades ou *sites* de busca de empregos. Talvez pela especificidade do mercado da publicidade, não sei. Outro fato curioso também é que o seu currículo público na rede não

possuía muitos detalhes sobre os seus cargos anteriores ou uma lista de competências que tinha – possibilidade que o LinkedIn oferece. Sempre foi um currículo enxuto, muito enxuto, com muitas conexões (outros usuários).

Quanto ao cargo, título do seu perfil na rede, mantinha, mais de um ano depois, em setembro de 2013, o mesmo da empresa de onde foi demitido. Só foi alterá-lo no começo de outubro de 2013.

Uma alteração que fez foi a sua foto do perfil – até janeiro de 2013 era uma foto em preto e branco em que aparecia de camiseta, óculos de sol, braços cruzados, um "quase" sorriso, mas sem mostrar os dentes, ao lado de uma placa que dizia "Wall Street". Possivelmente a foto foi mesmo tirada em Nova Iorque. Ao final de janeiro de 2013 exibia uma foto também em preto e branco, de braços cruzados, um pouco mais sério, mas com a expressão tranquila e profissional, sem óculos de sol, à frente de uma parede de tijolinhos à vista.

A impressão que as fotos me passaram é de que a primeira era de um período de férias, ainda que tivesse certo ar corporativo; já a segunda era, sem dúvida, muito mais profissional, muito mais a imagem de um gerente, com alguns traços informais, é verdade, mas, por isso mesmo, passando a imagem de alguém ligado ao mercado da publicidade. A troca da foto coincidiu com o período em que aumentou sua atuação na rede social, tentando contatos com determinadas pessoas, fazendo novas conexões. Ou seja, a troca da foto parecia ter mesmo a finalidade de construir certa imagem profissional e assim ajudar na busca por um novo emprego.

Relatou-me que o LinkedIn nunca lhe rendeu nenhum contato profissional, que não conseguiu trabalho algum por lá – "*mantenho* [o perfil da rede] *só por manter*".

De fato, assim como Francisco, por exemplo, que depois de um tempo parou de usar a rede mais ativamente, parece que Bruno diminuiu sua atuação nela (envio de mensagens a outros usuários ou convite a eles para se tornarem conexões suas na rede). Contudo, não me parece que essa aparente indiferença (ou descrença) pela rede seja absoluta. Primeiro porque houve um uso dela por um tempo, como Bruno mesmo me disse, quando tentou contatos profissionais – entenda-se, conseguir trabalho. Segundo porque trocou sua foto de perfil na rede, no começo de 2013, e o cargo apenas em outubro do mesmo ano, como citei antes. Por último, se mantém o perfil, é porque, pelo sim, pelo não, espera algo dela, espera algo da imagem que nela construiu e continua construindo. Não é uma imagem qualquer, como discuti acima.

A demora de meses para trocar de cargo no título do perfil, depois que conseguiu outro emprego (em maio de 2013), pode até ser certa indiferença pela rede, mas o que dizer da não troca de cargo durante os meses (quase um ano) enquanto esteve desempregado, já que trocou a foto do perfil, já que passou a seguir empresas do segmento em que atua, ou seja, já que atualizou o seu perfil nesse período?

Questionado sobre isso, disse-me, num primeiro momento que "*foi total esquecimento, não tinha motivação nenhuma p/ trocar, ao mesmo tempo não queria ter a [nome da empresa onde trabalhava] na minha vida*". Mas depois, quando lhe perguntei sobre se ele se sentiu desconfortável com o perfil dele no LinkedIn estando desempregado, respondeu-me ambiguamente:

*oi... nao... me senti desconfortavel.. pq nunca chei ele util nunca me trouxe nada... ate hje nem contato rendeu... eu recebo email de gent eme pedindo coisas, empregos, contatos, favores... mas nunca tive um pedido atendido ;{*

Como a resposta veio ambígua – disse um "não", mas em seguida afirmou que "sim", que se sentiu desconfortável com o perfil na rede social, resolvi esclarecer se se tratava de um ato falho ou não. Perguntei-lhe então se o sentir-se um lixo, um fracassado, se ter vergonha de dizer que estava desempregado, por ser humilhante, como ele havia descrito antes<sup>82</sup>, não passava pelo perfil no LinkedIn. A isso ele respondeu que:

*[a sensação] era um geral  
nenhuma das rede sociais [d]eram retornos, nem abria o linkedin.. nao via sentido  
em usar algo q me fazia sentir humilhado.*

Ou seja, ainda que tenha denegado o desconforto que o LinkedIn lhe causava, ao final confessou-o. Ficava, pois, claro que a não troca do cargo por quase um ano, mantendo o último que ocupara antes de ser demitido, não fora mero esquecimento.

Mas Bruno não é, nem será o único ou o último a fazê-lo. Informalmente observando outros perfis de pessoas que não entraram nesta pesquisa, eu já havia notado tal comportamento em outros sujeitos. Eu mesmo, quando fui demitido, não mudei o cargo imediatamente, mas alguns meses depois – e não o fiz de maneira confortável. Afinal, não é tão fácil exibir uma ferida narcísica em público.

---

<sup>82</sup> Discutirei isso a seguir.

### 8.1.6.2 Facebook: penso, faço, sinto, logo compartilho

Se o perfil de Bruno no LinkedIn sempre foi muito discreto e com pouca informação, tendo um ar bem profissional, a começar pela foto, o do Facebook era exatamente o oposto: inúmeras fotos pessoais, com a filha ou sem ela, na piscina, no bar, no restaurante; fotos de *drinks*, de cervejas, de comidas, da academia, de cenas vistas na rua, na estrada. A linha do tempo dele na rede social era a própria expressão de um espetáculo quase contínuo, de um mostrar ao outro de muito daquilo que ele estava fazendo, dia e noite (incluindo algumas madrugadas), do que ele estava pensando e sentindo: alegria, entusiasmo, tristeza, decepção, irritação, opinião sobre acontecimentos, e assim por diante.

Havia ligado, ao Facebook, a sua conta do Twitter (rede social em que os usuários publicam o que estão pensando ou fazendo, através de pequenas frases de até 140 caracteres) e a do Instagram (rede social de compartilhamento de fotos tiradas com aparelhos móveis – celulares, *tablets*, etc.). Assim, tudo o que publicava nessas duas outras redes, aparecia no Facebook também.

Muitas das frases publicadas eram interessantes, muitas tendo um humor sarcástico ou simplesmente inteligente. Abaixo estão algumas de suas "pérolas"<sup>83</sup>, ao longo do período em que o acompanhei (um ano e alguns meses):

*Troco abraços por uma boa notícia hoje. (junho 2012)*

*Por favor, alguém desliga o tambor dentro da minha cabeça. Obrigado. (junho 2012)*

---

<sup>83</sup> "Pérolas" não necessariamente de autoria dele. Algumas vezes eram apenas réplicas de frases ditas por outros, sem que ele dissesse a fonte delas.

*As vezes tenho a impressão q o mundo é uma pomba gigante e eu sou apenas um carro recém lavado. (junho 2012)*

*Eu não sou bom em dar conselhos. Você quer um comentário sarcástico? (agosto 2012)*

*Se os erros que nos tornam interessantes... eu devo ser o cara mais interessante do momento. (agosto 2012)*

*Saudades não tem braços, mas putz como aperta. (setembro 2012)*

*Achei que nunca falaria isso, mas... Cama, você era melhor que muita gente. (outubro 2012)*

*A maior função do facebook é entregar aonde seus amigos foram e não te convidaram. (outubro 2012)*

*Se a Sandy agora é furacão... seria o Junior uma brisa? (outubro 2012)*

*Para algumas histórias não adianta virar a página, tem que fazer uma fogueira grande, jogar o livro... e a pessoa dentro. (novembro 2012)*

*Decepção é você encontrar a metade da sua laranja e saber que tem outra pessoa chupando ela. (novembro 2012)*

*O natal está vindo... Mas acredito que o meu está preso em algum congestionamento pelo caminho. (dezembro 2012)*

*Status: relacionamento serio com uma caixa de lenços. (janeiro 2013)*

*Se fosse fácil não se chamaria vida, se chamaria piriguete. (fevereiro 2013)*

*Tão ansioso quanto velhinho que lê na placa "Breve aqui, bingo". (março 2013)*

*Pérola da noite solta pela [nome da pessoa]: Matar um leão por dia é fácil. Difícil é desviar das antas. (abril 2013)*

*Espelho espelho meu, porque as pessoas cuidam mais da minha vida do que eu? (maio 2013)*

*Não quero faca, nem queijo. Quero ser a fome. (julho 2013).*

Sendo um usuário tão ativo e voraz do Facebook, a quantidade de material que coletei do perfil dele nesse período foi enorme. Como a ideia desta pesquisa não era traçar um perfil psicológico dos sujeitos em questão, mas apreender a articulação, nas redes sociais virtuais, entre a dinâmica narcísica pós-moderna e a economia do desejo e do gozo deles, foquei nas

publicações que me chamaram mais a atenção em relação a Bruno e ao que eu já tinha visto nos outros casos aqui analisados, quer fossem confirmações de aspectos daqueles, quer fossem aspectos novos que apareceram com ele.

Uma das primeiras confirmações do que já havia aparecido nos outros casos foi a discrepância entre a imagem construída no LinkedIn e no Facebook<sup>84</sup>. Mas no caso de Bruno essa discrepância era muito gritante. À imagem, no LinkedIn, de um profissional contido, tendo um bom currículo, sendo objetivo nas informações, com aparência física passando um ar de profissionalismo, de eficiência, opunha-se a imagem, no Facebook, de uma pessoa que exibia, em grande medida, a sua vida pessoal e emocional quase que continuamente, e que produzia ou compartilhava um volume enorme de material *online* (fotos, frases, clipes de música, etc.).

Se a imagem no LinkedIn parecia ser a do desejo de ser reconhecido como o exemplar do equilíbrio e da adequação para o mercado de trabalho, a do Facebook era a de quem queria que o mundo soubesse (e reconhecesse) seja lá o que estivesse sentindo, pensando e fazendo, incluindo os momentos em que estava mal emocionalmente.

Contou-me que, antes mesmo da demissão, o que lhe afligia, em muitos momentos, era a separação de sua esposa. Sofria muito com isso, e, muitas vezes, relatava sentimentos no Facebook, sem citar nomes, que provavelmente se referiam a ela, como nas frases da metade da laranja, do aperto da saudade, que citei acima. Outras que pareciam referir-se à ex-esposa<sup>85</sup>:

---

<sup>84</sup> A exceção é o caso de Leila, que não tinha perfil no LinkedIn.

<sup>85</sup> As frases até poderiam manifestamente referir-se a outras questões, mas não deixam de ser significativas no contexto em que Bruno se encontrava.

*...foi a bela que matou a fera...*

*A indiferença é o pior.*

*Se o tempo curasse tudo, na farmácia só venderia relógio.*

*Então é assim? O que o tempo não apaga a gente finge que esqueceu.*

*Nada é permanente e tudo muda: essa é uma certeza neste mundo... Mas ainda vou reclamar disso de qualquer maneira.*

*Não se iluda, a única coisa que vai embora e depois volta, é o sono.*

E assim por diante.

Outro tema recorrente nas publicações de Bruno que estavam ligados a emoções era a sua filha - inúmeros foram os *posts* relacionados a ela – de amor, de alegria, de emoção por coisas que ela fazia ou dizia.

Escreveu ele, por exemplo:

*Minha razão e emoção, minha vida, meu tudo.*

*Acordar com o telefonema da [apelido da filha] dizendo que me ama, é tudo de bom. Tks God.*

*24hs para beijos da [apelido da filha]... e contando.*

*1º dia de aula da [apelido da filha], quem fiquei mais chorão?*

*(...) Hoje eu vi um olhar serelepe, brilhante, profundo, encantador, desafiador, cúmplice, amoroso e feliz.*

*Hoje eu vi um sorriso enorme, escancarado, verdadeiro, safado, solto, longo e simples.*

*Hoje vi a alegria da minha filha, vi a minha alegria na alegria dela, vi ela cheia de vida, de energia, vi nela minha vida, minha energia (...).*

### **8.1.6.3 De um extremo ao outro: "gritando na janela" do Facebook**

Compartilhava os momentos em que supostamente estava bem, curtindo a vida, como quando publicava fotos à beira da piscina, na academia, tomando café em alguma cafeteria ou

padaria, tomando cerveja – sempre marcas diferentes, nacionais ou importadas. Mas também compartilhava os momentos em que estava mal, quando estava tendo dificuldades, sentindo-se desiludido com a vida, por exemplo.

E essa oscilação aparente de humor era de um dia para outro, ou, pelo menos, dentro de um intervalo curto de tempo. Em 25 de agosto de 2012, por exemplo, publicou várias fotos na piscina com comentários como:

*Chatoooooo .... Sol, piscina, paz... Uma caipirinha geladíssima de carambola, manjerição e cachaça... Que eu fiz. Vem p/ cá já.*

Já no dia 5 de setembro, publicava aquela frase sobre o aperto da saudade e, no dia 6, uma outra em que dizia "*difícil, muito difícil*". Em 14 de setembro de 2012 escrevia "*É claro que não acredito em outras vidas... Não acredito nem nesta...*" Esta frase, em particular, pode ser uma demanda de amor, um apelo ao outro para que fizesse algo e assim ele pudesse aumentar a sua fé na vida, na vida de prazer, de satisfação que deve ter vivido em algum momento, que agora tem a sensação de que perdeu. Se ele, de fato, não acreditasse mais na vida, na possibilidade de reviver algo parecido com o que já vivera, não diria isso, simplesmente poria fim à sua existência. A frase também parece direcionada a alguém que acredita em reencarnação, talvez alguém com quem ele tivesse falado sobre o assunto.

No final de setembro de 2012 escreveu: "*quem disse que não pode fica pior?*". Em 18 de novembro do mesmo ano comentou: "*Domingo de depressão pós-nada: nada aconteceu, mas você fica deprimido mesmo assim*", mas já em 24 daquele mesmo mês postava uma foto de sua filha com os dizeres "*E meu final de semana começou magico, café da manhã c/ a [apelido da filha]... o cardapio da serelepe: Sorvete c/ pão na chapa... roubado do babão*

*aqui*". Alguns dias depois, em 30 de novembro, escreveu – "*Parece o inferno de Dante, mas é só minha sexta começando... \m/*" e em 23 de dezembro – "*As vezes a vida tem sabor de fel*".

Outros exemplos: em 23 de março de 2013 escrevia: "*É... saudades é aquilo que fica daquilo que não ficou, quando você queria muito que ficasse sempre*". Nos dias seguintes comentava: "*Não é que estou carente... mas hoje acabo fácil como um vidro de nutella*" e depois "*Acordar e olhar para o lado... Um sorriso muda tudo ☺*". Ou ainda: "*a felicidade é gelada e vem de presente na forma de pote de sorvete de Amora com Majericão, pelas mãos da [nome da pessoa]. Ô dilaça!*". Já dez dias depois desabafava: "*O tempo quando trata de ausência, é impiedoso*".

Se Bruno estava bem realmente – dentro do possível – nos dias em que publicava o seu desfrutar da vida, ou se apenas desejava ser reconhecido como tal, não sei. Provavelmente um pouco das duas coisas. Mas não é que ele desejasse ser reconhecido apenas como alguém que estivesse bem, apesar de tudo (da separação, da demissão, do dinheiro que ia diminuindo a cada dia e tudo o mais), porque o fato é que ele publicava também quando estava mal, falava do desconforto que estava sentindo, ainda que sem citar as razões explicitamente. Neste caso era desejo de ser reconhecido como aquele que sofria? O que esperava despertar no outro? Pena, compaixão, solidariedade? Queria que o outro se identificasse com ele? Era simplesmente produzir certo alívio de falar sobre o assunto, meio nas entrelinhas, sem entrar em detalhes?

Numa de nossas trocas de mensagem privada, em setembro de 2013, ele me escreveu:

*Eu acho q o face[book] não tem utilidade nenhuma profissional, nunca rendeu nenhum contato q virou algo, eu usei ele maia como descarrego  
Pq escrevia ali p q não tinha amigos p/ contar.  
Era um desabafo igual gritar na janela*

*As pessoas ate te ouvem, mas vira barulho ao leu... nao tao nem ai, nao querem saber, ã se importam... E ainda acho que eh assim.*

O grito na janela, na janela do Facebook, era para chamar a atenção de alguém, não necessariamente de alguém específico. A rede torna-se o outro, o outro em quem o sujeito quer despertar algo, alguma reação, o reconhecimento de algo que ele esteja sentindo ou que parece estar sentindo. Podem vir comentários ou "curtidas" de quem quer que seja e, quanto mais, melhor, mais impacto, mais repercussão, mais reconhecimento foi gerado. É frustrante quando se publica algo e ninguém "curte" ou comenta, por exemplo.

Ao final da pesquisa, perguntei-lhe se, em algum momento, ele tinha ficado preocupado se as pessoas sentiriam pena dele no Facebook, enquanto esteve desempregado, ao que respondeu dizendo que foram tantas decepções e tanta coisa junta, que achava que ninguém tinha sentido pena dele – *"e esta foi a minha maior decpcao"*, completou. Saber que sentiram pena teria sido vergonhoso, mas não terem sentido foi ainda pior, segundo ele.

Pensando, então, nos *posts* em que relatava quando não estava bem, a ideia era mesmo tocar as pessoas de alguma forma, nem que fosse na forma de pena, de dó. Era um apelo, algumas vezes desesperado, para que o vissem, o notassem, fizessem o sofrimento dele parar. Que houvesse um gozo naquele mostrar-se, que houvesse um desejo de restaurar uma imagem narcísica, de ser o desejo do outro, não muda o fato de que estava sofrendo e muito. Confessou-me que pensou em suicidar-se algumas vezes. Não sei se tentou, de fato, fazê-lo, mas relatou-me que, numa dessas tentativas, chegou a se despedir no Facebook e o resultado foi: *"ninguem nem respondeu. e ainda me deram boa viagem"*.

Comentou que esteve muito mal em 2012, principalmente por causa da separação, mas agravado pela demissão, pelo dinheiro que ficou muito escasso, pela sensação de fracasso.

Diante desse quadro, mesmo que a maioria dos seus *posts* tivessem várias "curtidas" e alguns comentários, é como se isso não significasse grande coisa, como se as pessoas, ainda assim, não se importassem de fato. Provavelmente muitas não se importassem mesmo e apenas estavam seguindo um modo de funcionar que a rede social introduziu – "curtir" ou fazer um rápido comentário de mera concordância com o que foi dito, assim como "*é a mais pura verdade*", "*tem razão*". As que se importavam talvez escrevessem a ele de forma privada ou não soubessem o que fazer, o que dizer, ou não quisessem entrar em contato com as suas próprias mazelas e angústias, às quais as dele podiam acabar remetendo, em alguma medida.

Um rápido parêntese: quando ele publicava que estava gripado, com infecção de garganta ou com febre, por exemplo, o número de comentários de apoio ou de recomendações sobre o que ele deveria fazer, bem como o número de "curtidas" dos amigos dele na rede costumavam ser maiores do que quando ele relatava um mal-estar emocional. Com a dor física os sujeitos sabem lidar, para ela têm uma receita, já para a dor psíquica...

O fato é que a sensação de Bruno era a de que não era ouvido, de que o reconhecimento que vinha, quando vinha, não era o que ele supostamente esperava, não aplacava a sua dor psíquica, não atendia à sua demanda de amor. Mas ele continuava a publicar, a gritar na janela, como disse. Ao "descarregar" o que fazia e sentia, ou o que queria mostrar estar sentindo, continuava vivo, continuava a fazer parte deste mundo, deste mundo do espetáculo compartilhado nas redes sociais, neste mundo de solitários clamando para serem ouvidos e reconhecidos no Facebook e fora dele. Escreveu-me que o que o levava a falar de sentimentos naquele período, a fazer "*terapia online*", foi "*o desespero e a solidão*". Foi um dos jeitos que encontrou de lidar com a dor que estava vivenciando.

Alguma satisfação, por mínima que fosse, trazia a ele ("*Atualmente, quem sofre em silêncio, é porque está sem acesso ao facebook*", escreveu num *post*, em dezembro de 2012), mesmo que muitas vezes tivesse que saborear o gosto da frustração, do reconhecimento nunca suficiente do outro. A esse respeito escreveu ele, também em dezembro daquele ano: "*Você tem certeza que o mundo está te ignorando quando não existe seu nome nas latinhas de coca-cola zero*"<sup>86</sup>.

É curioso pensar que adquirimos o hábito de compartilhar com o outro o que estamos sentindo. Isso é socialmente dado. Aprendemos a fazê-lo. E há sempre um desejo não explícito nessa ação – desejamos despertar algo no outro – admiração, inveja, amor, ódio, identificação, confirmação, aprovação, reprovação, enfim, seja lá o que for. Se tal modo de agir era mais comumente posto em prática numa esfera privada, com as redes sociais virtuais, cada vez mais vemos sujeitos fazendo-o publicamente, às vezes limitado ao seu grupo de amigos nelas, às vezes aberto a quem quiser ver. Se antes tínhamos o dispositivo social, por exemplo, da conversa presencial privada entre amigos, em que se compartilhavam sentimentos diversos, agora entra em cena outro dispositivo social – o da publicação *online* desses sentimentos, da possibilidade de ela receber comentários de outros usuários e a coisa transformar-se numa conversa pública, com a diferença de ser escrita e assíncrona.

Não é que todos os sujeitos vão passar a adotar tal dispositivo na sua relação com o outro, assim como nem todos os sujeitos falam de seus sentimentos com amigos, mesmo numa esfera privada. Mas a existência de tal dispositivo e a sua adoção cada vez mais

---

<sup>86</sup> A Coca-cola lançou, em 2012, uma campanha de marketing em que imprimia o nome de pessoas nas suas embalagens de coca-cola zero, como forma de promover essa marca e aumentar suas vendas. Virou uma febre encontrar e comprar uma lata de refrigerante com o seu próprio nome.

difundida, faz com que haja certa "naturalização" dele pelos sujeitos, eles que passam a incorporar isso no seu jeito de se fazerem como tais.

O desejo de reconhecimento do outro permanece como sendo o que move os sujeitos, mas a forma de colocá-lo em movimento, de direcioná-lo ao outro é que está mudando.

Quer dizer, Bruno ao expor seus prazeres e emoções boas da vida, seus pequenos luxos, seus momentos de dificuldade, suas tristezas, suas irritações, ao fazer um comentário inteligente sobre algo, ao soltar suas alfinetadas sarcásticas, ao compartilhar vorazmente sua vida no Facebook, se fazia sujeito, esse sujeito pós-moderno que está sendo moldado e mudado nesses novos dispositivos sociais que estão surgindo com a tecnologia. Mas repito, a mim parece que a essência do desejo de reconhecimento permanece lá e, talvez, esteja sendo exacerbada. Ou seja, não só permanece lá, como os sujeitos parecem estar ainda mais dependentes desse reconhecimento do outro, traço narcísico constituinte de todos nós.

Os criadores das redes sociais como o Facebook e o LinkedIn devem ter percebido o potencial que esse traço poderia produzir em termos de negócio e estamos convivendo com o resultado disso. Temos redes que exploram essa condição subjetiva e fazem quantias bilionárias de dinheiro circular no mercado e entrar nos bolsos daqueles que detêm o capital, para usar o termo marxiano. Temos sujeitos que se veem compelidos, seduzidos a dar vazão ao seu narcisismo na sua relação com o outro e que alimentam por sua vez as redes e poderão produzir, penso eu, dispositivos sociais ainda mais poderosos nesse sentido no futuro.

Como já argumentei antes, quando tratava da questão sociedade-indivíduo, o que ocorre nas redes sociais hoje e com os sujeitos, não é provocado pelas dimensões social ou individual isoladamente, mas pela conjunção das malhas complexas de fatores que as

constituem e que elas ajudam a constituir, por sua vez. Fatores discursivos, históricos, psíquicos e assim por diante.

#### **8.1.6.4 Desemprego e questões financeiras**

Em setembro de 2012 escreveu Bruno: "*Um homem pobre é a versão masculina de uma mulher feia*". Aqui ele traz à tona o papel tradicional do homem como provedor da casa, na cultura brasileira, que já discuti antes, e, sobretudo, a mazela que é, socialmente falando e para ele em particular, pelo visto, quando esse papel não pode ser cumprido. Aproveita para, na mesma tacada, ressaltar certo papel social da mulher que precisa ser graciosa, bonita, nas entrelinhas, objeto, e, quando não o é, também é relegada a um lugar socialmente desvalorizado. No mesmo dia escrevia ele: "*Uma mulher baixinha q sai d casa usanda calça saruel e botas 'patas de bode' ã tem espelho e nem amigos*". Chega a ser irônico que ele coloque essa mulher nesse lugar tão ridicularizado, que a tente colocar num patamar inferior ao dele, no mesmo dia (talvez no mesmo momento) em que comenta da sua própria mazela. É, ao mesmo tempo uma tentativa de se manter no lugar de superioridade masculina, do provedor patriarcal, e uma identificação com a queda desse lugar, com as mulheres, que sempre foram relegadas a um lugar social de segunda linha.

Por estar em situação de desemprego na época, Bruno vê suas economias diminuindo pouco a pouco, tendo que rever seus gastos, ele que possuía uma renda, antes de ser demitido, que o enquadraria na "classe alta", segundo o critério que adotei na pesquisa. Morava num apartamento num bairro nobre e depois teve de deixá-lo. Chegou a dormir no seu carro

algumas vezes, por não ter dinheiro para alugar um apartamento, até que se mudou para uma pensão, num bairro da região central (e um pouco decadente) da cidade. Escrevia ele em novembro de 2012: "*Vamos aproveitar a vida antes do salario acabar...*".

Além da questão financeira em si, outra dificuldade que pessoas em situação de desemprego costumam enfrentar é arrumar o que fazer, além de procurar emprego. É lidar com a angústia ligada ao estar sem emprego, com a cobrança de se sentir socialmente inútil, e com o tédio de não ter muito o que fazer ou de não ter "novidades" para publicar no Facebook, como era o caso de Leila. No final de novembro de 2012 escreveu Bruno: "*Felicidade: é ter o que fazer, porque fazer e para quem fazer*" e, no mesmo dia, publicou a foto de um evento, comentando que estava participando do projeto em questão.

Mas já no começo de dezembro daquele ano dizia ele: "*Está tudo tão tedioso, que a única maneira deu eu ter uma surpresa é abrindo um Kinder ovo*". Mezan (2002) coloca o tédio como uma forma branda de quadro depressivo na contemporaneidade, ligado à maneira como a subjetividade organiza-se socialmente. Comenta ele:

Se na época da repressão mais explícita sobre a sexualidade o *mal-du-siècle* era por excelência a histeria, hoje o panorama social favorece a eclosão de padecimentos mais difusos, menos centrados em sintomas claramente identificáveis, mais ligados à sensação de que "a vida não dá certo" (p. 524).

Ainda segundo o autor, a proliferação dos apelos ao consumo, ao sucesso e às imagens de indivíduos felizes porque usufruem em abundância e sem demora do que almejam aumenta a vivência de perda dos sujeitos, que têm de se haver com as suas limitações, com a impossibilidade de corresponder aos modelos identificatórios que a mídia exhibe. Nesse

sentido, eu diria que as redes sociais virtuais, sendo também formas de mídia, amplificam essa dinâmica em tempo real, continuamente.

Quando perguntei a Bruno como ele se sentiu nos vários meses em que esteve sem emprego fixo, respondeu-me:

*Me senti um lixo, um fracassado... e cada dia aumentava a sensação, alguns dias tinha odio de todo mundo a minha volta, odio de pessoas felizes... ate inveja.*

A imagem de felicidade e de sucesso das pessoas no Facebook e no LinkedIn agrava um quadro social que já era um pouco delicado, desde que o desemprego passou a existir socialmente, na modernidade. Esse lugar, já meio marginalizado desde a sua origem, de exclusão progressiva da vida de consumo, da vida de "sucesso", adquire uma dimensão ainda maior, mais contundente e mais frequente de perda e de privação de certo gozo imagético nas redes sociais virtuais.

Ou seja, não é só o fato de ter menos dinheiro a cada dia, de ter menos possibilidade de consumir e, às vezes, até de viver com condições mínimas, nos casos mais extremos, que deprime o sujeito, mas é também o vislumbrar contínuo da imagem de felicidade do outro no Facebook, por exemplo.

Vê-se, literalmente, um deslizar contínuo e imenso de notícias de alegrias e de coisas boas que as pessoas publicam. É um dizer, o tempo todo, "vejam como sou feliz!", "vejam como estou bem!", "vejam o que conquistei!", "vejam o meu sucesso!", "vejam como gosto disso e daquilo outro!", "vejam como penso profundamente!", "vejam como me emociono!", "vejam-me!". Raríssimas são as vezes em que alguém publica algo dizendo não estar bem. Quando isso ocorre, as pessoas perguntam o que houve, desejam "força", contam alguma

situação semelhante por que passaram e o assunto morre. Bruno me parece ser uma exceção e, não me parece ser por acaso, que ele tinha a impressão de que as pessoas o ignoravam.

Falar das próprias mazelas o tempo todo na rede social não é o comportamento socialmente esperado do dispositivo que ela introduz. Há um modo de funcionar tácito que desestimula isso. De vez em quando tudo bem, mas o tempo todo? Não. As pessoas não querem saber, não querem lidar com isso; querem manter certa imagem de bem-estar e de sucesso, querem manter esse ciclo de gozo imagético, no qual a inveja parece ser um dos efeitos colaterais inevitáveis.

A estratégia que os sujeitos em situação de desemprego adotam nesse processo varia um pouco na sua forma – não publicam muita coisa (ou não publicam nada) sobre si (era o meu caso, por exemplo), ou publicam coisas boas ou comentários bem humorados de vez em quando ("novidades", como era o caso de Leila, ou mesmo de Francisco, quando publicava sobre os feitos dos filhos, por exemplo), ou ainda publicam algo o tempo todo (relato aparente de tudo o que estão fazendo, sentindo ou pensando, seja positivo ou negativo, bom ou ruim, como era o caso de Bruno). Independente da estratégia adotada, a questão da construção de certa imagem na rede e de gozo ligado a ela me parece presente em todos os casos.

Por mais que o estar desempregado e tudo o que isso pode acarretar em termos concretos na vida dos sujeitos fosse desagradável, sofrido, por mais que ver o espetáculo, parcial ou totalmente mentiroso, da felicidade do outro nas redes sociais também fosse penoso, eles continuavam nelas! Provavelmente há casos em que alguns deixam as redes por causa do mal-estar produzido, embora eu não tenha lidado com nenhum. Mas o fato é que, para os casos que acompanhei, manter-se na rede, manter certa imagem nela parece ser, na balança subjetiva, melhor que sair dela. Existe alguma satisfação envolvida, portanto. Que

seja a de passar o tempo – como disse Francisco – que seja a de sentir-se parte dessa dinâmica do ver e ser visto, do parecer e do aparecer, que se tornou a nossa sociedade nessa segunda década do século XXI.

Mas voltando ao caso de Bruno, não registrei nenhuma publicação em que mencionasse algo explícito sobre o estar desempregado. Falava normalmente de um mal-estar geral – que não estava relacionado apenas com o desemprego ou com a falta de dinheiro, como já discuti antes. O *post* do homem pobre foi, provavelmente, o único em que ele mencionou algo relativo à falta de dinheiro e, mesmo assim, não disse explicitamente que se tratava dele, ou que não era à toa que ele publicava algo do gênero.

Disse-me, numa mensagem privada, quando lhe perguntei o que era sentir-se "fracassado", que ele havia citado numa mensagem trocada entre nós anteriormente, que "*tinha vergonha de dizer q estava desempregado, era humilhante (...)*".

Por mais que compartilhasse um mal-estar geral que estava sentindo muitas vezes, nunca citou na rede essa vergonha, essa sensação de humilhação. Completava ele, nessa troca de mensagens entre nós: "*acho q o contrario deste 'fracasso' era apenas dignidade e orgulho*".

O lugar socialmente atribuído ao estar em situação de desemprego é indigno, não traz motivo para orgulho, pelo contrário, é motivo de humilhação, de fracasso, e isso era referendado por Bruno. A verdade é que um lugar socialmente atribuído pode ou não ser referendado pelos sujeitos, mas quanto mais sujeitos o referendam, maior a tendência de que outros o façam, maior tende a ser o esforço do sujeito para que se oponha a essa tendência, ainda que possa, singularmente, sustentar tal posição divergente. Pensemos, por exemplo, nos

experimentos de independência e submissão de Asch (1971), ou mesmo na discussão freudiana sobre a psicologia das massas (Freud, 1921/1981h).

Estar bem no lugar social do desempregado nesta sociedade do consumismo e do espetáculo em que vivemos passa por ser capaz de encontrar um lugar subjetivo singular em que o desejo de reconhecimento do outro e a vontade de gozo imagético sejam os menores possíveis. Tarefa hercúlea, nos dias de hoje. Se o sujeito tem um narcisismo elevado na sua relação com o outro, como parece ser o caso de Bruno, e talvez seja o caso de muitos sujeitos hoje em dia, o que vai experimentar é a sensação que Bruno experimentou: a de um afundamento cada vez maior, de um sofrimento atroz, que só vai ser mudado se o sujeito conseguir minimamente mobilizar-se para sair desse lugar.

Isso inclui, a título de exemplo, procurar um novo emprego e, depois de muito esforço ou tempo, conseguir; começar a se dedicar a algum outro tipo de atividade (remunerada ou não) que o defina subjetiva e socialmente (e, conseqüentemente, o tire do lugar do desempregado), enfim. É o caso de Bruno: assim que conseguiu um trabalho *freelance*, em dezembro de 2012, publicou vários *posts* a respeito, quase como uma banalidade qualquer:

*Movie on the road. Gravando a campanha da [nome da empresa].*

*Ação! Trabalhando... – em [nome do local onde a filmagem estava ocorrendo].*

*Set. Gravando 2º filme.*

*Cadê todo mundo, só eu aqui... Quem vai apagar a luz? Em [nome da empresa] [este publicado na sexta-feira que antecedia o final de semana de Natal].*

*Se você, como eu está trabalhando hoje, saiba que tem coisa pior... vc poderia ser o animação 'cantor' dessa porcaria.*

*Ah o verão, começou a época que todos seus amigos postam fotos em praias paradisíacas c/ mulheres lindas e vc está trabalhando sozinho [estes dois últimos publicados um dia após o Natal, ao lado de um videoclipe de um cantor qualquer].*

Trabalhar no feriado de Natal não costuma ser a coisa mais agradável do mundo na nossa cultura e os últimos *posts* de Bruno que citei refletiam um pouco isso. Mas me parece que ele queria passar não só esse desconforto. Passou também que estava sozinho e se sentindo solitário, provavelmente; passou certa inveja da vida aparentemente paradisíaca do outro; passou o recado (e o desejo de reconhecimento) de que, depois de meses sem emprego, estava trabalhando. Estava, além disso, seguindo a cartilha de um discurso corporativo que se escuta muito neste início de século XXI – trabalhando arduamente, mesmo quando outros estavam descansando, aproveitando as suas famílias, gozando das benesses da vida.

#### ***8.1.6.5 Espelho, espelho meu***

*"Espelho espelho meu, porque as pessoas cuidam mais da minha vida do que eu?"*. Assim disse Bruno num *post* de maio de 2013. Não foi a primeira vez que usou o bordão "espelho, espelho meu...". Ele se queixa da fofoca sobre a sua vida, de algum aspecto dela que o incomoda, mas o fato é que quer que "cuidem" de sua vida, em alguma medida, que a reconheçam no que ele diz, pensa e faz, tanto é que se queixa a mim, em mensagem privada, de não ser ouvido, de não ter a atenção devida das pessoas, como discuti anteriormente.

Mas essa ambivalência em relação à reação do outro no que se refere à sua vida não é absurda. O gozo imagético advindo da autoexposição e, no caso de Bruno, de uma superexposição, se é a vivência de uma satisfação, também é a de certo sofrimento, ou pelo menos de certo desconforto, nessa relação com o outro. Se algum nível de reconhecimento do outro existe, ele nunca é exatamente como o sujeito supostamente desejaria, ainda mais em se

tratando de redes sociais virtuais – sempre há o risco de o outro enxergar uma imagem um pouco diferente, distorcê-la, voluntária ou involuntariamente – além do que, também ele quer gozar.

De qualquer forma, o reconhecimento do outro nunca é pleno e, se se aproxima de certa plenitude, esvazia-se, esvazia o desejo, gera algo como uma "ressaca" pela overdose de reconhecimento obtido. Assim, se a frase de Bruno é a expressão manifesta de uma queixa, também é a dessa "ressaca".

Mas talvez o que mais chame a atenção no *post* dele seja mesmo o bordão "espelho, espelho meu". É um dirigir-se ao outro especularmente, é a materialização explícita no discurso do constituir de imagem a partir do outro e com ele, como Lacan (1954-55/1985, 1962-63/2004) nos apresentou nos seus esquemas óticos<sup>87</sup>. Bruno dirige-se à "rede", a um outro sem face aparente, ainda que eventualmente esse outro "materialize-se" na forma de um usuário amigo no Facebook, que comenta sobre o seu *post* ou o "curte". Ao mesmo tempo, a sua própria imagem constitui-se a partir desse outro, desse modo de funcionar da rede social virtual, desse modo de funcionar nela.

Na verdade a construção da imagem de Bruno nas redes sociais virtuais eu já vinha comentando nos capítulos anteriores. Nessa dinâmica, ainda que a intenção deste trabalho não seja a de traçar um perfil psicológico ou coisa que o valha dos sujeitos, fica evidente a questão do narcisismo aqui envolvido. Ou seja, não só está presente um esmero na construção de uma

---

<sup>87</sup> Nos esquemas óticos de Lacan, aparece a distinção entre o outro e o Outro, este último sendo o que autêntica, que chancela a imagem especular do sujeito a partir do pequeno outro, seu semelhante. Aqui, como expliquei anteriormente, não faço tal distinção.

imagem própria, como também um forte desejo de reconhecimento dessa imagem pelo outro. As duas coisas andam juntas, claro, mas em Bruno isso parece ainda mais escancarado.

Para começar, vez ou outra publicava algumas frases em que se definia. Alguns exemplos:

*Me envolvo em confusões, cometo erros, luto, amo, vivo, quebro a cara, acredito d+ nas pessoas, mas coragem e caráter, always.*

*Algumas vezes a honestidade pode ser incrivelmente complicada. Mas ok, eu sou complicado sempre.*

*Se sua vontade determina seus limites... o meu é o universo.*

*O vazio, a saudades, a descoberta, a redescoberta, o começo, o recomeço, o novo começo, o fim, o novo fim, será que tem fim, que fim, é nascimento, é renascimento, conquistas, reconquista, "auto-conquista" algumas perdas, muitos ganhos, é a espera, é a descoberta, é uma certeza, sou eu, sou 13, sou o dragão, sou, serei, espero, esperarei, tudo vem, tudo bem.*

Além disso, foram inúmeras as vezes em que Bruno trocou a sua imagem do seu perfil no Facebook, em algumas ocasiões até mais de uma vez no mesmo mês. Ora estava sorrindo, parecendo feliz, ora fantasiado de carnaval com a filha, ora fazendo caretas, ora sério, ora parecendo triste ou pensativo, ora ainda com a mesma foto do profissional competente e adequado do LinkedIn.

Como ele me dissera que estava se sentindo um lixo, essa troca toda de fotos de si no Facebook, ao longo do tempo que o acompanhei, não parece revelar alguém muito seguro da própria imagem. Aliás, quanto maior é o narcisismo de um sujeito, mais inseguro, no fundo, ele é, mais dependente é do reconhecimento, da aprovação de sua imagem pelo outro.

Se esse traço particular de Bruno como sujeito não é o foco desta pesquisa, faz pensar, de qualquer forma, que o encontro do narcisismo subjetivo com o modo de funcionar das

redes sociais, quer dizer, essa exposição contínua, essa construção ininterrupta de imagens, tende a exacerbar esse narcisismo, tende a criar sujeitos ainda mais dependentes do reconhecimento do outro. Sujeitos que, por sua vez, passam a inventar dispositivos sociais como as redes sociais virtuais. Ou seja, sujeito e sociedade não são entidades absolutamente separadas, mas constituem-se mutuamente (embora um não se reduza ao outro) e formam um sistema que se retroalimenta. Colocar a coisa dessa forma é, evidentemente, simplificar muito a complexidade do que ocorre. Seria preciso analisar, em cada caso, como as malhas sociais globais, regionais, locais, comunitárias, familiares, historicamente entraram em jogo na constituição do sujeito e como ele, singularmente, "interpretou" todas elas e como passou a deixar a sua própria marca nelas por sua vez, a influenciá-las, a constituí-las em certa medida.

Para além da questão subjetiva, por outro lado, a criação de redes sociais virtuais como o Facebook e o LinkedIn certamente não diz respeito apenas aos indivíduos que as criaram ou às questões narcísicas deles, mas a todo um conjunto de modos de funcionar sociais (globais, regionais, locais) que foram sendo construídos historicamente.

Nesse sentido, Lasch (1979/1991) já apontava, no final da década de 1970, a ascensão de uma cultura narcisista com sujeitos narcisistas. O Facebook, o LinkedIn e outras redes sociais são mais um de seus artefatos, que passam a alimentá-la ainda mais, num processo de retroalimentação, como disse acima.

#### ***8.1.6.6 Outros posts no Facebook: de música a citações bíblicas, de lugares a comentários políticos***

Muitos *posts* de Bruno giravam em torno de temas diversos, aparentemente sem ligação direta com ele, mas sempre contribuindo, no fundo, para a construção de determinada imagem de si.

Incluía a paráfrase de letras de música ou simplesmente o compartilhamento de vídeos. Foram inúmeros os *posts* em que colocava uma frase ou um pequeno trecho de alguma música qualquer. Poderiam ser apenas a indicação do seu apreço pela música, como poderiam representar algo do que estava sentindo no momento, o que, provavelmente, foi o caso em muitas situações, a julgar pelas letras das músicas, pelos comentários que publicava no mesmo dia e pelo contexto geral em que se encontrava.

Também não deixava de ironizar ou criticar canções ou cantores que considerava ruins ou de baixa qualidade. É como se dissesse: "tenho um bom gosto musical que é moderno, sofisticado, 'descolado', até eclético, já o de outras pessoas pode ser duvidoso".

Outro tema que de vez em quando estava presente nas publicações de Bruno eram citações bíblicas ou simplesmente o anúncio de que estava em alguma igreja. Citou, por exemplo, o Evangelho de Mateus numa ocasião – "*E, tudo o que pedirdes na oração, crendo, o recebereis*" – e o livro dos Hebreus em outra – "*Nunca te deixarei, jamais te abandonarei*". Aqui a imagem é a do sofredor que, orando, pedindo, terá a redenção no final.

A menção aos diversos lugares por onde passava ("*check-in*" do Facebook), em São Paulo ou fora da cidade – não só igrejas, mas também aeroportos, bares, restaurantes, academia, etc. – sempre esteve presente nos seus *posts*. Passava-me a ideia do "sou visto

circulando" e do "estou vivendo a vida intensamente, aproveitando-a". Claro, queria ser reconhecido como tal. Mas é importante ressaltar que esse comportamento está longe de ser exclusivo de Bruno – se ele o fazia sempre era também porque o Facebook criou um recurso para permitir que os seus usuários fizessem isso, e os estimulava a que dissessem onde estavam e por que lugares passavam.

Os comentários de cunho mais político também estiveram presentes na linha do tempo do Facebook de Bruno, como quando pediu respeito aos policiais que agrediram skatistas numa praça de São Paulo, ou quando comentou sobre as manifestações populares nas ruas da capital. Era a própria imagem do homem engajado que não fala só de si.

### **8.1.7 Roberta**

#### ***8.1.7.1 LinkedIn como ferramenta para busca explícita de um emprego***

Profissional da área de tecnologia, Roberta (nome fictício), na faixa etária entre 30 e 39 anos, foi demitida em janeiro de 2013. Alterou seu perfil no LinkedIn em seguida, destacando, no título dele, a busca por uma posição no mercado de trabalho (literalmente colocou a frase "*Looking for a new position at* [buscando uma nova posição em] [nome dos segmentos em que queria atuar]"). Em abril de 2013 alterou ligeiramente o título para especificar os cargos que buscava, em vez dos segmentos de mercado, mas mantinha o "*buscando uma nova posição...*" em inglês.

Conectou-se a inúmeras comunidades da rede social voltadas para a área em que atuava e para a busca de empregos. Atualizou seu currículo *online*, detalhou cada um dos

cargos que teve, incluindo as responsabilidades que tinha, as realizações que conseguiu atingir (por exemplo, com projetos diversos), toda a experiência que possuía (descrita em termos como "16 anos de experiência", "experiência internacional comprovada em liderar times multiculturais", etc.), e as competências que adquiriu.

Passou também a seguir inúmeras empresas grandes no LinkedIn, ampliou sua rede de contatos, enviou mensagens a amigos e conhecidos dizendo que estava em busca de "oportunidades". Mandou a mim, inclusive, um e-mail, em janeiro de 2013, mencionando que não estava mais trabalhando e precisava recolocar-se, caso eu soubesse de alguma vaga disponível.

Em outras palavras, passou a usar a rede social virtual ativamente para procurar uma vaga de emprego e manteve-se ativa durante o tempo em que a acompanhei. Em outubro de 2013 ela ainda acrescentava competências ao seu perfil ou atualizava uma coisa ou outra de sua experiência.

Depois de 10 meses acompanhando-a, entrei em contato com ela, via Facebook, perguntando se ela aceitaria participar da minha pesquisa de pós-graduação, ao que ela respondeu prontamente que sim, acrescentou que continuava "*disponível no mercado*" (aspas dela) desde janeiro de 2013 e que estava dando aulas para "*quebrar o galho*" (aspas dela). As aspas, neste caso, parecem expressar o desconforto em relação à situação.

Quando lhe perguntei sobre que tipo de aulas ela estava dando, disse-me que era professora substituta em escolas estaduais do ensino fundamental e médio, onde dava aulas eventuais de matemática e, às vezes, de outras matérias também, ao valor de R\$ 10,00 cada. Comentou: "*É pouco, mas melhor do que nada...*".

Mesmo com esse desconforto em relação à situação em que se encontrava – e notemos que ela não estava completamente sem trabalho, já que dava aulas<sup>88</sup> – Roberta entrava na "categoria" (se assim podemos chamá-la) de usuários do LinkedIn que querem fazer bom uso do que a rede supostamente oferece em termos profissionais e não escondem o fato de estarem procurando um emprego. No Brasil talvez não sejam os mais numerosos<sup>89</sup>, mas esse tipo de usuário existe. O próprio Francisco no começo, logo após a sua demissão, também usou desse artifício, como discuti antes. Não sei se Roberta manteria o título de seu perfil como sendo "procurando uma posição" ou uma "oportunidade" ou coisa que o valha por muito tempo, caso não encontre um emprego nos próximos meses (ou anos). Ou, como Francisco, se mudaria o título para algo mais genérico como "consultor", "analista", "gerente" ou seja lá como ela se vê ou se via ou gostaria de ser vista.

Parece-me, com isso, que o desconforto de ocupar explicitamente, na rede social, esse lugar de desempregado pode ser tolerável durante determinado tempo. Mas depois tende a ficar bastante acentuado.

Quis verificar como estava isso para Roberta, ao que ela respondeu:

*Sinto um certo de desconforto no LinkedIn, por estar desempregada (das empresas) desde Janeiro. Já no FB [Facebook], não há este tipo de visualização, ou seja, não está claro desde quando estou sem ou procurando emprego. Por isto o FB me incomoda menos.*

Já existe um desconforto para ela nesse sentido no LinkedIn e o "*desde quando*" importa – quanto mais tempo em situação de desemprego, maior o incômodo - mas como eu

---

<sup>88</sup> Estava com uma carga de 20 aulas semanais, quando conversamos.

<sup>89</sup> Não tenho dados estatísticos nesse sentido. Meu comentário baseia-se na minha observação informal de usuários da rede, durante o período de realização desta pesquisa.

disse acima, não dá para saber o quê e se fará alguma coisa a respeito do seu perfil na rede social, se continuar sem um emprego mais definitivo por muito tempo.

Seja como for, Roberta segue os princípios recomendados em certos discursos de recrutamento e seleção quanto à forma e ao conteúdo de um currículo, sobre o que precisa ser detalhado e ressaltado, sobre o que não precisa ou não deve entrar no texto (por exemplo, a não menção às aulas que tem dado).

Lendo o perfil dela, tem-se a impressão de uma profissional segura, experiente, com passagem por importantes empresas do mercado, que está "em transição de carreira", como alguns eufemisticamente dizem.

Sobre os inúmeros contatos com amigos e conhecidos que fez, comentou comigo que obteve muito mais apoio de pessoas apenas conhecidas ou que ela conheceu apenas virtualmente, do que de amigos ou de parentes. Num dos casos que relatou, enviou uma mensagem a uma prima perguntando se o marido dela (da prima), que tem uma rede grande de contatos, poderia ajudá-la enviando o currículo de Roberta a conhecidos dele. A prima respondeu que ela poderia ficar tranquila, que já tinha encaminhado o currículo para o marido e que ele a ajudaria nesse sentido. O único detalhe, contou-me Roberta, é que ela não havia enviado o currículo para a prima na primeira mensagem – tinha feito apenas uma sondagem inicial.

Ressente-se, pois, desse caso e de vários outros que me relatou, sobretudo de pessoas que a ignoraram completamente quando fez contato com elas pela rede social. Ressente-se também de recrutadores que a entrevistaram para vagas de emprego e que depois sumiram, não deram retorno algum.

### **8.1.7.2 Festas, fotos e frases de efeito no Facebook – quem vê perfil não vê coração**

No Facebook mostrava-se bastante ativa nos últimos meses em que a acompanhei, tendo tido um aumento considerável no número de *posts* que publicava – de 10 publicações no ano inteiro de 2012, ela passou a publicar uma média de mais de 26 *posts* por mês em 2013, depois que ficou desempregada. De uma participação quase que totalmente passiva na rede social (por exemplo, simplesmente deixando que outros usuários a marcassem em fotos ou comentários em geral, ou que publicassem no seu perfil), passou para uma participação ativa, em que ela publica e compartilha, com certa frequência, conteúdos diversos com os seus amigos de Facebook. Aliás, não só com os amigos de rede, pois em muitos casos as publicações dela são públicas – qualquer pessoa tem acesso a elas, caso queira.

O aumento do volume de publicações no Facebook após a demissão foi um aspecto que não havia chamado minha atenção nos outros casos que acompanhei e analisei antes. Então resolvi fazer uma análise retroativa deles. Apresento os resultados na seção "Análise Horizontal dos resultados".

Com uma participação tão mais ativa na rede social, depois de alguns meses de acompanhamento do caso de Roberta, resolvi perguntar-lhe se tinha alguma preocupação de que as pessoas pudessem sentir pena dela no Facebook – aspecto que tinha aparecido com Leila e Guilherme – ela me escreveu:

*Não tenho a preocupação de que as pessoas sintam pena [de mim]. É que abordo esta questão no Face[book] via Inbox [mensagens privadas] com algumas pessoas pontuais. Não quero me expor porque nem todos que fazem parte da rede de "amigos", são realmente amigos... Não quero meus anseios profissionais expostos no face[book]...*

Não ter preocupação manifesta com a possibilidade de que as pessoas sintam pena dela, mas não querer expor os anseios profissionais é preocupar-se com a imagem que está construindo na rede, com a imagem que o outro tem dela.

O que ela não gostaria de expor na rede social parece-me ser mais do que apenas os "*anseios profissionais*". Numa mensagem longa e emocionada que me escreveu, falou da frustração de não ser chamada para entrevistas durante muito tempo ou de não ter sucesso naquelas de que participa; da privação de não poder ir a restaurantes, a viagens, a lugares interessantes com os amigos, pela restrição do dinheiro; da impossibilidade de ajudar financeiramente a família de uma tia, a quem ela sempre ajudava, e "*que passa muita necessidade material*"; do desconforto de ter de depender de atendimento médico do SUS e da ajuda financeira do pai para pagar impostos (IPVA, IPTU), seguro do carro<sup>90</sup>; do incômodo de não ser ela quem ajuda nesse sentido os pais já idosos; das cobranças deles por ela ainda não ter conseguido outro emprego. Em relação a essas cobranças, escreveu-me:

*(...) meus pais me ajudam, mas ao mesmo tempo se sentem mal e ao mesmo tempo me cobram: "Como pode ficar desempregada até agora!?" (como se eu gostasse). Algumas semanas atrás minha mãe me disse que meu pai comentou: "Até empregada doméstica que eu levo no táxi, arruma emprego e esta menina fica aí parada (porque para eles, ministrar aulas no Estado não é emprego)... Sim, a intenção foi dizer que eu fico feito vagabunda em casa. Isto me fez chorar de tristeza.*

Ela, que tem tentado inúmeras possibilidades de conseguir emprego (relatou inúmeros contatos que fez com pessoas e empresas, entrevistas frustradas de que participou) e que

---

<sup>90</sup> Segundo o que me relatou, a renda que possuía antes de ser demitida a colocaria no que aqui estou chamando de "classe média média".

sempre trabalhou<sup>91</sup>, sente-se triste, chora de humilhação, está com a autoestima baixa, sofre pela impossibilidade de não satisfazer o desejo do desejo do outro, dos pais dela, mas não só deles. O não conseguir determinado tipo de emprego pesa mais por isso, ao ponto de ela se perguntar, em desespero, se há algo de errado com ela (escreveu-me isso também). Ronda, ao que parece, certa angústia em relação à chegada dos 40 anos<sup>92</sup> – que não está tão longe assim – no que se refere a não conseguir um emprego no nível daqueles que teve anteriormente, de não ter a possibilidade de usufruir da vida confortável que tinha antes, de atender ao próprio desejo (que parece passar pelo desejo dos pais) e de restaurar a imagem narcísica perdida.

Para completar a ferida narcísica, o seu último namorado chegou a "esfregar na cara dela" o cartão de crédito dele "*Mega Blaster Ultra Pop Platinum Diamantum*" (palavras dela) dizendo: "*Dinheiro eu tenho para ajudar a pagar os passeios que fizemos juntos! Olha aqui meu cartão. (...) Faz o seguinte: Você vai marcando tudo o que eu lhe emprestar e quando você arrumar emprego você me paga de volta*". Foi a última conversa que tiveram.

A mensagem em que me relatou isso e as outras frustrações, as cobranças dos pais, enfim, terminou dizendo:

*Tem gente que olha para mim e me pergunta: "Como você consegue ficar desempregada sendo da área de tecnologia (tem um monte de empregos)? Meu Deus! Esta pergunta me ofende, me humilha, me faz me sentir a pior das piores. É óbvio que não estou desempregada (do mundo corporativo) porque quero... Já me recomendaram fazer novenas, simpatias, enfim... Eu oro/converso com Deus e no máximo tomo passe de vez em quando. Há momentos em que cheguei a pensar que Deus não olha para mim... Faço um curso de Espiritismo básico e descobri que não adianta depositar minhas frustrações no Pai...*

---

<sup>91</sup> Exceto pelo período de quase um ano, em 2010, quando estive desempregada também.

<sup>92</sup> Pergunta-se se a idade (30 anos avançados) é realmente certo empecilho para o mercado de trabalho, como já ouviu dizer.

*Mas enfim, acho que resumi um pouco do que eu sinto... É complicado falar sobre sentimentos... Estou escrevendo e chorando ao mesmo tempo. Alivia, mas faz com que eu toque em feridas que às vezes eu gostaria que não estivessem incomodando... Não sei mais o que fazer! Eu olho para meus e-mails e nada... Isto me consome aos poucos...*

Talvez deposite parte de suas frustrações não só no Pai (Deus), mas também no próprio pai. Seja como for, nada desse sofrimento, desses afetos todos, desse coração machucado (no sentido mais amplo do termo) aparece de forma manifesta, explícita<sup>93</sup> em seus *posts* no Facebook, que basicamente se resumem a três tipos:

- Fotos e comentários de festas e eventos de que participou com família e amigos;
- Belas fotos profissionais abstratas, de paisagens ou de objetos, tiradas por outras pessoas;
- Frases de autores diversos que compartilhava, de cunho emocional ou intelectual.

Esses *posts* começaram a aparecer e a aumentar, a partir de fevereiro de 2013, após a sua demissão (vide Tabelas 8.4 e 8.5, na seção "Análise horizontal dos resultados"). Os primeiros foram de festas ou eventos com pessoas que pareciam ser seus amigos ou familiares, pois nas fotos está sempre abraçada a eles e sorrindo. As fotos vinham com legendas como "aniversário de...", "carnaval argentino", "festa da semana".

Dada a frequência com que esse tipo de publicação passou a aparecer no perfil dela, era como se o que quisesse passar fosse realmente algo como "a vida é uma festa, uma celebração e quero que saibam que estou aproveitando". A imagem era a de quem estava bem, curtindo a vida, os amigos, os familiares, sempre sorrindo, bebendo, festejando. A foto da capa do perfil dela (que é uma espécie de papel de parede do topo do perfil dos usuários do

---

<sup>93</sup> Apareciam, às vezes, de forma implícita, latente, como discutirei a seguir.

Facebook), corroborando esse aspecto do "curtindo a vida", passou a ser, em março de 2013, uma em que ela está saltando de paraquedas.

Outra publicação que corroborava essa imagem foi a da foto de um pequeno quadrinho pendurado numa parede, com os dizeres: "Diga-me com quem andas, que te direi quantas cervejas levar". O chiste em relação ao ditado popular, normalmente tido como bíblico, brinca com o "diz-me com quem andas, que te direi quem és". O *post* quer nos levar a crer que o seu autor, ou quem o compartilha, é alguém que aproveita a vida pelo número de cervejas que toma.

Nada que lembrasse o fato de estar desempregada, "*procurando uma posição*", ou tudo aquilo que me relatou estar sentindo. Ou, se colocarmos os perfis dela do LinkedIn e do Facebook lado a lado, era como se afirmasse que estava procurando um emprego, sim, mas estava melhor do que nunca quis mostrar antes. Era quase como se a busca fosse um momento normal, banal até, na carreira de uma boa profissional como ela, mas nada que a impedisse de ser feliz.

Também em fevereiro de 2013 começaram as mensagens e as belas fotos de autores diversos, conhecidos ou desconhecidos. As fotos eram quase sempre imagens de grande beleza, fossem elas de paisagens, de animais, de objetos singelos, algumas artificialmente belas até. A atração por tanta beleza não deixa de chamar a atenção – que alguém pudesse dizer que era apenas a marca de um gosto estético, ainda assim um gosto não é puramente "estético". A atração estética passa por um contexto sócio-histórico de valorização ou desvalorização de determinadas apresentações das coisas e das pessoas, de "educação" do olhar. E passa também por questões subjetivas singulares, passa pelo que, desses elementos culturais oferecidos pela sociedade, o sujeito sinta prazer ou desprazer ou mesmo gozo.

Um quadro, uma foto, uma imagem nos captura, nos convida a olhar. Somos sujeitos naquilo que nos captura o olhar, ainda que o nosso desejo não apareça explicitamente nesse ato – desejo de sermos olhados, de sermos reconhecidos, de sermos desejados (Lacan, 1964/1973).

No caso de Roberta especificamente, o contexto como um todo – no Facebook e fora dele - fazia pensar que a vida não era tão bela. Pelo contrário, essa ênfase na beleza das coisas, na festividade das celebrações com os amigos, na "curtição" da vida pareciam remeter a um lado mais sombrio, que devia rondar também a sua psique – como ela mesma me confessou, na descrição que fiz anteriormente. A beleza e a alegria das imagens publicadas, se podiam até exprimir algum traço de realidade, remetiam muito mais a certo ideal. Isto é, se pretendiam passar a ideia de uma imagem total, havia certamente um resto que não aparecia explicitamente, algo que não se "encaixava" nesse idílio, que escapava a ele.

Emblemático nesse sentido foi a figurinha que Roberta publicou em setembro de 2013, que mostrava duas pessoas, no que parecia ser um ônibus: uma estava sentada num banco do lado direito do veículo, sorria e apreciava a bela paisagem que se mostrava do lado de fora; a outra estava sentada num banco do lado esquerdo, cabisbaixa, com a expressão de tristeza, olhando para um paredão cinzento de pedras no caminho. A figurinha trazia os dizeres "escolha o lado feliz da vida!".

Esse lado mais sombrio, triste, difícil da vida também se verificava nas mensagens de texto que Roberta publicava. Em geral traziam sempre algum sentido de superação de dificuldades, de força interior, de bondade e assim por diante. Alguns exemplos:

*"Ou nós nos fazemos miseráveis, ou nós nos fazemos fortes. A quantidade de esforço é a mesma." Carlos Casteñada.*

*"A ship in a harbor is safe, but that's not why ships were built." John Augustus Shedd [Um navio num porto é seguro, mas essa não é a razão pela qual navios foram construídos].*

*"The appearance of things change according to the emotions, and thus we see magic and beauty in them, while the magic and beauty are really in ourselves." Kahlil Gibran [A aparência das coisas mudam de acordo com as emoções, e assim nós vemos magia e beleza nelas, enquanto que a magia e a beleza estão de fato em nós mesmos"].*

*"Our prime purpose in this life is to help others. And if you can't help them, at least don't hurt them". Dalai Lama ["O nosso principal propósito nesta vida é ajudar os outros. E se você não pode ajudá-los, pelo menos não os machuque"].*

*"Cuidado com a diferença entre o BEM e o BOM.  
Nem tudo que é bom faz bem e nem tudo que faz bem é bom."*

*"I may not be there yet, but I'm closer than I was yesterday". ["Eu posso não estar lá ainda, mas estou mais perto do que eu estava ontem"] (imagem de uma pessoa subindo uma escada).*

*"Las dificultades preparan a personas comunes para destinos extraordinarios". C. S. Lewis.*

*"There is always a way". ["Sempre existe um caminho/uma saída"]. (imagem de uma mudinha de planta nascendo numa pequena fresta de madeira).*

*"Keep going. Each step may get harder, but don't stop. The view at the top is beautiful". ["Continue indo (no seu caminho). Cada degrau pode parecer mais difícil, mas não pare. A vista do alto é bela"]. (Imagem de uma escada com vários degraus).*

*"Winners.. are not those who never fail but those who never quit!" ["Vencedores.. não são aqueles que nunca falham, mas aqueles que nunca desistem"].*

Houve um *post* dela, também de março de 2013, em que apareciam quadrinhos de pessoas carregando uma cruz cada. Num deles, uma pessoa reclamava de que estava pesada demais e pedia a Deus que a cortasse um pouco, ao que foi atendida. Num quadrinho à frente (sequência da historieta), a pessoa pedia para que Deus cortasse mais um pouco da cruz e também foi atendida. O final da historieta é um abismo e as pessoas que carregavam as cruzes com o tamanho inicial usam a sua como ponte para cruzá-lo. Já a cruz da pessoa que pediu

para que Deus a diminuísse, ao longo do caminho, era curta demais e não alcançava o outro lado do abismo. Com isso não conseguia atravessá-lo.

Logo depois desse *post*, Roberta publicou outro com um quadro dizendo: "*Difficulties in life are intended to make us better, not bitter*" ["As dificuldades na vida servem para nos tornar melhores, não mais amargos"].

Nessas mensagens todas aparece algo de que talvez ela não estivesse tão bem quanto as publicações de festas e afins queriam transmitir, e que precisava ser forte, suportar o fardo para ser capaz de ultrapassar desafios futuros, tornar-se melhor, não se deixar amargar pelas dificuldades. Podiam bem ser apenas "lições de vida" a serem compartilhadas com os amigos, para quem não soubesse do que ela estava sentindo em relação ao desemprego e ao que ele representava para ela. Podiam ser apenas a imagem de alguém que quer fazer crer que está se esforçando para superar eventuais dificuldades, que quer supostamente valorizá-las, pelo que elas podem trazer de benefício. Podiam ser, mas a escolha delas, de tantas mensagens com um conteúdo similar nesse sentido, não me parece ser por acaso.

Depois de ler o relato dela, nas nossas mensagens privadas, a mim pareceu que ela estava, com esses *posts*, tentando convencer a si mesma de que é bom seguir em frente, apesar das dificuldades, de que estas trazem algo bom, no final das contas, e que tentava obter o reconhecimento do outro pela imagem de alguém que está nessa jornada de luta ou pela imagem de uma pessoa madura que pensa dessa forma.

### 8.1.8 Outros casos

Como comentei antes, acompanhei outros cinco casos de sujeitos em situação de desemprego – Fabio, Teo, Edmilson, Beatriz e Lúcio (todos nomes fictícios) - os quais ou ignoraram minhas mensagens convidando-os a participar da pesquisa (três deles), ou eu mesmo preferi não entrar em contato com eles (dois sujeitos), por não me sentir à vontade devido ao fato de serem meus conhecidos profissional ou pessoalmente.

Sendo assim, comentarei abaixo apenas aspectos gerais deles, sem entrar em muitos detalhes, valendo-me apenas dos seus perfis e *posts* públicos nas redes sociais aqui em questão.

Como nos casos que discuti anteriormente, estes também apresentaram variações quanto ao título do seu perfil no LinkedIn: dois deles mantiveram o cargo da última empresa em que trabalharam, mesmo meses depois de terem saído de lá; um adotou o uso da função genérica que exercia (ex.: analista, gerente, etc.); outro criou sua própria consultoria, ao que parece, e cita-a no perfil<sup>94</sup>; por último um deles substituiu o cargo por reticências. Esta foi uma forma bem diferente em relação ao que normalmente as pessoas fazem na rede social quando saem de uma empresa. Usar reticências é deixar em suspensão o sentido sobre o que o sujeito tem feito profissionalmente, se está trabalhando ou não, sobre se é indiferente à rede social, se a tem acessado ou não.

Ficou assim por muitos meses, até que trocou por um "*em busca de trabalhos voltados para [nome]*".

---

<sup>94</sup> Pode ser também um mero eufemismo para o fato de estar desempregado, mas como ele não respondeu às minhas mensagens, não pude esclarecer isso.

Um aspecto que também me chamou a atenção foi que, à exceção de Lúcio, os outros pareciam usar muito pouco o LinkedIn. Fizeram algumas poucas atualizações no seu perfil após a saída da empresa onde estavam, mas depois nada, ou quase nada, ao longo de meses. Lúcio foi o que mais acrescentou informações e detalhes ao seu currículo *online*.

No Facebook, tive acesso apenas aos *posts* públicos de Teo, Fabio e Edmilson, que tinham muito pouca atividade na rede, mas não dá para saber se a atuação deles era maior numa esfera privada de amigos deles. Imagino que, provavelmente, sim. Quanto a Beatriz e Lúcio, publicavam conteúdos diversos, mas nada que lembrasse algo sobre estarem desempregados. Pareciam pessoas felizes, participando de eventos com amigos, indo à academia, a restaurantes e assim por diante, como outras quaisquer. Como não pude conversar com eles, se estavam felizes, de fato, não sei. Mesmo que não estivessem mal, difícil acreditar que estivessem completamente felizes e apenas "curtindo a vida", como aparecia no Facebook, porque a vida de provavelmente ninguém é inteiramente assim.

Fora isso, não tenho muito mais informações que possa compartilhar a respeito deles – seja porque não obtive sua autorização explícita para fazê-lo, seja porque realmente não sei. Se decidi mantê-los na pesquisa foi porque um ou outro trouxe alguma constatação nova ou corroborou alguma que foi detectada nos casos em que pude me aprofundar realmente (capítulos anteriores). Um panorama geral poderá ser visualizado na discussão que faço no capítulo "Análise Horizontal dos resultados".

## 8.2 Análise horizontal dos resultados

Nas seções anteriores, os casos de sujeitos que participaram da pesquisa foram analisados um a um, ainda que vez ou outra tenha feito alguma comparação entre eles. Agora passarei a discutir constatações feitas com eles de maneira transversal – ou horizontal – comparando-os uns com os outros, apontando se houve recorrências nas constatações, em que medida ocorreram e se alguma conclusão pode ser derivada a partir delas.

### 8.2.1 Construção de imagens de si nas redes sociais

A construção de imagens próprias dos sujeitos nas redes sociais já vinha sendo estudada e constatada por outros autores.

Turkle (1995), em meados da década de 1990, já havia apontado a construção e reconstrução de identidades na internet, quando estudou comunidades *online* que simulavam realidades "paralelas" – os MUDs (*Multi-User Domains* ou *Multi-User Dungeons*, espécie de jogos em tempo real em que os participantes atuam como determinados personagens) e também serviços de troca de mensagens entre usuários (como o antigo IRC, mais recentemente substituído pelo MSN e pelo Skype). Escreveu a autora:

Como jogadores participam, eles tornam-se autores não só de texto, mas deles próprios, construindo novos "eus" através de interação social. (Turkle, 1995, p. 12).

O personagem pode ser bem próximo do "verdadeiro eu", como pode estar muito longe dele, segundo ela. Diante disso, postula a existência de eus múltiplos, fluidos, constituídos na interação mediada por computador, e também a emergência de uma "cultura da simulação".

Nas pesquisas que realizou, Turkle (1997) cita frases de sujeitos que acompanhou, tais como: "[a minha personagem] são externalizações de partes de mim" ou "(...) existem aspectos da minha personalidade (...) que sou capaz de trabalhar nos MUDs". Enfatiza a autora que o que ela denomina de multiplicidade de eus não se refere a transtornos psiquiátricos de múltiplas personalidades, mas a "aspectos do eu" que o sujeito põe em causa na simulação *online*, aspectos que às vezes não aparecem na vida das relações presenciais ("reais", como as chama).

Arremata ela:

O que estou dizendo é que as muitas manifestações de multiplicidade na nossa cultura, incluindo a adoção de múltiplas personae on-line, estão contribuindo para uma reconsideração geral das noções tradicionais, unitárias de identidade. (Turkle, 1997, p. 1104).

Que tenha postulado isso baseada nos jogos de simulação e nos serviços de comunicação anônima da década de 1990, a questão não parece tão diferente em ambientes em que supostamente informações "verdadeiras" dos indivíduos são veiculadas, como o Facebook e o LinkedIn, quase vinte anos depois que ela escreveu "*Life on the screen*".

Entretanto, Zhao et al. (2008) afirmam que a construção de identidades não foi suficientemente estudada em ambientes *online* onde o anonimato não é de praxe, pelo

contrário, onde se pedem informações verdadeiras dos usuários (ambientes como o Facebook e o LinkedIn).

Seja como for, afirmam os autores que certa performance ligada à apresentação da identidade ocorre, mesmo em ambientes onde os indivíduos podem ser identificados, mas neste caso, a autoapresentação sofre algumas restrições e tendem a se conformar com as normas sociais. Conduziram uma pesquisa com 83 universitários americanos e concluíram que diferentes estratégias são usadas para a construção de identidades no Facebook: desde as implícitas (como a publicação de fotos de si mesmo no perfil), até as mais explícitas (seção "Sobre [mim]" no perfil do usuário na rede social, que pode incluir um pequeno texto sobre si mesmo), passando por outras intermediárias, como a menção a interesses e *hobbies* no *site*. Os sujeitos da pesquisa mostraram maior tendência a usar os recursos implícitos de construção de identidade e de preferir aqueles visuais (fotos, por exemplo) aos textuais. Zhao et al. (2008) afirmam que as razões para isso podem ser o fato de que, por exemplo, melhor do que dizer de si mesmo que se é "legal, sexy e suave (gentil)" é fazê-lo através de uma música "legal, sexy e suave", ou ainda, bem mais efetivo do que fazer um autoelogio é receber comentários positivos dos outros.

Concluíram ainda que a identidade que os sujeitos tentam construir é aquela "almejada possível", socialmente desejável – não a totalmente idealizada. Entre as características de identidade que os autores encontraram nos perfis que pesquisaram estão:

- parecer ser popular entre os amigos (várias fotos com estes; número de amigos na rede social);
- não parecer ser um *nerd* (através dos interesses e *hobbies* mencionados);

- parecer ser alguém que pensa, que tem ideias (exemplo: publicar citações de autores diversos, normalmente com atitude positiva em relação à vida ou de se ter o controle sobre o próprio destino).

Verificaram, contudo, que a maior parte dos sujeitos em questão não apresentavam realmente todas essas características na sua vida de relações presenciais (*off-line*) e que, portanto, tratava-se de identidades "almeçadas" apenas. Por outro lado, a maioria deles não projetavam na rede social aspectos de pessimismo, de apreensão ou de "mente fechada" que pudessem ter, ainda que tenha havido alguns casos de construção de identidades consideradas fora das normas sociais. Mesmo assim, os sujeitos nesses casos tentavam passar certo ar transgressor, sendo "legais" ao mesmo tempo.

Mehdizadeh (2010) disse que ambientes *online* permitem aos indivíduos transmitirem aos outros, de forma controlada, uma identidade ideal. No caso do Facebook, particularmente, a autora afirma que o ambiente favorece a expressão de um eu almejado possível – é o chamado gerenciamento da impressão causada e da autoexpressão. A autora conduziu uma pesquisa para analisar a relação entre narcisismo<sup>95</sup>, autoestima e o uso do Facebook. Os resultados da pesquisa indicaram uma relação significativa entre indivíduos com *score* alto na escala de narcisismo usada e a frequência de uso da rede social. Também indicou uma relação em alguns aspectos de tais indivíduos e certos tipos de publicações ligadas à autopromoção, tais como o uso de fotos de si mesmos.

Olivier (2011) afirmou que os usuários publicam o que querem mostrar e exibir aos outros. Argumenta que a composição de coisas que são publicadas pelo indivíduo (fotos

---

<sup>95</sup> A definição que usou para narcisismo aproxima-se daquela do narcisista estrutural perverso.

retocadas de si, da bebida que tomou, das festas em que esteve; *links* para músicas e filmes favoritos, etc.) são uma identidade muito bem construída, localizada no registro do imaginário lacaniano – registro da fantasia e da alienação tal como no estádio do espelho (Lacan, 1966c). Representa uma promoção de si como se fosse uma "marca" (*brand*) para o mercado.

Rosa (2012) postulou, na pesquisa que realizou, a existência de um processo dinâmico de negociação de identidades no Facebook, em que os usuários selecionam, ocultam e até dissimulam aspectos identitários que possam representá-los na rede social. Cita que existe medo dos usuários de que a exposição de interações ou de postagens que fazem no *site* possam comprometer a representação de si na própria rede social e fora dela.

Bazarova et al. (2012) pesquisaram a frequência do uso de palavras que descrevem emoções consideradas positivas ou negativas por usuários do Facebook. Neste sentido, apontaram certa preocupação deles em relação à sua própria apresentação na rede pela expressão significativamente menor de emoções negativas que de emoções positivas.

Carpenter (2012) também estudou o impacto de sujeitos (americanos entre 18 e 65 anos, 74% dos quais estudantes universitários) com alto narcisismo, segundo determinada escala, e sua relação com o uso no Facebook, em particular no que se refere a comportamentos de autopromoção na rede social.

Por último, gostaria de citar que Kapidzic (2013) pesquisou a relação entre narcisismo e a atuação de indivíduos na rede social (universitários americanos entre 18 e 25 anos), em particular a seleção de fotos de si mesmos para publicação. Escreveu ela que existe uma ligação significativa entre altos níveis de narcisismo dos sujeitos (segundo a escala usada) e a aparência mais atrativa nas fotos do perfil deles no Facebook. Além disso, o conteúdo deste

parece persuadir outros usuários ("visitantes do perfil") sobre as características positivas do dono dele.

Na verdade, a dinâmica de construção (e reconstrução) de imagens de si mesmo para o outro, como algo que percorre a vida toda do sujeito, é algo que a modernidade traz consigo e tem-se aprofundado na pós-modernidade, tanto pelos aspectos de incertezas e instabilidades que a vida contemporânea em sociedade introduz, quanto pelos estímulos que a cultura ocidental do narcisismo põe em movimento. Nas sociedades pré-modernas, em que a tradição social é que basicamente determinava o lugar simbólico dos seus membros, tal questão da construção de imagens de si devia até existir, mas provavelmente numa escala menor<sup>96</sup> – a imagem própria referia-se muito mais a estar ou não em conformidade com a tradição estabelecida, com o lugar que fora atribuído ao sujeito, mesmo antes de ele nascer. Pensando na natureza daquelas sociedades, pode-se supor que muitos de seus membros (se não a maioria) simplesmente se conformavam com tal lugar e não sentiam grandes angústias a respeito do que eram ou do que viriam a ser. Eram, simplesmente, o que eram (aquilo que fora determinado pela sociedade), e continuariam a ser – sujeitos traditivo-dirigidos, para usar o termo de Riesman (1950/1995).

Já hoje, o lugar simbólico que o sujeito ocupa precisa ser "reocupado" por ele com alguma frequência, e precisa ser constantemente referendado pelo outro. Ou seja, o lugar é instável, volátil. Além disso, não se trata mais de um único lugar social que, unificado,

---

<sup>96</sup> Giddens (1991) cita a posição durkheimiana de que "o 'indivíduo', num certo sentido, não existia em culturas tradicionais, e a individualidade não era valorizada. Apenas com a emergência das sociedades modernas e, mais precisamente, com a diferenciação da divisão do trabalho é que o indivíduo separado torna-se foco de atenção" (p.75). Contudo adverte o autor de que, para ele, "a 'individualidade' foi certamente valorizada – dentro de limites variados – em todas as culturas" (p. 75). Como a questão da imagem de si, do eu, está muito atrelada à noção de "indivíduo", mesmo que tal noção fosse algo muito menos focada nas sociedades pré-modernas, algo dela devia estar presente ainda assim.

consolida o sujeito como tal – o sujeito ocupa, cada vez mais, lugares simbólicos diversos, possui uma "identidade" fragmentada, ou, para usar o conceito de imagem adotado nesta pesquisa, constrói diferentes imagens de si para o outro, em diferentes ambientes, circunstâncias sociais, ou em diferentes momentos.

Como estamos no campo do imaginário<sup>97</sup>, desse jogo especular de imagens com o outro, não é surpresa a centralidade do "parecer ser", do "parecer ter" na pós-modernidade. Estamos na era das "mentiras sinceras me interessam", para citar Cazusa, desde que elas passem credibilidade ao outro, como apontava Lasch (1979/1991). As redes sociais ditas virtuais, o LinkedIn e o Facebook em particular, concretizam, tornam visíveis esse traço pós-moderno – e isso não é nada virtual. Aliás, provavelmente essas redes o estimulem.

No que se refere aos sujeitos estudados nesta pesquisa, a Tabela 8.1 sintetiza as constatações a que cheguei, no tocante à construção de imagens deles próprios nas redes sociais.

A primeira constatação diz respeito ao cargo usado no título do perfil do LinkedIn pelos sujeitos, espécie de *headline* para dizer "Quem sou eu no mundo profissional". Dos 11 casos incluídos na pesquisa, sete deles<sup>98</sup> (incluindo eu mesmo) atualizaram o seu perfil na rede social no período em que estiveram desempregados, colocando um cargo genérico ou indefinido no título, sem especificar qualquer empresa. Os exemplos incluíam "Consultor em...", "Gerente de...", "Mestre em..." e até simplesmente reticências ("..."). Em dois outros casos, começando por Beatriz, o cargo anterior, ocupado na empresa de onde o sujeito saiu,

---

<sup>97</sup> Digo que se trata do campo do imaginário mais para fins "didáticos" – evidentemente que a dinâmica só pode ser *realizada* na linguagem, nos elementos socioculturais e através deles.

<sup>98</sup> Dado o caráter eminentemente qualitativo da pesquisa, os números relativos que apresento na Análise Horizontal dos casos são, sobretudo, ilustrativos, sem qualquer intenção de representarem porcentagens significativas, exceto para o conjunto limitado de sujeitos que entraram na pesquisa.

foi mantido. Podíamos pensar que isso se deveu ao fato de que a pessoa não se importa com o LinkedIn, não está preocupada com a atualização do seu perfil na rede. Até poderia ser, não fosse o fato de que todos os sujeitos acompanhados que tinham um perfil na rede social atualizaram-no durante o período em que estiveram desempregados – acrescentaram competências, detalharam informações em alguns casos e assim por diante.

Manter o cargo anterior pode significar algumas coisas – manter a imagem de que se está trabalhando (na mesma empresa de antes), especialmente para aqueles que não sabem da saída da pessoa da empresa; passar certo ar "blasé" em relação à rede social ("não atualizei meu cargo porque não tive tempo ou interesse em fazê-lo; não ligo para o LinkedIn"); expressar certo desconforto em relação ao estar desempregado, mesmo que isso se dê de maneira não explícita; e assim por diante.

Seja como for, o estar desempregado implica uma tomada de decisão quanto à atualização do perfil do sujeito na rede social e, portanto, quanto à construção de uma imagem de si nela – "Como quero ser visto neste momento em que estou desempregado?". Os sujeitos valem-se de diferentes estratégias nesse sentido. Além das duas que comentei acima, outra que constatei foi explicitar a busca por uma vaga de emprego (três sujeitos fizeram-no). Tal estratégia, contudo, não parece ser tão usada no contexto brasileiro (embora tal afirmação seja baseada apenas em observação informal da rede<sup>99</sup>), e, além disso, em dois dos casos que acompanhei, os sujeitos ou acabaram abandonando a estratégia, para usar aquela do cargo genérico (caso de Francisco), ou confessaram-me desconforto em mantê-la, depois de meses de busca infrutífera por uma recolocação profissional (caso de Roberta).

---

<sup>99</sup> Seria preciso uma investigação formal quantitativa para que conclusões numéricas efetivas pudessem ser apresentadas.

Tabela 8.1 – Constatações relativas à construção de imagens de si pelos participantes da pesquisa no Facebook e no LinkedIn

Constatações relativas à construção de imagens de si	Casos acompanhados											Total de recorrências
	Antônio	Francisco	Fabio <sup>(ix)</sup>	Teo	Leila	Edmilson	Guilherme	Beatriz	Bruno	Roberta	Lúcio	
Cargo "genérico" ou indefinido no título do perfil do LinkedIn (ex.: "consultor", "mestre", "gerente", "...", etc. sem especificar a empresa)	<b>X</b>	X	X	X <sup>x</sup>	NA	X	X				X	7
Cargo anterior mantido como título do perfil no LinkedIn					NA			<b>X</b>	X			2
Alguma atualização no perfil no LinkedIn após a demissão	<b>X</b>	X	X	X	NA	X	X <sup>xi</sup>	X	X	X	X	10
Detalhamento das informações pessoais no LinkedIn depois da demissão		<b>X</b>	?	? <sup>xii</sup>	NA	?	X	X		X	X	5
Informações não inteiramente verdadeiras ou "aumentadas" no LinkedIn			?	?	NA	?	<b>X</b>	?		X	?	2

Constatações relativas à construção de imagens de si	Casos acompanhados											Total de recorrências
	Antônio	Francisco	Fábio	Teo	Leila	Edmilson	Guilherme	Beatriz	Bruno	Roberta	Lúcio	
Uso de caixa alta para título do perfil no LinkedIn.		X <sup>xiii</sup>			NA							1
Uso explícito do LinkedIn para divulgar busca por um emprego, seja pelo título do perfil, seja por publicações ( <i>posts</i> ) com um minicurrículo.		X		X <sup>xiv</sup>	NA					X		3
Perfil do Facebook muito diferente do do LinkedIn (frequência e natureza de publicações; grau de exposição)	X	X	X	?	NA	?	X	X	X	X	X	8
<i>Posts</i> no Facebook falando da questão de estar desempregado, algum tempo depois da demissão (no. deles)	(0)	X <sup>xv</sup> (1)	X <sup>xvi</sup> (1)		X <sup>xvii</sup> (1)		(0)	(0)	(0)	(0)	(0)	3

Constatações relativas à construção de imagens de si	Casos acompanhados											Total de recorrências
	Antônio	Francisco	Fabio	Teo	Leila	Edmilson	Guilherme	Beatriz	Bruno	Roberta	Lúcio	
<i>Posts no Facebook ou no LinkedIn não refletem o que o sujeito está de fato sentindo em relação ao estar desempregado.</i>	<b>X</b>	X	?	?	X	?	X	? <sup>xviii</sup>	X <sup>xix</sup>	X	?	6
Fotos de si mesmo(a) (sozinho(a), com amigos ou família)	<b>X</b>	X			X	X	X	X	X	X	X	9
Publicações falando de si mesmo(a), definindo-se					<b>X</b>				X			2
Publicações de lugares e eventos a que foi (ex. festas, viagens, encontros com amigos, etc.)							<b>X</b>	X	X	X	X	5
<b>Total de novas constatações relativas à construção de imagens de si<sup>xx</sup></b>	<b>5</b>	<b>4</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	

- X** = constatação nova (primeiro caso em que ocorreu)  
 X = recorrências (aspecto constatado para os sujeitos assinalados)  
 NA = não aplicável ao sujeito em questão  
 ? = não foi possível verificar aspecto em relação ao sujeito  
 +- = aspecto não inteiramente constatado para o sujeito assinalado

---

<sup>ix</sup> As constatações sobre as publicações de Fabio, Teo e Edmilson dizem respeito àquelas de conteúdo público. Como não tive acesso aos *posts* privados deles, pode ser que algumas constatações fossem verificadas para eles também, se eu tivesse tido tal acesso.

<sup>x</sup> Colocou reticências no título do perfil depois da demissão. Manteve-as durante mais de um ano e meio, até que alterou o título para "buscando oportunidades em [nome]".

<sup>xi</sup> Atualizou o perfil no LinkedIn muitos meses depois da demissão.

<sup>xii</sup> Quando comecei a acompanhar os casos de Teo, Fabio e Edmilson, eles já estavam desempregados e com o perfil do LinkedIn refletindo o novo *status*. Como não consegui ou não quis fazer contato com eles, não dá para saber se atualizaram alguma coisa no perfil deles após a demissão. Durante o meu acompanhamento, não o fizeram.

<sup>xiii</sup> Francisco usou caixa alta em todas as letras do título do seu perfil logo após sua demissão. Assim permaneceu por alguns meses e depois passou a fazer como muitos outros usuários da rede social: maiúsculas nas primeiras letras de todas as palavras do título.

<sup>xiv</sup> Só depois de muito tempo (pelo menos um ano e meio depois da demissão) é que Teo colocou no título de seu perfil que estava procurando oportunidades de trabalho.

<sup>xv</sup> Mencionou, numa publicação que fez no Mural de um amigo dele, que havia saído da antiga empresa (sem mencionar que fora demitido) e que estava mandando alguns currículos. Caso o amigo soubesse de alguma vaga, pedia que lhe avisasse.

<sup>xvi</sup> Como Francisco, mencionou no Mural de um amigo (no seu perfil do Facebook) que saíra da empresa onde trabalhava e que estava mandando alguns currículos. Caso o amigo soubesse de alguma vaga, pedia que lhe avisasse.

<sup>xvii</sup> Leila foi o único caso acompanhado que, alguns meses depois da demissão, lembrou os amigos em geral de que estava desempregada e pediu a indicação de vagas, caso alguém soubesse de alguma.

<sup>xviii</sup> Não consegui conversar de forma privada com Beatriz, Lúcio, Teo, Fabio e Edmilson para saber o que, de fato, estavam sentindo.

<sup>xix</sup> Bruno falou, várias vezes, de momentos em que não estava bem, mas nunca explicitamente sobre o estar desempregado, sobre sentir-se fracassado, envergonhado, humilhado. Sempre eram frases genéricas como "*difícil, muito difícil*", "*quem disse que não pode ficar pior?*".

<sup>xx</sup> Houve casos em que tive uma constatação apenas quando comecei a acompanhar o n-ésimo sujeito, por exemplo, e só depois fui verificar se era válido para os outros que eu já estava acompanhando anteriormente, o que às vezes se verificava, às vezes não. Em todos os casos, contudo, considerei o primeiro deles em que a constatação pôde ser verificada, de acordo com a sequência cronológica em que manifestaram determinado aspecto correspondente a ela, mesmo quando tive o *insight* sobre ela *a posteriori*.

É verdade também que um dos sujeitos adotou essa estratégia de explicitar a busca por uma posição no mercado de trabalho depois de meses usando a estratégia da indefinição de cargo (caso de Teo). Como não tive contato direto com ele, não pude saber a razão que o levou a fazê-lo.

Independentemente da estratégia usada no que se refere à definição do cargo no título do perfil do LinkedIn, é certo que os sujeitos adotam alguma – e isso representa um primeiro elemento na construção de sua imagem na rede.

Como citei antes, muitos detalharam as informações de seus respectivos perfis após a demissão – o que parece mostrar que veem algum valor na rede social para a sua carreira profissional – seja para conseguir um novo emprego, um trabalho, uma oportunidade qualquer, seja para manter ou ampliar seus contatos. Mesmo os que não o fizeram (eu sou um deles), atualizaram algo do perfil e, portanto, mantiveram-no ativo, e a razão é porque dele queriam tirar algum proveito - proveito a partir de determinada imagem na rede, insisto sobre esse ponto.

Um caso curioso foi o de Francisco, como apresentei anteriormente, que publicou diariamente, durante semanas a fio, um pequeno *post* anunciando sua experiência e competências, como um minicurrículo. Também se valeu de caixa alta no título do seu perfil por muito tempo. Depois voltou a adotar uma postura como boa parte dos usuários do LinkedIn adota – discreta, de "silêncio". Não vou prolongar-me no caso, já que o discuti amplamente na seção correspondente, inclusive no que se refere à construção de imagem de si próprio para o outro na rede social. Se menciono novamente isso aqui é apenas para ressaltar que foi algo isolado – não observei nada parecido com outros usuários. Pareceu-me ser, além disso, um discurso mais singular, no meio de tantos outros pasteurizados, a expressão de um mal-estar, quase um "grito"

diante da ferida narcísica que ter sido demitido e estar em situação de desemprego representaram para Francisco, como ele me relatou de maneira privada.

Por outro lado, algo que foi constatado de maneira ampla foi o fato de o perfil dos sujeitos no LinkedIn ser muito diferente do seu perfil no Facebook, tanto no que se refere à frequência e à natureza das publicações, quanto ao grau de autoexposição. Quer dizer, se no LinkedIn os sujeitos adotam uma postura mais contida, formal, discreta, no Facebook mostram-se ativos, publicam sobre diversos temas, comentam publicações de outros, mostram-se em fotos diversas, e assim por diante, como já apresentei anteriormente. Se apagássemos o nome e a foto dos perfis do sujeito numa e noutra rede social, dificilmente saberíamos que se tratava da mesma pessoa.

Essa discrepância de perfis mostra o que eu argumentava sobre os sujeitos construírem mais de uma imagem de si na pós-modernidade. Se isso já era sabido nas relações presenciais, nas virtuais não é diferente e talvez seja ainda mais patente, ainda mais visível.

Nessas imagens de si nas redes sociais, em particular no Facebook, o falar sobre a demissão e sobre estar em situação de desemprego é coisa rara. Sobre a demissão, quando os sujeitos falam dela, o fazem em forma de desabafo público e depois não tocam mais no assunto – pelo menos foi isso o que ocorreu com Leila. Os outros casos sequer a mencionaram. Já a menção à busca por um emprego no Facebook, Leila a fez uma única vez, alguns meses depois de ter sido demitida, pedindo indicações de vagas aos amigos. Francisco e Fabio também o fizeram uma única vez, ambos em *posts* publicados no Mural dos perfis de um amigo deles, falando de sua saída da empresa, mencionando que estavam enviando currículos, caso os respectivos amigos soubessem de alguma vaga. Francisco, nesse mesmo *post*, ainda versou literal e abertamente sobre

a falta de escrúpulos do antigo chefe, seu caráter prepotente e autoritário, citando o nome dele, inclusive. Nunca mais falou do assunto na rede social.

No LinkedIn, como citei acima, três sujeitos adotaram a estratégia de declarar a busca por um emprego, ainda que durante algum tempo (para dois deles), enquanto os acompanhei na pesquisa.

Mencionar que se está desempregado não é algo confortável – expõe a ferida narcísica envolvida. Francisco, Leila, Guilherme e Roberta foram explícitos comigo a esse respeito, nas conversas que tivemos. Bruno citou o fato de estar se sentindo um fracassado e eu mesmo tampouco sentia-me bem com o estar desempregado e com a exposição pública disso, quando estive nessa condição.

Não só a exposição de tal ferida é desconfortável, como todos os sujeitos a quem acompanhei de perto e com os quais pude entrevistar de maneira privada tinham um discurso manifesto nas redes sociais, em particular no Facebook, quase que completamente dissociado do que estavam sentindo. Isto é, as suas publicações, os seus comentários, as suas fotos, o seu discurso em geral na rede social parecia ser o de sujeitos de bem com a vida, que estavam festejando, encontrando-se animadamente com os amigos, comentando sobre política, fazendo piadas diversas, compartilhando banalidades ou pensamentos de autores diversos, alterando fotos de si mesmos e assim por diante. Nada que explicitamente remetesse a estar com vergonha, com medo, sentir-se humilhado, fracassado, frustrado, com autoestima baixa, que foram alguns dos sentimentos que me relataram, quando conversamos sobre a condição de estarem desempregados. Mesmo Bruno, que publicou no Facebook frases sobre não estar bem, em muitos momentos, nunca fez qualquer associação explícita com o estar desempregado, com tudo o que sentia de negativo em relação ao fato, como citei na análise que fiz do caso dele. Além disso, como também discuti anteriormente, em várias

publicações ele queria mostrar sua alegria, os momentos em que estava aproveitando a vida – na piscina, no bar, com os amigos - e assim por diante.

No LinkedIn, não só adotavam, no geral, o discurso protocolar e pasteurizado da rede social (quase sempre apenas a apresentação do currículo *online* e nenhuma publicação sobre coisa alguma), como dois dos sujeitos ainda admitiram que incluíram informações não inteiramente verdadeiras ou um pouco "aumentadas" na rede social (Guilherme e Roberta).

Posto isso tudo, esse apagamento quase total, no discurso dos sujeitos no Facebook, em relação a estarem desempregados e aos afetos engendrados a partir dessa condição, a minha tese é a de que essa rede social funciona, para eles, como um tipo de tamponamento da ferida narcísica em questão. Quer dizer, os sujeitos colocam-se ativamente na construção de uma imagem de si na rede que visa não só apagar (ou pelo menos disfarçar em grande medida), para todos os efeitos, a condição de estarem desempregados, mas também parecer que tudo vai bem, curtindo a vida, comentando sobre assuntos diversos, ou, se não vai tão bem assim em alguns momentos (caso de Bruno), que isso não tem relação com o fato de estarem sem emprego.

É a tentativa de manter ou de restaurar certa imagem para o outro e obter reconhecimento por isso. Imagem do que continua útil (para Francisco), do que tem novidades para compartilhar (para Leila), do que é capaz (para Guilherme), do que tem sucesso profissional (para Bruno, para Roberta) e assim por diante. É a tentativa de restaurar certo gozo imagético – tentativa que representa também gozo nesse sentido, mas este muito mais da ordem do "parecer gozar", do sofrimento, do que da ordem da fruição propriamente dita.

O Facebook aparece, pois, como possibilidade de certo gozo para os sujeitos que estão desempregados, como possibilidade de se sentirem parte de uma sociedade

mergulhada no ciclo produção-consumo-descarte, de uma sociedade que funciona, cada vez mais, à base do espetáculo narcísico. Para estar nela, é preciso ser útil, ser capaz de consumir, de exibir os adereços comprados ou conquistados (um cargo, uma viagem, um objeto qualquer, por exemplo), que completariam a imagem de si mesmo, que representariam *status*, poder; é preciso parecer ser aquele cuja imagem é a de (quase) completude e é preciso exibi-la, fazer parte do espetáculo. Claro que isso tem impactos que variam de sujeito para sujeito – uns vão se sentir mais afetados e mergulhados nessa dinâmica, outros menos.

O LinkedIn parece funcionar um pouco menos nesse sentido (de tamponamento da ferida narcísica no que se refere à questão da imagem<sup>100</sup>). Primeiro por ser uma rede social dita "profissional", "corporativa", em que os sujeitos tendem a adotar um discurso mais formal, protocolar na exibição de sua trajetória de carreira (seu currículo *online*) e a publicar – quando o fazem – apenas assuntos ligados às empresas, aos negócios, à gestão e assim por diante. Ou seja, a construção de imagens aqui tende a ser muito mais restrita, configurada em padrões muito mais fechados. O tamponamento da ferida nessa rede social talvez diga mais respeito a usá-la para realmente tentar encontrar um novo emprego ou alguma nova possibilidade de renda: uma vez encontrada, cura-se a ferida, pelo menos aparentemente. Volta-se a gozar imageticamente de forma mais plena, o título do perfil no LinkedIn pode ser atualizado com o novo cargo ou com a nova ocupação; junta-se à massa de sujeitos produtivos e bem-sucedidos.

Mas mesmo antes disso acontecer, os sujeitos tentam, de qualquer forma, e tanto quanto possível, driblar a imagem de estarem desempregados, valendo-se de alguma estratégia para isso, como discuti anteriormente. Até aqueles que decidem explicitar que

---

<sup>100</sup> Como meio de gozo imagético, no que se refere à carreira, funciona muito bem quando o sujeito está empregado ou ocupa um bom lugar social profissional.

estão na busca por um emprego, não me parecem estar confortáveis com isso – ou retiram a menção explícita e mudam para uma descrição genérica de função ou profissão (caso de Francisco) ou, ainda que a mantenham, admitem o desconforto com ela (caso de Roberta)<sup>101</sup>. Além disso, os sujeitos a mantêm na esperança de que possa trazer frutos – que sejam contratados, que encontrem alguma nova ocupação que lhes dê renda e algum *status*, de preferência.

Seja como for, mesmo no LinkedIn, há certa preocupação com a construção da imagem de si, com a trajetória profissional que é descrita, com as recomendações de ex-colegas de trabalho, de ex-chefes; com as competências e as experiências que são incluídas; com os sucessos e as realizações obtidas, e até com a foto a ser exibida no perfil – tudo visando passar credibilidade como profissional, despertar admiração ou mesmo inveja de pares, interesse de recrutadores e assim por diante. Em suma, visando obter reconhecimento do outro. Talvez com um pouco mais de dificuldade ou de sutileza para disfarçar ou omitir o fato de estar em situação de desemprego, talvez com um pouco menos de êxito – especialmente se ficar muitos meses ou anos desempregado - o sujeito no LinkedIn ainda assim tenta gozar imagetivamente, dentro das possibilidades que a rede social e o seu espetáculo correspondente lhe permitem.

Para finalizar esta discussão sobre a construção de imagens de si nas redes sociais, em particular no Facebook, os resultados confirmaram os de Zhao et al. (2008) no que se refere aos sujeitos mostrarem maior tendência a usar os recursos implícitos de construção de imagem. Apenas Bruno e Leila publicaram, por exemplo, em uma ocasião ou outra, pequenos textos definindo-se. Por outro lado, quase todos tiveram

---

<sup>101</sup> O caso de Teo, que inseriu a menção explícita de busca por oportunidades mais de um ano depois de ter sido demitido, parece-me ser um caso de mudança de estratégia na busca por uma recolocação profissional, acreditando que o LinkedIn possa trazê-la a ele. Mas como não entrei em contato com ele, razões outras que ele possa ter tido me são desconhecidas.

publicações de fotos de si, estando sozinhos ou não, de lugares e eventos a que foram e assim por diante. A mim parece que a forma como a imagem é construída, os elementos que são utilizados para fazê-lo, também configuram-se como parte da imagem, afinal, na nossa sociedade (ainda) não é tão aceito vangloriar-se narcisicamente de maneira explícita. É preciso *parecer* ser minimamente sutil no exercício do narcisismo, pelo menos por enquanto. Pode ser que, no futuro, o espetáculo caminhe para um narcisismo cada vez mais escancarado e ser positivamente reconhecido.

### 8.2.2 Sentindo na rede social e fora dela

Na seção anterior mencionei que os sujeitos da pesquisa não publicavam, no Facebook ou no LinkedIn, aquilo que estavam sentindo no tocante a estar desempregados, e também que Roberta mencionou desconforto em se mostrar como alguém buscando um emprego no LinkedIn. Mas o desconforto por estar nessa condição e por se mostrar como tal na rede social não foi só de Roberta – também Francisco, Bruno e eu mesmo o vivenciamos e falamos dele, de forma direta ou indireta. Repito que isso está relacionado à dinâmica de construção da imagem de si na rede social, ao desejo de ser reconhecido pelo outro, à ferida narcísica que o estar desempregado representa para os sujeitos.

Vejamos, então, o que os sujeitos sentiam e o que publicavam na rede social (vide Tabela 8.2).

Se apenas Leila e Francisco falaram de suas respectivas demissões no Facebook (aquela tendo publicado abertamente um desabafo quando foi demitida e sobre a sua indignação em relação ao fato, este tendo apenas indiretamente abordado que fora

demitido em um de seus *posts*, expressando a sua revolta em relação ao ex-chefe), boa parte dos sujeitos que acompanhei (sete deles) tiveram publicações expressando a sua alegria e o fato de estarem de bem com a vida. Não que não pudessem estar alegres ou se sentindo bem quando publicaram o que publicaram, até podiam momentaneamente estar. Contudo, como discuti antes, pelo menos no caso daqueles com os quais tive um contato mais próximo, todos me relataram, de forma privada, que o que estavam sentindo em relação ao estar desempregado não era nada daquilo que aparecia no Facebook, já que no LinkedIn não publicavam nada mesmo (exceto Francisco, como apresentei anteriormente).

Talvez a exceção fosse Bruno, já que foi o único<sup>102</sup> que publicava, vez ou outra, que estava "difícil, muito difícil", que não acreditava na vida, que ela não é justa, que as coisas podiam ficar piores, que tudo está tedioso e assim por diante. Ou seja, compartilhava sentimentos considerados "negativos", mesmo que, socialmente, não é esperado que se fique falando muito deles, nem mesmo no Facebook<sup>103</sup>. Além disso, como também discuti, oscilava, em períodos relativamente curtos de tempo, entre publicar frases e sentimentos "negativos", e compartilhar algo que expressasse sua suposta alegria, seu suposto "curtir" da vida com a filha, aproveitando bares e amigos e assim por diante. Posto isso tudo, não me parece que as publicações dele de fato representavam (inteiramente) o que estava sentindo, mas, sobretudo, o desejo de ser reconhecido pelo outro de determinada forma, por determinada imagem de si.

---

<sup>102</sup> Lúcio, por sua vez, publicava algumas coisas para representar sua irritação com algo ou alguém, mas isso mais parecia um querer ser reconhecido como alguém sofisticadamente exigente do que qualquer outra coisa. Já tristeza ou desilusão pela vida, se as sentia, jamais compartilhou na rede social.

<sup>103</sup> Publicar, vez ou outra, que se está triste, que se está desanimado com a vida, que se está irritado ou com tédio pode ter até um impacto positivo na rede social, despertar identificação por parte de outros sujeitos. Mas publicar esse tipo de conteúdo sempre é ser reconhecido negativamente, é ser rechaçado ou ignorado pelo outro.

Resumindo, levando-se todos os casos em consideração, claramente havia uma seleção de afetos a serem compartilhados, direta ou indiretamente, na rede – o que representava a construção de determinada imagem de si para o outro. Aqueles selecionados eram, no geral, considerados "positivos", ou pelo menos "neutros" pela sociedade, sendo os "negativos" uma exceção. Isso vai ao encontro dos resultados encontrados por Bazarova et al. (2012) e, em alguma medida, também dos encontrados por Zhao et al. (2008) e por Burke & Kraut (2013).

Estes últimos afirmaram que as redes sociais podem ter consequências positivas para a saúde e bem-estar das pessoas em geral, e podem ajudar em situações de perda de emprego e na busca por um novo. Investigando os benefícios das redes para um contingente de mais de 3000 pessoas mundo afora, com idade superior a 18 anos, que perderam o emprego recentemente, chegaram à conclusão de que a comunicação com amigos mais próximos pelo Facebook ativa sentimentos de apoio, mas também pode aumentar a sensação de estresse, de vergonha, de pressão em relação à situação de estar desempregado. Já a comunicação com contatos não tão próximos não aumenta a sensação de apoio, mas tampouco eleva o estresse diante da situação. Os autores citam frases ditas por alguns usuários atestando que o Facebook piorava a sensação de mal-estar deles quando estavam desempregados, ao lerem sobre o sucesso de outros, ao perceberem que todo mundo parecia bem (mesmo que não estivessem completamente). Os autores afirmam ainda que, nesse sentido, aqueles que perderam o emprego podem, portanto, sentir-se constrangidos a relatarem seus verdadeiros sentimentos.

Tabela 8.2 – Constações relativas ao que os participantes da pesquisa sentiam por estarem desempregados

Constatações relativas ao que os sujeitos sentiam por estarem desempregados	Casos acompanhados											Total de recorrências
	Antônio	Francisco	Fabio	Teo	Leila	Edmilson	Guilherme	Beatriz	Bruno	Roberta	Lúcio	
Desconforto em se mostrar no LinkedIn estando desempregado	<b>X</b>	X	?	?	NA	?		?	X	X	?	4
Posts no Facebook falando da demissão ou do que pensavam/sentiam a respeito dela (no. deles)	(0)	<b>X</b> <sup>xxi</sup> (1)	(0)	(0)	X (1)	(0)	(0)	(0)	(0)	(0)	(0)	2
Publicações que transparecem alegria ou estar de bem com a vida no Facebook.			<b>X</b>		X		X	X	X	X	X	7
Publicações no Facebook que transparecem emoções consideradas negativas socialmente (ex.: tristeza, tédio, descrença na vida, irritação, etc.)									<b>X</b>		X <sup>xxii</sup>	2
Posts no Facebook ou no LinkedIn não refletem o que o sujeito está, de fato, sentindo em relação ao estar desempregado.	<b>X</b>	X	?	?	X	?	X	?	X	X	?	6

Constatações relativas ao que os sujeitos sentiam por estarem desempregados	Casos acompanhados											Total de recorrências
	Antônio	Francisco	Fabio	Teo	Leila	Edmilson	Guilherme	Beatriz	Bruno	Roberta	Lúcio	
Vontade de publicar "novidades" no Facebook <sup>xxiii</sup> .		?	?	?	<b>X</b>	?	?	?	?	?	?	1
Preocupação de que as pessoas sintam pena dele/dela no Facebook.			?	?	<b>X</b>	?	X	?	(+) <sup>xxiv</sup>		?	2
<b>Total de novas constatações relativas ao que os sujeitos sentiam por estarem desempregados</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>2</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	

- X** = constatação nova (primeiro caso em que ocorreu)  
**X** = recorrências (aspecto constatado para os sujeitos assinalados)  
**NA** = não aplicável ao sujeito em questão  
**?** = não foi possível verificar aspecto em relação ao sujeito  
**+-** = aspecto não inteiramente constatado para o sujeito assinalado

---

<sup>xxi</sup> Como mencionei antes, Francisco, numa única vez no Facebook, expressou o que pensava do ex-chefe, chamando-o de inescrupuloso, prepotente e autoritário. Disse também que as coisas na antiga empresa em que trabalhava estavam mudando negativamente. A menção à demissão foi indireta, portanto, não explícita.

<sup>xxii</sup> Irritação, sim, tristeza, tédio, descrença na vida, não.

<sup>xxiii</sup> Esse foi um aspecto que Leila explicitou, mas que não investiguei nos outros casos.

<sup>xxiv</sup> Bruno me disse explicitamente que a maior decepção dele foi o fato de que ninguém sentiu pena dele durante o período em que estava na pior – desempregado, sentindo-se sozinho, muito desiludido com tudo. Ao mesmo tempo, disse que se tivessem sentido pena, seria vergonhoso. No fundo havia um clamor para ser visto, ouvido, para até sentirem pena dele em alguma medida, ainda que houvesse um desconforto nisso.

Outros aspectos que os sujeitos me relataram ter sentido enquanto estiveram desempregados foram a vontade de publicar "novidades" no Facebook (Leila) e a preocupação que as pessoas sentissem pena deles na rede social (Leila e Guilherme; Bruno foi um pouco ambíguo nesse sentido). A questão das "novidades" pareceu-me ser algo mais de Leila mesmo, ainda que não tenha diretamente verificado isso com os outros. Já a da pena, questionei explicitamente os que acompanhava de perto sobre o tema. Francisco foi taxativo e disse que não tinha tal preocupação. Roberta disse que não também, mas completou dizendo que no Facebook não dava para saber se ela ainda estava ou não desempregada. Quer dizer, se houvesse a possibilidade de saberem, talvez ela ficasse inquieta com a possível pena alheia – o seu discurso ficou um pouco ambíguo nesse sentido.

O que dá para concluir é que há uma preocupação dos sujeitos com a imagem própria, mas não necessariamente com a possibilidade de o outro sentir pena deles – para alguns essa preocupação existe, para outros não, pelo menos não manifestamente.

### **8.2.3 Aspectos ligados ao uso no geral das redes sociais**

No que tange a aspectos do uso no geral do Facebook e do LinkedIn, a Tabela 8.3 fornece um resumo. Um deles é o fato de que os perfis no LinkedIn de todos os sujeitos acompanhados quase não mudou ao longo do tempo – houve atualizações algum tempo depois da saída dos indivíduos de suas antigas empresas, mas depois nada ou quase nada.



<b>X</b>	= constatação nova (primeiro caso em que ocorreu)
X	= recorrências (aspecto constatado para os sujeitos assinalados)
NA	= não aplicável ao sujeito em questão
?	= não foi possível verificar aspecto em relação ao sujeito
+-	= aspecto não inteiramente constatado para o sujeito assinalado

---

<sup>xxv</sup> No começo, logo após ter sido demitido, Francisco alterou seu perfil no LinkedIn algumas vezes, desde o cargo até a descrição de experiências. Também era bastante ativo na rede social. Com o passar dos meses, como discutido antes, raramente atualizava seu perfil e passou a não publicar mais nada.

<sup>xxvi</sup> Logo depois da demissão, atualizou o perfil, detalhou competências e tornou-se bastante ativa na rede. Depois muito raramente o atualizava.

<sup>xxvii</sup> Ver comentário sobre Roberta a esse respeito.

<sup>xxviii</sup> Mas Guilherme também publica bastante indicando a quem os *posts* são endereçados.

<sup>xxix</sup> Mesmo comentário em relação a Guilherme.

<sup>xxx</sup> Guilherme teve uma diminuição acentuada no número de publicações em 2012, depois da demissão (entre agosto e outubro daquele ano não publicou nada, por exemplo). Já em 2013, a partir de março, sobretudo, teve um aumento considerável delas. Na média, aumentou o número de *posts* dele durante o período em que esteve desempregado.

Além disso, o recurso de "Atualizações" no LinkedIn (os *posts*) nunca foi usado por quase nenhum dos sujeitos – apenas Francisco o utilizou e somente durante algum tempo, como já mencionei. O que prevalece é o silêncio protocolar, com todas as implicações de conformidade com um discurso corporativo e de construção de imagens de profissionais com credibilidade.

Outro aspecto do uso dessas redes é que quase todos os sujeitos acompanhados (nove deles) publicaram, no Facebook, muitas mensagens endereçadas à "rede", a um outro "genérico", sem especificar quem. Guilherme e Beatriz também publicaram muitas mensagens especificando a quem se destinavam, mas a generalidade das outras não deixa de ser curiosa, de indicar o quanto a relação que os sujeitos estabelecem na rede não é simplesmente com os seus semelhantes, com seus contatos ou amigos, mas com a própria rede, com um outro "qualquer". É a expressão do desejo de reconhecimento, não só do outro especular, mas do outro simbólico também, que se misturam.

Por último, um aspecto interessante de se comentar é em relação a alterações no volume de publicações dos sujeitos no Facebook, durante o período em que estiveram desempregados, na comparação com o volume anterior (enquanto estavam trabalhando) e posterior (quando voltaram a trabalhar) (vide Tabelas 8.4 e 8.5).

Roberta, como descrevi anteriormente, passou de uma participação pífia na rede social, para uma participação bastante ativa. Francisco também aumentou muito a sua e a razão ele mesmo tinha me dado: passar o tempo, não se sentir entediado; "[as redes sociais virtuais] *contribuem, e muito, para uma maior integração social, para você perceber que ainda tem amigos, que te elogiam, que gostam das suas fotos, dos seus posts, das suas mensagens*", como ele havia me dito algum tempo atrás. Ou seja, como discuti antes, o uso da rede social tem relação com o sentir-se reconhecido, sentir-se como parte deste mundo.

Já Leila e Bruno diminuíram suas publicações enquanto estiveram desempregados, embora se mantivessem bem ativos, principalmente Bruno, que teve uma média de mais de 125 *posts* por mês naquele período. É verdade também que este diminuiu ainda mais as suas publicações depois que arrumou um novo emprego. Imagino que a diminuição de publicações de Leila tenha ligação com a falta de "novidades" para contar aos amigos, às quais ela se referiu, numa de nossas conversas.

Com relação a Guilherme, embora na média tenha aumentado sua participação no Facebook durante os meses em que esteve desempregado, no meio do período teve uma redução acentuada, e depois um crescimento grande. Questionado sobre o fato, justificou dizendo que o aumento se deu porque comprou um celular *smartphone*, com acesso à internet, no começo de 2013, com parte do dinheiro que ganhava com os bicos que fazia.

Diante disso tudo, cabem algumas considerações. A primeira é que a análise que fiz não tinha a intenção de ser uma avaliação estatística, apenas uma rápida fotografia da participação dos sujeitos na rede. Não é possível nem mesmo isolar a variável de estarem desempregados como fator causa do aumento ou da diminuição de tal participação no período em que estiveram desempregados. Ou seja, certamente existem outras variáveis em jogo, como o próprio Guilherme apontou.

**Tabela 8.4 – Número de *posts* mensais publicados no Facebook pelos sujeitos da pesquisa.**

	2011												2012												2013											
	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out		
Francisco	1	2	3	5	9	3	18	16	11	12	16	28	17	12	18	13	31	10	8	13	13	25	17	15	24	26	22	14	15	14	17	10	21	16		
Leila							19	25	40	33	25	23	12	10	15	16	20	33	21	23	28	24	18	33	51	36	55	54	70	52	38	42	29	32		
Guilherme										0	5	7	3	10	19	29	8	1	5	0	0	0	3	2	1	10	41	40	20	23	23	20	10	12		
Bruno													122	162	154	153	224	145	243	145	89	100	115	141	115	107	108	95	78	56	65	77	57	51		
Roberta													4	0	3	0	0	2	1	0	0	0	0	0	0	8	17	27	45	38	31	38	31	29		

 em desemprego  
 trabalhando

**Tabela 8.5 – Média do número de *posts* mensais publicados no Facebook pelos sujeitos antes, durante e depois do período em desemprego.**

	6 meses antes da demissão	Durante desemprego *	Nos meses seguintes à contratação
Francisco	6,7	16,8	16,0
Leila	27,5	23,4	45,3
Guilherme	7,3	12,9	14,0
Bruno	160,0	125,8	64,0
Roberta	0,2	26,4	Não aplicável (continuava desempregada)

Observação: \* No caso de Guilherme, o período de desemprego considerado na média foi apenas o compreendido entre abril de 2012 e julho de 2013.

A segunda consideração é que não houve padrão na frequência de uso da rede social pelos sujeitos considerados – uns aumentaram sua participação, outros diminuíram. Mesmo assim, guardadas as ressalvas que fiz na primeira consideração, o estar desempregado não fez com que os sujeitos desaparecessem da rede, apagassem o seu perfil dela, fechassem-se completamente. Pode até ser que existam pessoas que assim o fazem<sup>104</sup>, mas nos casos que acompanhei, todos os sujeitos quiseram manter o seu perfil na rede e a construção de determinada imagem nela, tese que defendo nesta pesquisa. Mais do que isso – aqueles que tinham uma participação pífia nela, passaram a atuar ativamente como usuários, e isso a despeito do desconforto, da vergonha, da humilhação, do sofrimento que muitas vezes sentiram.

Por isso digo que o LinkedIn e o Facebook representam, nesse sentido, certo tamponamento da ferida narcísica que está em jogo para os que estão em situação de desemprego. Representam um véu de gozo imagético sobre essa ferida.

#### **8.2.4 Aspectos sobre o conteúdo das publicações no Facebook**

A última análise horizontal que faço dos casos incluídos nesta pesquisa diz respeito ao conteúdo de suas publicações no Facebook (vide Tabela 8.6).

---

<sup>104</sup> Guilherme diminuiu bastante sua atuação no Facebook durante alguns meses, mas depois voltou à rede com bastante força, motivado, sobretudo, pela compra de um celular *smartphone*, como me relatou. Ou seja, que tenha se retraído por algum tempo, mesmo permanecendo sem emprego e sentindo-se muito mal com isso, com impactos em sua autoestima, não deixou de atuar na rede social. Talvez o novo aparelho tenha servido como um pequeno "remendo" na sua autoimagem, capaz de dar-lhe fôlego para continuar gozando imageticamente no Facebook.

Uma das conclusões a que cheguei é a de que o conteúdo dessas publicações é amplo e varia de sujeito para sujeito. Os temas mais prevalentes são:

- Fotos de si mesmo(a), estando sozinho(a), com amigos ou familiares;
- Sentimentos (positivos ou negativos<sup>105</sup>) ou demonstrações de estar bem com a vida (ou do contrário);
- Amenidades em geral (alguns exemplos: futebol, animais, produtos de consumo, cenas cotidianas, bebidas, comidas, etc.);
- Mensagens de fundo emocional (exemplos: citações de autores notórios ou não, frases de efeito, etc.);
- *Posts* de cunho político;
- Piadas;
- Religião;
- Lugares visitados e eventos frequentados (exemplos: festas, viagens, encontros com amigos, etc.);
- Músicas (trechos textuais delas ou *links* para vídeos).

---

<sup>105</sup> Em geral muito mais positivos ou neutros do que negativos, como discuti anteriormente. Os negativos sendo de ordem genérica, nada remetendo explicitamente ao estar desempregado.

Tabela 8.6 – Constatações relativas aos conteúdos das publicações dos participantes no Facebook

Constatações relativas aos conteúdos das publicações	Casos acompanhados											Total de recorrências
	Antônio	Francisco	Fabio	Teo	Leila	Edmilson	Guilherme	Beatriz	Bruno	Roberta	Lúcio	
Publicações de cunho político	<b>X</b>	X			X		X		X			5
Publicações de amenidades em geral (ex.: futebol, animais, produtos de consumo, cenas cotidianas, bebidas, pratos de comida que consumiu, imagens diversas, etc.) <sup>xxx</sup>		<b>X</b>	X		X			X	X	X	X	7
Publicações de piadas (textuais ou em forma de vídeo) sobre temas diversos, mas não sobre o estar desempregado.		<b>X</b>	X		X		X				X	5
Publicações de cunho religioso		<b>X</b>	X		X				X	X		5
Mensagens com fundo emocional (ex. citações de autores notórios ou não, frases de efeito, etc.)		<b>X</b>	X		X		X		X	X		6

Constatações relativas aos conteúdos das publicações	Casos acompanhados											Total de recorrências
	Antônio	Francisco	Fabio	Teo	Leila	Edmilson	Guilherme	Beatriz	Bruno	Roberta	Lúcio	
Fotos de si mesmo(a) (sozinho(a), com amigos ou família)	X	X			X	X	X	X	X	X	X	9
Publicações falando de si mesmo(a), definindo-se					X				X			2
Sentimentos (positivos ou negativos) ou demonstrações de estar de bem com a vida (ou do contrário)			X		X		X	X	X	X	X	7
Publicações de lugares e eventos a que foi (ex. festas, viagens, encontros com amigos, etc.)							X	X	X	X	X	5
Trechos de letras de músicas ou <i>links</i> para vídeos							X		X		X	3
Trabalhos de faculdade (fotos ou falando deles)							X					1
<b>Total de novas constatações relativas aos conteúdos das publicações</b>	<b>2</b>	<b>4</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>3</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	

- X** = constatação nova (primeiro caso em que ocorreu)  
X = recorrências (aspecto constatado para os sujeitos assinalados)  
NA = não aplicável ao sujeito em questão  
? = não foi possível verificar aspecto em relação ao sujeito  
+- = aspecto não inteiramente constatado para o sujeito assinalado
- 

<sup>xxxi</sup> Não necessariamente as mesmas amenidades para todos os casos.

No que se refere às piadas, os seus temas costumam ser variados, mas nunca tratavam do estar desempregado, como discuti anteriormente. Alguém poderia argumentar que eventualmente foi apenas coincidência o fato de o tema não ter aparecido nos *posts* dos sujeitos acompanhados. Poderia até ser, mas o silêncio humorístico nesse caso me parece muito mais indicativo da ferida narcísica que está em jogo. Isso porque, socialmente falando, o lugar simbólico do desempregado é um tabu, em especial quando o desemprego é de média ou longa duração. Ideologicamente associado a certa dimensão de fracasso individual, de marginalidade no ciclo produção-consumo-descarte, quanto mais tempo passa nessa condição, mais desconfortável se sente o sujeito, mais incomodados ficam os que o rodeiam. Desconforto, incômodo frutos, possivelmente, da angústia que o estar desempregado gera em relação às incertezas, às instabilidades, à falta de garantias da vida contemporânea; em relação à impossibilidade, progressivamente mais presente nessa condição, de fazer parte do espetáculo que a vida em nosso tempo põe em cena o tempo todo.

Assim, quanto mais os sujeitos mergulham nessa condição, quanto mais tempo permanecem nela, menos engraçada e mais dramática ela se torna.

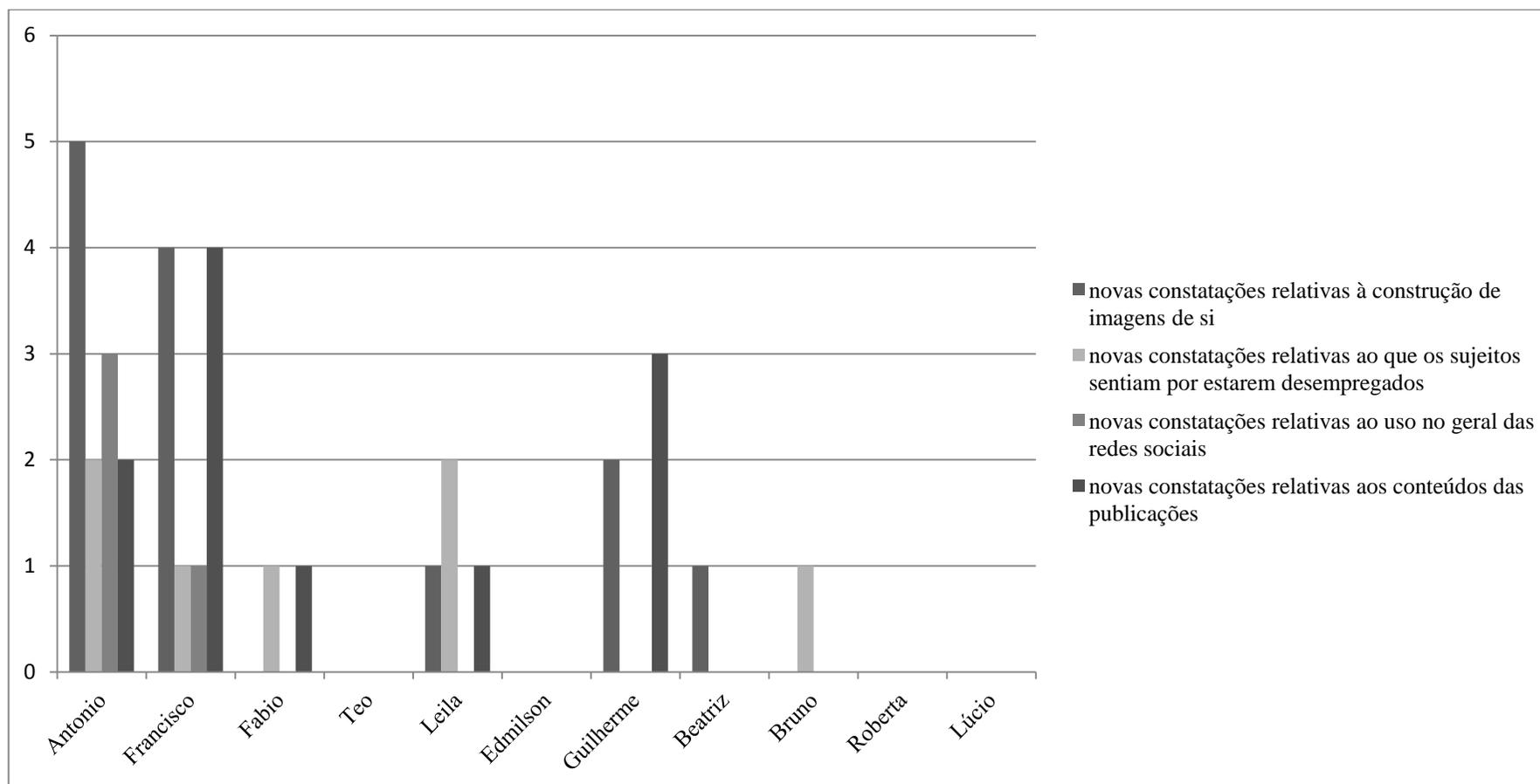
Por último, dois outros temas de publicações que apareceram em escala bem menor (apenas no caso de um ou dois sujeitos) foram aqueles em que o sujeito fala explicitamente de si mesmo (definindo-se textualmente, por exemplo) e aqueles ligados a trabalhos de faculdade, bem específicos para quem está cursando uma (no caso, Guilherme apenas).

### 8.2.5 Saturação teórica e questões a serem respondidas futuramente

Como citei no capítulo "Tratamento dos dados", adotei a abordagem de saturação teórica proposto por Fontanella et al. (2011) para determinar, *a posteriori*, o número de sujeitos participantes da pesquisa e quando encerrar a adição de novos casos a ela. A Figura 8.1 mostra um gráfico ilustrativo de visualização da saturação teórica para as quatro categorias de constatações a que cheguei neste trabalho: aquelas relativas à construção de imagens de si nas redes sociais, as que dizem respeito ao que os sujeitos sentiam estando desempregados, as relativas ao uso no geral das redes e, finalmente, aquelas relacionadas ao conteúdo dos perfis dos sujeitos no Facebook e no LinkedIn.

Pode-se perceber, na média, um decréscimo no número de novas constatações para cada categoria, exceto por uma oscilação ascendente ou outra, à medida que novos sujeitos iam entrando na pesquisa. Os dois últimos casos sequer trouxeram novidade em relação a qualquer uma delas e, mesmo Beatriz e Bruno contribuíram com apenas uma nova constatação cada.

Não creio, contudo, que tenha havido uma saturação absoluta ou que o assunto tenha se esgotado. Aliás, nas pesquisas qualitativas em geral, possivelmente sempre alguma nova contribuição pode ser encontrada, por menor que seja ela, se novos casos forem incorporados. A questão é que nem sempre o investimento para alcançá-la vale a pena – especialmente se a nova contribuição não for tão relevante – e nem sempre se tem o tempo e os recursos necessários para se chegar a novas constatações, depois que um bom número delas foi alcançado (normalmente, quanto maior o seu número, maior o esforço necessário para se produzirem novas).

**Figura 8.1 – Visualização da saturação teórica das constatações relativas aos participantes da pesquisa**

Mencionei no capítulo "Grupo de sujeitos participantes" que procurei selecionar sujeitos que representassem diferenças de posição hierárquica anteriormente ocupada, de faixa etária, de gênero e de cor ou raça (segundo o conceito social do termo). A diversidade a que eu pretendia chegar visava, tão somente, oferecer algum contraste na análise.

O grupo de sujeitos escolhidos englobou uma atendente negra, quatro gerentes e um alto executivo, dois analistas (um homem e uma mulher), um estagiário, uma consultora e um coordenador, todos estes brancos, com faixa etária entre 20 e 59 anos.

O primeiro comentário que fazia a respeito seria em relação à faixa etária: tendo Francisco mais de 50 anos (único caso entre os pesquisados), eu esperava um "comportamento" discursivo menos narcisista, mais discreto, mais ausente nas redes sociais que o de sujeitos mais jovens. De fato, ele foi o menos aparentemente narcisista, o mais sutil em usar elementos discursivos que diziam respeito a ele próprio, mas nem por isso deixou de construir certas imagens de si mesmo no LinkedIn e no Facebook. Por outro lado, não foi nada ausente, nem numa rede, nem na outra. No Facebook, pelo contrário, passou a ter uma atuação bem ativa durante o período em que esteve desempregado.

Bruno, por sua vez, estando na faixa etária dos 40 aos 49 anos, foi o que mais explicitamente usou elementos discursivos (textuais e visuais) de natureza narcísica, e o que mais atuou no Facebook, com a incrível média mensal de quase 126 *posts*, muito acima da média de Roberta e Leila, por exemplo, cada uma com pouco mais de 20 *posts* mensais (elas que estão na faixa entre 30 e 39 anos), e mais ainda que Guilherme (ele na faixa de 20 a 29 anos), com apenas cerca de 13 *posts* mensais. Lúcio, com idade semelhante à de Bruno, também teve uma participação bem ativa no Facebook, ainda que eu não tenha divulgado os números exatos dela, pelas razões explicadas anteriormente relativas ao que chamei de "outros casos" da pesquisa. Obviamente que se deve levar em conta que outras variáveis

podem (e devem) estar em jogo, que não somente a idade, incluindo o que esses sujeitos têm de fantasmaticamente singular.

Entretanto, não deixa de ser curioso o fato de alguém na faixa dos 40 anos mostrar-se explicitamente muito mais narcisista e ativo na rede social que um de 20 e poucos. Pode ser que eu tenha deparado-me com exceções, mas mesmo que seja o caso (e não é possível afirmar uma coisa ou outra, pelo conjunto limitado de pessoas pesquisadas), estão aí para dizer que o fenômeno narcísico das redes sociais não impacta apenas as novas gerações e tampouco o faz de maneira homogênea para todos. Mas mais do que isso, não exclui sujeitos em situação de desemprego – não é por estarem nessa condição que deixam de estar na dinâmica social em questão e de tentar construir certas imagens de si, tamponando a ferida narcísica do desemprego, mesmo que cada um o faça em maior ou menor escala, de maneira mais escancarada ou sutil.

No que se refere à posição hierárquica ocupada pelos sujeitos antes de estarem desempregados, algo que chamou a atenção foi o fato de que aqueles que tinham posições socialmente consideradas medianas ou mais elevadas possuíam um perfil no LinkedIn. A única exceção foi Guilherme – mesmo sendo estagiário, tinha um perfil também. Deve-se dizer, contudo, que a área de estágio que ele buscava é socialmente bem valorizada. Leila, que era atendente, não tinha. Mas ele me disse que havia criado o seu quando ainda trabalhava numa empresa fora do ramo em que fazia faculdade, apenas porque recebeu o convite de alguém. Nunca o havia, de fato, usado, e só o atualizou, depois de meses estando sem emprego e sem estágio, porque alguém recomendou a ele que o fizesse, argumentando que poderia conseguir uma vaga dessa forma.

No que se refere ao conteúdo do perfil no LinkedIn, a hierarquia não me parece determinar o grau de detalhamento das informações, por exemplo: uns detalham bastante o

seu currículo, o tipo de trabalho que faziam, as competências adquiridas, as realizações obtidas, as recomendações de colegas e chefes, e assim por diante. Outros exibem um perfil bem mais enxuto. A título de exemplo, têm perfis relativamente bem detalhados: Francisco, Teo, Roberta e Lúcio. Já eu mesmo, Fabio, Edmilson, Guilherme, Beatriz e Bruno temos perfis (currículos) bem resumidos na rede social.

Dois comentários:

- 1) Acredito que o detalhamento ou não das informações profissionais no perfil passa também pela questão do quanto o sujeito acredita na eficácia da rede social para conseguir um novo emprego, embora não se resuma a isso, obviamente. Isso porque o detalhamento ou não do perfil envolve também, como já afirmei antes, o tipo de imagem que o sujeito quer passar para o outro e que estratégia usa para tal.
- 2) O fato de Bruno ter um perfil muito resumido, enxuto, contido no LinkedIn não deixa de ser significativo, dada a sua verbosidade, em termos de publicações, no Facebook. Manifestamente declarou que não acredita muito no LinkedIn, na sua eficácia, argumentando que nunca obteve nada do *site*. Que isso possa ser verdade, não me parece que explica completamente o caráter de seu perfil na rede social e tampouco a discrepância gritante de conteúdo em relação ao do Facebook. Talvez, como discuti quando analisei o caso dele separadamente, o perfil do LinkedIn queira manter a imagem do gerente, ao passo que o do Facebook pouco diga respeito a isso; a imagem que neste parece querer construir é, sobretudo, a de quem vive intensamente (sentindo coisas boas e ruins); a de quem sofre, mas aproveita também; a de

quem quer ser ouvido, visto, considerado, reconhecido, nem que seja pela dor, pelas feridas narcísicas<sup>106</sup>.

A hierarquia também não me pareceu decisiva no conteúdo que os sujeitos exibiram no Facebook, por tudo que já discuti a respeito dele. Mas não creio que a pesquisa tenha elementos suficientes para qualquer conclusão definitiva sobre tal relação. O mesmo vale para as questões de gênero e de cor ou raça socialmente dada.

Em relação a estes dois quesitos, um ou outro aspecto chamou-me a atenção no acompanhamento dos perfis dos sujeitos ou nas conversas que tive com eles. Um deles foi o relato de Leila de que se sentiu humilhada em entrevistas, segundo ela, de que foi encarada de "cima abaixo", descartada para vagas em função de sua aparência física (sendo uma mulher negra, um pouco acima do peso socialmente tido como "padrão"), foi um indício mais representativo de como essas questões poderiam entrar em jogo na construção da imagem de si na rede social. Contudo, nada disso apareceu explicitamente nas publicações dela no Facebook. Olhando-as com um olhar um pouco mais cuidadoso, até é possível vislumbrar alguma preocupação com a aparência, mas nada que remeta manifestamente a preconceito racial ou de gênero.

Também os *posts* chistosos de Francisco a respeito das mulheres e do lugar social do homem indicavam que havia certa dimensão de gênero envolvida e até certa fragilidade quanto ao que tradicionalmente ser homem, pai de família representava.

Posto isso, digo que a relação entre as imagens próprias de desempregados nas redes sociais e essas variáveis todas que levantei devem ser mais detalhadamente estudadas e aprofundadas em outras pesquisas.

---

<sup>106</sup> No caso dele, não só o desemprego funcionava como tal, mas também a separação da ex-mulher, como me relatou.

Além disso, acrescentaria o fator classe social nesses estudos futuros. Ao longo da análise dos casos incluídos na pesquisa, mencionei o fato de um sujeito poder ser enquadrado, grosso modo, nessa ou naquela classe social, segundo o critério de rendimento em termos de salários mínimos que adotei. Os cinco principais sujeitos da pesquisa tinham renda, antes de serem demitidos, que os colocaria entre "classe média baixa" (Leila e Guilherme) e "classe alta" (Francisco e Bruno), passando por "classe média média" (Roberta). Os outros sujeitos, pelos cargos mencionados no LinkedIn, também provavelmente se encaixariam nesse leque, ou seja, estando em algum estrato da "classe média" ou da "classe alta".

Mas aqui cabe uma observação adicional – embora o critério que utilizei para o enquadramento das pessoas em uma classe ou em outra levou a que tivesse cerca de quatro sujeitos como sendo de "classe alta" (Francisco, Bruno, Teo e, provavelmente, Lúcio), à exceção de Teo, que era um alto executivo, os outros não pareciam ter um padrão de vida extremamente elevado. Era elevado, certamente, mas não como o de milionários, o de grandes empresários e assim por diante. Ou seja, se em vez de usar o limite de 20 salários mínimos para considerar alguém como "classe média alta", tivesse usado algo como 30 salários mínimos, provavelmente Francisco, Bruno e Lúcio seriam considerados como "classe média alta", e não como "classe alta".

Quero dizer com isso que as conclusões a que cheguei nesta pesquisa dizem respeito a sujeitos, grosso modo, representantes da "classe média" e da "classe alta", no caso desta, representantes do seu estrato mais próximo daquela.

Houve algumas poucas variações no discurso dos sujeitos que poderiam estar associadas a essa questão de classe social. Citaria:

- Um ou outro chiste sobre ser ou estar pobre (Leila, Guilherme e Bruno);

- Leila ter sido a única que enviou abertamente, num determinado momento, uma mensagem a todos os seus contatos de Facebook, pedindo indicações de vagas, ao mesmo tempo em que foi a primeira que me relatou preocupação com a possibilidade de as pessoas sentirem pena dela (Guilherme também mencionou tal preocupação depois);
- Ela ser a única a não ter um perfil no LinkedIn (Guilherme não o usava antes, mas passou a fazê-lo nos últimos meses). Todos os outros sujeitos tinham um perfil na rede social profissional.

Chama atenção essa questão da preocupação com as outras pessoas sentirem pena, justamente porque apareceu nos sujeitos que, financeiramente, estavam na ponta mais frágil da cadeia social em causa. É como se os sujeitos quisessem afastar-se da imagem do ser pobre, pobre que seria digno de pena. Digo isso até pelas piadinhas a respeito do tema que publicaram nos respectivos perfis do Facebook. Mas certamente existem questões outras, de ordem mais singulares, que estão em jogo.

No que se refere aos demais aspectos observados nos casos analisados, não notei maiores diferenças aparentes que remetessem à questão da classe social ou dos seus estratos. Todos estavam mergulhados nas questões da imagem de si para o outro e da ferida narcísica envolvida no desemprego.

Seja como for, seria interessante uma pesquisa que contrastasse alguns sujeitos realmente mais pobres, outros substancialmente mais ricos, com outros tipicamente de classe média, todos eles tendo perdido o emprego. Imagino que poderia haver alguma diferença nos aspectos que discuto neste trabalho, mas tendo a especular que talvez não houvesse tanta assim, dada a dinâmica de estímulo narcísico em que a sociedade em geral está mergulhada.

## **9 CONCLUSÕES**

O homem se mostra aqui, uma vez mais, incapaz de renunciar a uma satisfação já gozada alguma vez.

**Sigmund Freud**

A questão central desta pesquisa era saber como se dá a articulação, nas redes sociais virtuais, entre a dinâmica narcísica pós-moderna (em que os sujeitos são estimulados a gozar narcisicamente e impelidos a vender-se constantemente para conquistar seu lugar nesta sociedade do espetáculo) e a economia do desejo e do gozo de sujeitos em situação de desemprego. Dela derivou-se o objetivo da pesquisa: apreender os discursos manifestos e inconscientes de sujeitos desempregados nas redes sociais virtuais, analisando-os na sua articulação com o contexto de sociedade do espetáculo narcísico em que vivemos e no que se refere ao desejo e ao gozo deles nessas redes.

A principal conclusão a que cheguei e a tese que aqui defendo é: sujeitos em situação de desemprego usam o Facebook e o LinkedIn de forma a tentar tamponar a ferida narcísica, na sua imagem para o outro, que o desemprego representa, nesta sociedade do espetáculo em que vivemos. Fazem isso construindo imagens de si, nessas redes sociais, selecionando o que publicam e elidindo seu sofrimento ligado à condição em que estão, tentando parecer que gozam imageticamente como os outros usuários delas, mesmo que possam estar consideravelmente mais fragilizados que eles, desejando ser reconhecidos pelo outro, independentemente da condição em que estão.

O Facebook funciona melhor nesse sentido e é onde tal tentativa de tamponamento da ferida narcísica em termos de imagem pode ser mais visivelmente constatada. O LinkedIn, por ser uma rede social de cunho profissional, corporativo, tende a ser usado pelos sujeitos como meio para a obtenção de uma vaga de emprego ou de alguma outra forma de renda, tendo como característica principal a exibição de um tipo de currículo *online*. O tamponamento da

ferida neste caso é mais no sentido de tentar "curá-la" com um novo emprego. Mesmo assim, foi constatado que os sujeitos tentam construir determinadas imagens de si na rede e que se valem de diferentes estratégias para tentar driblar ou minimizar a imagem de desempregados. Quando excepcionalmente explicitam que estão em busca de uma vaga de emprego, fazem-no na esperança de que a rede possa trazer-lhe tal vaga, curando-os da ferida narcísica, em boa medida, pelo menos. Mas ou o fazem apenas durante um tempo, ou não ficam confortáveis com a menção explícita de qualquer forma.

Outro aspecto levantado é que a imagem de si que os sujeitos constroem no Facebook costuma ser bastante diferente da que constroem no LinkedIn. Que as duas redes sociais tenham propósitos manifestos diferentes não muda o fato de ser sintomática a multiplicidade das imagens de um mesmo sujeito – vai ao encontro do que a pós-modernidade traz de instabilidade, de incerteza, de impermanência dos lugares simbólicos sociais. Sintomática também em relação ao desejo dos sujeitos de serem o desejo do outro, de serem reconhecidos pelo outro, desejo aprofundado nesta sociedade em que vivemos. Que tal multiplicidade já era sabida nas relações presenciais, no contato virtual das redes sociais não é diferente e talvez seja até mais visível que naquelas.

Na construção das imagens de si, às vezes os sujeitos publicam o que estão supostamente sentindo (ainda que isso tenha ocorrido, quase sempre, de maneira indireta), mas no geral são sentimentos "positivos" ou "neutros", do ponto de vista social. Mas mesmo quando são "negativos", são enunciados de maneira genérica, sem que se possa fazer alguma relação direta com o fato de os sujeitos estarem desempregados.

Em meio a discursos assaz pasteurizados, diria, tanto no Facebook, quanto no LinkedIn, no tocante ao tipo de conteúdo e à forma como é veiculado, surgiram alguns traços de caráter mais singular.

Num deles, um sujeito publicou no Facebook, durante meses, o que estava supostamente sentindo, quer estivesse bem, quer estivesse mal. Ainda que fossem enunciados de um mal-estar genérico, quando era o caso, não deixou de chamar a atenção por estar inserido num mar discursivo em que o tom é parecer estar bem e feliz quase o tempo todo. Nas palavras do próprio: "*Era um desabafo igual gritar na janela*". Grito por um bálsamo na ferida narcísica, cujo reconhecimento do outro ou não vinha ou era sempre insuficiente para curá-la, justamente num período em que o sujeito afundava-se no sofrimento, a ponto de pensar em suicídio.

Num outro caso, um sujeito apresenta-se no LinkedIn em caixa alta e publica, dia após dia, por semanas a fio, um pequeno anúncio oferecendo sua experiência e suas competências, na esperança de que a ênfase e a insistência pudesse trazer-lhe um novo emprego, pudesse curar aquela ferida, a sensação de injustiça que sentia por ter sido demitido, certa angústia em relação ao futuro e ao desejo (fantasmático?) de se mostrar útil. Isso numa rede em que quase todos se mostram discretos, plácidos, *blasés*, profissionais, protocolares.

Um e outro caso, contudo, depois de algum tempo voltaram a se "enquadrar" um pouco mais nos discursos das massas nessas redes sociais. Não que tivessem saído deles completamente, mas tiveram seus lampejos mais singulares. A mim parece que, nesses lampejos, a tentativa de tamponar as respectivas feridas narcísicas foi um pouco menor, pelo menos a de parecer que tudo estava bem. Não que quisessem permanecer na condição em que estavam, pelo contrário, mas a estratégia adotada foi a de se expor um pouco mais diretamente, na esperança de que isso resolvesse a questão. Isto é, no caso do primeiro sujeito, que encontrasse o reconhecimento do seu mal-estar e, de alguma forma, que viesse alguma ajuda a partir dele, que esse reconhecimento, de alguma forma, pudesse expurgar a ferida. E,

no caso do segundo sujeito, que pudesse encontrar uma vaga de emprego, tirando-o daquela condição de desconforto.

No tocante ao uso no geral do Facebook, os sujeitos não deixaram de utilizá-lo, no período em que estiveram desempregados. Pelo contrário, tiveram uma participação, na média, bastante ativa na rede<sup>107</sup> – pelo menos aqueles sujeitos a cujos *posts* tive acesso. Alguns até passaram de uma participação pífia, quando trabalhavam, para uma muitas vezes maior que 20 *posts* ao mês.

O conteúdo dessas publicações é variado – vai desde fotos de si a amenidades em geral (futebol, animais, produtos de consumo, cenas cotidianas, bebidas, comidas, etc.), passando por citações de autores notórios ou não, frases de efeito, lugares visitados, eventos frequentados, religião, piadas, *posts* de cunho político e assim por diante. Seja como for, tais publicações contribuem para a construção de determinadas imagens dos sujeitos envolvidos.

Nesse sentido, as piadas publicadas nunca se referem ao desemprego. Poderia ser apenas uma coincidência, mas mais parece sintoma de certo tabu ligado ao lugar social atribuído ao desempregado e, claro, mais um aspecto de como os sujeitos tentavam tamponar a ferida narcísica correspondente.

Ainda no tocante à construção de imagens pelos sujeitos, muitas publicações são dirigidas a um outro genérico, não a algum usuário específico da rede social, o que parece representar o desejo do sujeito de reconhecimento do outro que não é meramente o seu semelhante, mas um outro simbólico (para usar o termo laciano), social. Não importa de quem venha o reconhecimento (por exemplo, as "curtidas" no Facebook, os comentários de aprovação de outros usuários), importa que ele venha. E como nunca é suficiente (não importa

---

<sup>107</sup> Exceto num dos casos, mas somente por um período – depois voltou a ter uma atuação bem ativa na rede social, mesmo continuando desempregado.

o número de "curtidas" ou de comentários recebidos, precisa ser repetido a cada nova publicação, incessantemente) e o discurso que o veicula não é endereçado a ninguém específico, faz pensar que o que está em jogo é, de fato, um desejo que transcende um reconhecimento pontual vindo de um semelhante qualquer. Desejo de, para além do reconhecimento de ser útil, de ter sucesso, etc., ser aquele que completaria a falta do outro, de (re)viver um estado imaginário de ter sido aquele que representava a completude para o outro em algum momento de sua existência (ou de ter vislumbrado isso em alguém).

No que se refere às conclusões frente a variáveis como faixa etária, posição hierárquica antes ocupada pelos sujeitos, gênero e cor ou raça, cabem alguns comentários:

- 1) O fenômeno narcísico das redes sociais não impacta apenas as novas gerações, mas também os de mais de 30, 40 ou 50 anos. Contudo, tal impacto não é homogêneo para todos. A título de exemplo, foram analisados casos de sujeitos com mais de 40 e 50 anos cujo volume de publicações no Facebook foi maior que o de um rapaz na faixa dos 20 aos 29 anos. A dinâmica narcísica tampouco exclui pessoas em situação de desemprego, como discuti ao longo desta Tese.
- 2) A posição hierárquica anteriormente ocupada pelos sujeitos não pareceu ter grande relevância para determinar o conteúdo publicado nas redes sociais, mas a pesquisa não tem dados suficientes para uma conclusão definitiva sobre isso. Um fato a ser mencionado é que aqueles que tinham uma posição socialmente considerada mediana ou elevada possuíam perfil no LinkedIn, mas não a ex-atendente cujo caso também entrou na pesquisa. O estagiário que também fez parte do grupo de sujeitos desta movimentou o seu perfil na rede social por recomendação de alguém, mas somente depois de meses estando desempregado. Deve-se considerar,

contudo, que o estágio a que ele pleiteava era numa área socialmente bastante valorizada.

- 3) A questão da posição hierárquica poderia ser pensada no contexto de classe social, que não foi aprofundado neste trabalho. Seja como for, as conclusões da pesquisa dizem respeito a sujeitos, grosso modo, representantes da "classe média" e da "classe alta", no caso desta, representantes do seu estrato mais próximo daquela. Houve, contudo, poucas variações no discurso dos sujeitos que poderiam estar associadas a essa questão de classe. Um aspecto que chamou a atenção foi o fato de que os dois casos que parecem estar na ponta mais frágil do que podemos chamar, grosso modo, de "classe média", foram os únicos que admitiram preocupação com a possibilidade das outras pessoas sentirem pena deles por estarem desempregados. Não que os outros não pudessem estar sentindo a mesma coisa, mas não o admitiram, pelo menos. Também eles foram os que publicaram chistes a respeito da condição do ser (ou estar) pobres. Além deles, somente um dos sujeitos, que tinha rendimentos consideravelmente mais elevados, antes de ser demitido, publicou um chiste com esse tema.
- 4) As dimensões de gênero, cor ou raça (no seu sentido social do termo) apareceram em alguns indícios no discurso dos sujeitos. Exemplos: a menção de um dos casos, uma mulher negra, quanto a ter se sentido humilhada em entrevistas (mas tal menção nunca foi publicada na rede social, apenas relatada de forma privada); os *posts* sexistas chistosos de outro sujeito da pesquisa.

Além disso, se essas variáveis todas foram levadas em conta na seleção dos sujeitos e puderam prover algum contraste nas análises realizadas, a pesquisa não tinha a intenção de oferecer resultados definitivos sobre os impactos delas. O que aqui foi apontado pode servir

como subsídio para estudos futuros mais direcionados, mais aprofundados ou mais extensivos no que tange a essas variáveis.

Para encerrar, as redes sociais são a própria expressão da sociedade do espetáculo narcísico em que estamos vivendo e a qual ajudamos a construir como sujeitos. Essas redes virtuais são um dos palcos ideais para a encenação do nosso gozo imagético, que caminha lado a lado com o nosso desejo de reconhecimento do outro. Encenação que é realizada também nas relações presenciais, mas que talvez nestas seja ainda um pouco mascarada, um pouco menos explícita, quero dizer.

O reconhecimento que vem do outro nas redes sociais é sempre limitado, nunca suficiente, e precisa ser repetido, revalidado sempre. A questão "O que quer de mim?" ou, colocada de outra forma, "O que sou para você?", permanecerá não totalmente respondida – essência do desejo humano na modernidade. Além disso, o reconhecimento do outro parece vir ou por identificação narcísica deste com algo que foi publicado pelo sujeito, ou pelo desejo de ser reconhecido de volta. Quer dizer, numa dinâmica narcísica espetacular, todos precisam "vender-se", desejam ser reconhecidos pelo que oferecem de si, mas quem quer, de fato, "comprar", se não por alguma razão narcísica própria?

As redes sociais provavelmente estimulem essa dinâmica, e não deixam de atrair também aqueles que estão em situação de desemprego. Que elas possam representar a possibilidade para esses sujeitos de algum gozo imagético, de alguma esperança de alívio para a ferida narcísica sofrida, seja na forma de um novo emprego (no caso do LinkedIn), seja na forma da aparência de um bem-estar (no caso do Facebook, em particular), seja na tentativa de permanecer com a sensação de fazer parte dessa sociedade e afastar a angústia do estar

excluída dela, por outro lado aprofundam a alienação dos sujeitos<sup>108</sup> em relação ao seu desejo (como sendo o desejo do outro) e à impossibilidade de sua realização plena, aprofundam a alienação deles em relação ao sistema social capitalista em que estão mergulhados e que ajudam a construir. Sistema que estimula o desejo de reconhecimento do outro e o narcisismo de seus sujeitos como forma de acúmulo de capital para os que estão à frente dele (os donos do Facebook ou do LinkedIn, por exemplo), como forma de ampliação de seu gozo, expropriado do outro.

Não que, provavelmente, todos não estejamos gozando ou tentando gozar nessa dinâmica, em alguma medida, mas é que o gozo pelo gozo, que o discurso capitalista alimenta, é destrutivo: num limite extremo, tende a aniquilar os sujeitos. Nesse extremo, caso fosse atingido, os atores e a própria cena da dialética envolvida seriam destruídos – o sujeito só pode gozar se o outro existe, mas para continuar existindo, é preciso que a dinâmica esteja em suspensão pelo desejo (ou seja, que haja algum gozo não realizado). Claro que esse extremo de destruição dos atores envolvidos pode ser que não chegue, de fato, a acontecer – um quê neurótico civilizatório que inibe os sujeitos tem estado presente até hoje. Ou mesmo um quê perverso que se dá conta de que é preciso limitar o gozo para continuar gozando – como certas iniciativas ditas de "responsabilidade social", por exemplo.

O mercado de trabalho está inserido nessa dinâmica e, fatalmente, muitos sujeitos estarão fadados a ficar com as migalhas do sistema, com um bom quinhão de sofrimento em função do gozo de outros, ainda que possa ser temporário, como foi o caso de boa parte dos desempregados acompanhados durante o tempo em que esta pesquisa ocorreu. O fantasma de voltar ao sofrimento do desemprego, de vislumbrar a possibilidade de estar à margem da

---

<sup>108</sup> Alienação que não é só dos sujeitos em situação de desemprego, obviamente.

sociedade, contudo, sempre rondará a vida de muitos da população brasileira, tal como está estruturada hoje. O fantasma de vivenciar privações reais pela diminuição progressiva do dinheiro disponível (exemplos: ter de dormir no carro, por não poder pagar um aluguel; quase ter de abandonar a faculdade, por não poder pagá-la, como foram alguns dos casos analisados na pesquisa). No limite, o fantasma de passar fome, de não ser capaz de sustentar a família, de virar morador de rua e assim por diante. Mesmo que parte desse sofrimento diga respeito à suspensão da possibilidade de algum gozo na relação com o outro, isso não diminui a dor que ele representa – é simplesmente algo que escapa ao sujeito, que sente e tenta nomear: "*senti-me humilhada*", "*sinto-me um fracassado*", "*não quero me sentir um inútil*".

O que fazer diante disso? Não tenho essa resposta, em termos concretos. As discussões que aqui desenvolvi não vão resolver o que o estar desempregado representa social e subjetivamente, muito menos vão mudar o sistema capitalista ou a sociedade do espetáculo narcísico em que vivemos. A esperança talvez seja de que possam trazer um pouco de consciência sobre o que se passa nas dimensões subjetiva e social, mesmo que ter tal consciência não muda completamente o que está em jogo (algo escapa à compreensão e ao controle, certamente). Que possam, de qualquer forma, representar algum nível de reposicionamento subjetivo frente ao real do viver neste momento da História, nesta sociedade.

Se escapar a esse real não é possível (exceto, talvez, pela morte), que cada um possa encontrar o seu "bom *sinthoma*"<sup>109</sup>, o seu jeito singular de amarrar (sintomaticamente) isso

---

<sup>109</sup> Lacan (1975-76/2005), em meados da década de 1970, ministra um seminário sobre a obra de James Joyce como pano de fundo para discorrer sobre o enodamento do Real, do Simbólico e do Imaginário pelo sintoma, a que ele chamou de "*sinthoma*", pelo que o sujeito é falado pelo Outro, pela linguagem ("palavras impostas" – p. 95) e pela forma singular como pode compensar o que seria fator de sua dissolução subjetiva (corrige o "erro" do enodamento dos três registros). A consciência do que está em jogo, o nomeá-lo é sempre parcial: há algo que lhe escapa e que nunca poderá ser representável. O "*sinthoma*" seria o jeito de o sujeito lidar, mais ou menos bem,

que aí está, lidando com ele, de preferência com menos sofrimento. Não me parece que o simples uso do Facebook e do LinkedIn, com seu estímulo ao narcisismo, cumpre, de fato, esse papel. Mas talvez haja usos deles que possam melhor cumpri-lo, ainda que parcialmente. Quem sabe até, neste mundo de iniciativas de alcance às vezes globais, alguém não tem um "sinthoma" que gere uma ideia ou uma ação capaz de criar, aos poucos, laços sociais de natureza menos perversa do que o uso do outro como mero meio para a apreciação de si ou para o acúmulo cada vez maior de capital? Quem sabe?<sup>110</sup>

---

com esse não saber de tudo, com isso que lhe escapa, que lhe transcende na sua imagem, na sua relação com o outro, que é realizada na cultura, na linguagem e através delas.

<sup>110</sup> Freud (1914/1981g) postulou a incapacidade dos humanos de renunciarem a uma satisfação narcísica gozada; Lacan (1966c) decretou como constituinte do sujeito a sua alienação narcísica no desejo do outro e apontou a agressividade subjacente implicada em todo sentimento altruísta. Ainda assim, mesmo que a vontade de que laços sociais menos perversos e narcísicos pudessem ser construídos remeta, no fundo, a algo egoísta, ou, para usar os termos psicanalíticos, a algo do meu desejo inconsciente e das minhas formas de gozar na relação com o outro, sustento-a como parte do meu "sinthoma".

## **10 REFERÊNCIAS**

- Abramo, L. (2004). Desigualdades e discriminação de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro e suas implicações para a formulação de uma política de emprego. *Seminário nacional política geral de emprego: necessidades, opções, prioridades*. Brasília: OIT. Recuperado de <http://www.ibcperu.org/doc/isis/6159.pdf>. Acesso em 09/02/2014.
- Addor, C. A. (2007). A greve de 1903: primórdios do movimento operário no Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 14(2), 635-639.
- Adorno, T. W. (1986). Capitalismo tardio ou sociedade industrial. Em T. W. Adorno, *Theodor W. Adorno – coleção sociologia* (pp. 62-75). São Paulo, SP: Ática.
- Alves, G. (2002). Trabalho e sindicalismo no Brasil: um balanço crítico da "década neoliberal" (1990-2000). *Revista de Sociologia e Política*, 19, 71-94.
- Antunes, R. (1999). *Os sentidos do trabalho*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Arendt, H. (1958/2005). *A condição humana* (10a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- Asch, S. (1971). *Psicologia social* (3a ed.). São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional.
- Aubert, N. (2006). Un individu paradoxal. Em N. Aubert (Ed.), *L'individu hypermoderne- S sociologie clinique* (pp. 13-38). Paris, France: Érès.
- Barros, C. A. & Oliveira, T. L. (2009). Saúde mental de trabalhadores desempregados. *Revista de Psicologia: Organizações e Trabalho*, 9(1), 86-107.
- Barros Júnior, A. C. (2009). *Sujeito e empresa capitalista contemporânea num impasse: entre o laço social neurótico e o perverso* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Baudry, F. (1996). Fantasia. Em P. Kaufmann (Org.), *Dicionário enciclopédico de psicanálise - o legado de Freud e Lacan* (pp. 195-200). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2001) *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

- Bauman, Z. (2008). *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Bazarova, N. N. et. al. (2012). Managing impressions and relationships on Facebook: Self-presentational and relational concerns revealed through the analysis of language style. *Journal of Language and Social Psychology*, 32(2), 121-141.
- Bendassolli, P. F. (2007). *Trabalho e identidade em tempos sombrios – insegurança ontológica na experiência atual com o trabalho*. São Paulo, SP: Ideias & Letras.
- Birman, J. (2011). *Mal-estar na atualidade – a psicanálise e as novas formas de subjetivação* (8a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Blanch, J. M. (2003). *Teoría de las relaciones laborales. Desafíos*. Barcelona, España: UOC.
- Boyd, D. M. & Ellison, N. B. (2007). Social network sites: Definition, history, and scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13(1), 210-230. doi/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x
- Brant, L. C. & Minayo-Gomez, C. (2004) A transformação do sofrimento em adoecimento: do nascimento da clínica à psicodinâmica do trabalho. *Ciência e Saúde Coletiva*, 9(1), 213-223.
- Brasil (1946). *Constituição dos Estados Unidos do Brasil*. Extraído de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/Constituicao46.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Constituicao46.htm).
- Burke, M. & Kraut, R. (2013). Using Facebook after losing a job: Differential benefits of strong and weak ties. In *Proceedings of the 2013 Conference on Computer Supported Cooperative Work* (pp.1419-1430). New York, NY: ACM.
- Carpenter, C. J. (2012). Narcissism on Facebook: Self-promotional and anti-social behavior. *Personality and Individual Differences*, 52, 482-486.
- Castelhano, L. M. (2006). *A perda do emprego, suas implicações subjetivas e as consequências para o laço social: uma contribuição psicanalítica* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

- Castells, M. (2011). *A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura* (6a ed., Vol. 1). São Paulo, SP: Paz e Terra.
- Ceccarelli, P. R. (2002). Configurações edípicas da contemporaneidade: reflexões sobre as novas formas de filiação. *Pulsional Revista de Psicanálise*, 15(161), 88-98.
- Collin, A. & Young, R. A. (Eds.). (2000). *The future of career*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CONEP (1996). *Resolução 196/96: diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. Recuperado de <http://www.ufrgs.br/bioetica/res19696.htm>. Acessado em 21/08/2010.
- David-Ménard, M. (1996). Desejo. Em P. Kaufmann (Org.), *Dicionário enciclopédico de psicanálise - O legado de Freud e Lacan* (pp. 114-120). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Debord, G. (1967/1992). *La société du spectacle* (3a ed.). Paris, France: Gallimard.
- Dejours, C. (2006). *A banalização da injustiça social* (7a ed.). Rio de Janeiro, RJ: FGV.
- Delamont, S. (2004). Ethnography and participant observation. In C. Seale et al. (Eds.), *Qualitative research practice* (pp. 217-229). London, UK: Sage.
- Demazière, D. (2006). Introdução: uma abordagem sociológica sobre a categoria do desemprego. In: N. A. Guimarães, N. A. & H. Hirata (Orgs.), *Desemprego: trajetórias, identidades, mobilizações* (pp. 25-42). São Paulo: SENAC.
- Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. (2006). A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. Em N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Orgs.), *O planejamento da pesquisa qualitativa – teorias e abordagens* (2a ed., pp. 15-41). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos - DIEESE (2006). *Sistema Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) - Mercado de Trabalho Metropolitano, Dezembro de 2006*. Recuperado de <http://www.dieese.org.br/analiseped/2006/200612pedmet.pdf>. Acesso em 09/02/2014.

- Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos - DIEESE (2007). *Sistema Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) - Mercado de Trabalho Metropolitano, Dezembro de 2007.* Recuperado de <http://www.dieese.org.br/analiseped/2007/200712pedmet.pdf>. Acesso em 09/02/2014.
- Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos - DIEESE (2008). *Sistema Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) - Mercado de Trabalho Metropolitano, Dezembro de 2008.* Recuperado de <http://www.dieese.org.br/analiseped/2008/200812pedmet.pdf>. Acesso em 09/02/2014.
- Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos - DIEESE (2009). *Sistema Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) - Mercado de Trabalho Metropolitano, Dezembro de 2009.* Recuperado de <http://www.dieese.org.br/analiseped/2009/200912pedmet.pdf>. Acesso em 09/02/2014.
- Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos - DIEESE (2010). *Sistema Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) - Mercado de Trabalho Metropolitano, Dezembro de 2010.* Recuperado de <http://www.dieese.org.br/analiseped/2010/201012pedmet.pdf>. Acesso em 09/02/2014.
- Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos - DIEESE (2011). *Sistema Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) - Mercado de Trabalho Metropolitano, Dezembro de 2011.* Recuperado de <http://www.dieese.org.br/analiseped/2011/201112pedmet.pdf>. Acesso em 09/02/2014.
- Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos - DIEESE (2012). *Sistema Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) - Mercado de Trabalho Metropolitano, Dezembro de 2012.* Recuperado de <http://www.dieese.org.br/analiseped/2012/201212pedmet.pdf>. Acesso em 09/02/2014.
- Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos - DIEESE (2013). *Sistema Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) - Mercado de Trabalho Metropolitano, Setembro de 2013.* Recuperado de <http://www.dieese.org.br/analiseped/2013/201309pedmet.pdf>. Acesso em 09/02/2014.
- Dor, J. (1996). Inconsciente. Em P. Kaufmann (Org.), *Dicionário enciclopédico de psicanálise - o legado de Freud e Lacan* (pp. 264-271). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

- Duberley, J., Mallon, M. & Cohen, L. (2006). Exploring career transitions: Accounting for structure and agency. *Personnel Review*, 35(3), 281-296.
- Facebook (2013a). *Key facts*. Recuperado de <http://newsroom.fb.com/Key-Facts>. Acesso em 19/11/2013.
- Facebook (2013b). *Página oficial*. Recuperado de <https://www.facebook.com/facebook>. Acesso em 19/10/2013.
- Facebook (2013c). *Declaração de direitos e responsabilidades*. Recuperado de <https://www.facebook.com/legal/terms>. Acesso em 19/10/2013.
- Folha de São Paulo (2013, 13 de agosto). Brasil chega a 76 milhões de usuários no Facebook; mais da metade acessa do celular. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2013/08/1326267-brasil-chega-a-76-milhoes-de-usuarios-no-facebook-mais-da-metade-acessa-do-celular.shtml>. Acesso em 19/11/2013.
- Fontanella, B. J. B. et al. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(1), 17-27.
- Fontanella, B. J. B. et al. (2011). Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. *Cadernos de Saúde Pública*, 27(2), 389-394.
- Foucault, M. (2007). *A ordem do discurso* (15a ed.). São Paulo, SP: Loyola.
- Franco, T. et al. (2010). As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 35(122), 229-248.
- Freud, S. (1929/1981a). El malestar en la cultura. En S. Freud, *Obras Completas* (4a ed.). Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1925/1981b). Inhibición, síntoma y angustia. En S. Freud, *Obras Completas* (4a ed.). Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.

- Freud, S. (1915/1981c). Lo inconsciente. En S. Freud, *Obras Completas* (4a ed.). Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1923/1981d). El “yo” y el “ello”. En S. Freud, *Obras Completas* (4a ed.). Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1895/1981e). Proyecto de una psicología para neurólogos. En S. Freud, *Obras Completas* (4a ed.). Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1924/1981f). El problema económico del masoquismo. En S. Freud, *Obras Completas* (4a ed.). Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1914/1981g). Introducción al narcisismo. En S. Freud, *Obras Completas* (4a ed.). Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1921/1981h). Psicología de las masas y análisis del yo. En S. Freud, *Obras Completas* (4a ed.). Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1901/1981i). Psicopatología de la vida cotidiana. En S. Freud, *Obras Completas* (4a ed.). Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1925/1981j). La negación. En S. Freud, *Obras Completas* (4a ed.). Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1095/1981k). El chiste y su relación con lo inconsciente. En S. Freud, *Obras Completas* (4a ed.). Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.
- Giatti, L. et al. (2008). Informal work, unemployment and health in Brazilian metropolitan areas, 1998 and 2003. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(10), 2396-2406.
- Giddens, A. (1991). *Modernity and self-identity. Self and society in the late modern age*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Grimmelmann, J. (2009). Saving Facebook. *Iowa Law Review*, 94, 1137-1206.

- Guba, E. G. (1990). The alternative paradigm dialog. In: E. G. Guba (Ed.), *The paradigm dialog* (pp. 17-27). Newbury Park, CA: Sage.
- Hall, D. T. (2002). *Careers in and out of organizations*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade* (11a ed.). Rio de Janeiro, RJ: DP&A.
- Hanns, L. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Harvey, D. (2011). *Condição pós-moderna* (21a ed.). São Paulo, SP: Loyola.
- Hobsbawm, E. (1987). *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2008). *Características étnico-raciais da população - um estudo das categorias de classificação de cor ou raça*. Recuperado de [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas\\_raciais/notas\\_tecnicas.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas_raciais/notas_tecnicas.pdf). Acesso em 24/11/2013.
- Julien, P. (1993). *O retorno a Freud de Jacques Lacan: a aplicação ao espelho*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas Sul.
- Kapidzic, S. (2013). Narcissism as a predictor of motivations behind Facebook profile picture selection. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 16(1), 14-19.
- Keenan, A. & Shiri, A. (2009). Sociability and social interaction on social networking websites. *Library Review*, 58(6), 438-450.
- Koyré, A. (1982). *Estudos de história do pensamento científico*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- Kozinets, R. V. (2006). Click to connect: Netnography and tribal advertising. *Journal of Advertising Research*, 46(3), 279-288.
- Kozinets, R. V. (2010). *Netnography: Doing ethnographic research online*. London, UK: Sage.

- Lacan, J. (1966a). Fonction et champ de la parole et du langage. En J. Lacan, *Ecrits* (pp. 237-322). Paris, France: Editions du Seuil.
- Lacan, J. (1966b). La direction de la cure et les principes de son pouvoir. En J. Lacan, *Ecrits* (pp. 585-645). Paris, France: Editions du Seuil.
- Lacan, J. (1966c). Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience psychanalytique. En J. Lacan, *Ecrits* (pp. 93-100). Paris, France: Editions du Seuil.
- Lacan, J. (1966d). Le séminaire sur "La lettre volée". En J. Lacan, *Ecrits* (pp. 11-61). Paris, France: Editions du Seuil.
- Lacan, J. (1966e). Position de l'inconscient. En J. Lacan, *Ecrits* (pp. 829-850). Paris, France: Editions du Seuil.
- Lacan, J. (1966f). D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose. En J. Lacan, *Ecrits* (pp. 531-583). Paris, France: Editions du Seuil.
- Lacan, J. (1973). *Le Séminaire livre XI: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris, France: Editions du Seuil (Trabalho original de 1964).
- Lacan, J. (1985). *O Seminário livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar (Trabalho original de 1954-55).
- Lacan, J. (1992). *O Seminário livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar (Trabalho original de 1969-70).
- Lacan, J. (1999). *O Seminário livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar (Trabalho original de 1957-58).
- Lacan, J. (2004). *Le Séminaire livre X: L'angoisse*. Paris, France: Editions du Seuil (Trabalho original de 1962-63).

- Lacan, J. (2005). *Le Séminaire livre XXIII: Le sinthome*. Paris, France: Editions du Seuil (Trabalho original de 1975-76).
- Lacan, J. (inédito). *Le Séminaire livre XXII – R.S.I.* (Trabalho original de 1974-75).
- Lasch, C. (1979/1991). *The culture of narcissism – American life in an age of diminishing expectations*. New York, NY: Norton.
- LinkedIn (2013). *Página oficial*. Recuperado de <http://press.linkedin.com/about/>. Acesso em 19/11/2013.
- Maingueneau, D. (2000). Aula - Sobre o Discurso e a Análise do Discurso. Em M. Guirado (Org.), *A clínica psicanalítica na sombra do discurso: diálogos com aulas de Dominique Maingueneau* (pp. 21-31). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Malvezzi, S. (1999). Psicologia Organizacional - da Administração Científica à globalização: uma história de desafios. Em C. G. Machado (Org.), *Interfaces da Psicologia* (pp. 313-326, vol. 2). Évora, Portugal: Universidade de Évora.
- Marx, K. (1867/1980). *O capital: crítica da economia política I - Livro I* (6a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Mehdizadeh, S. (2010). Self-presentation 2.0: Narcissism and self-esteem on Facebook. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 13(4), 357-364.
- Mello, A. F. (2004). Crise mundial e reestruturação produtiva: algumas questões de ordem teórica. *Novos Cadernos NAEA*, 7(1), 5-30.
- Mezan, R. (2002). *Interfaces da psicanálise*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Narvaz, M. G. & Koller, S. H. (2006). Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*, 18(1), 49-55.
- Noveli, M. (2010). Do *off-line* para o *online*: a netnografia como um método de pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a etnografia para a internet? *Organizações em contexto*, 6(12), 107-133.

- Olivier, B. (2011). Facebook, cyberspace, and identity. *Psychology in Society*, 41, 40-58.
- Pagès, M. et al. (2008). *O poder das organizações* (1a ed., 11a reimpr.). São Paulo, SP: Atlas.
- Papacharissi, Z. (2009). The virtual geographies of social networks: A comparative analysis of Facebook, LinkedIn and ASmallWorld. *New Media & Society*, 11(1/2), 199-220.
- Paul, K. I. (2005). *The negative mental health effect of unemployment: Meta-analyses of cross-sectional and longitudinal data* (Dissertação Inaugural). Friedrich-Alexander-Universität, Nuremberg, German.
- Phillips, D. C. (1990). Postpositivistic science – Myths and realities. In E. G. Guba (Ed.), *The paradigm dialog* (pp. 31-45). Newbury Park, CA: Sage.
- Pommier, G. (1996). *Le dénouement d'une analyse*. Paris, France: Flammarion.
- Pommier, G. (2004). *Qu'est-ce que le "Réel"? Essai psychanalytique*. Ramonville Saint-Agne, France: Érès.
- Ramos, C. (2007). Imperativo de gozo e propaganda no laço social da sociedade de consumo. *Mental*, 5 (9), 101-116.
- Ribeiro, M. A. (2007). Psicose e desemprego: um paralelo entre experiências psicossociais de ruptura biográfica. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 10(1), 75-91.
- Ribeiro, M. A. (2009). Estratégias micro-políticas para lidar com o desemprego: contribuições da Psicologia Social do Trabalho. *Revista de Psicologia Política*, 9(18), 331-346.
- Riesman, D. (1950/1995). *A multidão solitária* (2a ed.). São Paulo, SP: Perspectiva.
- Rosa, G. A. M. (2012). *Facebook: negociação de identidades, medo de expor e subjetividade* (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica de Brasília, Brasília.

- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Safatle, V. P. (2002). L'acte au-delà de la Loi: Kant avec Sade comme point de torsion de la pensée lacanienne. *Essaim*, 10, 73-106.
- Santos, J. A. F. (2005). Uma classificação socioeconômica para o Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)*, 20(58), 27-45.
- Santos, T. C. & Azeredo, F. A. M. (2005). Um tipo excepcional de caráter. *Psyche*, 9(16), 77-95.
- Seligmann-Silva, E. (1999). Desemprego: a dimensão psicossocial. En Sociedad Interamericana de Psicología (Ed.), *La Psicología al fin del siglo: conferencias magistrales del XVII Congreso Interamericano de Psicología* (pp. 339-359). Caracas, Venezuela: Sociedad Interamericana de Psicología.
- Sennett, R. (2005). *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo* (9a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Schaap, F. (2002). *The words that took us there: Ethnography in a virtual reality*. Amsterdam, Netherlands: Aksant.
- Sorj, B. (2006). *A nova sociedade brasileira* (3a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Thebaldi, B. (2012). O Homo spettacularis: a intimidade como entretenimento. *Ciberlegenda*, 26, 136-147.
- Tolfo, S. R. (2002). A carreira profissional e seus movimentos: revendo conceitos e formas de gestão em tempos de mudanças. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 2(2), 39-63.
- Touraine, A. (1998). *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis, RJ: Vozes.

- Turkle, S. (1995). *Life on the screen: Identity in the age of the Internet*. New York, NY: Simon & Schuster.
- Turkle, S. (1997). Computational technologies and images of the self. *Social Research*, 64(3), 1093-1111.
- United Nations Office on Drugs and Crime - UNODC (2013, 22 de outubro). *Brasil impulsa enfrentamento ao tráfico de pessoas com pesquisa inédita e comitê local da campanha Coração Azul*. Recuperado de <http://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2013/10/22-enfrentamento-ao-trafico-de-pessoas-no-brasil-ganha-impulso-com-lancamento-de-pesquisa-inedita.html>. Acesso em 31/10/2013.
- Vanheule, S. & Verhaeghe, P. (2009). Identity through a psychoanalytic looking glass. *Theory Psychology*, 19(3), 391-411.
- Viltard, M. (1996). Gozo. Em P. Kaufmann (Org.), *Dicionário enciclopédico de psicanálise - o legado de Freud e Lacan* (pp. 221-224). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Zanetti, S. A. S. & Gomes, I. C. (2009). A ausência do princípio de autoridade na família contemporânea brasileira. *Psico*, 40(2), 194-201.
- Zhao, S. et al. (2008). Identity construction on Facebook: Digital empowerment in anchored relationships. *Computers in Human Behavior*, 24(5), 1816-1836.

## **Apêndice I - Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, em uma pesquisa de pós-graduação. Após ser esclarecido sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte da pesquisa, responda a esta mensagem, confirmando a sua participação e a sua aceitação das condições aqui estabelecidas.

Se desejar, você poderá recusar-se a participar já neste momento ou retirar o seu consentimento de participação em qualquer fase da pesquisa, desde que seja anterior ao momento de defesa da tese associada a ela (apresentação à banca de doutorado). Em caso de recusa você não será penalizado de forma alguma.

Informações sobre a pesquisa:

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Afonso Ribeiro

Telefone: (XX) XXXX-XXXX

Pesquisador: Antônio Carlos de Barros Júnior

Telefone: (XX) XXXX-XXXX

e-mail: antonio.barros@usp.br

Departamento de Psicologia Social e do Trabalho

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP)

O que você publicou no LinkedIn ou no Facebook, bem como as suas respostas em mensagens privadas trocadas entre você e o pesquisador farão parte de um projeto de Doutorado que tem como objetivo discutir as relações inconscientes estabelecidas, nas redes

sociais virtuais (Facebook e LinkedIn), por pessoas que estejam ou estiveram em situação de desemprego. Por se tratar de uma pesquisa que visa elucidar a relação inconsciente mencionada acima, busca-se compreender como, não só você, mas várias pessoas interagem nas redes sociais, estando desempregadas, sem que tenham plena consciência de como isso se dá. Você terá acesso aos resultados, caso queira, e assim ter a oportunidade de verificar de que forma contribuiu para o avanço da ciência e refletir como tem sido o seu envolvimento nas redes sociais e nas relações virtuais com outras pessoas, em aspectos que talvez você não tenha se dado conta ainda. A pesquisa, a rigor, não trará risco a você e nem lhe oferecerá vantagem financeira.

Vale salientar que a sua participação é voluntária e que o sigilo quanto à sua identidade está garantido, de forma que ela não será revelada sob nenhuma hipótese. Além do que, como dito antes, haverá outras pessoas participando da pesquisa também. O material coletado na pesquisa e os resultados dela poderão ser utilizados em encontros científicos e em futuras publicações, sob forma de livro e/ou artigos em periódicos científicos, mas, novamente, o sigilo será mantido e em nenhum momento sua identidade será revelada.

Pesquisador Antônio Carlos de Barros Júnior

Aluno regular da pós-graduação –

Departamento de Psicologia Social e do Trabalho

Instituto de Psicologia da USP

### Consentimento da participação como sujeito na pesquisa

Eu, [NOME COMPLETO], por esta mensagem, concordo em participar do estudo a que se refere este termo, nas condições descritas acima. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador Antônio Carlos de Barros Júnior sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Declaro que estou ciente dos termos e das condições aqui colocadas, que os entendi e que concordo com eles.

Local e data:

Este livro foi distribuído cortesia de:



Para ter acesso próprio a leituras e ebooks ilimitados GRÁTIS hoje, visite:

<http://portugues.Free-eBooks.net>

*Compartilhe este livro com todos e cada um dos seus amigos automaticamente, selecionando uma das opções abaixo:*



Para mostrar o seu apreço ao autor e ajudar os outros a ter experiências de leitura agradável e encontrar informações valiosas, nós apreciaríamos se você

["postar um comentário para este livro aqui"](#) .



### **Informações sobre direitos autorais**

Free-eBooks.net respeita a propriedade intelectual de outros. Quando os proprietários dos direitos de um livro enviam seu trabalho para Free-eBooks.net, estão nos dando permissão para distribuir esse material. Salvo disposição em contrário deste livro, essa permissão não é passada para outras pessoas. Portanto, redistribuir este livro sem a permissão do detentor dos direitos pode constituir uma violação das leis de direitos autorais. Se você acredita que seu trabalho foi usado de uma forma que constitui uma violação dos direitos de autor, por favor, siga as nossas Recomendações e Procedimentos de reclamações de Violação de Direitos Autorais como visto em nossos Termos de Serviço aqui:

<http://portugues.free-ebooks.net/tos.html>